

MARTIN PENA

LIBRERIA  
EL SIGLO

# COMEDIAS

EL SIGLO



LIBRERIA GARNIER  
RIO DE JANEIRO

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne. Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**

# COMEDIAS

~~\_\_\_\_\_~~  
**Ficam reservados todos os direitos de propriedade.**  
~~\_\_\_\_\_~~

MARTINS PENNA

---

# COMEDIAS

COM UM ESTUDO

SOBRE O THEATRO NO RIO DE JANEIRO

POR

MELLO MORAES FILHO

E SOBRE O AUCTOR

POR

SILVIO ROMÉRO

---

Nova edição

---

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA MOREIRA-CESAR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
RIO DE JANEIRO | PARIZ



# O THEATRO NO RIO DE JANEIRO

---

## I

Data de 1565 a fundação do theatro no Rio de Janeiro, segundo se lê na chronica do jesuita Simão Vasconcellos, relatando a vida do grande missionario Joseph de Anchieta.

Como repercussão dos *mysterios* de edade-média, refere o auctor citado que « em S. Vicente, afim de impedir indecencias que se commettiam em actos representados na egreja, compuzera Anchieta a *Pregação Universal*, em portuguez e lingua geral, para ser representada nas vespéras do jubileu da festa de Jesus ».

Esta comedia, executada ao ar livre, agradava a toda gente que a ella concorria, tendo como recompensa infalível o premio das indulgencias.

Por esse mesmo tempo já se achava assentada em Nictheroy a aldeia de S. Lourenço, pelo divino catechista das Canarias. O theatro dos indios foi alli inaugurado com o mais vivo esplendor, sendo numerosos e variadissimos os autos que o missionario poeta escrevera para celebrar os dias festivos da religião.

E, em cima daquella enorme pedra que mira o outeiro da Gloria, no alto daquella montanha consagrada pela historia, teve o seu berço selvagem o theatro fluminense, quando Anchieta enchia de Deus e de harmonias as florestas da virgem America, que vogava ainda nua e armada em guerra, ao som das suas correntes e ao leve balanço de suas pirogas.

Percorrendo as velhas chronicas, vemos que o theatro dos indios de S. Lourenço armava-se de improviso, geralmente no terreiro da igreja; ao lado havia o camarote ou pavilhão dos padres da Companhia, adornado de folhagens e painéis religiosos, de symbolos sagrados e estofos magnificos.

Dessa tribuna aerea, dominando o tablado e a missão, os doutrinadores do Evangelho assistiam aos autos de **Anchieta**, ao desempenho barbaço das comedias inspiradas, em que tomavam parte colonos portuguezes e indios da aldeia.

O theatro, propriamente dito, consistia n'um tablado, em torno do qual cresciam festões vegetaes, formados de trepadeiras e parasitas odoríferas, servindo de panno de bocca das vermelhas cortinas de damasco, que escondiam os personagens ás vistas dos espectadores.

Tendo ao fundo um compartimento de reserva para os figurantes da peça, os accessorios eram fornecidos pelo meio nativo e pelo sanctuario. Assim os adereços da scena e as vestimentas, as imagens e os emblemas da ordem com que decoravam o palco.

Vistoso de galhardetes e bandeiras reaes, de grinaldas e flôres silvestres, de achas de resina aqui e alli, o terreiro de S. Lourenço regorgitava de tamoyos de cocares brilhantes, de familias indianas que traziam pela mão e ao hombro os filhinhos bronzeados.

*O Mysterio de Jesus*, que ia pela primeira vez ser representado no dia da festa do patrono da missão, convocára os povos incolas, pondo em movimento os missionarios e a selva.

E a igreja lá estava, illuminada e garrida; as malocas dos indios desciam das serras e dos montes até a curva da bahia; instrumentos rudes estrugiam nas quebradas longinquoas, e o borborinho das multidões gentias derramava-se na immensidade como a voz das cachoeiras e das grandes aguas.

A representação commemorativa e iniciadora da arte

scenica nacional contava como consistentes illustres os padres Luiz da Gram, Braz Lourenço, João Gonçalves e Antonio Blasques, destacando-se no meio delles a figura de Anchieta, o auctor da comedia e ensaiador do auto.

A festa da manhã já havia acabado, e os cathecumenos, seguindo os padres, volteavam a igreja e o theatro, ostentando ao collo relicarios reluzentes e breves milagrosos contra o peccado.

Deitados sobre o ventre ao longo do terreiro, pendentes dos arvoredos que desenrolavam no chão o crepe das sombras, agrupados ou ambulantes no aldeamento e nos caminhos, os gentios tamoyos aguardavam o termo solemne do dia, affluindo os guerreiros e as velhas, as crianças e os chefes tatuados ao local verdejante do tabladó, ao centro fluctuante de guiões da povoação.

E rufos de caixas de guerra e sons de buzinas, rumor de maracás e toadas selvagens atroavam os ares, ás dansas cadenciadas da turba, entrechocando as suas armas de combate.

Dentro em pouco a sineta da missão se fazia ouvir, restabelecendo-se progressivamente a quietação e o silencio.

A egreja, abrindo-se de novo para o officio divino, marcava a hora da nóa, hora em que os indios christãos se recolhiam com os padres para as orações da tarde.

O *Mysterio de Jesus*, composição dramatica nos moldes creados pelos *Irmãos da Paixão*, adaptava-se ao systema de catechese traçado pelo seu auctor, corregindo ao mesmo tempo a arte antiga, que profanava os claustros com as scenas repugnantes alli desdobradas, com as dansas e pantomimas lascivas da *Festas dos Loucos*.

Pequeno poema dramatico de concepções originaes, o poeta, obedecendo á fórma, nelle introduzira igualmente personagens christãos e do paganismo, accrescentando, porém, alguns heróes barbaros da guerra dos tamoyos, seres fabulosos das nossas florestas, o que dava a este *mysterio* e a outros que delle conhecemos, estranho relevo, expansões nacionaes.

Descripto como fica o estranho e surpreendente scenario da natureza e da acção, resurgindo do passado o quadro féerico do nosso primitivo theatro, estudemos o famoso auto do missionario celebre, representado em Nietheroy, na festa de S. Lourenço.

Quanto ao enredo, essa producção é de uma simplicidade tocante, no que se adaptava ao ideal dos padres e ao sentir infantil e piedoso do auditorio.

Tres diabos querem destruir a aldeia nascente com peccados, querem abalar a fé viva de seus habitantes — eis a substancia da peça. Travando-se desde logo a lucta entre o bem e o mal, S. Sebastião oppõe-se a designios funestos, resiste, e com elle S. Lourenço e o Anjo da Guarda.

Além de S. Lourenço, S. Sebastião e o Anjo Custodio, exhibem-se, como interlocutores, Guaixara, Savarana e Aimbiré, que representam de diabos; Fijori e Cupié, anjos da aldeia, e o que mais? — O Corvo, o Urubú a Tatanarana, o Gavião, o Cão Grande e outros personagens dos dominios supersticiosos.

Herões ha no auto, contemplados nas chronicas da fundação da cidade, que são historicos : pertencem a este numero os indios Guaixara e Aimbiré, a quem Anchieta distribue, como vimos, papeis de diabos.

Segundo a rubrica, um dos personagens que primeiro apparecem é S. Lourenço, caracteristicamente vestido, como os demais.

S. LOURENÇO.

Este tempo já passou,  
Tem outra doutrina hoje  
E tambem outro Senhor.

AIMBIRÉ.

É verdade, mas só com a bocca  
É que se lembram de Deus.

SAVARANA.

É! chegaste aos seus corações  
E falla e torna a fallar,  
Deus já parece que os guarda;  
E em applicando a vista  
Parece que via Deus.

S. SEBASTIÃO.

Tu tens olhos de coruja,  
 Bicho tosco e fedorento!  
 Vencido ficarás hoje,  
 Que antigamente perdeste  
 E arruinaste os homens.

SAVARANA.

As almas é que eu quero.  
 Inda que eu fique vencido.

GUAIXARA.

Basta de fallar, selvagem!

No *Mysterio de Jesus* não ha actrizes. Decio, Nero e Valeriano trazem sequito de pagens, que são espiritos máos, S. Lourenço e S. Sebastião, porém, entram sempre em scena escoltados de Anjos luminosos, de potencias celestes, protectoras da aldeia.

AIMBIRÉ.

É um anjo de Deus este.  
 Que traz pennas amarellas.

SAVARANA.

Eu sou grande flechador  
 Das avespas e Morcego;  
 E quero flechar a este,  
 Porque elle é o algoz  
 Que nos veio amarrar

AIMBIRÉ.

Vem cá!

SARAVANA.

Por ventura sou eu suspeito,  
 Para fugir de medo?  
 Não tenho medo;  
 Ainda que vedes pequeno,  
 Hoje verão que sou grande.  
 Eu ensinarei a gente  
 Que me conhece,  
 E elles se lembrarão,  
 Que lhes posso dar a morte  
 Como elles mesmo verão.

O effeito desta scena é vivo, a movimentação calorosa, até que Savarana, evocando o genio do mal e as aves agoureiras, apresentam-se no palco Decio, Nero e Vale-

riano, seguidos de pagens e espiritos subalternos, que dialogam, combatem e disputam entre si a posse da aldeia.

AIMBIRÉ.

Vós estaes hoje valentes  
E ficaes hoje como vermes,  
Sendo vós mais avaros.

AIMBIRÉ.

Hoje tenho eu carniça.

SAVARANA.

Ó Vespa sanguinolenta,  
Vem cá junto capeal-a;  
Como o Corvo e o Grão Cão  
Trazei vossas espadas!  
Caburé hoje anda lesto  
Para comer a estes mortos.

TATAURANA.

Eu sou grande piolho,  
Que me hei de hoje fartar;  
São os ossos para o Corvo,  
As pennas p'ra o Gavião.

CORVO.

Aqui estou,  
Minha mãe antiga trago...  
Eu já tenho preparado  
Para satisfazer a este  
Que comer primeiro que eu.

CÃO GRANDE.

Saude, amigo Riscado!  
Inda agora te preparas?  
Está já este morto,  
Capaz de se comer.  
Sou Grão Cão  
E tambem tigre cruel.

DECIO.

AIMBIRÉ.

Isto é certo,  
Vós quizestes matar  
S. Lourenço virtuoso;  
Elle vem mesmo castigar-vos,  
Aqui está em vossa presença,  
E eu p'ra levar ao fogo.

Decio e Valeriano, que executam quasi por mimica os seus papeis, conduzidos por quatro beleguins, são atirados ao rio, em que se afogam, finalizando a comedia com a apotheose dos santos que triumpham dos imperadores e dos genios malignos, perseguidores incessantes do christianismo e dos aldeiaados.

Durante mais de tres horas, que durou o spectaculo, os padres, em sua tribuna, abençoavam os indios acorados no terreiro da egreja, até que o sino de Ave Maria os congregou ainda uma vez no sanctuario para as rezas do fallecer do dia.

E o sol, descambando por traz das montanhas, alagava o céu e a terra dos revesados lampejos de seu olhar moribundo.

O theatro brasileiro estava fundado.

## II

Depois dos *mysterios* de Anchieta, a tradição do theatro no Brasil deixou de existir, reaparecendo a arte scenica no Rio de Janeiro em 1767 com a criação da Casa da Opera, do padre Ventura, no largo do Capim e anteriormente com a Opera dos Vivos, da qual temos apagadissima noticia.

Subordinada á metropole, de lá as irradiações do bello se reflectiam na colonia que, devido á sua legislação especial, não podia por si só sacudir o facho sideral da arte para animar estatuas.

Em França, na Italia e na Hespanha, o theatro de todos os generos encantava os espiritos, e a opera, obra suprema do genio, reunia admiravel no seu conjuncto as bellezas da poesia, da dansa e da musica.

Accrescentando-se a esses effeitos o prestigio decorativo, a seducção material alagarva os horisontes das aspirações grandiosas do mundo scenico, onde Gluck dominava soberano e absoluto.

Nesse apuro do gosto, entretanto, não se achava Portugal, que no theatro do Bairro Alto, em Lisboa, e no Pateo da Comedia montava modestamente os seus autos e entremezes, sem observação e sem característica.

Isso alli acontecia até 1733, quando o fluminense Antonio José da Silva, o *jeudeu*, residente nas proximidades do Pateo da Comedia, apresentava pela primeira vez em scena as suas operas, tendo como luminosos guias de sua orientação dramatica Metastasio e Molière, Rotrou, Calderon e Lope de Vega.

Alentado pelo extraordinario successo obtido por Antonio José no palco de mãe-patria da nossa civilização, decidido entusiasta das suas producções que sobreviveram na admiração publica longos decennios depois de sua morte, o padre Ventura inaugurou a sua Casa da Opera, mal presentindo-lhe o destino tecido de fios negros pela adulação e pela inveja.

Brasileiro e homem de côr, o pobre padre teve de lutar contra os preconceitos, contra esses dous crimes primitivos para os quaes não havia treguas nem redempção.

Dirigindo o seu theatro, organizando a seu modo a elemental companhia, tratando de preparar com decencia os scenarios de rigor, o tonsurado empresario attrahia aos espectaculos a sociedade de escolha, exhibindo no acanhado palco o *Labyrintho de Creta*, a *Vida de D. Quixote* e quasi inteiro o repertorio de Antonio José, vivamente applaudido por todos os assistentes.

Uma noite, porém, quando os *Encantos de Medéa* deslumbravam aquella sociedade entusiasmada pelo artistico da execução e pelo apparatus scenographico, as chammas de um incendio apoderaram-se do edificio, e o padre Ventura viu em poucas horas o seu trabalho de artista inacabado e inutil.

Era que distante do palacio dos vice-reis aquelles espectaculos nem sempre lhes permittiam gozo commodo, e o portuguez Manoel Luiz, dansarino elegante e tocador de fagote, precisava lisongear o vice-rei conde de Avintes,

segundo marquez do Lavradio, com o luxo de mais pomposo theatro na antiga praça do Carmo.

E logo outra construcção se emprehendeu ao lado do palacio, realisando elle esse plano com o auxilio do conde, que nada regateava ao esplendor das festas e ás conquistas da belleza.

Fundada a nova Casa da Opera por Manoel Luiz, teve este homem de côrte, afeito a mezuras, de decoral-a com esmero, de contractar os artistas, ensaiar as peças, para o que não lhe escasseavam os bons desejos do vice-rei e cômpetencia indisputavel.

De um vasto salão, formando a platéa, circulado de duas ordens de camarotes que terminavam na bocca da scena, constituia-se o famoso theatro da colonia, illuminado por arandelas e lustres de crystal, destacando-se á direita, ampla e ornamentada, a tribuna do vice-rei, cujas cortinas de damasco e ouro eram encimadas pelo escudo real e os dragões de Bragança.

Adornado de vistosas bambinelas, sobresahia no acanhado palco um riquissimo panno de bocca, pintado pelo pardo Leandro Joaquim, artista de reputação e seu principal scenographo.

Compunha-se o elenco da companhia de actores e actrizes nacionaes e portuguezes, havendo pessoal completo para o desempenho do modesto repertorio, que não passava dos comedias de Molière, das *Astucias de Escapim*, da *D. Inez de Castro*, de magicas e cantorias, tornando-se mais do que estas de predilecção publica as operas de Antonio José, prestigiadas pelos triumphos alcançados em Lisboa.

As celebidades artisticas daquella phase do nosso theatro foram Joaquim da Lapa, a actriz cantora Maria Joaquina, José Ignacio da Costa, por alcunha — o Capacho — que não era sómente actor, porém ainda poeta e major do regimento dos pardos.

O guarda-roupa do theatro achava-se provido de cabelleiras de rabicho, de fardas abertas no peito e arredondadas nas abas, de calções e sapatos com fivellas, de cha-

peos á Frederico, etc., vestuarios estes mais communs e usados na generalidade das peças.

Manoel Luiz, o director da opera e da scena, consta da tradição que fôra actor nos palcos do reino; de character dubio e sem talento, individualisava-se pelas elegancias do porte e graciosidade da dansa.

Com estes dotes naturaes, facil lhe foi succeder ao padre Ventura, como fundador da nova Opera, e alcançar mais tarde, no governo do principe regente, titulos honorificos e patentes militares.

Em todo o caso, figurando ao lado do Marquez do Lavradio, activo e illustre vice-rei a quem deve o Rio de Janeiro iniciativas de progresso, a arte dramatica no Brasil lhe resguardará o nome, esquecendo as miserias e os defeitos.

Preparada com riqueza a Casa da Opera, concorrida em suas representações pela fidalguia opulenta e a formosura aristocratica, os espectaculos deslumbravam com o esplendor o povo da colonia, que se apinhava ao redor do theatro, para extasiar-se dos sons da musica e ver entrar o vice-rei como seu estado maior, as senhoras e os nobres senhores, que desciam das suas traquitanas pesadas e balouçantes.

Para commemorar os dias de gala, o proprietario excedia-se no programma, requintava nas ornamentações luxuosas, escolhendo habitualmente as *Variedades de Protheu*, o *Principio de Faetonte*, as *Guerras do Alecrim e Mangerona*, os *Encantos de Medéa* ou a *Vida de D. Quixote de la Mancha*, de Antonio de José, como estrellas que deviam illuminar as festas da noite e da arte.

E desde o amanhecer os timbaleiros percorriam as ruas tangendo os seus instrumentos, dando aviso dos espectaculos a que o vice-rei assistiria de sua tribuna resplandecente de ouro e ensanefada de purpura.

As operas do poeta fluminense, que não eram dramas cantados, porém zarzuelas ou vaudevilles, agradavam tanto pelo character alegre e pela descripção especial dos costumes portuguezes, que o Marquez do Lavradio e a

*élite* da cidade as applaudiam freneticamente, como recordações vivas da pátria de além-mar.

Por ocasião de celebrar-se uma festa anniversaria de el-rei D. José, o theatro de Manoel Luiz tornou-se uma maravilha; adereçado com a maior pompa, aos brilhos de argenteos candelabros, aos pannejamentos carmesins franjados de ouro, e á riqueza oriental da classe que o frequentava, dir-se-hia uma fantasmagoria de conto arabe, o sonho de uma sultana ao fumo ondulante do narguelê.

E as *Guerras do Alecrim e Mangerona* lá estavam em scena, isto é, a formosa Cintra com seus encantados jardins, onde outr'ora o mundo elegante de Lisboa se reunia, dividido em partidos, para as guerras galantes, para os combates amorosos, em que raminhos de alecrim e mangerona distinguiam entre si os justadores.

Desde o levantar do panno a satisfação era completa. O vice-rei, olhando para alguma deidade, borboleteava um sorriso, e a nobreza da terra, a aristocracia do tempo palmejava aos trocadilhos dos dialogos, ria a bom rir do sentido equívoco das phrases.

Para os amigos das facecias, da satyra e da malicia, as operas do judeu fluminense, entremeadas de canções, tinham o encanto das tentações irresistiveis.

D. NIZE.

« Ora, senhores doutores, já que V. M<sup>ces</sup>, aqui se acham, bem é que os informemos, eu e minha irmã, de varias queixas que padecemos.

SIMICUPIO.

Inda mais isso? Ora digam.

D. CLORIS.

Senhor, nosso achaque é tão semelhante, que com uma só receita se podem curar ambos os males.

D. NIZE.

Não ha duvida, que o meu achaque é o mesmo em carne que o de minha irmã.

SIMICUPIO.

Achaque em carne pertence á cirurgia.

D. CLORIS.

Que, como dormimos ambas, se nos communicou o mesmo achaque; e assim, senhor, padecemos umas ancias no coração, umas melancolias n'alma, umas inquietações nos sentidos, umas travessuras nas potencias; e finalmente, senhor doutor, é tal este mal, que se sente, sem se sentir: que doe, sem doer; que abraza, sem queimar; que alegra, entristecendo; e entristece alegrando.

SIMICUPIO.

Basta, já sei, isto é mal cupidista.

D. LANCEROTE.

O que é mal cupidista, que nunca tal ouvi?

SIMICUPIO.

É um mal da moda.

D. NIZE.

Que remedio nos dão V. M<sup>ces</sup>?

D. FUAS.

Eu dissera que o oleo de mangerona era excellente remedio.

D. GIL.

Overdadeiro para essa queixa são as fumaças do alecrim.

D. FUAS.

Hui, senhordoutor, a mangerona é um excellent remedio.

D. GIL.

Nada chega ao alecrim, cujas excellentes virtudes são tantas, qua para numeral-as, não acho numero no algarismo; e não faltou quem directamente lhe chamasse planta bem dita.

D. FUAS.

Se entrarmos a procurar virtudes, as da mangerona são mais que as da herva santa.

SIMICUPIO.

Daqui a pôl-a no altar, não vae nada.

D. FUAS.

A mangerona é planta de Venus, de cujos ramos se corôa Cupido, e para o mal cupidista não pôde haver melhor remedio que a planta de Venus... »

Rivalidades entre amantes, intrigas cômicas, de ciúmes e variadas scenas authenticas, de colorido portuguez, augmentavam os applausos estrondosos dos espectadores, no desempenho gracioso e artistico dessa obra-prima do desditoso Antonio José.

Até esse tempo a Casa da Opera fulgurava no apogeu de seu prestigio, de sua fama e de sua gloria.

Em 1775, porém, a ordem de cousas devia ser alterada, visto retirar-se da governança o Marquez de Lavradio, protector immediato daquelle theatro e amigo particular do seu empresario.

Sucedendo-o no governo o vice-rei Luiz de Vasconcellos, o declinio da arte se foi accentuando, e os antigos dias da Opera jamais voltaram brilhantes e côr de rosa.

Mais tarde, substituido este pelo mal humorado Conde de Rezende, teve a cidade de assistir a um outro espectáculo, á catastrophe de uma tragedia singular, cujos heróes, com vestes alvas e coroados de louros, seguiam em procissão espectral caminho do desterro e da immortalidade.

No campo da Lampadoza erguera-se um patibulo, cuja sombra esgarrada, como as azas da morte, espalhara por toda a parte a dor e a tristeza.

E no ether crystalino da patria, como no panno branco de um sudario, reflectia-se, aos reverberos ensanguentados daquelle sol, a veronica sanctificada de um martyr da Liberdade :

— A cabeça de Tiradentes !

Desde esse instante todos os corações se vestiram de luto e o theatro de Manoel Luiz cerrou as suas portas.

### III

Com a trasladação da côrte real portugueza para o Brasil em 1808, a capital fluminense opulentou-se de instituições de todos os generos, alliando-se a esse progresso as de character puramente artistico.

Á luz da historia e das velhas chronicas fôra desleal ne-

gar-se a D. João VI o quanto lhe deve esta parte da America, pois nenhuma reforma liberal, nenhuma idéa grandiosa aqui se realisou fóra do seu breve reinado ou que não se tivesse colorido dos reverberos do seu impulso iniciador e decidido.

De verdadeiro adiantamento e de liberdades foi esse brilhante periodo de nossa historia nacional, em que a politica e as sciencias, a litteratura e as artes despertaram com vigor proprio, traçando-nos o rumo da independencia pela superioridade crescentemente negativa da metropole.

Por esse tempo, transformada em córte a capital da colonia, a cidade do Rio de Janeiro constituiu-se o centro natural da nobreza e da fidalguia que acompanharam o rei, de immigrados politicos e de vasallos fieis que o seguiram, partilhando-lhe o destino.

Aos esplendores da realza e ás necessidades da população excedente, a modesta Opera de Manoel Luiz luctava contra as razões de sua permanencia, resultando como corollario desse facto o pensamento da criação de um vasto theatro, correctamente architectado, onde a familia real e o seu sequito pudessem assistir aos espectaculos e honrar as festas de gala,

Com este intuito e, melhor ainda, para que a cidade possuisse um templo de arte condigno do seu desenvolvimento, D. João VI, associando-se á idéa da construcção, que partira de Fernando José de Almeida, antigo cabelleireiro do vice-rei D. Fernando de Portugal, concedeu-lhe por decreto uma parte do terreno no largo da Sé Nova, presentemente de S. Francisco de Paula.

Servindo para dar começo aos alicerces a cantaria de um chafariz do largo do Capim e os grossos blocos destinados a uma cathedral que se principiára a edificar n'aquelle primeiro largo, o monumental theatro construia-se esplendido, sob o habil e bem delineado plano do marechal de campo João Manoel da Silva.

A protecção dispensada a Fernando de Almeida pelo principe regente e pelo Conde de Aguiar foi tão efficaz,

que, em 12 de Outubro de 1813, ahi se dava a primeira representação, para solemnisar o anniversario do rei, recebendo o novo theatro o nome de Real Theatro de S. João.

Nessa noite a familia real, comparecendo na tribuna, e os fidalgos da côrte occupando os camarotes, assistiram ao desempenho do *Juramento dos Numes* e do *Combate de Vimeiro*, peças de apparatusos scenarios e de surprehendedentes lances.

Quaes os actores que tomaram parte n'esta representação, não reza a tradição oral nem a chronica: sabe-se, entretanto, que uma companhia lyrica italiana e outra dramatica, — a da Marianna, vinda de Portugal, alli se estrearam, compondo-se esta dos seguintes artistas: Marianna Torres, Victor Porfirio de Borja, Maria Amalia da Silva, Antonio José Pedro, Maria Candida Portugueza, Maria Candida Brasileira, Estella Joaquina de Moraes Paiva, Antonio da Bahia, Domingos Botelho, Manoel Alves, Ladisláo Brasileiro e José Evangelista, todos de nome nos palcos de Lisboa.

Regendo a orchestra, lá se achava o celebre Marcos Portugal; o machinista contractado era o portuguez Luiz Gago, contando o Real Theatro de S. João com scenographos da estatura de José Leandro, Manoel de Costa, Reis e Debret.

Não nos demorando no estudo de detalhes da sua historia, do quanto ao seu passado se prendem algumas das mais bellas de nossas tradições politicas, recordamos que a noite de 25 de Março de 1824 marcou-lhe uma data duplamente notavel.

Ainda sonoro o Brasil pelos hymnos e ruidosas festas da Independencia, o juramento do pacto politico teve logar no dia acima indicado. Por essa occasião a cidade era toda rigosijo e flores, os corações transbordavam de sentir patriótico; desde a madrugada até o escurecer, as aclamações e as salvas de artilharia atroavam os ares, bandas de musica e povo percorriam as ruas, vistosas de arcos triumphaes e de fluctuantes colchas de damasco.

As 11 horas de manhã, por entre alas de tropa e expansões da multidão, D. Pedro I, vindo da quinta da Boa Vista, entrava na Capella Real, onde jurara a Constituição.

Voltando para S. Christovão, de lá sahira à noite para assistir ao *Te-Deum* e depois ao espectáculo de gala no Real Theatro de S. João, que, sumptuosamente adornado, deslumbrante de luzes, levava à scena o drama sacro intitolado *Vida de Santo Hermenegildo*.

Às 8 1/2 da noite, n'um delirio de palmas, de aclamações, e aos vivas à nova Constituição, erguidos pelo imperador, a orchestra executava o hymno constitucional, composição do mesmo soberano, recitando entusiasticas poesias distinctos poetas, entre os quaes o celebre repentista bahiano Francisco Moniz Barreto.

Victoriado a intervallos o motivo do dia, applaudidos os escolhidos actores, aclamado D. Pedro I por uma população que renascia livre, terminou o espectáculo com a ascensão de santo Hermenegildo n'uma apothecose remontadamente artistica e arrebatadora.

E aos fulgores da iluminação geral da cidade, aos sons das bandas de musica e de jubilosos tumultos, demanda o monarcha o palacio da Boa Vista, fechando-se o theatro.

Tarde, bem tarde, porém, um incidente havido na caixa motivara-lhe o incendio, que, traçando nos espaços monstruosa serpente de fogo orlada de fumo, dominou o edificio, que ruia estalando como o cedro arriado pelo raio.

À primeira noticia, D. Pedro I, descendo de S. Christovão, apresentou-se na praça da Constituição, encorajando a marinhagem estrangeira que acudira á catastrophe.

Salvas das chammas apenas as paredes do edificio, o seu proprietario considerou-se arruinado, mas não perdido; recobrando o desfallecido alento, recorreu á emprestimos e a subscripções, e o trabalho da reconstrucção iniciou-se activissimo.

Até que esta se realisasse, urgia supprir de algum modo o vacuo aberto pelo incendio, e neste sentido occorreu a Fernando de Almeida promptificar n'uma das salas da

rente um theatrinho, que no dia 1º de Dezembro de 1824 se inaugurou, para solemnisar o anniversario da coroação de D. Pedro I, com o *Encontro feliz*, uma das mais deli-cadas operas de Rossini.

A compnhia italiana do Real Theatro não era nume-rosa, mas havia, no grupo artistas de valor; ao todo constava ella dos cantores Fasciotti, Isota, Salvador Salvatori, Menjaranini, a irmã de Fasciotti, Praccintini e suas duas filhas, João dos Reis, distinguindo-se no complexo das vozes a do barytono, do tenor e do baixo profundo.

Este theatrinho, que contava no seu pessoal um corpo de baile dirigido por Toussaint, chamou-se Theatro Constitucional, devido aos acontecimentos que n'aquelle instante se desdobravam no Brasil.

Como era de esperar, a prospera companhia do theatro de S. João viu-se obrigada pelo incendio a dispersar-se, inspirando-se o actores nas probabilidades do acaso.

O theatro Constitucional, quasi deserto por esta circumstancia, transformou-se em salão de concertos musicaes, reabrindo-se o magnífico theatro de S. Pedro em 22 de Janeiro de 1826, com a opera *Tancredo*, espectáculo de gala gara celebrar o anniversario natalicio da princesa D. Maria Leopoldina.

Não sabemos por que, este theatro fechou-se logo após, abrindo-se pela segunda vez com mais caprichosos ornatos em 4 de Abril daquelle anno, com a assistencia imperial, comemorando-se nesta noite o auspicioso natalicio de D. Maria da Gloria, futura rainha de Portugal.

Por esse mesmo tempo existia na praça da Constituição, entre a antiga rua do Cano e a do Piolho, um theatrinho particular, pertencente a uma associação.

Frequentado por notaveis familias, o ingresso no recinto reclamava directa fiscalisação dos socios, que não permittiam a entrada senão a homens conhecidos e senho-ras de elevado conceito.

Um dia D. Pedro I, que galanteava a Marquiza de

Santos, fizera aquisição de dous camarotes e lhe offerera um para o espectáculo da noite.

A Marqueza, accedendo ao carinhoso convite, apresentou-se no theatro sendo recebida no vestibulo pela commissão especial que delicadamente se recusou a acceitar-lhe o bilhete.

Momentos depois, chegando o imperador, dirigiu-se aos camarotes e, não vendo a Marqueza, retirou-se contrariado, indo á sua residencia procural-a.

Encontrando-a banhado em pranto, escutando a narrativa que a humilhava, D. Pedro I incumbiu a Plácido Antonio Pereira de Abreu que sem demora comprasse o theatro, seguindo-se a transacção o immediato mandado de despejo.

Posta em pratica a terminante ordem do fogoso principe, a empresa do theatrinho e os actores proromperam em vaias e phrases de indignação, atirando pelas janellas espelhos, moveis, vestimentas e adereços de scena, que, levados ao campo de Sant'Anna, foram queimados n'uma fogueira sob uns cajueiros que havia ao lado da egreja.

Dos artistas que se extramalharam com o terrivel incendio do S. João, o actor Porfirio de Borja salientou-se como individualidade de acção, iniciando alguma cousa de mais futuro para o seu nome e glorias da arte.

O edificio da maçonaria á rua do Lavradio foi primitivamente construcção sua, destinada a um theatro, que o infeliz actor deixou de concluir, á mingua de animações e de recursos,

#### IV

Como que para confirmar a influencia exercida sobre a mocidade daquelle tempo, em 1826 creou-se o theatrinho da rua dos Arcos. levantado no quintal de uma casa proxima aos arcos da Carioca, do lado direito, entre as ruas do Lavradio e a actual de Evaristo da Veiga.

Pertencente a um grupo de amadores, nelle se salienta-

ram o José Antonio, o cadete Eduardo, o Pinheirinho e varios rapazes distinctos, desempenhando alguns delles papeis de damas. Companhias ambulantes e artistas eminentes alli deram espectaculos durante os dez annos de sua ruidosa existencia.

- Com as alternativas proprias a empresas theatraes, o Imperial Theatro de S. Pedro de Alcantara, desde a sua reabertura, teve de lutar contra os partidos de artistas, o que não é raro prejudicarem as companhias, e contra a sociedade do publico, no tocante a cantoras e restrictos bailados.

Para attenuar essa falta, o proprietario Fernando José de Almeida fez contractar em Portugal uma companhia dramatica, que aqui chegou em 1828, constituida dos seguintes actores : João Evangelista da Costa, que já havia representado no Rio de Janeiro no *Desertor Francz*; Joaquim José de Barros, do theatro da rua dos Condes, em Lisboa, para os papeis de *centro* e *tyranno*; Miguel José Vidal, *galan*; Manoel Baptista Lisboa e Paulo Boscoli, o primeiro gracioso e o segundo bufão para as peças italianas; Antonio José Pedro e João Climaco da Gama, *velhos*; José Jacob de Luisado e Manoel Soares, diversos papeis.

Quanto ás actrizes, vieram Ludovina Soares da Costa, primeira dama, Thereza Soares, varios papeis, e Gertrudes Angelica, *caracteristica* e *lacaia*.

O corpo de baile, já tão desfalcado, recebeu com esta *troupe* valioso contingente de dansarinos de ambos os sexos, notabilizando-se no meio d'elles o mestre de bailados Luiz Montani.

Má estrella, porém, presidiu á partida desses artistas, que, depois de um naufragio, aqui desembarcaram no dia em que morreu Fernando de Almeida.

Abandonados á sorte, D. Pedro I, ao saber-o, estendeu-lhes mão protectora, pagou-lhes as despezas do hotel em que estiveram, nomeando o generoso monarcha uma administração sua para o referido theatro que funcionou

com maior ou menor successo até o 7 de Abril, em que, por motivo dos acontecimentos politicos, substituiu ainda o nome pelo de Constitucional Fluminense.

A primeira peça levada à scena pela companhia portuguezza foi *Elisa e Raul*, e a noite de apresentação dos novos actores consignam as chronicas como de verdadeiro triumpho.

Para julgar do merito dos artistas, do seu ideal dramatico, convem recordar que, em beneficio de Luiz Montani, o programma do espectáculo constára além do famoso baile *Affonso, Rei de Napoles*, da alta tragedia em 5 actos *Fayel*, desempenhando o difficil papel de protagonista o grande tragico portuguez Joaquim José de Barros.

Devido a amotinamentos provocados pela abdicção, a ensanguentados tumultos na platêa, teve novamente de fechar-se o Theatro Constitucional, retirando-se d'elle, com a companhia dramatica de que tratámos, a italiana que alli iniciara as suas recitas de assignatura.

Após este facto, alguns actores contractaram o theatrinho particular da rna dos Arcos, e em 11 de Maio de 1831, um mez depois da revolução, annunciaram um espectáculo commemorativo, a que assistiram Francisco de Lima e Silva, membro da Regencia, Souza Franco, o ministro da justiça e varios deputados.

Despersos como se achavam os artistas, fragmentadas as companhias, um grupo foi representar no theatro da Praia Grande, ao passo que outro, formado por Ludovina Soares, Maria Soares, João Evangelista, José Maria do Nascimento e José Jacob constituiu-se em sociedade para a compra de um terreno na rua do Cotovello, onde edificaram o theatro de S. Januario ou theatro da Praia de D. Manoel, segundo a primitiva denominação.

Inaugurado em 2 de Agosto de 1834, com o drama *Mysanthropia e arrependimento*, a empresa passou-o mais tarde ao governo, de accordo com o contracto com elle feito, tendo preenchido o praso de tres annos de posse e seis mezes de prorrogação.

Pouco antes, alugado o Theatro Constitucional ao Banco do Brasil pelo filho do fallecido proprietario, este, visando maiores lucros, chamou a si a dissolvida empresa, reorganizando completamente o seu theatro.

Neste constante labutar pela arte, no conflicto de tantos elementos que turbilhonavam, em Itaborahy a estrella de um genio irradiava-se nos horizontes dramaticos, promettedora de uma das maiores glorias dos palcos do mundo: João Caetano dos Santos, amigo e mestre de declamação de quem escreve este estudo, saudado por Porto Alegre e Joaquim Manoel de Macedo que ainda bem joven alli se achava occasionalmente, creara, com assombroso talento, o papel de Carlos, no drama *Pedro o Grande*.

Consagrado nessa noite pelos dous poetas, o novo artista, vindo para a cõrte, incorpora-se á companhia do Theatro Constitucional; seguindo depois para a Praia Grande, ahi organizou a sua *troupe* com artistas nacionais, representando no theatro da antiga provincia, em 1833, *O Principe amante da liberdade ou a Independencia da Escossia*, que lhe assegurou um publico de admiradores convencidos e entusiastas.

Como um tributo a esse homem extraordinario, mandaram amigos seus construir o Theatro do Vallongo, em que elle, Estella Sezefreda, Francisco de Paula Dias, José Romualdo, José Luiz da Silveira, João Antonio da Costa e dez outros artistas se aventuraram á conquista de palmas e de renome.

Assediado por circumstancias que não vem aqui averiguar, João Caetano e seus companheiros desligaram-se desse theatro, indo inaugurar uma serie de representações no S. Januario.

O Theatro Constitucional, vendido pelo Banco do Brasil a particulares, reivindicando em 2 de Junho de 1839 o seu antigo nome, continuou a chamar-se Theatro de S. Pedro de Alcantara.

Voltando em curto lapso de tempo a este mesmo

theatro, arrendado por uma empresa, João Caetano, em 7 de Setembro de 1839, exhibiu-se na tragedia *Olgiate*, do poeta Gonçalves de Magalhães datando dessa noite a sua entrada genial na scena brasileira.

Cingindo-nos de perto á chronologia, vemos que em 1832 um francez, cujo nome ignoramos, edificou na rua de S. Francisco de Paula um theatro para peças francezas. Em 1841, João Caetano, reconstruindo-o, denominou-o de Theatro de S. Francisco de Paula. Alterando successivamente a tradição nominal a rua em que se achava elle collocado chamou-se rua do Theatro e o theatro passou a chamar-se Theatro de S. Francisco.

Em 1855, porém, obedecendo á corrente litteraria dos dramas da escola realista, recebeu elle o chrisma de Gymnasio Dramatico. No theatro de S. Francisco João Caetano venceu largo caminho na estrada de seu genio, assignalou-se com mais brilho como actor de possante envergadura, acompanhando-o ao principio como rival nos estrondosos successos a cantora Candiani, contractada em 1844 com a companhia lyrica italiana para o S. Pedro.

Do mesmo modo que ao *Encontro feliz*, de Rossini, as enchentes foram escasseando á *Norma* e outras operas cantadas pela notavel artista, forçando a companhia a desistir dos seus planos e fechar o theatro.

Em 1851, reaberto sob a empresa de João Caetano, mezes depois, quando se representava o *Captivo de Fez*, o segundo incendio reduziu-o a cinzas, trasladando-se, os artistas para o S. Januario.

A insufficiencia deste era incompativel com as aspirações do excelso actor; a sua má collocação, um empecilho á frequencia de escolhido auditorio.

Appellando para toda a sua força de vontade, recorrendo a accionistas, o rei da scena brasileira emprehendeu a reconstrução do incendiado theatro, o que conseguiu á custa de esforços realmente supremos.

Renascido em mais amplos moldes, aprimorado pelo concurso das artes, o theatro de S. Pedro de Alcantara transformou-se em novo pedestal para as glorias de João Caetano, que começou, desquitado de compromissos, a gozar dos favores que nunca lhe foram regateados pelo publico.

A adversidade, entretanto, tem as suas fórmulas dissimuladas, como a loucura sorrisos que procedem ás crises.

As apprehensões de muitos, as superstições populares não podem cahir em desuso, porque a realidade as justificam, atravez do tempo e do turbilhão humano.

A profanação das pedras destinadas á cathedral trouxera áquelle edificio sina funesta!

Na manhã de 27 de Janeiro de 1856 o theatro de S. Pedro de Alcantara, pela terceira vez, era uma caverna de demonios laborada pelas chammas!...

O Theatro Provisorio, hoje desaparecido, foi edificado no campo de Sant'Anna e aberto em 1852 com a opera *Macbeth* : Thalberg, Lagrange, Tamberlick, Lagrua, Mirati, Stolts, Liszt e outros artistas colheram n'aquelle palco os laureis da mais viva admiração.

Alli Gottschalk regeu um concerto verdadeiramente memoravel, de mais de trinta pianos, acompanhados por uma orchestra de cerca de setecentos musicos!...

O final desta celebre festa de arte foi assignalado, ás ultimas notas do hymno nacional, por uma salva de artilharia.

Talhado para resistir ás grandes revoluções do espirito, para affrontar impassivel os contratempos da sorte, João Caetano retemperou-se de animo na adversidade e resolveu-se a reconstruir o theatro de S. Pedro. Recorrendo a assignaturas, alcançando loterias e subvenção do governo, empenhando nos compromissos o seu trabalho de doze annos, conseguiu o que a sua poderosa vontade quiz, resultando dessa lueta sobrehumana a reedificação

do theatro, que nove mezes depois annunciava pomposo espectáculo de inauguração com o drama de Gozlan o *Livro Negro*.

N'essa noite, brindado por Sua Magestade o Imperador com uma joia de alta estimativa, saudado pelos poetas que lhe applaudiam o esforço e o genio, acompanhado de artistas e pessoas illustres até á sua residencia da rua do Lavradio, por entre alas de admiradores com tochas accessas, soberano do palco fluminense sentira-se compensado das fadigas do emprehendimento e dos labores do passado.

Por esse tempo as companhias italianas e a Opera Nacional conquistavam no Provisorio o mais decisivo entusiasmo.

E foram fadadas ao Theatro Lyrico Fluminense noites de immoredouras glorias, consagrando-lhe o recinto vozes jamais ouvidas, de individualidades da opera italiana. Os rugidos de Medéa, interpretada pela sublime Ristori, ali echoaram lugubres e aterradores, de Ristori, o unico symbolo da tragedia que na Europa e no Brasil nos fez recordar João Caetano dos Santos.

Berço esplendido da Opera Nacional, n'aquelle tablado solemne cantaram-se as primeiras operas de Carlos Gomes e Henrique Alves de Mesquita. talentos musicaes de quem a geração actual se orgulhará com o haver sido contemporanea.

Além d'estes ultimos theatros, existiram no Rio de Janeiro o dos Barrosos, lá para as bandas da Saude, o da rua da Aurora, em S. Christovão, e o de Santa Leopoldina, em Botafogo.

Isto até 1863, em que, com João Caetano dos Santos, morreu o theatro brasileiro.

## V

A evolução verdadeiramente definida do theatro no Rio de Janeiro, comprehende apenas quatro decennios, de

1830 a 1870, periodo completo de sua existencia autonoma.

Passando pela phase de formação, que ficou descripta, traçadas as linhas geraes de seu primitivo desenvolvimento, somente em fins de 1839 se agruparam em torno de João Caetano dos Santos, não só a *troupe* portugueza, porém ainda actores brasileiros, cujo objectivo era elevar a classe e crear um theatro nacional.

Para este desideratum ahi estavam os mestres da tragedia e do drama, da comedia e do vaudeville, que, no Theatro Constitucional, ergueram á vistosa altura o resplendor da arte scenica.

Não obstante as companhias dramaticas francezas e as de operas italianas preencherem, por todo esse espaço de tempo, as suas funcções como factores de valor na historia do theatro fluminense, no S. Pedro e no S. Januario, o progresso da arte dramatica assignalava-se imponente, tendo como figuras capitaes João Caetano, Ludovina Soares e Florindo Joaquim da Silva, actores de singular merito e de interpretações geniaes.

Guiados em seus primeiros passos por Joaquim José de Barros, João Evangelista e Manoel Soares, os dois jovens artistas nacionaes conquistaram, dentro em pouco, o reinado do palco e dos bastidores, de que era soberana Ludovina Soares a maior tragica até hoje conhecida na scena portuguesa.

Trabalhando alternativamente no S. Pedro de Alcantara no theatro da praia de D. Manoel e no de S. Francisco de Paula, a companhia de João Caetano segmentava-se, em épocas diferentes de artistas que firmaram nome, de nomes que constituiram glorias.

N'este ultimo caso estavam Arêas, Amoedo, Germano de Oliveira Martinho Corrêa Vasques, Pedro Joaquim, De Geovani, Estella Sezefreda, Gabriella De-Vecchi, Maria Amalia, Jesuina Montani, Adelaide Amaral e Manoela; e, naquella, o galã Pimentel, Gusmão, Lisboa, Costa, Francisco Corrêa, Vasques, Monteiro, Leonor

Orsat, Leolinda Amoedo, Thereza Martins e vinte outros actores e actrizes, que, em volta do astro-rei, formavam o brilhante zodiaco da arte.

Remontando-nos, por alguns instantes, aos tres primeiros decennios do theatro da capital, empre recordar que os espectaculos terminavam, em geral, por danças pareadas, bem como *Os Salteadores*; solos dançados por Estella Sezefreda e Ricardini; boleros bailes mythologicos, taes como *Apollo e Daphné*, em dois actos; alguns tragicos, em cinco, e dentro este o *Affonso, rei de Napoles, ou os dois irmãos gemcos, principes de Salerno*.

Congeneres das deslumbrantes pantomimas do theatro francez, dessas apreciadas composições era conhecido auctor Luiz Montani, mestre e ensaiador choreographo do Imperial Theatro.

Esmerando-se quanto possivel nos luxuosos scenarios, João Caetano Ribeiro preparava-os para as peças do effeito, pintando até o completo da illusão o que os olhos podiam devassar atravez do espaço e dos planos.

Ultrapassando o estabelecido pelos auctores, o eminente scenographo singularisava-se no multiplo dos assumptos confiados ás suas aptidões artisticas, como personalidade superiormente admiravel.

Não destoando da propriedade das scenas e das opulencias oportunas, o S. Pedro, o S. Januario e o S. Francisco dispunham e enrequeciam-se de vestimentas custosas e variadas, de adereços a character, concorrendo-lhes a *mise en scene* para o natural realce das tragedias, dramas e magicas nelles representados.

Da empresa de João Caetano e depois da do Florindo derivaram os maiores jubilos da arte dramatica no Brasil; um e outro, tendo como companheiros os excellentes artistas portuguezes, o caminho na vereda dos successos lhes foi pouco accidentado, deparando, desde o começo, João Caetano dos Santos, com a Belém que almejava, á luz da estrella do seu genio.

Os laureis victoriosamente, ganhos por esse homem extraordinario na *Catharina Haward*, *João de Marana* ou a *quêda de um anjo*, *Pobre idiota*, *Kean*, *Seis degráos do crime*, *Sineiro de S. Paulo*, *Aristodemo*, *Olgéato*, *D. Cesar de Razan*, *D. Ignez de Castro* e em tantos outros dramas ou tragedias, que demandavam, para os primeiros papeis, artistas de reputação conferida pela critica, foram-lhe prenuncio de mais arrojados commettimentos, um echo enfraquecido de applausos rolando das ondas revoltas das multidões do futuro.

Obedecendo á espontaneidade do seu assombroso talento, iniciado no palco pelas summidades que deixamos indicadas, o Talma fluminense sentio-se novamente inspirado ao clarão de estranho fóco, que trouxera ao Rio de Janeiro a revelação de mais adiantada escola no drama e na tragedia.

Em 2 de Junho de 1838, aqui aportára, vinda da Europa, a companhia dramatica hespanhola de D. Adolfo Ribelle, em cujo elenco se distinguiam actores de amplo e justificado merito.

No theatro de S. Pedro de Alcantara deu ella uma serie de espectaculos, isolando-se por esses mundos sem fim, da arte, os tragicos Lapuerta e D. Maria del Carmen; interpretes dos protogonistas do *Othelo*, *Macbeth*, *Hamlet* e mais dramas e tragedias de Shakespeare, Alfieri e Vincenzo Monti, os dois actores abriram desconhecidos horizontes a João Caetano, Florindo, e á propria Ludovina Soares, que, desde aquella época, assimillaram dos grandes mestres as sublimidades da escola e os exageros na acção, de que sempre conservaram inapagaveis vestigios.

Superiormente orientado por Lapuerta, o genio da scena brasileira desatou excelsos vôos, descrevendo no firmamento da arte uma elipse radiante, que lhe illuminará na historia o vulto grandioso.

Corria o anno de 1850, que marcou para o nosso tragico o mais bello de seus triumphos, a sua consagração

publica por um dos homens mais illustres deste seculo.

A companhia de João Caetano, então no S. Januario, já havia levado á scena *A Gargalhada*, escripta para o theatro da *Porte Saint-Martin*, por Jacques Arago, que distribuira o papel de André Lagrange ao celebre Frederick Lemaître, que consubstanciára as glorias de Lafon, representando nos *Trinta annos ou a Vida de um jogador*.

No dia 15 de Outubro, uma corveta franceza, surta neste porto, trouxera como passageiro o auctor daquelle magnifico drama; conduzido de bordo pelo plenipotenciario de seu paiz, que o hospedára ao ter elle noticia de que no theatro brasileiro a sua composição fôra calorosamente acolhida, fez constar a João Caetano o vivo desejo de applaudil-o na *Gargalhada*, sentindo não o poder, talvez, em razão de sua breve partida para França.

A esta alviçareira nova, o actor dá-se pressa em annunciar o drama, indo pessoalmente convidar ao auctor para honral-o com a sua assistencia.

Foi na noite de 18 de Outubro de 1850, e o theatro que franqueára o seu recinto aos jornalistas, litteratos, poetas e artistas, transbordava de uma enchente de escolha, comparecendo ao espectáculo SS. MM. II.

No erguer do panno, um busto imponente de cêgo, se adiantára num camarote, acompanhado da legação de sua patria : — Jacques Arago.

Em meio de espectáculo, quando o sublime estrangeiro, de pé e tremulo de emoção, applaupia o actor, o palco era todo flôres, o espaço uma repreza de ovações, e o silencio élos soltos de uma corrente de « bravos » e de poesias !

Findo o drama, João Caetano, coroado em scena, pede ao publico que o consinta cingir com o glorioso trophéo a fronte do escriptor, que radiante de contentamento, o recebe e abraça em seu camarote; desprendendo do laurel uma das folhas de ouro, que apertava ao coração, Jacques Arago, tacteando a treva, corôa de novo o artista nessa apotheseose dupla da litteratura e da arte.

Felicitados em seguida por Sua Magestade o Imperador, os dois immortaes deixaram o theatro, sem deixal-os o publico.

Seriam duas horas da madrugada e um enxame de luzes mosqueava de pequenas zonas de fogo as aguas tranquilladas da nossa bahia, que resoavam de vozes festivas á toada dos remos de escaleres e botes, embandeirados e ageis.

Era João Caetano e o corpo scenico, homens de letras e artistas, que levavam á bordo da corveta Jacques Arago (1), que ás 6 horas da manhã deixava saudoso as encantadas e hospitaleiras plagas do Rio de Janeiro.

A partir daquella noite de tons maravilhosos, o artista reproduzira de mais altura typos representativos das paixões humanas, caracteres dos mais ideaes e complicados da poesia e da historia.

Fôra preciso vel-o no *Luíz XI*, *Ricardo III*, *Hamlet*, *Camões*, *Romeo e Julieta*, *Othelo*, *Simão ou velho cabo de esquadra*, *Fayel*, *Seis degráos do crime*, *Frei Luiz de Souza*, *Gargalhada*, *Aristodemo*, *Dama de S. Tropez*, *Cinna* e na totalidade de seu repertorio, para alentar-se a convicção de que do bloco em que Deus lhe talhara o genio, apenas duas lascas se animaram na distancia — Rossi e Salvini.

João Caetano foi a sombra de um grande espirito que apparecêra em palcos antiquissimos para dar vida aos protogonistas do drama e da tragedia.

## VI

Emulo distincto e leal da celebridade dramatica que no Brasil surprehendera pela inspiração as arrojadas creações de Kean, Talma e Frederick Lemaitre, Florindo Joaquin da Silva, quer no S. Pedro, quer nos demais

(1) Regressou ao Brasil em 1834, hospedou-se em casa de João Caetano, onde falleceu.

theatros, conseguia justamente popularisar-se, não obstante escassearem-lhe qualidades, que exuberavam em João Caetano.

Limitado quasi pela especialidade do seu talento aos papeis de *tyranno*, o notavel tragico **exhibia-se** com assinalados dotes nos *centros dramaticos* de grandes transportes e de violentos effeitos.

Pavoroso e epico no *Fayel*, *Cinna* ou *a elemencia de Augusto*, *Furores de Orestes*, *Vetiza* ou *o Nero de Hespanha* e *Degolação dos innocentes*, o seu character de actor tragico lampejava sublime no *Homem da mascara negra*, *Dois renegados*, *Ghigi*, *Sete infantes de Lara*, *Trinta annos ou a vida de um jogador*, *Seis degrãos do crime*, *Pedro Sem* e dezenas de outras composições, que demandavam do primeiro actor vigorosa e intelligente identificação com os personagens que tinha de reproduzir.

Pairando por sobre eminencias mais remontadas, estendia largo vôo o genio de seu competidor, á cuja visão a comedia, o drama e a tragedia douravam-se facilmente accessiveis, como uma corola de rochedos á aguia dos mares.

A todos os generos da arte, João Caetano dilatou o seu poderio inconquistavel e sem rival; valendo por uma *dynastia* de artistas, ha de ser o seu seculo na America um *sarcophago* de Pharaó, para recatar-lhe a mumia.

Millionario de glorias em seu paiz natal, o eminente actor sonhou com reunil-as ás de extranho *theatro*, afim de que fosse o seu reflexo uma trilha luminosa por onde o Brasil o descobrisse na extrema, laureado por esse povo de heróes a quem devemos a existencia e as *tradições*.

Em plena virilidade, no radioso *zenith* de sua carreira dramatica, João Caetano visitou Portugal, demorando-se em Lisboa.

A proposito d'essa viagem á Europa, ouvimos d'elle a narrativa de curioso episodio de sua vida de actor, que para aqui vamos trasladar em substancia, por ser geralmente ignorado e de interesse historico.

Como era de prever, a sensação produzida por sua chegada foi enorme, não se fazendo esperar propostas e convites de toda a especie; accedendo a estes, o celebre tragico annuncia para a sua estréa a *Dama de S. Tropez*, indo convidar o Sr. D. Pedro V para honrar a noite com a sua presença.

A's publicações da imprensa affluiram ao hotel em que se hospedara artistas e escriptores que lhe pediam bilhetes para a recita, e d'entre estes um Sr. José Romano, auctor do *29 ou Honra e Gloria*, que exigia, além de sua entrada, certo numero de cadeiras para distribuil-as com os seus amigos.

De character altivo e refractario a graciosos applausos, o artista brasileiro recusou-se a satisfazel-o, indifferente a susceptibilidades pessoas e miserias futuras.

Na noite do espectaculo o theatro extravasava do que havia de mais selecto na sociedade lisbonense, a começar pela familia real, na sua tribuna de gala.

Desde o erguer do panno, a impaciencia de muitos, contrastando com a impassibilidade de alguns, deixava perceber que qualquer cousa de extraordinario se fermentava no auditorio e que não tardaria a manifestar-se.

E o presentimento realisou-se...

Apenas João Caetano transpoz os bastidores, surdo rumor como de uma tempestade em distancia se fez ouvir: era o troar crescente de uma pateada, suffocada logo após pelo palmejar estrondoso de D. Pedro V, que, de pé com a sua côrte, saudava o genio brasileiro no glorioso berço dos Camões e dos Gamas.

Dias depois, o actor comparecia em palacio, para agradecer ao soberano de Portugal o habito de Christo com que o havia agraciado.

Este facto, como acima dissemos. ouvimos da bocca do proprio mestre, quando, joven seminarista, nos instruiamos de suas lições, que tão uteis nos foram ao iniciar outr'ora a carreira da eloquencia sagrada.

Impeccavel em sua correção, a eminente Ludovina Soa-

res da Costa jamais deixou de compartilhar dos triumphos do grande actor, sobranceira a despeitos infecundos e intrigas de bastidores.

Conterraneos da mesma solidariedade, o insubstituivel Martinho Corrêa Vasques, José Romualdo, Gusmão, Lisboa, Galvão, José Luiz de Azevedo, Riccioline, Maria Amalia, Leonor Orsat e poucos mais, conservaram-se formando o grupo esplendido da companhia do S. Pedro; separando-se deste em occasiões multiplas, Florindo e outros actores que, associando-se em diversos theatros, ou constituindo-se em *troupes* ambulantes, iam dar espectaculos nas provincias do Sul e do Norte.

Depois do que ficou descripto, ainda dois acontecimentos realmente valiosos se deram na vida artistica de João Caetano, deixando o segundo uma fonte de desillusões e desanimos que lhe encurtaram os dias.

De ha muito esperada, como resgate de uma divida de gratidão nacional para com o fundador do imperio, a monumental estatua de D. Pedro I aqui chegou de Paris, e a festa da inauguração teria logar como tributo espontaneo do povo e como solemnidade monarchica.

A pluralidade das classes sociais designara os seus representantes para o acto, incumbindo-se as commissões de apresentar ao Sr. D. Pedro II os sentimentos altamente patrioticos de que eram transmissoras por parte de suas corporações.

Na tarde da inauguração, quando o chefe do Estado se congratulava com os enviados do povo pelas expressões das mensagens, João Caetano, seguido dos actores do S. Pedro, adianta-se n'aquella especie de palco aereo, aproxima-se do imperador, e, encobrendo sob a mão aberta a condecoração estrangeira que trazia ao peito, inclina-se e beija-lhe respeitoso a dextra, como que humilhado pela injustiça de sua patria.

Até n'isso foi elle um artista!

No S. Januario, no Provisorio e no S. Francisco, as companhias dramaticas, as italianas e a Opera Nacional

attraíam a população da cidade e a fluctuante, sendo em geral os theatros frequentados por familias conhecidas e da burguezia, predominando na platea o funcionalismo e o commercio, que as sustentavam.

Alliando-se ao progresso da arte, a litteratura do paiz concorria efficazmente para este resultado, para o desenvolvimento dramatico que se observava nas letras nacionaes, a começar pelas tragedias de Magalhães e as comedias de Martins Penna, impulsionadas por João Caetano, que as punha em scena, tomando parte n'aquellas, e Martinho Vasques, Manoel Soares, Costa, Monteiro, Maria Amalia, Gertrudes e mais actores, que estas representavam, copiando de typos sociaes as suas graciosas creações.

Em épocas mais recentes, para o S. Pedro escreveram Joaquim Manoel de Macedo, Luiz Antonio Burgain, Ferreira da Cruz, Constantino Gomes de Souza, Laurindo Rabello, o Dr. Cordeiro, auctor do *Escravo fiel*, e o Dr. Sampaio, dos *Pobres do Rio de Janeiro*, além de muitos de que nos não lembramos; sendo o traductor conhecido das tragedias estrangeiras o Dr. A. J. de Araujo, amigo particular de João Caetano e influencia administrativa da Opera Nacional.

Alongando um olhar á superficie polida e espelhante do nosso theatro, o movimento da litteratura dramatica no decennio que precedeu ao seu occaso, vemos com tristeza collaborando imprevidente para a sua quéda um nome glorioso, um escriptor que, vestido da mais fina purpura, empunhou o sceptro das nossas letras contemporaneas.

E foi este um dos factos a que acima alludimos, e que a verdade historica nos impõe o dever de aqui registrar.

Pela terceira vez reconstruido o theatro de S. Pedro de Alcantara, o governo, como recompensa aos esforços pessoaes do actor que conseguira reerguel-o, concedeu á empreza uma subvenção votada pelo parlamento, modesto auxilio ás consideraveis despezas da companhia, que se obrigou a dar tambem espectaculos em Nitheroy.

Naquelle periodo de florescia da arte, os auctores dramaticos produziam com abundancia, compensando-lhes o labor verem as suas obras representadas no maior theatro da capital e julgadas por uma imprensa illustrada e animadora.

Naquelle geração de poetas, romancistas e dramaturgos, um moço destacava-se, de prodigioso talento, subcrevendo *As azas de um anjo*, composição theatral de bellos lances, de scenas bem combinadas e de estylo facil e elegante.

Chamava-se elle José de Alencar.

Confiando a João Caetano o trabalho para que o fizesse representar, pediu-lhe que se encarregasse de um papel, voltando depois para tratar-se da distribuição das partes e dos ensaios.

O actor deliciou-se com a leitura do drama, pensou, e nada resolveu.

Interrogando-o opportunamente o escriptor, teve como resposta do actor que o desculpasse de não levar á scena *As azas de um anjo*, porque não havia na peça papel para elle.

Na legislatura de 1861 a 1864 o auctor era deputado, tornando-se propicio o momento de um desaggravo de susceptibilidade...

Uma tarde, ensaiava João Caetano *Os intimos* e alguém, entrando precipitadamente na caixa do theatro, disse-lhe desorientado, confirmando inquietadoras suspeitas :

— Acaba de cair na Camara a subvenção ao theatro de S. Pedro!...

E João Caetano teve uma syncope...

José de Alencar estava vingado.

## VII

Logo depois de 1850, a radiosa existencia artistica do theatro de S. Pedro de Alcantara reflectia luz cambiante no frontão do Gymnasio Dramatico, aclarando uma pleiade

de artistas, que levavam consigo novas idéas relativamente a reformas de escola.

A *Redempção*, de Octave Feuillet, servira de porta-voz á revolução que, falando ás paixões ternas, despertara no auditorio feminino do theatro francez as mais intimas e sinceras adhesões.

A verdadeira entrada, porém, daquelles mensageiros da arte, póde datar-se de 1853, quando, sob a direcção de Heleodoro dos Santos, se organizou a companhia que devia estabelecer outro rumo ao drama e que, desquitando-se do antigo genero litterario, alentado de imagens do mundo maravilhoso e fantastico, procurava o successo na realidade da observação e na exactidão das pinturas.

Ao romantismo dramatico do *Hernani*, *Cromwell* e *Ruy Blas*, oppunha-se vigoroso o realismo da *Dama das Camélias*, de Dumas filho, representado no *Vaudeville*, de Pariz, em 1852, condemnado por L. Faucher e combatido pela critica jornalistica, que via na these da rehabilitação das cortezãs uma questão de puro sentimentalismo e de moral apparente.

Não sendo o motivo do nosso trabalho a analyse dessa pedra angular do theatro moderno, desse poema dramatico que, como a *Diana de Lys* e o *Demi-Monde*, encontrava as suas heroínas no mundo equivoco, assignalamos que ás companhias do Gymnasio Dramatico e do Atheneu deve o theatro, no Rio de Janeiro, provado adiantamento e duradouro esplendor.

Constituida a associação em grande parte por artistas dissidentes da companhia de João Gaetano, os dramas modernos ou de *casaca*, como chamavam, alli foram levados ao palco, apenas representados no theatro francez, lançando bem cedo entre nós os germens de preciosas composições nacionaes, que tanto honram a geração litteraria daquelle tempo.

Tendo como interpretes, em occasiões multiplas, os actores Joaquim Augusto, Furtado Coelho, Amoedo, Arêas, Pimentel, Francisco C. Vasques, Pedro Joaquim, Freitas.

Martins, Flavio, Peregrinó, Graça, e as actrizes Adelaide Amaral, Thereza Martins, Gabriella, Velluti, Eugenia Camara, Clelia e tantos e tantos outros artistas, alguns dos quaes de reputação eminente, os espectaculos do Gymnasio Dramatico nobilitaram o theatro fluminense pela excellencia do pessoal e do repertorio offerecido ao publico.

D'entre os artistas de plano anterior, recordamo-nos das imponentes liguras de Joaquim Augusto, Amoedo, Furtado Coelho e Pedro Joaquim, (notando-se na mesma linha Adelaide Amaral, *primeira dama*, seguida de Gabriella, Velluti, Clelia, Eugenia Camara e Thereza Martins, *damas centraes, ingenuas*, e encarregadas de diversos papeis.

Com semelhante elenco, a fulgurante estancia do Gymnasio foi uma festa perenne, um salão principesco com uma janella aberta para os grandes horizontes da arte.

De 1853 a 1863, em que falleceu João Cactano, aquelle theatro collocou-se em tal evidencia, que não seria aventuroso assegurar-se que o *Vaudeville* poderia chamar-o irmão, já pela natureza dos espectaculos, já pela proficiencia dos actores de que dispunha. Vimos em Londres os *Pobres de Paris*, executando o primeiro papel o celebre Reveil, da *Comedie Française*, e garantimos que o actor Arêas lhe não era inferior.

Como repercussão do movimento reaccionario francez, as referidas companhias reproduziram, com o maior brilhantismo, as peças de Feuillet, Dumas, Sardou e seus sectarios, alvoroçando o talento brasileiro no empreendimento de produções originaes, baseadas, como aquellas, na descripção de costumes e pintura de caracteres.

O acolhimento á *Dama das Camélias*, fixando o mearo inicial do realismo no drama e na comedia, teve como sequencia, nesta capital, a representação dos mais estimados dramas da nova escola, a que se filiaram desde logo José de Alencar, Macedo, Quintino Bocayuva, França Junior, Pinheiro Guimarães, Achilles Varejão e Augusto de Cas-

tro, dotando o nosso theatro com obras de merito e de costumes locais.

As noites do Gymnasio foram então admiraveis; a emulação dos artistas educados pela critica salientava-se pelo modo finamente correcto de conduzir os papeis, resultando na generalidade dos dramas verdadeiras creações de typos sociaes que, ao vel-os, dir-se-iam authenticos.

Pela escolha do repertorio das duas companhias, pôde-se bem aferir o valor dos comediantes, que trabalhavam para uma platéa culta e competentemente julgadora.

A começar pela *Dama das Camélias*, proporecionaram repetidas enchenças ao Atheneu e ao Gymnasio *Dalila*, *Romance de um moço pobre*, *Recordações da mocidade*, *O medico das crianças*, *A vida de bohemia*, *a Tentação*, *Diana de Lys*, *Supplicio de uma mulher*, *Os solteirões*, *a Familia Benoiton* e *Os intimos*, representado tambem este ultimo no S. Pedro, fazendo João Caetano o papel do Dr. Tholosan.

A' tamanha distancia desse periodo memoravel de nosso theatro, fôra de improbo esforço pôr em relevo a caracteristica de tantos actores que se celebrisaram nas exhibições do drama moderno, acompanhando com reconhecido talento a trajetoria da evolução scenica.

E não só os dramas francezes alcançavam triumphos naquella época; desde os primeiros annos do Gymnasio Dramatico as companhias empenharam-se em animar os escriptores nacionaes, sendo ali estreados o *Luxo e Vaidade*, *Mãe*, *Os mineiros da desgraça*, *A torre em concurso*, *A ninhada de meu sogro*, *Azas de um anjo*, *Historia de uma moça rica*, *Typos da actualidade*, *Lusbella*, *Demonio familiar*, etc., que exalçaram os nomes de seus auctores, deixando-nos documento da aptidão brasileira para este ramo, devêras difficil, da litteratura dos povos.

Do mesmo modo que as comedias de Martins Penna retratam a nossa sociedade até uma boa parte do segundo reinado; que são o nosso meio d'outr'ora, onde gyra-

vam personagens que ainda hoje lhes podemos dar os nomes, o theatro moderno do Brasil conservou nas obras citadas a photographia de nossos costumes, individualidades que atravessaram os quadros da nossa infancia com as paixões da vida e os defeitos do tempo.

A politicagem de campanario, representada na *Torre em concurso*; a escravidão, em *Mãe*; a sociedade aristocratica e viciosa no *Luro e Vaidade*; a intriga no lar pelo elemento escravo, no *Demonio familiar*; eis o que era o Rio de Janeiro, de ha uns vinte e cinco a trinta annos passados, quando viviam José de Alencar e Macedo, os dois maiores vultos de nossas letras dramaticas, depois do auctor do *Noviço* e do *Juiz de paz da roça*.

Contemporaneas, mas esporadicas, em todo o correr do indicado decennio, e mesmo depois, appareceram nesta capital varias *troupes*, entre as quaes havia actores de popularidade e que inauguraram recitas neste ou nuelle theatro, quasi sempre no S. Januario ou no Provisorio.

Na maioria das vezes, o repertorio d'esses artistas compunha-se de tragedias, dramas de *capa e espada* e conhecidas comedias, incluindo alguns trabalhos de escriptores de provincia, lá applaudidos e aqui recebidos com agrado.

Como directores de taes empresas, os mais notaveis foram os actores Germano de Oliveira, Salles Guimarães e um Bezerra, da Bahia, que, de provincia em provincia, no sul e no norte, alugavam theatros em noites desoccupadas, dando determinadas séries de espectaculos.

E foi um desses grupos de comediantes que levou á scena, pela primeira vez em theatro da côrte, *A vespera de Reis*, do distincto comediographo, poeta e jornalista Arthur Azevedo, creando nessa comedia de costumes nortistas o papel de *Bermudes* o famoso Xisto Bahia, artista original e privilegiado, que tanto fizera rir as nossas plattas até os ultimos dias da vida.

A constante preocupação dos chefes das companhias

ambulantes, aliás bons actores, era serem rivaes de João Caetano, arregimentarem partidos, resultando deste ses-tro, especialmente a Germano e Salles Guimarães, montar peças do S. Pedro, nas quaes se encarregavam dos primeiros papeis, fazendo a caricatura de quem era inimitavel e singular.

Como nas tragedias de Shakespeare, deixando descer o panno sobre esse intermedio, vemos que a phase de des-envolvimento autonomico do theatro no Rio de Janeiro, é prehendida pelas companhias do S. Pedro e Gymnasio, dominando de alturas incommensuraveis toda a superficie da arte João Caetano dos Santos, a respeito de quem Julio Cesar Machado, escriptor de nota em Portugal, expende o seguinte juizo :

« Estima-se mais a gloria, não pelo que ella nos dá, mas pelo que ella nos custa ; é, todavia, o Sr. João Caetano dos Santos um dos raros privilegiados que deve amar os seus triumphos pelo que elles lhe custam e pelo que elles lhe dão. Vem de si e de si só a intelligencia, a arte, o tom supremo do genio que lhe admiramos.

Com um rasgo de seu olhar esplendido alumia atravez da acção limpidos abysmos, voragens do coração humano, que ninguem suspeitava.

Transforma um ruim drama em um poema.

Quando entra em scena, tudo se agita e se anima, e o que era um máo esboceto a carvão, toma as côres de um quadro de mestre. Julgamos ouvir uma scena de amor, de ciume ou de piedade... Lêde a peça... Não está lá nada disso, foi João Caetano que escreveu tudo, erguendo os olhos ao céu, ajoelhando, apostrophando ou abençoando. »

A semelhança de uma fita ganha em outro torneio, lê-se de Jacques Arago, em sua obra *Voyage autour du Monde*, tratando de João Caetano :

« Oh! que ne m'est-il permis de vous citer ici un comédien d'élite que l'Europe serait fière de posséder, qui ne

s'est inspiré que de lui-même, et que possède son Schiller, son Corneille, les chefs-d'œuvre de nos poètes, et les interprète si dignement, que je vous porte le défi de rester froid s'il vous ordonne de pleurer, de trembler, de frémir!... Cet homme est une des gloires brésiliennes. »

Depois que a morte retirou da scena aquelle astro, o theatro brasileiro ficou mais escuro...

E a treva creceu...

E a luz apagou-se...

MELLO MORAES FILHO.

# MARTINS PENNA

---

## I

Uma das banalidades mais impertinentes da critica brasileira, infelizmente em grande parte exacta, é a da não existencia entre nós d'uma verdadeira litteratura dramatica. Não é isto, porém, de admirar, se nos lembrarmos de que tal é o facto igualmente entre povos illustres, ricamente dotados em outros ramos das creações espirituaes, e desherdados por aquella face. Se exceptuarmos a Grecia antiga, e a Hespanha, a França, e Inglaterra modernas, nenhum outro povo pôde-se gabar de possuir um theatro original, a não serem a India e a China, cuja vida intellectual, porém, tem andado sempre fóra do circulo em que se ha movido o pensamento das gentes do occidente. Não é só isto, não possuímos creações scenicas, que possam aspirar as honras de constituir um grupo distincto entre os do genero; mas essa é a verdade tambem n'outras espheras do espirito. Temos nós, podemos dizer que possuímos uma litteratura philosophica, uma litteratura historica, uma litteratura scientifica? E se bem aprofundarmos as cousas, havemos de convir que não somos melhor aquinhoados em musica e pintura, não falando já em architectura e estatuaria, que nos fallecem quasi de todo, e, porque não dizer a verdade inteira? o nosso romance não é melhor que o nosso theatro. Não possuímos obras de romancistas que, em seu genero, sejam superiores ao *Demonio familiar* e *Mic*, de Alencar, à *Mathilde* e *Calabar*,

de Agrario, à *Torre em concurso*, de Macedo, ao *Antonio José*, de Magalhães, às *Doutoras*, de França Junior, ao *Noviço* e *Judas em sabbado de Alleluia*, de Penna. Quasi outro tanto se poderia afirmar da *Historia de uma moça rica*, de Pinheiro Guimarães, de *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias, das *Coisas da moda*, de Joaquim Serra. Acontece com o nosso theatro, podemos garantir, o que se dá com todas as creações de nossa intelligencia, não escapando até a propria poesia.

Quando nos interrogam de repente sobre nossos dramatis-tas e comediographos, em nosso quasi incuravel pessimismo, quasi incuravel por ser espontaneo e organico, respondemos immediatamente que nada possuímos. Mas, se fitarmos attentamente o céu do pensamento nacional, havemos de notar que, pouco a pouco, se irão erguendo acima do horizonte as estrellas, que nelle brilham, e acabaremos por nos convencer de que ellas não são tão pallidas e apagadiças, como levemente havíamos de prompto affirmado. Não temos dramaturgos; é o brado geral; mas possuímos obras de scena, como as que ficaram acima citadas; não temos romancistas; mas possuímos livros, como *Guarany*, *Iracema*, *Senhora*, *Troneo de Ipe*, *Memorias de um sargento de milicias*, *Um estudo de temperamento*, *Quineas Borba*, *Lourenço*, *Praga*, *Atheneu*, *Casa de pensão...*

Não temos poetas, mas possuímos hymnos como *O gigante de Pedra*, *Sextilhas de Frei Antão*, *Evoações*, *Gloria Moribunda*, *O Navio negreiro*, *O beija-flór*, *Ouvir estrellas*, *As pombas*, *A matilha*, *O Chaletzinho*, *Cantico do Calvario*, *Ponte de lianas*, *Saudade Branca...* Bem claro se mostra não ser a nossa pobreza tão grande, tão lastimavel, como o nosso desdem por nós mesmos nos faz exagerar em momentos de desalento.

E note-se bem, não vimos, nestas paginas, tomar de assalto uma posição de confiante e imponderado optimismo, que nem anda em nossos habitos, nem tem justificativa nos factos. O que pretendemos, é fugir dessas affirma-

ções banaes d'um pessimismo falso ou de um optimismo barato. A verdade é que o Brasil, na região pura e desinteressada do sentir e do pensar, na sciencia e na arte, se não é um ricaço, como a Allemanha, a Inglaterra, a França, a Italia, não é mais um mendigo trapilho, como uma horda de africanos, ou uma tribu de pelles-vermelhas. Não estamos de cócoras, andamos já de pé e devemos ir caminho do futuro sem desfallecimentos nem covardias.

A terra de Bonifacio de Andrada, de Conceição Velloso, de Bartholomeu de Gusmão, de Alexandre Rodrigues Ferreira, de José Mauricio, de Baptista Caetano, de Gonçalves Dias, de Alencar, não tem justos motivos para velar o rosto e refugir envergonhada. Na grande arena em que os povos modernos, nomeadamente os da America, houverem de brandir as armas do pensamento, ella não apparecerá de todo desaperecebida para a lucta.

Longe os desanimos; ha logar tambem para o enthusiasmo, e já é tempo de ver a nossa geração, a mais pessimista que o Brasil tem possuido, que é preciso acabar com tantas pragas, com tantos esconjuros, com o tão systematico denegrir de tudo que é brasileiro, só porque é brasileiro... Não somos um desses grandes povos historicos abridores de caminho á humanidade; mas podemos e devemos ser um povo progressivo, honrado e sensato. A fé n'um alto e nobre destino é coisa encantadora na vida das nações. Façamos della a musa de nossa historia e avancemos. Neste espirito, que é o de nossos trabalhos a datar da *Historia da Litteratura Brasileira*, é que pretendemos dizer da obra e do genio de Luiz Carlos Martins Penna, o illustre mestre da comedia nacional. Antes de tudo, o homem na sua biographia. A vida de Martins Penna é hoje bem conhecida, depois da minuciosa noticia que lhe consagrou o Sr. Luiz Francisco da Veiga e se acha impressa no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em os ns. de 25, 26 e 27 de Novembro de 1877. Esta parte do nosso trabalho será apenas o resumo do interessante, cuidado e sincero escripto do auctor do *Primeiro Reinado*.

Martins Penna nasceu no Rio de Janeiro aos 5 de Novembro de 1815, tendo por progenitores o juiz do bairro de Santa Rita, João Martins Penna, mineiro, e D. Francisca de Paula Julietta Penna, fluminense. Foram seus avós paternos o brigadeiro portuguez Francisco Martins Penna e a mineira D. Claudia Maria de Sant'Anna, e maternos o tenente portuguez José Antonio da Costa Guimarães e a fluminense D. Maria Bernarda do Nascimento. Orphão de pae com um anno de idade e de mãe aos dez, o avô e depois um tio materno, que foram seus tutores, o destinaram à vida commercial, e neste intuito, feitas as primeiras letras, o matricularam, em Março de 1832, na aula do commercio, cujo curso completou em fins de 1835.

Frequentou durante algum tempo as aulas da Academia de Bellas Artes, onde tomou conhecimentos geraes de architectura, pintura e estatuaría. Simultaneamente estudava a musica, que chegou a cultivar com talento, tendo boa voz de tenor. Desembaraçado da aula do commercio e do curso da Academia de Bellas Artes, livre da tutela do tio, não pensou mais em abraçar a carreira mercantil, que lhe era antipathica, e atirou-se ao estudo da litteratura e das linguas ingleza, franceza e italiana que chegou a manejar com maestria.

Mas era pobre e não houve outro remedio senão abraçar a carreira dos empregos publicos, *refugium dolorosum* dos homens de letras no Brasil. Em Setembro de 1838 foi nomeado amanuense da mesa do consulado no Rio de Janeiro, cargo que desempenhou até Abril de 1843, data em que foi removido para logar identico na secretaria de estado dos negocios estrangeiros, onde se conservou até Outubro de 1847, quando seguiu para a Europa, nomeado addido de primeira classe à legação brasileira em Londres. Neste ultimo posto conservou-se até fins de 1848.

Sentindo-se então gravemente enfermo de tuberculose pulmonar, partiu para Lisboa com destino ao Brasil, alvo que não chegou a attingir, pois falleceu na capital portugueza aos 7 de Dezembro daquelle anno.

O mallogrado dramaturgo escreveu as seguintes obras :  
*O Juiz de Paz da Roça*, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 4 de Outubro de 1838, em beneficio da actriz Estella Sezefreda ;

*A Familia e a Festa da Roça*, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 1 de Setembro de 1840, em beneficio da mesma actriz Estella Sezefreda ;

*O Judas em Sabbado de Alleluia*, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de Setembro de 1844, em beneficio do actor Manoel Soares ;

*Os Irmãos das Almas*, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 19 de Novembro de 1844, em beneficio do actor José Candido da Silva ;

*Os dois ou o Inglez machinista*, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 28 de Janeiro de 1845, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias ;

*O Dilettante*, tragi-farça em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 25 de Fevereiro de 1845, em beneficio da actriz Gabriella da Cunha de Vechy ;

*Os Namorados ou A Noite de S. João*, comedia em um acto, representada pela primeira vez, a 13 de Março de 1845, em beneficio do actor Germano Francisco de Oliveira ;

*Os Tres Medicos*, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 3 de Junho de 1845, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa ;

*O Cigano*, drama em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de Julho de 1845, em beneficio do actor Florindo Joaquim da Silva ;

*O Noviço*, comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 10 de Agosto de 1845 ;

*Witiza ou o Nero de Hespanha*, drama em verso, em

cinco actos e um prologo, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 21 de Setembro de 1845;

*Bolyngbrock ou as Casadas solteiras*, comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 18 de Novembro de 1845, em beneficio do actor Manoel Soares;

*O Caixeiro da Taverna*, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, no mesmo dia 18 de Novembro de 1845, em beneficio do referido Manoel Soares;

*Quem casa quer casa*, proverbio em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de Dezembro de 1845, em beneficio do actor José Candido da Silva;

*Os Meirinhos*, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 27 de Janeiro de 1846;

*Os Ciumes de um pedestre*, comedia em um acto, annunciada para ser representada no theatro de S. Pedro a 29 de Janeiro de 1846, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias, sendo substituida, á ultima hora, por outra comedia de differente escriptor;

*As Desgraças de uma criancinha*, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 10 de Maio de 1846;

*O Terrivel capitão da Matta*, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 5 de Julho de 1846;

*O Segredo d'Estado*, drama em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro a 29 de Julho de 1846, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa;

*A Barriga de meu tio*, comedia burlesca em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de Dezembro de 1846, em beneficio do actor Manoel Soares;

*D. Leonor Telles*, drama em cinco actos e seis quadros;  
*Itaminda ou o Guerreiro de Tupan*, drama indigena em tres actos;

*D. João de Lyra*, drama em tres actos;

*Fernando ou o Santo Accusador*, drama em quatro actos;

*Um Sertango*, comedia em um acto;

*O Jogo de prendas*, comedia em um acto;

*O Usurario*, comedia em tres actos;

*Folhetins no Jornal do Commercio*, durante o anno de 1846 até Março de 1847;

*Semana Lyrica*, no mesmo *Jornal do Commercio*, desde 3 do referido mez de Março até 14 de Setembro daquelle anno;

*Duguay-Trouin*, romance historico.

A lista não é pequena; quasi tantas obras quantos annos de idade; pois o moço fluminense tinha apenas trinta e tres annos, quando desapareceu dentre os vivos.

Taes são as informações fundamentaes que se deixam apanhar na memoria biographica, lida pelo Sr. Luiz Francisco da Veiga no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em sessão de 23 de Novembro de 1877, publicada na *Revista* do mesmo Instituto e no *Jornal do Commercio*, como já dissemos.

As apreciações que as datas principaes da vida do auctor do *Noviço* são aptas a despertar á critica — apresental-as-hemos mais adiante.

## II

A parte principal da obra de Martins Penna é incontavelmente a theatral; nesta ultima, sem a menor sombra de duvida, as comedias tomam a dianteira. Entretanto, apenas nove producções do talentoso escriptor, felizmente do genero em que elle primava, existem publicadas.

Tudo mais a não serem os folhetins e chronicas insertos no *Jornal do Commercio* continúa inedito e ha fortes indicios de se haver perdido a maior porção de taes escriptos. As comedias impressas, e que apparecem agora juntas na presente edição, são as seguintes, na ordem chronologica: *O Juiz de Paz da Roça*, *A Familia e a*

*Festa da Roça, O Judas em Sabbado de Alleluia, Os Irmãos das Almas, Os Dous ou o Inglez Machinista, O Dilettante, O Noviço, O Caixaero da Taverna. Quem casa quer casa.*

O caracter geral de todas estas composições scenicas é o da classica comedia de costumes, como nos foi transmitida por Menandro, Plauto e Terencio, passando por Gil Vicente e Antonio José. A alta comedia de caracter, como foi creada por Molière e continuada por Beaumarchais, Penna não chegou a cultivar-a, pelo menos no que delle conhecemos.

Os que ignoram a evolução deste genero dramatico, que os historiadores da litteratura grega dividem em velha comedia, comedia média, e nova comedia, representada a primeira phase por Chionidés, Magnés Cratinos, Aristophanes e Phrynichos; a segunda por Antiplanes, Anaxandride, Eubulo e Alexis; a terceira por Philemon, Menandro, Diphilo, Apollodoro e Prozidippo, sabem que só no seu ultimo periodo é que essas creações scenicas despiram o velho estylo da satyra grosseira mesclada de lyrismo e começaram de tentar a reproducção, mais ou menos realista, dos costumes sociaes.

Nessa derradeira attitude é que passaram á litteratura romana e mais tarde ás litteraturas classicas do Renascimento, chegando assim aos modernos tempos.

Molière lhes faz dar um passo para adiante, inaugurando a representação dos caracteres fundamentaes e typicos das paixões humanas. D'ahi a sua incomparavel galeria de especimens comicos como Harpagon, Scapin, Mascarille, Tartuffo, Sganarello e outros, só comparaveis á imponente galeria tragica de Shakespeare. As lettras luso-brazileiras não se elevaram nunca a essa altura.

O grande Gil Vicente e o notavel nacional Antonio José, que viveu na metropole, e cujo merito não deve ser exagerado, não passaram da comedia de costumes, descambando muitas vezes para a farça, pelo emprego da conhecida e pesada chalaça portugueza. Tal o espirito

com que chegou ella a Martins Penna, o maior representante do genero no Brazil, e o verdadeiro creador d'elle entre nós; pois que Gil Vicente nunca foi conhecido de nossas gentes, não era brasileiro, nem este paiz no tempo em que floresceu o genio portuguez possuia um povo e menos ainda uma litteratura, e pelo que diz respeito ao auctor das *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, comquanto tivesse vivido em época em que começava a formar-se um e a lançarem-se os primeiros germens da outra, educou-se, viveu e morreu na metropole e teve de ficar na historia na posição incerta de um Gonçalves Crespo, por exemplo, que, com a maior boa vontade, hesitamos em chamar um dos nossos.

É preciso destacar o caracter do escriptor através de sua obra e o espirito da sociedade através da obra e do homem.

A primeira observação a fazer é que a habilidade do nosso comediographo está o mais das vezes nas situações em que collocava os personagens do que no entreccho da acção, que era sempre simples. Alguns exemplos :

*O Juiz de Paz da Roça* é a pintura critica das coisas judicarias de nossas povoações do interior pelos annos de 1840, e ainda hoje é de uma veracidade irrecusavel. Manoel João, pequeno lavrador, morava na roça, proximo ao Rio de Janeiro, a Córte, como lhe chamavam, com sua mulher Maria Rosa e sua filha Anninha. A rapariga, n'um dia em que o pae demorou-se demasiado no trabalho do campo, recebeu em casa o namorado José, sujeito pernostico e vadio, que, tendo herdado do pae um bananal, vendeu-o, allegando á namorada que, logo que apurasse o dinheiro, se casaria com ella; mas de facto largara-se para a Córte, e *mettera o pau nos cobres*, segundo a giria corrente. A despeito disto, concertou com Anninha a fuga desta de casa no dia seguinte pela manhã, para irem juntos á freguezia, onde o vigario os deveria unir em matrimonio. É que, sendo no tempo da celebre revolução dos *Farrapos* do Rio-Grande do Sul, e estando forte o

recrutamento, o gajo estava com medo de ser pegado.

Effectivamente, ao sahir da casa de Manoel João, foi elle recrutado. O pae de Anninha, ao chegar da roça pediu a *janta* e estava a servir-se della, quando lhe bateram à porta. Teve apenas tempo de esconder os pratos na gaveta e lamber os dedos, pois foi logo entrando por casa a dentro o escrivão do juiz de paz, que o vinha intimar para levar, um *recruta* à cidade. O matuto relutou em ir, mas, ameaçado de prisão, não teve outro remedio, senão fardar-se e seguir. A figura de Manoel João, mettido em calças de ganga azul, jaqueta de chita, tamancos, barretina da guarda nacional, cinturão com baioneta, e um grande páu na mão, é impagavel, porém exactissima. Lembramo-nos de ter visto typos identicos pelo Brasil em fóra. A scena em que se despede da filha e da mulher é do mais completo realismo.

Chegado á casa do juiz de paz, entrega-lhe este o preso, o *recruta*, que é justamente o namorado da filha, — o José, o vadiaço do logar. Manoel João que ignorava o namoro e planos da rapariga, pediu ao juiz de paz para adiar a viagem para o dia seguinte, por ser já tarde, e como lhe observasse aquelle que não tinha onde guardar o preso essa noite, respondeu que esta não fosse a duvida, que elle se encarregaria disso, e levou o José para a propria casa, trancando-o n'um quarto, cuja chave deixou sobre uma mesa. Anninha, á noite, abriu o quarto e fugiu com o José, indo ambos casar-se á igreja proxima. Descoberta a fuga, houve um reboliço dos diabos em casa do caipira, que só se acalmou com a chegada dos dois namorados, casados de fresco. Largaram-se, então, todos para a casa do juiz, sendo o José dispensado do recrutamento á vista de seu novo estado.

Nesta comedia as scenas mais engraçadas são as que se passam na audiencia do juiz de paz, que tem de despachar requerimentos cheios de *sandices*, elle bastante esperto para se fazer presentear á larga pelas partes, e bastante ridiculo para... *derogar* a Constituição!

Este typo de juiz ficou mais ou menos classico entre nós e é um dos melhores da comedia brasileira. O enredo não podia ser mais simples.

*A Familia e a Festa da Roça* é no mesmo estylo; continúa a critica dos costumes das populações ruraes, penetrando mais intimamente na vida da familia rustica.

Domingos João, agricultor algum tanto abastado, espirito positivo mas grosseiro e praguento, com o habito de dizer sempre no final de suas falas — *entende o Sr.?* — vive na fazenda com sua mulher Joanna da Conceição, e seus filhos Quiteria e o Ignacinho. Este é o typo do rapaz roceiro, trabalhador, rude e atoleimado, e Quiteria da herdeira matuta, cheia de certas pretensões, dengosa e exagerada nas modas pela ignorancia, especialmente depois que passou alguns dias na villa de S. João de Itaborahy, onde tomou os sestros da elegancia esquerda do *high-life* das pequenas povoações atrazadas. O pae quer casal-a como um tal Antonio do Pau d'Alho, só porque este tabareu, feio e desfructavel, é possuidor de um sitio com seis escravos e passa por muito trabalhador. Joanna da Conceição desaprova o enlace; mas não se atreve a oppôr-se francamente, por temor ao despotismo marital de Domingos João. Havia, porém, no logar um capitão-mór que tinha um filho na *Côrte* a estudar medicina, o Juca, e este, indo passar as férias, frequenta a casa de Domingos João e namora a Quiteria, que, apezar de certos desengonços athabalhoados, é moça bonita. O estudante combina com a namorada que, ao lhe fallar o pae em casar com Antonio do Pau d'Alho, finja-se doente, caia de ataque, resista aos remedios e benzeduras de Angelica, curandeira do logar, e só volte a si quando elle, futuro medico, em ultimo recurso, fôr chamado e lhe der a beber agua com assucar, deixando o resto por sua conta.

Realmente, a comedia, que tent começado por varias scenas engraçadas entre Domingos João, a mulher, o filho, a filha, o Juca, o Antonio do Pau d'Alho, chegou

da Côrte, onde esteve destacado uns tempos como guarda nacional, chega ás scenas typicas do ataque da Quiteria, da intervenção de Angelica, que benze a moça de *flato*, *quebranto*, *olhado*, *espinhela caída*... Nada conseguindo, diz que suspeita ser o *diabo que entrou no corpo da moça*. Redobra, com tal declaração, a barulhada em casa, e mandam chamar o Juca. Este faz com facilidade voltar a si a Quiteria, e declara, porém, ser o seu mal muito grave, a ponto de correr sua vida perigo, se não fôr casada com pessoa entendida em medecina. Insinua-se com habilidade e faz-se substituir ao Antonio do Pau d'Alho. Segue-se um passeio ao arraial, onde vão assistir á festa do Espirito Santo, em que ha leilão, dança de foliões e outros quadros burlescos, proprio, de taes brinquedos populares.

Mais um caso.

*O Judas em Sabbado de Alleluia* é uma das mais celebres comedias de Penna e certamente uma das melhores. E a critica dos costumes do Rio de Janeiro, a *côrte imperial*, onde se passa a acção em 1844. Ainda aqui não se desmente nossa affirmacão. *A vis comica* está mais nas situações burlescas em que se deixam pegar as figuras creadas pelo auctor do que na troça complicada de actos engenhosos.

O sapateiro José Pimenta tinha duas filhas Chiquinha, trabalhadeira e sisuda, e Maricota, uma namoradeira de mil diabos. Emquanto uma estava á costura, a outra não largava a janella, a vêr e cumprimentar uma duzia de sujeitos que lhe faziam a côrte.

Nada lhe rendendo o officio de sapateiro, Pimenta metteu-se na guarda nacional, onde foi feito cabo de esquadra, e, de accôrdo com o capitão Ambrosio, um dos mais ousados namoradores da filha, vivia de fintas aos guardas. Succedeu, que, n'um dia de sabbado de Alleluia, Faustino, empregado publico, e tambem guarda nacional, e um do mais assiduos namoradores Maricota, estava em casa della, a fazer-lhe seus protestos amorosos, quando bateu á porta o capitão Ambrosio. Faustino, não tendo

onde esconder-se, e, não querendo encontrar-se com o capitão, que o andava a perseguir por ciumes, disfarçou-se com a roupa de um judas, que estava na sala, ali deixado pelos meninos e moleques da casa. Nesta posição e trajos, ouviu toda a conversação do capitão com Maricota e soube do plano que tinham concertado os dois, eila de fugir, depois de furtar certa quantia que o pai estava juntando, e elle de recebê-la em casa e viver com ella. Depois ouviu mais o Faustino a palestra entre o capitão e Pimenta sobre os meios a empregarem para extorquir dinheiro aos guardas nicionaes, e, finalmente o grave conluio entre o mesmo Pimenta e Antonio Domingos, velho negociante larapio, para passar aquelle um masso de notas falsas, que o matreiro portuguez acabava de receber do Porto. E já não era a primeira vez que Pimenta entrava em tal negociata, de que tirava certa porcentagem. É claro que esta combinação se fazia entre os dois a sós, pois a Maricota, desde a scena anterior, tinha-se retirado, e o capitão tambem já havia saído. Este, porém, pouco depois voltava e só a muito custo lhe abriu a porta o Pimenta, que suppunha ser a policia, do que chegou a convencer-se; pois, quando o capitão bateu á porta, e o Pimenta, assustado, dizia: « *não vá ser a policia, Sr. Antonio Domingos!...* » o Faustino, disfarçando a voz, no momento em que os dois espiavam pela fechadura, e perguntavam para fóra: « *quem é?* », respondeu: « *Em nome da policia, abram!...* » A situação é a mais comica possível: o capitão de fóra furioso a bater e os dois dentro aterrados! Afinal, abrem a porta e dão esfarrapadas desculpas ao Ambrosio, que fica de pulga na orelha.

Entretanto, estavam reunidos os tres, quando tocam os sinos á *Alleluia* e toda a familia de Pimenta, meninos e moleques invadem a sala e dirigem-se ao *Judas*, para o arrastarem pelas ruas a fóra, mettendo-lhe o cacete. O Faustino, vendo os meninos e moleques perto de si, deita a correr pela sala. Geral é o espanto. Os pequenos gritam e fogem de Faustino, que dá varias voltas pela sala,

levando de atropello os presentes, até ganhar a rua. Pensam todos que é o *diabo* em carne e osso. Os meninos e moleques, chorando, escondem-se debaixo das mesas e cadeiras. Antonio Domingos e Pimenta, abraçados, rolam pelo chão. Maricota cai desmaiada e o capitão Ambrosio trepa-se n'uma commoda. Acossado na rua pela vaia publica, Faustino não tem outro remedio, senão ganhar de novo a casa do Pimenta, onde ainda encontra todos no primitivo assombro. Descobre-se e debica-os a valer, vingando-se de um por um, menos da Chiquinha que pede em casamento. Seria facil resumir, dest'arte, cada uma das nove comedias do espirituoso fluminense e documentar amplamente nosso primeiro asserto, que não se desmente, nem até em o *Noviço*, a mais avultada dellas.

Mas afinal, qual é o genero de espirito do auctor? qual o alcance geral de sua obra? como elle pensou e sentiu? que juizo fez dos homens e das coisas? Que lição nos deixou?

Eis a questão fundamental que á critica incumbe descobrir e formular, sob pena de não ser mais que um passatempo ocioso e esteril.

Martins Penna não era um temperamento philosophico. Sua visão dos homens e da sociedade não manifestá preocupações theoricas do pensamento. Nenhuma sombra sobre o eterno problema das coisas vem pousar em sua obra.

O estylo tambem não accusa jamais outra tendencia, além de uma alma galhofeira e intelligente, apta a observar o ridiculo dos homens; mas sem tirar d'ahi uma consequencia qualquer. Ri pelo gosto de rir, não como o moralista que busca doutrinar, ou o pessimista que procura castigar, ou o misanthropo que delicia-se em fazer soffrer. É o espirito comico em uma sociedade ainda nova; cheia de vicios, é certo, porém não ainda de todo corrompida. A superficie está affectada; mas as molas centraes do organismo estão intactas. Não era tambem um poeta, um

lyrico; a imaginação nunca desferia nelle o vóo para as altas regiões ethereas das douradas scismas, dos devaneios immarcessiveis.

Era um observador, já o dissemos; porém, a penetração de sua analyse nunca foi além da epiderme social.

O vasto e escuro mundo subterraneo das paixões terribes, que Eschylo e Sophocles não chegaram a vér, em cuja porta pararam Euripedes e Aristophanes, em cujo atrio ficaram Calderon e Lope de Vega ao lado de Cervantes, e um cujo interior penetraram afoitamente Shakespeare e Molière, essa pavorosa região nosso dramatasta nem sequer teve della o presentimento. Por isso o espirito nunca foi nelle a parodia reflexa da melancolia como o humor e a ironia dos grandes soffredores. O espirito nelle não passou nunca da pilheria das situações equivocas, das graças, dos ditos mais ou menos pesados, do trocadilho mais ou menos picaresco.

A gente que nos dá a cónhecer, a sociedade em que nos introduz, essa multidão, onde avultam juizes da roça, vadios dos logarejos, pequenos e grandes lavradores, roceiras namoricas, capitães-móres, estudantes, irmãos das almas, meirinhos, caixeiros traficantes, moças namoradeiras ou sonças, empregados publicos, guardas nacionaes, noviços, frades, compadres mexeriqueiros, mulheres casadas loureiras, sogras desaforadas, traficantes de negros novos, moedeiros falsos, melomaniacos, mocinhas atrevidas da pequena burguezia, viuvras gaiteras, todo esse tumultario mundo é marcado por uma só nota; a ausencia completa de uma figura saliente, notavel, poderosa em bem ou em mal.

Tudo insignificantemente mediano. Não existem os heróes da virtude, nem os potentes scelerados do crime. Nenhuma paixão ali estua ou delira. Os dois maiores apaixonados de todo o theatro de Penna são o Antonio Affonso pela musica no *Dilettante* e o Ambrosio pela fortuna de Florencia no *Noviço*; mas o primeiro é um caracter de desfructavel pouco desenvolvido pelo auctor,

e o segundo é um velhaco de pequena traça parcamente desenhado.

Não é isto censurar a Martins Penna, é conhecê-lo justificando-o. O moço fluminense não era um espirito caustico e desabusado, um bohemio pouco sério, como Gregorio de Mattos, por exemplo. Era um pacato e sóbrio empregado publico dos primeiros annos do segundo reinado, filho, pois, d'uma sociedade pouco complicada, n'uma cidade, então de quarta ordem, verdadeiramente colonial ainda, não tinha, não podia ter as demasias do outro, velho andarilho impenitente, que haurira o veneno da vida dissoluta de Lisboa e Coimbra no seculo xvii.

Penna estereotypa o seu tempo, cujos vicios e esgares comicos apprehendeu completamente. Se aceitarmos a definição de Atistoteles que — o comico é tudo que está fóra de seu tempo e de seu logar, senão envolve perigo, porque, se o envolve, passa então a ser tragico, — ninguem melhor que o comediographo fluminense o comprehendeu, porque ninguem melhor do que elle arranjou em scena tantas situações desse genero. Quasi não existe pagina de suas composições onde se nos não depare alguma e ás mais das vezes de fazer rir ás pedras.

Bem desempenhadas por actores de *verve* e talento são de provocar a gargalhada de principio a fim, especialmente a espectadores brasileiros; porque a côr local, o sainete nacional predomina em todas ellas.

O escriptor photographa o seu meio com uma espontaneidade, de pasmar, e essa espontaneidade, *esta* facilidade, quasi inconsciente e organica, é o maior elogio de seu talento. Se se perdessem todas as leis, escriptos, memorias da historia brasileira dos primeiros cincoenta annos deste seculo xix, que está a findar, e nos ficassem sómente as comedias de Penna, era possivel reconstruir por ellas a physionoma moral de toda esta época.

Nellas não existem a poesia da natureza, o vago, o sonho, as fugas para o ideal, que os proprios comicos gregos não se dedignavam de mesclar ás suas buffonarias.

Nada, por exemplo, que, de perto ou longe, lembre este hymno matinal no côro das *Nuvens* em Aristophanes, quando ellas elevam-se e saudam o universo, que se lhes vae descortinando: « *Nuvens* eternas, levantemo-nos aos ares e mostremos a todas ás vistas nossas doces e vaporosas ondulações. Do seio do velho Oceano, nosso pai, do meio das vagas ruidosas, subamos aos cimos altissimos, que as florestas sombréam. D'alli veremos a terra sagrada que alimenta os fructos, os rios divinos de ondas marulhosas, o mar que muge surdamente. O sol pharol sempre acceso no fundo do ether, brilha com todos os seus raios. Separemo-nos d'esses vapores humidos que nos envolvem, e, revelando nossas fórmias immortaes, contemplemos com um olhar infinito a superficie inteira da terra. »

Não ha no auctor fluminense a poesia de Aristophanes, nem as maximas moraes de Menandro; existe, em compensação, o intenso realismo dos observadores modernos.

Vejam esta scena d'*O Juiz de Paz da Roça*: Manoel João acaba de receber a intimação para ir levar o recruta á cidade; vae fardar-se enfadado; toma a calça de ganga azul, a jaqueta de chita, os tamancos, a barretina, o cinturão com baioneta e um grande páo na mão, e vem mostrar-se todo gamenho á mulher e á filha, e, antes de partir, despedir-se d'ellas:

« *Manoel João*. — Estou fardado. Adeus, senhora, até amanhã (dá-lhe um abraço.)

*Anninha*. — Abença, meu pae.

*M. J.* — Adeus, menina.

*A.* — Como meu pae vae á cidade, não se esqueça dos sapatos francezes que me prometeu.

*M. J.* — Pois sim.

*Maria Rosa*. — De caminho compre carne.

*M. J.* — Sim, adeus, minha gente, adeus.

*M. R.* e *A.* — Adeus. (*Acompanham-no até á porta.*)

*M. J.* — (*A porta*). Não se esqueça de mexer a farinha e dar de comer ás gallinhas.

*M. R.* — Não (*sae Manoel João*).

Menina, ajuda-me a levar estes pratos p'ra dentro. São horas de tu ires colher o café, e de eu ir mexer a farinha... Vamos.

*A.* — Vamos, minha mãe... (*Andando*).

Tomara que meu pae não se esqueça dos meus sapatos... (*Saem.*) »

É photographado do natural; scenas destas contam-se ás duzias em Martins Penna.

SYLVIO ROMÉRO.

# COMEDIAS



# O JUIZ DE PAZ DA ROÇA

COMEDIA EM 1 ACTO

---

## PERSONAGENS

JUIZ DE PAZ.  
ESCRIVÃO DO JUIZ,  
MANOEL JOÃO, lavrador.  
MARIA ROSA, sua mulher.  
ANNINHA, sua filha.  
JOSÉ, amante de Anninha.  
IGNACIO JOSÉ.  
JOÃO DA SILVA.  
FRANCISCO ANTONIO.  
MANOEL ANDRÉ.  
SAMPAIO.  
THOMAZ.  
JOSEFA.  
GREGORIO.

} lavradores.

*A scena passa-se na roça.*

---

Sala com uma porta no fundo : no meio uma mesa, junto á qual  
estarão cosendo Maria Rosa e Anninha.

## SCENA I

MARIA ROSA E ANNINHA..

MARIA ROSA. — Teu pac. hoje tarda muito.

ANNINHA. — Elle disse que tinha hoje muito que fazer.

MARIA ROSA. — Pobre hómem!... mata-se com tanto  
trabalho! É quasi meio dia e ainda não voltou! Desde as  
quatro horas da manhã que sahiu! Está só com uma  
chicara de café!

ANNINHA. — Meu pae quando principia um trabalho não gosta de o largar; e minha mãe bem sabe que elle tem só o José.

MARIA ROSA. — É verdade. Os meias caras agora estão tão caros! Quando havia vallongo eram mais baratos.

ANNINHA. — Meu pae disse que, quando desmanchar o mandiocal grande, ha de comprar uma negrinha para mim.

MARIA ROSA. — Tambem já me disse.

ANNINHA. — Minha mãe já preparou a jacuba para meu pae?

MARIA ROSA. — É verdade!.... do que me ia esquecendo! Vae ali fora, e traze dois limões. (*Anninha sac.*) Se o Manoel João viesse, e não achasse a jacuba prompta, tinhamos campanha velha. Do que me tinha esquecido! (*Entra Anninha.*)

ANNINHA. — Aqui estão os limões.

MARIA ROSA. — Fica tomando conta aqui, emquanto eu vou lá dentro. (*Sac.*)

ANNINHA. — (*Só.*) Minha mãe já se ia demorando muito. Pensava que já não podia fallar com o Sr. José, que está me esperando debaixo dos cafezeiros. Mas como minha mãe está lá dentro, e meu pae não entra n'esta meia hora, posso fazel-o entrar aqui. (*Chega á porta e acena com o lenço.*) Elle ahi vem.

## SCENA II

ANNINHA E JOSÉ.

José vem com calça e jaqueta branca.

JOSÉ. — Adeus, minha Anninha! (*Quer abraçal-a.*)

ANNINHA. — Fique quieto... Não gosto d'esses brincue-dos. Eu quero casar-me com o senhor, mas não quero que me abrace antes de nos casarmos. Esta gente quando vae á côrte vem perdida! Ora diga-me, concluiu a venda do bananal que seu pae lhe deixou?

JOSÉ. — Conclui.

ANNINHA. — Se o senhor agora tem dinheiro, porque não me pede a meu paé?

JOSÉ. — Dinheiro? nem vintem!

ANNINHA. — Nem vintem! então que fez do dinheiro? É assim que me ama? (*Chora*).

JOSÉ. — Minha Anninha, não chores. Oh! se tu souhesses como é bonita a côrte!... Tenho um projecto que te quero dizer.

ANNINHA. — Qual é?

JOSÉ. — Você sabe que eu agora estou pobre como Job; e então... tenho pensado em uma coisa. Nós nos casaremos na freguezia, sem que teu paé o saiba; depois partiremos para a côrte, e lá viveremos.

ANNINHA. — Mas como! sem dinheiro?

JOSÉ. — Não te dê isso cuidado; assentarei praça nos permanentes.

ANNINHA. — E minha mãe?

JOSÉ. — Que fique raspando mandioca, que é officio leve. Vamos para a côrte, que você verá o que é bom!

ANNINHA. — Mas então que é que ha lá tão bonito?

JOSÉ. — Eu te digo: ha tres theatros, e um d'elles maior que o engenho do capitão-mór.

ANNINHA. — Oh! como é grande!

JOSÉ. — Representa-se lá todas as noites! Pois uma magica! Oh! isto é coisa grande!

ANNINHA. — O que é magica?

JOSÉ. — Magica é uma peça de muito machinismo.

ANNINHA. — Machinismo?

JOSÉ. — Sim, machinismo. Eu te explico. Uma arvore se vira em uma barraca; páos viram-se em cobras, e um homem vira-se em macaco.

ANNINHA. — Em macaco! coitado do homem!

JOSÉ. — Mas não é de verdade.

ANNINHA. — Ah! como deve ser bonito! E tem rabo?

JOSÉ. — Tem rabo, tem.

ANNINHA. — Oh! homem!

JOSÉ. — Pois o curro dos cavallinhos! isto é que é coisa grande. Ha uns cavallos tão bem ensinados que dansam, fazem medidas, saltam, fallam, etc.; porém o que mais me espantou foi ver um homem andar em pé em cima do cavallo.

ANNINHA. — Em pé? e não cae?

JOSÉ. — Não. Outros fingem-se bebados, jogam os soccos, fazem exercicios, e tudo sem cahirem. E ha um macaco chamado o macaco major, que é coisa de espantar.

ANNINHA. — Ha muitos macacos lá?

JOSÉ. — Ha, e macacas também.

ANNINHA. — Que vontade tenho eu de ver todas essas coisas!

JOSÉ. — Além d'isto ha outros muitos divertimentos. Na rua do Ouvidor ha um cosmorama, na rua de S. Francisco de Paula outro, e no largo uma casa onde se vêem muitos bichos feios, cabritos com duas cabeças, poreos com cinco pernas, etc.

ANNINHA. — Quando é que você pretende casar-se connigo?

JOSÉ. — O vigario está prompto a qualquer hora.

ANNINHA. — Então amanhã de manhã.

JOSÉ. — Pois sim. (*Cantam dentro.*)

ANNINHA. — Ah! vem meu pae. Vae-te embora antes que elle te veja.

JOSÉ. — Adeus, até amanhã de manhã.

ANNINHA. — Olhe lá, não falte. (*Sae José.*) Como é bonita a côrte! Lá é que a gente se pôde divertir, e não aqui, onde não se ouve sinão os sapos e as entanhas cantarem. Theatros, magicas, cavallos que dansam, cabeças com dois cabritos, macaco major, quanta coisa! Quero ir para a côrte!

## SCENA III

### MANOEL JOÃO E ANNINHA.

Manoel João traz uma enxada ao hombro, vem vestido de calça de ganga azul, com uma das pernas arregaçadas, japona de baeta azul, e descalço. Acompanha-o um negro com um cesto na cabeça, e uma enxada ao hombro, vestido de camisa e calça de algodão.

ANNINHA. — Abença, meu pae.

MANOEL JOÃO. — Adeus, rapariga. Onde está tua mãe?

ANNINHA. — Está lá dentro preparando a jacuba.

MANOEL JOÃO. — Vae dizer-lhe que traga, pois estou com muito calor. (*Anninha sae.*)

MANOEL JOÃO, *para o negro.* — Olá, Agostinho, leva estas enxadas lá para dentro, e vae botar este café no sol. (*Senta-se. O preto sae.*) Estou que não posso comigo; tenho trabalhado como um burro.

## SCENA IV

MANOEL JOÃO, MARIA ROSA E ANNINHA.

Maria Rosa traz uma tigella na mão.

MANOEL JOÃO. — Adeus, Sra. Maria Rosa.

MARIA ROSA. — Adeus, meu amigo. Estás muito cansado?

MANOEL JOÃO. — Muito. Dá-me cá isso.

MARIA ROSA. — Pensando que você viria muito cansado, fiz a tigella cheia.

MANOEL JOÃO. — Obrigado. (*Bebendo.*) Hoje trabalhei como gente... limpei o mandiocal, que estava muito sujo... fiz uma derrubada do lado do Francisco Antonio... limpei a valla da Maria do Rosario, que estava muita suja e encharcada, e logo pretendo colher café. Anninha?

ANNINHA. — Meu pae.

MANOEL JOÃO. — Quando acabares de jantar pega em um samborá, e vae colher o café que está á roda da casa.

ANNINHA. — Sim, senhor.

MANOEL JOÃO. — Senhora, a janta está prompta?

MARIA ROSA. — Ha muito tempo.

MANOEL JOÃO. — Pois traga.

MARIA ROSA. — Anninha, vae buscar a janta de teu pae. (*Anninha sae.*)

MANOEL JOÃO. — Senhora, sabe que mais? E' preciso casarmos esta rapariga.

MARIA ROSA. — Eu já tenho pensado n'isto; mas nós somos pobres, e quem é pobre não easa.

MANOEL JOÃO. — Sim, senhora, mas uma pessoa já me deu a entender que logo que puder abosear tres ou quatro meias caras d'estes que se dão, me havia de fallar n'isso. Com mais vagar trataremos d'este negocio. (*Entra Anninha com dois pratos e deixa-os em cima da mesa.*)

ANNINHA. — Minha mãe, a carne secca acabou-se.

MANOEL JOÃO. — Já!

MARIA ROSA. — A ultima vez veio só meia arroba.

MANOEL JOÃO. — Carne boa não faz conta, vó. Assentem-se e jantem. (*Assentam-se todos, e comem com as mãos. O jantar consta de carne secca, feijão e laranjas.*) Não ha carne secca para o negro?

ANNINHA. — Não, senhor.

MANOEL JOÃO. — Pois coma laranjas com farinha, que não é melhor do que eu. Esta carne está dura como um ouro... irra!... Um dia d'estes eu... Diabo de carne!... hei de fazer uma plantação... Lá se vão os dentes!... deviam ter botado esta carne de molho no cortejo... Que diabo de laranjas tão azedas! (*Batem á porta.*) Quem é? (*Esconde os pratos na gaveta e lambe os dedos.*)

ESCRIVÃO, *dentro*. — Dá licença, Sr. Manoel João?

MANOEL JOÃO. — Entre quem é.

## SCENA V

### OS MESMOS E O ESCRIVÃO.

ESCRIVÃO, *entrando*. — Ora Deus esteja n'esta casa.

MARIA ROSA e MANOEL JOÃO. — Amen.

ESCRIVÃO. — Um eriado da Sra. Dona e da Sra. Doninha.

MARIA ROSA e ANNINHA. — Uma sua eriado.

MANOEL JOÃO. — O senhor por aqui a estas horas é novidade.

ESCRIVÃO. — Venho da parte do Sr. juiz de paz intimá-lo para levar um recruta á cidade.

MANOEL JOÃO. — Oh, homem! não ha mais ninguem que sirva para isto?

ESCRIVÃO. — Todos se recusam do mesmo modo e o serviço no emtanto ha de se fazer.

MANOEL JOÃO. — Sim, os pobres é que pagam.

ESCRIVÃO. — Meu amigo, isto é falta de patriotismo. O senhor bem sabe que é preciso mandar gente para o Rio-Grande, quando não perdemos esta provincia.

MANOEL JOÃO. — E que me importa eu com isso? Quem as armou que as desarme!

ESCRIVÃO. — Mas, meu amigo, os rebeldes têm feito por lá horrores!

MANOEL JOÃO. — E que quer o senhor que se lhe faça? Ora é boa!

ESCRIVÃO. — Não diga isso, Sr. Manoel João, a rebelião...

MANOEL JOÃO, *gritando*. — E que me importa eu com isso?... e o senhor a dar-lhe...

ESCRIVÃO, *zangado*. — O Sr. juiz manda dizer-lhe que si não fôr, irá preso.

MANOEL JOÃO. — Pois diga com todos os diabos ao Sr. juiz que lá irei.

ESCRIVÃO, *á parte*. — Em boa hora o diga!... Apre! custou-me achar uma guarda... Ás ordens.

MANOEL JOÃO. — Um seu criado.

ESCRIVÃO. — Sentidos nos seus cães.

MANOEL JOÃO. — Não mordem.

ESCRIVÃO. — Sra. Dona, passe muito bem. (*Sae.*)

MANOEL JOÃO. — Mulher, arranja esta sala enquanto me vou fardar. (*Sae.*)

MARIA ROSA. — Pobre homem! ir á cidade sómente para levar um preso! perder assim um dia de trabalho!...

ANNINHA. — Minha mãe... p'ra que é que mandam gente presa para a cidade?

MARIA ROSA. — P'ra irem á guerra.

ANNINHA. — Coitados!

MARIA ROSA. — Não se dá maior injustiça! Manoel João está todos os dias vestindo a farda; ora p'ra levar

presos ora p'ra dar nos quilombos... é um nunca acabar!

ANNINHA. — Mas meu pae p'ra que vae?

MARIA ROSA. — Porque o juiz de paz o obriga.

ANNINHA. — Ora, elle podia ficar em casa; e se o juiz de paz cá viesse buscal-o, não tinha mais que iscar a Gihoia e a Bocca-negra.

MARIA ROSA. — És uma tolinha! e a cadêa ao depois?

ANNINHA. — Ah! eu não sabia.

## SCENA VI

MARIA ROSA, ANNINHA e MANOEL JOÃO.

Manoel João entra com a mesma calça, e com jaqueta de chita, tamancos, barretina da guarda nacional, cinturão com bayoneta e um grande páo na mão.

MANOEL JOÃO. — Estou fardado. Adeus, senhora, até amanhã. (*Dá-lhe um abraço.*)

ANNINHA. — Abença, meu pae.

MANOEL JOÃO. — Adeus, menina.

ANNINHA. — Como meu pae vae á cidade, não se esqueça dos sapatos francezes que me prometteu.

MANOEL JOÃO. — Pois sim.

MARIA ROSA. — De caminho compre carne.

MANOEL JOÃO. — Sim. Adeus, minha gente, adeus.

MARIA ROSA e ANNINHA. — Adeus! (*Acompanham-n'o até a porta.*)

MANOEL JOÃO, á porta. — Não se esqueça de mexer a farinha e dar que comer ás gallinhas.

MARIA ROSA. — Não. Adeus. (*Sae Manoel João.*) Menina, ajuda-me a levar estes pratos p'ra dentro. São horas de tu ires colher o café, e de eu ir mexer a farinha... Vamos.

ANNINHA. — Vamos, minha mãe... (*Andando.*) Tomára que meu pae não se esqueça dos meus sapatos... (*Saem*)

## SCENA VII

Sala em casa do juiz de paz : mesa no meio com papeis : cadeiras. Entra o juiz de paz vestido de calça branca, rodaque de riscado, chinelas verdes e sem gravata.

JUIZ. — Vamo-nos preparando para dar audiencia. (*Arranja os papeis.*) O escrivão já tarda ; sem duvida está na venda do Manoel do Coqueiro... O ultimo recruta que se fez já vae me fazendo peso. Nada, não gôsto de presos em casa ; podem fugir, e depois dizem que o juiz recebeu algum presente. (*Batem á porta.*) Quem é ? Pôde entrar. (*Entra um preto com um cacho de bananas e uma carta que entrega ao juiz. Este abre-a e lê.*) — « Illm. Sr. Muito me alegre de dizer a V. S. que a minha ao fazer d'esta é boa, e que a mesma desejo para V. S. pelos circumloquios com que lhe venero. (*Deixando de ler.*) Circumloquios... que nome em breve ! O que quererá elle dizer ? Continuemos. (*Lendo.*) Tomo a liberdade de mandar a V. S. um cacho de bananas maçãs para V. S. comer com a sua bocca, e dar tambem a comer á Sra. juiza e aos Srs. juizinhos. V. S. ha de reparar na insignificancia do presente ; porém, Illm. Sr., as reformas da constituição permitem a cada um fazer o que quizer, e mesmo fazer presentes ; ora, mandando assim as ditas bananas, que diz minha Theresa Ova serem muito boas. No mais receba as ordens de quem é seu venerador, e tem a honra de ser — Manoel André de Sapiruruca. » — Bom, tenho bananas para sobre-mesa. O' pae, leva estas bananas para dentro, e entrega á senhora. Toma lá um vintem para teu tabaco. (*Sae o negro.*) O certo é que é bem bom ser juiz de paz cá pela roça. De vez em quando temos nossos presentes de galinhas, bananas, ovos, etc., etc. (*Batem á porta.*) Quem é ?

ESCRIVÃO, *dentro.* — Sou eu.

JUIZ. — Ah ! é o escrivão. Pôde entrar.

## SCENA VIII

## JUIZ E ESCRIVÃO.

ESCRIVÃO. — Já intimei Manoel João para levar o preso á cidade.

JUIZ. — Bom. Agora vamos nós preparar a audiência. (*Assentam-se ambos á mesa e o juiz toca a campainha.*) Os senhores que estão lá fóra podem entrar.

## SCENA IX

## JUIZ, ESCRIVÃO E LAVRADORES.

Entram todos os lavradores vestidos como roceiros: uns de jaqueta de chitta, chapéo de palha, calças brancas, de ganga, de tamancos, e descalços; outros calçam as meias e os sapatos quando entram, etc. Thomaz traz um leitão debaixo do braço.

JUIZ. — Está aberta a audiência. Os seus requerimentos?

Ignacio José, Francisco Antonio, Manoel André e Sampaio entregam os seus requerimentos.

JUIZ. — Sr. Escrivão faça o favor de ler.

ESCRIVÃO, lendo. — « Diz Ignacio José, natural d'esta freguezia, e casado com Josefa Joaquina, sua mulher, na face da igreja, que precisa que V. S. mande a Gregorio degradado para fóra da terra, pois teve o atrevimento de dar uma embigada em sua mulher, na encruzilhada do Páo-Grande, que quasi a fez abortar, da qual embigada fez cahir a dita sua mulher de pernas para o ar. Portanto pede a V. S. mande o dito Gregorio degradado para Angola. — E. R. M. »

JUIZ. — É verdade, Sr Gregorio, que o senhor deu uma embigada na senhora?

GREGORIO. — É mentira, Sr. juiz de paz; eu não dou embigadas em bruxas.

JOSEFA. — Bruxa é a marrafona de tua mulher, mal creado! Já não se lembra que me deu uma embigada, e que me deixou uma marca roxa na barriga? Se o senhor quer ver, posso mostrar.

JUIZ. — Nada, nada, não é preciso; eu creio.

JOSEFA. — Sr. juiz, não é a primeira embigada que este homem me dá; eu é que não tenho querido contar a meu marido.

JUIZ. — Está bom, senhora, socegue. Sr. Ignacio José, deixe-se d'essas asneiras; dar embigadas não é crime classificado no código. Sr. Gregorio, faça o favor de não dar mais embigadas na senhora, quando não, arrumolhe com a lei ás costas, e metto-o na cadeia. Queiram-se retirar.

IGNACIO JOSÉ, *para Gregorio*. — Lá fora me pagarás.

JUIZ. — Estão conciliados! (*Ignacio José, Gregorio e Josefa saem.*) Sr. escrivão, leia outro requerimento.

ESCRIVÃO, *lendo*. — « O abaixo-assinado vem dar os parabens a V. S. por ter entrado com saúde no novo anno financeiro. Eu, Illm. Sr. juiz de paz, sou senhor de um sitio que está na beira do rio, onde dá muito boas bananas e laranjas, e como vem de encaixe, peço a V. S. o favor de aceitar um cestinho das mesmas, que eu mândarei hoje á tarde; mas, como ia dizendo, o dito sitio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou nas costuras, e outras coisas mais; e, vae sinão quando um meu vizinho, homem da raça de Judas, diz que metade do sitio é d'elle. E então que lhe parece, Sr. Juiz, não é desaforo? mas, como ia dizendo, peço a V. S. para vir assistir á marcação do sitio. Manoel André. — E. R. M. »

JUIZ. — Não posso deferir por estar muito atravancado com um roçado; portanto, requeira ao supplente que é o meu compadre Pantaleão.

MANOEL ANDRÉ. — Mas, Sr. juiz, tambem elle está occupado com uma plantação.

JUIZ. — Você replica? Olhe que o mando para a cadeia!

MANOEL ANDRÉ. — V. S. não póde prender-me á tóa; a Constituição não manda.

JUIZ. — A Constituição! está bem! Eu, o juiz de paz, hei por bem derogar a constituição!... Sr. escrivão, tome termo que a Constituição está derogada, e mande-me prender este homem.

MANOEL ANDRÉ. — Isto é uma injustiça.

JUIZ. — Ainda falla?... Suspendo-lhe as garantias...

MANOEL ANDRÉ. — E' desaforo...

JUIZ, *levantando-se.* — Brejeiro... (*Manoel André corre, e o juiz vai atrás.*) Péga... péga... Lá se foi! Que o leve o diabo! (*Assenta-se.*) Vamos às outras partes.

ESCRIVÃO, *lendo.* — « Diz João de Sampaio que, sendo elle senhor absoluto de um leitão que teve a porca mais velha da casa, aconteceu que o dito acima referido leitão furasse a cerca do Sr. Thomaz pela parte de traz, e, com a sem-ceremonia que tem todo o porco, forçasse a horta do mesmo senhor. Vou a respeito de dizer, Sr. juiz, que o leitão carece agora advertir, não tem culpa, porque nunca vi um porco pensar como um cão, que é outra qualidade de alimaria, e que pensa ás vezes como um homem. Para que V. S. não pense que minto, lhe conto uma historia. A minha cadella Troia, aquella mesma que escapou de morder a V. S. n'aquella noite, depois que lhe dei uma tunda, nunca mais comeu na cuia com os pequenos; mas vou a respeito de dizer que o Sr. Thomaz não tem razão em querer ficar com o leitão, so porque comeu tres ou quatro cabeças de nabo. Assim, peço a V. S. que mande entregar-me o leitão. — E. R. M. »

JUIZ. — E' verdade, Sr. Thomaz, o que diz o Sr. Sampaio?

THOMAZ. — É verdade que o leitão era d'elle porém agora é meu.

SAMPAIO. — Mas se era meu, e o senhor nem m'o comprou, nem eu lh'o dei, como pôde ser seu?

THOMAZ. — E' meu, tenho dito.

SAMPAIO. — Pois não é, não, senhor. (*Agarram ambos no leitão e puxam cada um para seu lado.*)

JUIZ, *levantando-se.* — Larguem o pobre animal, não o matem.

THOMAZ. — Deixe-me, senhor.

JUIZ. — Sr. escrivão, chame o meirinho. (*Os dois apartam-se.*) Espere, Sr. escrivão, não é preciso. (*Assenta-*

se.) Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores este leitão de presente a alguma pessoa. Não digo com isto que m'o dêem.

THOMAZ. — Lembra V. S. bem. Peça licença a V. S. para lhe offercer.

JUIZ. — Muito obrigado. É o senhor um homem de bem, que não gosta de demandas. E que diz o Sr. Sampaio?

SAMPAIO. — Vou a respeito de dizer que se V. S. aceita, fico contente.

JUIZ. — Muito obrigado, muito obrigado. Faça o favor de deixar vêr. Oh! homem! está gordo! tem toucinho de quatro dedos! Com effeito! Ora, Sr. Thomaz, eu que gósto tanto de porco com ervilhas...

THOMAZ. — Si V. S. quer, posso lhe mandar algumas.

JUIZ. — Faz-me muito favor. Tome o leitão, e bote no chiqueiro quando passar. Sabe onde é?

THOMAZ. — *tomando o leitão.* — Sim, senhor.

JUIZ. — Podem-se retirar, estão conciliados.

SAMPAIO. — Tenho ainda um requerimento que fazer.

JUIZ. — Então qual é?

SAMPAIO. — Desejava que V. S. mandasse citar a assembléa provincial.

JUIZ. — Oh! homem! citar a assembléa provincial! e para que?

SAMPAIO. — Para mandar fazer cercado de espinhos em todas as hortas.

JUIZ. — Isso é impossivel! a assembléa provincial não póde occupar-se com estas insignificancias.

THOMAZ. — Insignificancias! bem, mas os votos que V. S. me pediu para aquelles sujeitos não eram insignificancia. Então me prometeu mundos e fundos!

JUIZ. — Está bom, veremos o que poderei fazer. Queiram retirar-se. Estão conciliados; tenho mais que fazer. (*Saem os dois.*) Sr. escrivão faça o favor de... (*Levanta-se apressado, e, chegando á porta, grita para fóra.*) O' Sr. Thomaz? Não se esqueça de deixar o leitão no chiqueiro!

THOMAZ, *ao longe.* — Sim, senhor.

JUIZ, *assentando-se.* — Era muito capaz de se esquecer. Vamos, Sr. escrivão, leia outro requerimento.

E. CRIVÃO, *lendo.* — « Diz Francisco Antonio, natural

de Portugal, porém brasileiro, que tendo elle casado com Rosa de Jesus, tronxe esta por dote uma egoa. Ora, acontecendo ter a egoa de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é d'elle, só porque o dito filho da egoa de minha mulher sahio malhado como o seu cavallo. Ora, como os filhos pertencem ás mães, e a prova d'isto é que a minha escrava Maria tem um filho, que é meu, peço a V. S. maude o dito meu vizinho entregar-me o filho da egoa que é de minha mulher.

JUIZ. — E' verdade que o senhor tem o filho da egoa preso?

JOSÉ DA SILVA. — E' verdade; porem o filho me pertence, pois é meu, que é do cavallo.

JUIZ. — Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA. — Mas, Sr. juiz...

JUIZ. — Nem mas, nem meio mas; entregue o filho, sinão cadêa.

JOSÉ DA SILVA. — Eu vou queixar-me ao presidente

JUIZ. — Pois vá, que eu tomarei a appellação.

JOSÉ DA SILVA. — E eu embargo.

JUIZ. — Embargue ou não embargue, embargue com trezentos mil diabos, que eu não concederei revista no auto do processo.

JOSÉ DA SILVA. — Eu lhe mostrarei, deixe estar.

JUIZ. — Sr. escrivão, não dé amnistia a este rebelde, e mande-o agarrar para soldado.

JOSÉ DA SILVA, *com humildade*. — V. S. não se arreogue. Eu entregarei o pequirá.

JUIZ. — Pois bem, retirem-se; estão conciliados. (*Saem os dois.*) Não ha mais ninguem? Bom! Está fechada a sessão. Hoje cançaram-se.

MANOEL JOÃO, *dentro*. — Dá licença?

JUIZ. — Quem é? Póde entrar.

## SCENA X

JUIZ, ESCRIVÃO E MANOEL JOÃO.

MANOEL JOÃO, *entrando*. — Um criado de V. S.

JUIZ. — Oh! é o senhor? Queira ter a bondade de

esperar um pouco, enquanto vou buscar o preso. (*Abre uma porta do lado.*) Queira sahir para fóra.

## SCENA XI

OS MESMOS E JOSÉ.

JUIZ. — Aqui está o recruta; leve-o para a cidade, deixe-o no quartel do campo de Santa Anna, e vá levar esta parte ao general. (*Dá-lhe um papel.*)

MANOEL JOÃO. — Sim, senhor. Mas, Sr. juiz, isto não podia ficar para amanhã? Hoje já é tarde, pôde anoitecer no caminho, e o sujeitinho fugir.

JUIZ. — Mas onde ha de elle ficar? Bem sabe que não temos cadêa.

MANOEL JOÃO. — Isto é o diabo!

JUIZ. — Só se o senhor quizer leval-o para sua casa, e prendel-o até amanhã ou n'um quarto, ou na casa da farinha.

MANOEL JOÃO. — Pois bem, levarei.

JUIZ. — Sentido, que não fuja.

MANOEL JOÃO. — Sim, senhor. Rapaz, acompanha-me. (*Saem Manoel João e José.*)

JUIZ. — Agora, vamos nós jantar. (*Quando se dispõem a sahir batem à porta.*) Mais um! Estas gentes pensam que um juiz é de ferro. Entre quem é.

## SCENA XII

JUIZ, ESCRIVÃO E JOSEFA.

Josepha entra com tres gallinhas penduradas na mão,  
e uma cuiá com ovos.

JUIZ. — Ordena alguma coisa?

JOSEPHA. — Trazia este presente para o Sr. juiz. Queira perdoar não ser coisa capaz. Não trouxe mais

porque a peste den lá em casa que só ficaram estas que trago, e a carijó, que ficou chocando.

JUIZ. — Está bom! muito obrigado pela sua lembrança. Quer jantar?

JOSEFA. — V. S. faça o seu gosto, que este é o meu, que já fiz em casa.

JUIZ. — Então com sua licença.

JOSEFA. — Uma sua criada. (Sae.)

JUIZ, *com as gallinhas nas mãos*. — Ao menos com esta visita luerei. Sr. escrivão, veja como estão gordas!... levam a mão abaixo. Que diz?

ESCRIVÃO. — Parecem uns perús.

JUIZ. — Vamos jantar. Traga esses ovos. (Saem.)

### SCENA XIII

Na casa de Manoel João. Entram Maria Rosa e Anninha com um samborá na mão.

MARIA ROSA. — Estou moida! já mexi dous alqueires de farinha.

ANNINHA. — Minha mãe, aqui está o café.

MARIA ROSA. — Bota ahi. Onde estará aquelle maldito negro?

### SCENA XIV

MARIA ROSA, ANNINHA, MANOEL JOÃO E JOSÉ.

MANOEL JOÃO. — Deus esteja n'esta casa.

MARIA ROSA. — Manoel João!

ANNINHA. — Meu pae!

MANOEL JOÃO, *para José*. — Faça o favor de entrar.

ANNINHA, *à parte*. — Meu Deus, é elle!

MARIA ROSA. — Que é isto! não foste para a cidade?

MANOEL JOÃO. — Não, porque era tarde, e não queria que este sujeito fugisse no caminho.

MARIA ROSA. — Então quando vaes?

MANOEL JOÃO. — Amanhã de madrugada. Este amigo dormirá trancado n'aquelle quarto. Onde está a chave?

MARIA ROSA. — Na porta.

MANOEL JOÃO. — Amigo, venha cá. (*Chegando á porta do quarto.*) Ficaré aqui até amanhã; lá dentro ha uma cama; entre. (*José entra.*) Bom, está seguro. Senhora, vamos para dentro contar quantas duzias temos de bananas para levar amanhã para a cidade. A chave fica em cima da mesa; lembrem-me, se me esquecer. (*Saem Manoel João e Maria Rosa.*)

ANNINHA. — Vou dar-lhe escapúla... mas como se deixou prender? Elle me contará. Vamos abrir. (*Péga na chave que está sobre a mesa e abre a porta.*) Saia para fóra.

## SCENA XV

ANNINHA E JOSÉ.

JOSÉ. — Oh! minha Anninha, quanto te devo!

ANNINHA. — Deixemo-nos de cumprimentos. Diga-me: como se deixou prender?

JOSÉ. — Assim que botei os pés fóra d'esta porta, encontrei com o juiz, que me mandou agarrar.

ANNINHA. — Coitado!

JOSÉ. — E se teu pae não fosse incumbido de me levar, estava perdido; havia de ser soldado por força.

ANNINHA. — Si nós fugissemos agora para nos casarmos?

JOSÉ. — Lembras muito bem. O vigario a estas horas está na igreja, e póde fazer-se tudo com brevidade.

ANNINHA. — Vamos, antes que meu pae venha.

JOSÉ. — Vamos. (*Saem correndo.*)

## SCENA XVI

MARIA ROSA, E DEPOIS MANOEL JOÃO.

MARIA ROSA, *entrando*. — Oh! Anninha? Anninha? Onde está esta maldita? Anninha?... Mas que é isto? Esta porta aberta! Ah, Sr. Manoel João, Sr. Manoel João!

MANOEL JOÃO, *dentro*. — O que é lá?

MARIA ROSA. — Venha cá depressa.

MANOEL JOÃO, *em mangas de camisa*. — Então que é?

MARIA ROSA. — O soldado fugiu!

MANOEL JOÃO. — Que dizes, mulher?

MARIA ROSA, *apontando para a porta*. — Olhe!

MANOEL JOÃO. — O' diabo!... (*Chega-se para o quarto*.) É verdade! fugiu! Tanto melhor, não terei o trabalho de o levar a cidade.

MARIA ROSA. — Mas elle não fugiu só.

MANOEL JOÃO. — Eim?!

MARIA ROSA. — Anninha fugiu com elle.

MANOEL JOÃO. — Anninha?

MARIA ROSA. — Sim.

MANOEL JOÃO. — Minha filha fugir com um vadio d'aquelles! Eis-aqui o que fazem as guerras do Rio-Grande!

MARIA ROSA. — Ingrata!

MANOEL JOÃO. — Dê-me lá minha jaqueta e meu chapéo, que quero ir á casa do juiz de paz fazer queixa do que nos succede. Hei de mostrar áquelle mequetrefe quem é Manoel João... Vá, senhora, não esteja a chorangingar.

## SCENA XVII

MANOEL JOÃO, MARIA ROSA, JOSÉ E ANNINHA.

José e Anninha, entrando, ajoelham-se aos pés de Manoel João.

AMBOS. — Senhor!

MANOEL JOÃO. — Que é lá isso!

ANNINHA. — Meu pae, aqui está o meu marido.

MANOEL JOÃO. — Teu marido?

JOSÉ. — Sim, senhor, seu marido... Ha muito tempo que nos amamos, e sabendo que não nos darieis os vossos consentimentos, fugimos, e casámos na freguezia.

MANOEL JOÃO. — E então!... Agora peguem-lhe com um trapo quente. Está bom, levantem-se; já agora não ha remedio.

Anninha e José levantam-se. Anninha vae abraçar a mãe.

ANNINHA. — E minha mãe me perdôa?

MARIA ROSA. — E quando é que eu não hei de perdoar-te? não sou tua mãe? (*Abraçam-se.*)

MANOEL JOÃO. — E' preciso agora irmos dar parte ao juiz de paz que você já não pôde assentar praça, porque esta casado. Senhora, vá buscar minha jaqueta. (*Sae Maria Rosa.*)

JOSÉ. — E' dizer-lhe tambem que fico na sua companhia.

MANOEL JOÃO. — Então o senhor conta viver á minha custa, e com o meu trabalho?

JOSÉ. — Não, senhor... tambem tenho braços para o ajudar; e se o senhor não quer que eu aqui viva, irei para a côrte.

MANOEL JOÃO. — E que vae ser là?

JOSÉ. — Quando não possa ser outra coisa... serei ganhador da guarda nacional; cada ronda rende 1\$000, e uma guarda 3\$000.

MANOEL JOÃO. — Ora, vá-se com os diabos, não seja tolo.

Entra Maria Rosa, de chale, e com a jaqueta e o chapéo.

MARIA ROSA. — Aqui está.

MANOEL JOÃO, *depois de vestir a jaqueta.* — Vamos para casa do juiz.

TODOS. — Vamos. (*Saem.*)

## SCENA XVIII

### JUIZ DE PAZ E O ESCRIVÃO.

Casa do Juiz.

JUIZ, *entrando.* — Agora que estamos com a pança cheia, vamos trabalhar um pouco. (*Sentam-se á mesa.*)

ESCRIVÃO. — V. S. vae amanhã á cidade?

JUIZ. — Vou, sim; quero-me aconselhar com um letrado para saber como hei de despachar alguns requerimentos que cá tenho.

ESCRIVÃO. — Pois V. S. não sabe despachar?

JUIZ. — Eu? Ora essa é boa!... Eu entendo cá d'isso! Ainda quando é algum caso de embigada, passe; mas actos serios, é outra coisa. Eu lhe conto o que me ia acontecendo um dia. Um meu amigo me aconselhou que, todas as vezes que eu não soubesse dar um despacho, que desse o seguinte: — Não tem lugar. — Um dia apresentaram-me um requerimento de certo sujeito, queixando-se que sua mulher não queria viver com elle, e etc.; eu, não sabendo que despacho dar, dei o seguinte: — Não tem lugar. — Isto mesmo é o que queria a mulher; porém fez uma bulha de todos os diabos; foi á cidade, queixou-se ao presidente, e eu estive quasi não quasi suspenso. Nada! não me acontece outra!

ESCRIVÃO. — V. S. não se envergonhia sendo um juiz de paz?

JUIZ. — Envergonhar-me de que? O senhor ainda está muito de cór! Aqui para nós, que ninguem nos ouve: quantos juizes de direito ha, por estas comarcas, que não sabem onde têm a mão direita? quanto mais juizes de paz! e, além d'isso, cada um faz'o que sabe. (*Batem.*) Quem é?

MANOEL JOÃO, *dentro*. — Um criado de V. S.

JUIZ. — Póde entrar.

## SCENA XIX

OS MESMOS, MANOEL JOÃO, MARIA ROSA,  
ANNINHIA E JOSE.

JUIZ, *levantando-se*. — Então que é isto? Pensava que já estava longe d'aqui!

MANOEL JOÃO. — Não senhor, ainda não fui.

JUIZ. — Isso vejo eu.

MANOEL JOÃO. — Este rapaz não póde ser soldado.

JUIZ. — Oh!... uma rebellião?... Sr. escrivão mande convocar a guarda nacional, e officie ao governo.

MANOEL JOÃO. — V. S. não se afflija; este homem está casado.

JUIZ. — Casado!

MANOEL JOÃO, — Sim, senhor, e com minha filha.

JUIZ. — Ah! então não é rebellião; mas sua filha casada com um biltre d'estes?

MANOEL JOÃO. — Tinha-o preso no meu quarto para leval-o amanhã para a cidade; porém a menina, que foi mais esperta, furtou a chave, e fugiu com elle.

ANNINHA. — Sim, senhor juiz, ha muito tempo que o amo, e como achei occasião, aproveitei.

JUIZ. — A menina não perde occasião! Agora o que está feito, está feito. O senhor não irá mais para a cidade, pois está casado. Assim, não fallemos mais n'isso. Já que estão aqui, hão de fazer o favor de tomar uma chicara de café commigo, e dansaremos antes d'isso uma tyranna. Vou mandar chamar mais algumas pessoas para fazer a roda maior. (*Chega á porta.*) Oh Antonio? vae á venda do Sr. Manoel do Coqueiro, e dize aos senhores que ha pouco sahiam d'aqui que façam o favor de chagar até cá. (*Para José.*) O senhor queira perdoar se o chamei biltre; já aqui não está quem fallou.

JOSÉ. — Eu não me escandaliso. V. S. tinha de algum modo razão; porém eu me emendarei.

MANOEL JOÃO. — E se não se emendar, tenho um relho.

JUIZ. — Sra. Dona, queira perdoar se ainda não cortejei. (*Cumprimenta.*)

MARIA ROSA, *cumprimentando.* — Uma criada de S. Ex.

JUIZ. — Obrigado, minha senhora. Ahi chegam os amigos.

## SCENA XX

OS MESMOS E OS QUE ESTIVERAM EM SCENA.

JUIZ. — Sejam bem vindos, meus senhores. (*Cumprimentam-se.*) Eu os mandei chamar para tomarem uma chicara de café commigo, e dansarmos um fado em ob-

sequio ao Sr. Manoel João, que casou sua filha hoje.

**TODOS.** — Obrigado a V. S.

**IGNACIO JOSÉ, a Manoel João.** — Estimarei que sua filha seja feliz.

**OS OUTROS.** — Da mesma sorte.

**MANOEL JOÃO.** — Obrigado.

**JUIZ.** — Sr. escrivão, faça o favor de ir buscar a viola. (*Sae o Escrivão.*) Não façam cerimonia; supponham que estão em suas casas; haja liberdade. Esta casa não é agora do juiz de paz, é de João Rodrigues. Sr. Thomaz, faz-me o favor? (*Thomaz chega-se para o juiz, e este o leva para um canto.*) O leitão ficou no chiqueiro?

**THOMAZ.** — Ficou, sim senhor.

**JUIZ.** — Bom! (*Para os outros.*) Vamos arranjar a roda. A noiva danará commigo, e o noivo com sua sogra. O' Sr. Manoel João? arranje outra roda... vamos, vamos! (*Arranjam as rodas; o escrivão entra com uma viola.* Os outros senhores abanquem-se. Sr. escrivão, ou toque ou dê a viola a algum dos senhores. Um fado bem rasgadinho... bem choradinho...

**MANOEL JOÃO.** — Agora sou eu gente!

**JUIZ.** — Bravo, minha gente! toque, toque!

Um dos actores toca a tyranna na viola, os outros batem palmas e caquinhos e os mais dansam.

#### TOCADOR, cantando

Caninha, minha senhora  
Da maior veneração;  
Passarinho foi-se embora  
Deixou-me as pennas na mão.

#### TODOS

Se me dá que comê,  
Se me dá que bebê,  
Se me paga a casa,  
Vou morar com você. (*Dansam.*)

**JUIZ.** — Assim, meu povo! Esquenta, esquenta!

**MANOEL JOÃO.** — Aferventa!

TOCADOR, *cantando*.

Em cima d'aquelle morro  
Tem um pé de ananaz;  
Não ha homem n'este mundo  
Como o nosso juiz de paz.

TODOS.

Se me dá que comê,  
Se me dá que bebê,  
Se me paga a casa,  
Vou morar com você!...

JUIZ. — Aferventa! Aferventa!...



# A FAMÍLIA E A FESTA DA ROÇA

COMEDIA EM UM ACTO

---

## PERSONAGENS

DOMINGOS JOÃO, fazendeiro.	PEREIRA.
JOANNA DA CONCEIÇÃO, sua mulher.	SILVA.
QUITERIA, sua filha.	CAPITÃO-MOR.
JUCA, estudante de medicina.	FILHA DO CAPITÃO-MOR.
ANTONIO DO PAO D'ALHO.	UMPREGOEIRO DE LEILAO.
ANGÉLICA, curandeira.	IMPERADOR DO ESPIRITO
IGNACINHO, filho de Domin- gos João.	SANTO, personagem muda.
	LAVRADOR, etc.

*A scena passa-se na roça.*

---

O theatro representa a sala de uma casa da roça mesquinhamente mobiliada com mesa e cadeira de páo. Domingos João, sentado á mesa, estará vestido de calças de riscado e japona de baetão azul.

## SCENA I

DOMINGOS JOÃO. — Muito mal vamos nós n'este anno! As enchentes têm aprodrecido as cannas; o café tem morrido no pé e seccado; o arroz, n'isso não fallemos! está tudo alagado, entende o senhor? Não bastava para afflicção de um pobre fazendeiro, as enchentes, seccas, e o mais; era também preciso que soffresse a falta de pagamentos de seus foreiros. Os diabos os levem, junto com as suas choradeiras! Não pagam o fóro dois, tres annos, e no fim das contas safam-se com um filhinho, que é mesmo uma lesma, e a senhora que seja madri-

nha! Não se dá maior desaforo! Minha comadre p'ra cá, minha comadre p'ra lá, seu afilhado p'ra aqui, seu afilhado p'ra acolá, e com estas, e outras choromingadeiras, entremeadas com um ovo ou uma banana que trazem de presente, pagam-nos, e faça Deus bom tempo! Isto não vae bem, entende o senhor? Pretendo amanhã botar café para baixo; porém o diabo das estradas estão mesmo como a cara de quem as fez. Na verdade ha gente muito tola! Se agora temos estradas más, sendo ellas de terra, quanto mais sendo ellas de vapor! Ora, não se dá maior asneira: estrada de vapor! e dizem que também ha carros! Os homens perderam o juizo. Por isso é que ha tantas rugas. (*Levanta-se.*) Meio dia não tarda, e é tempo de chamar a gente do eito, pois os sões d'agora são o diabo! Mais vale trabalhar pouco, e são, que nada, e doente. Vamos dar meio dia. (*Chegu-se para uma janella, no meio da qual estará pendurado um sino, e dá 12 budaladas.*) Bom! Veremos o que se fez hoje... Já me vae faltando gente. É preciso ir um d'estes dias á cidade, p'ra ver se posso comprar alguns meias caras. O máo é estarem elles tão caros. Não importa, o que não tem remedio, remediado está, entende o senhor?

## SCENA II

JOANNA, DA CONCEIÇÃO E O MESMO.

JOANNA, *entrando*. — Não se dá maior desaforo! não se dá maior desaforo!

DOMINGOS JOÃO. — Que tem, senhora?

JOANNA. — Pois não é assim, Sr. Domingos João, pois não é assim!

DOMINGOS JOÃO. — Assim o que, Sra. Joanna?

JOANNA. — Olhe! hontem botei duas gallinhas no chôco, e hoje todos os ovos quebrados!

DOMINGOS JOÃO. — E quem os quebrou?

JOANNA. — Quem havia de ser senão o demoninho do moleque?

DOMINGOS JOÃO. — Pois dê-lhe uma surra, entende a senhora?

JOANNA — Isso já eu fiz.

DOMINGOS JOÃO. — Pois então não grite tanto... Escute. As saccas que dei para fazer estão todas promptas?

JOANNA. — Só faltam dez.

DOMINGOS JOÃO. — Pois aprompte todas, que amanhã boto café para baixo; entende a senhora?

JOANNA. — Quiteria as está acabando.

DOMINGOS JOÃO. — Bom... Já que estamos sós, quero-lhe dizer uma coisa. Não lhe parece que a Quiteria, depois que passou dois dias em S. João Itaborahy, está tão cheia de flatos e me deixes?

JOANNA. — Assim é, Sr. Domingos.

DOMINGOS JOÃO. — Já me vão aborrecendo tantos momentos. Quando o Antonio do Páo d'Alho voltar do destacamento, hei de coneluir o casamento que, ha muito tempo, desejo fazer.

JOANNA. — Ora, Sr. Domingos João, deixe d'isso. Pois Quiteria ha de se casar com um homem tão feio?

DOMINGOS JOÃO. — Feio ou não feio, tem um sitio com seis escravos, e é muito trabalhador; assim, este casamento se ha de fazer, entende a senhora?

JOANNA. — Entendo; porém...

DOMINGOS JOÃO. — Qual porém nem meio porém! N'esta casa, graças a Deus, sou eu senhor, entende a senhora? Irra! ninguem me dá leis! aqui sou senhor absoluto!

JOANNA. — Não estou fóra d'isso. Mas, olhe, se nossa filha fosse uma menina...

DOMINGOS JOÃO, *interrompendo-a*. — Chiton! Ella ahi vem, e um pae não deve dar confianças á filha.

### SCENA III

#### QUITERIA E OS MESMOS.

Entra Quiteria, vestida da maneira seguinte: vestido de riscadinho muito comprido e mangas muito justas, até os cotovellos, penteado em cima da cabeça e alto bastante, cachos á inglaterra, desproporcionadamente compridos.

QUITERIA. — Minha mãe, o panno não chegou para aear as saccas. O que vosmineê deixou, só deu para oito.

DOMINGOS JOÃO. — O que falta nas saccas tem a menina no vestido.

QUITERIA, *com temor*. — Mas, meu pae, isto é moda na côrte...

DOMINGOS JOÃO. — Modas... modas... não quero modas em minha casa! E estes cabellos, que parecem liuguigas, também são da moda?

QUITERIA. — São, sim senhor. Quando estive em S. João de Itaboraí vi duas moças assim.

DOMINGOS JOÃO. — Viste, heim! o culpado fui eu em te deixar lá ir.

JOANNA. — Deixe ella, Sr. Domingos João, bem vê que é menina.

DOMINGOS JOÃO. — Vejamos se esta trata de suas obrigações. (*Para Quiteria.*) A negra que está doente já tomou o purgante?

QUITERIA. — Já, sim, senhor.

DOMINGOS JOÃO. — Os perusinhos já comeram ovo?

QUITERIA. — Duas vezes.

DOMINGOS JOÃO. — Assim é que eu gosto d'uma rapariga. Vá a-sim, que vae muito bem, e terá casa. Uma menina *economia*, com um marido, como o que eu te quero dar, ha de fazer fortuna.

QUITERIA. — Pois meu pae quer me casar?

DOMINGOS JOÃO. — Que lhe importa?

JOANNA. — Está bom, não precisa zangar-se tanto. Sim, minha filha, teu pae quer te casar com o Antonio do Pão d'Alho, que está agora destacado na côrte. Enfim, quando elle vier trataremos d'isto com mais vagar.

QUITERIA. — Ora esta, meu Deus!

DOMINGOS JOÃO. — Eim! replicas?...

## SCENA IV

### IGNACINHO E OS MESMOS.

*Entra Ignacinho vestido da seguinte maneira: calça de ganga azul arregaçada até o joelho em uma das pernas, jaqueta encarnada, chapéu de palha, tamancos, e um grande chiquera, ou chicote de cabo de pão.*

IGNACINHO. — Abença, meu pae.

DOMINGOS JOÃO. — Adeus, Ignacinho.

IGNACINHO. — Abença, minha mãe.

JOANNA. — Benção te cubra.

IGNACINHO. — Toma, Quitéria, estas duas goiabas que apanhei no caminho. (*Dá duas goiabas.*)

QUITÉRIA. — Muito obrigada. A pomba rôla não cahiu no laço?

IGNACINHO. — Não.

DOMINGOS JOÃO. — Dize, rapaz... o que se fez hoje?

IGNACINHO. — Os dois carros de canna ficaram plantados, e colheu-se dez arrobas de café.

DOMINGOS JOÃO. — Bom.

IGNACINHO. — O peor foi morder uma cobra á Maria.

OS TRES. — Uma cobra!

QUITÉRIA. — Coitada da Maria!

IGNACINHO. — Porém não foi nada; logo se botou remédio, e a cobra não era das venenosas.

JOANNA. — Que susto me metteste!

DOMINGOS JOÃO. — E onde mordeu a cobra?

IGNACINHO, *mostrando*. — Aqui mesmo no peito do pé. Estava ella apanhando café e quando mal se precatava, a cobra fez... nhaco!

JOANNA. — Para onde foi a negra Maria?

IGNACINHO. — Mandei que fosse para a sua senzala.

DOMINGOS JOÃO. — Fizeste bem. Já sabes que amanhã bota-se café para baixo?

IGNACINHO. — Amanhã?

DOMINGOS JOÃO. — Amanhã, sim. Manda apanhar os burros no cercado, para amanhã não custarem tanto a sahir.

JOANNA. — Quantos burros vão?

IGNACINHO. — E' verdade...

DOMINGOS JOÃO. — Bastam dez; temos pouco café. Anda, vae dar ordem...

IGNACINHO, *chega á porta, e grita fortemente para dentro*. — O' José... ó José.

DENTRO AO LONGE. — Senhor...

IGNACINHO. — Vae ao cercado, apanha dez burros, e fecha-os na estribaria.

DENTRO. — Sim, senhor.

DOMINGOS JOÃO. — Agora vá descansar um pouco, entende o senhor?

IGNACINHO. — Senhor, *sim!* (*Sae.*)

DOMINGOS JOÃO. — Menina, *aprompte* a roupa para o seu irmão levar, *entende* a senhora?

QUITERIA. — *Sim*, meu pae.

JOANNA. — *Quantos dias* *vae elle lá ficar*, para *saber-se* *que roupa é precisa?*

DOMINGOS JOÃO. — *Poucos dias*. *Assim*, é *bastante* *uma camisa*, *uma calça* e *umaceroula*.

JOANNA. — *Já ouviste*, *Quiteria?*

QUITERIA. — *Já minha mãe*; *quer que vá já?*

JOANNA. — *Logo mais*.

DOMINGOS JOÃO. — *D'esta vez* *serei mais feliz* *na minha* *venda* *que da outra*. *Tomára eu* *que o Ignacinho* *não trouxesse* *de lá dinheiro* *de papel*. *Não ha nada* *de que eu tenha* *mais raiva*. *Está um homem* *trabalhando*; *vem um aguaceiro*, e *está tudo perdido*. *E eu*, *senhora*, *que nunca* *pude entender* *esta historia* *de cambio...* *Uma hora* *é cinco* *por cento*, *outra hora* *dez*, *agora o papel* *vale mais*, *logo vale menos*; *enfim*, *é uma coisa* *que elles lá sabem*.

QUITERIA, *muito esperitada*. — *Eu sei*, meu pae.

DOMINGOS JOÃO. — *Tu!*... *Então* *o que é?*

QUITERIA. — *Quando eu estive* *em S. João de Itaboraity*, *ouvi dizer* *que o papel moeda* *era o mesmo* *que republica*.

DOMINGOS JOÃO. — *Cala a bocca*, *tola!*... *Senhora*, *não se esqueça* *de lembrar* *amanhã* *ao Ignacinho* *que traga* *verdete* *e jalapa* *da cidade*, *pois o que* *tinhamos já* *se acabou*, e *agora se precisa* *para os doentes*.

## SCENA V

### JUCA E OS MESMOS.

*Juca entra* *com calças pretas*, *fraque branco*, *bonnet*, *uma espingarda* *ao hombro*, *polvorinho* e *chumbeiro*.

JUCA. — *Bons dias*, *minhas senhoras*.

DOMINGOS JOÃO E JOANNA. — *Quem é?*... *Ah!* *é o Sr. Juca!*

JUCA. — *Elle mesmo*.

JOANNA. — Quando chegou?

JUCA. — Hontem.

DOMINGOS JOÃO. — Seu pae está bom?

JUCA. — Achei-o com saude.

DOMINGOS JOÃO. — Sim, que ainda hontem estive com elle.

QUITERIA. — Sr. Juca vem ficar muito cá?

DOMINGOS JOÃO. — Que te importa?

JUCA. — Vim passar as ferias do Espirito-Santo.

DOMINGOS JOÃO. — Então... como vamos de estudos?

JUCA. — Bem. Já estou no segundo anno de medicina.

JOANNA. — Então já é doutor?

JUCA. — Um pouco, um pouco...

DOMINGOS JOÃO. — Não era, porém, melhor que em vez de ir estudar, ficasse cá ajudando seu pae?

JUCA. — Isso ao depois; o tempo não se acaba.

DOMINGOS JOÃO. — É verdade, mas se...

JOANNA, *interrompendo-o*. — Diga-me, Sr. doutor, quando é que volta de uma vez para cá?

JUCA. — Não é tão cedo, Sra. D. Joanna.

DOMINGOS JOÃO. — Anda caçando?... mas tome sentido como anda no matto; armas de fogo não são para brincados.

QUITERIA. — Minha mãe, pergunte ao Sr. Juca se não está suado, se quer tomar alguma coisa.

JOANNA. — O senhor quer um copo de licor?...

JUCA. — Se fizer o favor...

JOANNA. — Quitéria, vae buscar aquella garrafa de licor que veio o anno passado da cidade.

QUITERIA. — Eu vou. (*Sae.*)

DOMINGOS JOÃO. — Sr. Juca, é preciso acabar os seus estudos quanto antes, é vir ajudar seu pae, que já está velho. Boa occasião de saber eu uma coisa, já que o senhor é doutor.

JUCA. — Diga o que é, Sr. Domingos João.

DOMINGOS JOÃO. — Escute... No anno passado comprei um sitio a José Pinote por quatro doblas, para pagar duas doblas no fim de seis mezes, e duas no fim de um anno. Ora, quando elle me vendeu o sitio, disse-me que tinha cincoenta braças de testada e cem de fundo; porém eu mandei medir pelo piloto, e este só achou qua-

renta de testada e oitenta de fundo. Agora, quero que me diga se eu devo ou não pagar as quatro doblas por inteiro, entende o senhor?

JUCA. — Mas eu não lhe posso dizer isto, porque não sou formado em leis.

DOMINGOS JOÃO. — Pois o senhor não é doutor?

JUCA. — Sim, porém eu estudo medicina, para curar os doentes, e não para ser letrado.

DOMINGOS JOÃO. — Então não é doutor, é licenciado. Ora, que doutor que não sabe dar um conselho!

JOANNA. — Mas, Sr. Juca, a Angelica sabe curar muito, e nunca foi estudar.

JUCA. — A Angelica é uma embusteira.

JOANNA. — Embusteira, não senhor, que ainda hontem benzeu o filho da Senhorinha de quebranto, e n'um instante ficou bom.

JUCA. — Pois eré também em quebranto?

JOANNA. — Então!

## SCENA VI

### QUITERIA E OS MESMOS.

QUITERIA. — Minha mãe, não acho o licor.

JOANNA. — Essa é boa! pois onde o procuraste?

QUITERIA. — Na despensa e no armario grande.

JOANNA. — Não viste direito.

JUCA. — Deixe estar, Sra. D. Joanna, não se incomode.

QUITERIA. — Procurei bem. Na despensa não achei uma só garrafa, e no armario só estão duas com aguar-dente de canna, e uma já pelo meio.

JOANNA. — Eu vou contigo e hei de achar.

JUCA. — Não se incommode.

DOMINGOS JOÃO. — Não faça cerimonia, entende o senhor? Vae, mulher.

JOANNA, *para Juca.* — Com sua licença. (*Sae com Quiteria.*)

DOMINGOS JOÃO. — Como vae aquillo lá por baixo? O

café tem subido de preço ou não? E os assucares como vão?

JUCA. — Creio que bem.

DOMINGOS JOÃO. — Cré!... esta não é má! pois que faz o senhor?

JUCA. — Estudo.

DOMINGOS JOÃO. — Bom estudo, que nem ao menos sabe a principal coisa, que é o preço do café. Oh! lembro-me de uma coisa, agora por fallar em café. Faça favor de esperar aqui alguns instantes, enquanto eu vou lá dentro dar algumas ordens á tropa que desce amanhã. Não faça cerimonia; pôde estar a seu gosto; sem mais. (*Sae.*)

## SCENA VII

JUCA, só.

JUCA, *sentando-se*. — Estou emfim na roça... Muito gósto eu d'isto depois de estar quatro ou cinco mezes na cidade; e como não hei de gostar se é aqui que vive Quiteria? Mas que diabo tinha ella na cabeça, que não estava tão bonita como nos outros dias? Ah! agora me lembro, eram as marrafas compridas, e o penteado alto. Pôde-se vêr estas meninas cá da roça; em pilhando uma modasinha, vão, vão, até darem no ridiculo. De um vestido comprido são capazes de fazer um de cauda, e de um penteado alto, um andor. Comtudo, Quiteria é bem galante! Na cidade vi muita moça bonita, porém nenhuma me agradou tanto; e demais, ella ama-me com sinceridade, pois só ama a minha pessoa e não o meu dinheiro. Na cidade!... isso se fia mais fino! Ha meninorias finas como lâ de kagado! Muitos agrados, carinhos, cartas cheias de ditinhos amorosos e tão eloquentes que fariam inveja ao maior litterato; citações de M<sup>me</sup> de Genlis, M<sup>me</sup> de Staël, de Lanartine, porém amor verdadeiro... por um oculo! Principia um pobre rapaz a amar uma moça; e que faz ella? indaga se é empregado, quanto tem de ordenado, quanto de he-

rança, e, sendo coisa que faça conta, ahí a temos ter-na, carinhosa, chorosa, flatulenta, enfim tudo quanto lhe vem á cabeça põe em pratica, sómente para mais nos prender; porem se ellas sabem que temos só por fortuna um coração amante e sincero, e quanto basta para viverem duas pessoas honestamente, mas sem luxo, adeus minhas encommendas, leva tudo o diabo! Batem com as janellas na cara, voltam as costas, não respondem quando se lhe falla, e porque tudo isto? Porque o pobre coitado não tem dinheiro bastante para depois de casado levar-as ao baile dos Estrangeiros, do *Catete*, ao theatro, ás partidas, e cada vez com um vestido novo, porque é feio e fica mal andar duas vezes com o mesmo vestido! Nada, não me pilham! Eu quero casar-me com uma moça que comprehenda o meu coração, que me ame por mim mesmo, e que faça a minha felicidade. Já achei o que procurava, e, se pudesse verificar o meu intento, ah! eu seria feliz, e continuaria com mais vontade os meus estudos.

## SCENA VIII

JOANNA, QUITERIA E JUCA.

Entram Joanna com um prato branco e um copo dentro, e Quiteria com uma garrafa.

JOANNA. — Sr. Juca, queira perdoar se me demorei tanto.

JUCA, *levantando-se*. — Esta é boa, minha senhora!

JOANNA. — Tome um calisinho d'este licor; Quiteria, despeja.

Quiteria deita licor no copo, e Joanna offerece a Juca; este bebe, agradece, e Joanna e Quiteria fazem uma mesura e põem a garrafa e o copo sobre a mesa.

JOANNA. — Talvez não achasse bom?

JUCA. — Pelo contrario, estava excellente.

JOANNA, *olhando á roda*. — Onde está meu homem?

JUCA. — Foi para dentro dar algumas ordens, segundo disso, a respeito da torpa de amanhã.

JOANNA. — Ah! já sei. Quitéria, fica fazendo companhia ao senhor enquanto eu volto, que tenho que fallar com teu pae. (*Sae.*)

JUCA, *pegando na mão de Quitéria.* — Emfim, Quitéria, estamos sós... e posso perguntar-te como passaste, e se tiveste saudades minhas.

QUITERIA, *com vergonha.* — Eu passei bem; saudades, tive muitas.

JUCA. — Meu amor!

QUITERIA. — Depois que você foi para a cidade no fim das férias, eu já estive em S. João de Itaborahy dois dias. Depois voltei, e tenho sempre pensado em você, e o esperava com alegria; porém hoje já não tenho prazer. (*Chora.*)

JUCA. — Choras! que tens?

QUITERIA. — Meu pae disse que está á espera do Antonio do Páo d'Alho para casar commigo.

JUCA. Que!... casar commigo aquelle urso?

QUITERIA. — Meu pae assim o quer.

JUCA. — Veremos. Era o que faltava! Casares-te com um animal d'aquelles, que ainda ha oito dias vi de sentinella na porta do quartel do campo de Sant'Anna, que parecia mesmo um kagado.

QUITERIA. — Mas que havemos fazer?

JUCA, *depois de pensar um momento.* — Ouve! Quando chegar o teu pretendido noivo, e fallarem em casamento, finge-te doente, desmaia, treme, emfim, faze-te de doente, como uma mulher é capaz de fazer quando quer, e deixa o mais por minha conta.

QUITERIA. — Que queres fazer?

JUCA. — Já te disse que deixes tudo por minha conta. Olha, ficas doente; naturalmente mandam-me chamar, e então arranjarei tudo. Oh! que ia esquecendo!... Toma sentido no que te vou dizer.

QUITERIA. — Diga.

JUCA. — Quando estiveres doente e eu te der um copo d'agua com assucar, vae ficando melhor; porém, logo que eu coçar o cabeça, torna a desmaiar. Entendes?

QUITERIA. — Entendo, sim, e depois?

JUCA. — E depois... eu te direi. Mas, chega tua mãe, e é preciso occultarmos o plano.

## SCENA IX

OS MESMOS, DOMINGOS JOÃO, JOANNA  
E IGNACINHO.

DOMINGOS JOÃO. — Tomaste bem sentido no que te disse?

IGNACINHO. — Senhor, sim.

JUCA. — Com sua licença, Sr. Domingos João, até amanhã.

JOANNA. — Pois já?

JUCA. — É tarde, miúda senhora, e meu pae me espera para jantar.

DOMINGOS JOÃO. — Quando quizer, esta casa está às suas ordens

JUCA. — Obrigado. Com sua licença. (*Sae.*)

DOMINGOS JOÃO. — Quando chegares á cidade, vae á casa do nosso correspondente para que te dê o dinheiro nosso que lá tem; porque é moda agora quebrarem os negociantes assim sem mais nem menos. Quem lhes quebrára os ossos com um páo!

IGNACINHO. — Voshencê quer que traga todo?

DOMINGOS JOÃO. — Sim, todo, entende senhor?

JOANNA. — Não esqueças o que te encommendei. (*Ignacinho sae.*)

## SCENA X

OS MESMOS E ANTONIO DO PÃO D'ALHO.

Antonio do Páo d'Alho entra vestido da seguinte maneira: farda de guarda nacional, barretina, calça branca, espingarda no hombro, na qual virá pendurado um par de botins, e uma trouxa de roupa amarrada em um lenço azul. Todo o seu vestuario estará muito sujo, e elle virá descalço.

ANTONIO. — Deus esteja n'esta casa!

DOMINGOS JOÃO e JOANNA. — Oh! seja muito bem vindo!

QUITERIA, á parte. — Meu Deus!

ANTONIO. — Viva, senhá Dona; senhá Doninha, viva!  
DOMINGOS JOÃO. — Já o não esperava mais.

ANTONIO. — Deixe-me, estou muito zangado; o senhor entende?

JOANNA. — Póde se assentar, descanse um pouco.

Antonio assenta-se, depois de pôr sobre a mesa as botas, a trouxa de roupa e a espingarda.

ANTONIO. — Com sua licença.

DOMINGOS JOÃO. — Conte-nos alguma coisa... como vae aquillo por lá? vae bem, ou ainda ha rusgas?

Emquanto Domingos João assim falla, groupam-se todos á roda de Antonio.

ANTONIO. — Vae bem e não vae bem.

JOANNA. — Não lhe entendo.

ANTONIO. — Escute a senhora. Vae bem porque a cidade está muito adiantada... Eu estive quatro mezes destacado, e posso dizer alguma coisa porque quando não estava de guarda, passeava. Vá vendo quantas coisas boas. Lá, já se não tem dôr d'olhos.

DOMINGOS JOÃO. — Então porque?

ANTONIO. — Ha um homem que veio da Mourama que cêga a qualquer com a maior facilidade do mundo, e cura assim a dôr d'olhos.

JOANNA. — Boa admiração. Isto qualquer faz.

ANTONIO. — N'isso é que se engana, porque esté cêga, e ainda em cima quer dinheiro.

DOMINGOS JOÃO. — Isso é velhacada!

ANTONIO. — Dizem alguns, porém outros não, só porque o sujeito é das outras terras. Supponha que o senhor não vê muito bem: chega-se elle com um ferro, zist... (*Faz o accionado*) e fica logo cêgo; e se queixar-se, lhe diz logo que a doença d'olhos estava tão adiantada que, se o não tivesse cegado, ficava cêgo em pouco tempo. E depois não pague se é capaz!

DOMINGOS JOÃO. — E consentem semelhante homem?

ANTONIO. — Elle foi mais esperto, que se safou sem dizer nada a ninguem; e o peor foi deixar um sujeito na rabiosca. E um outro que corta a cabeça!

DOMINGOS JOÃO. — O' homem, isso é o diabo!

JOANNA. — Porque não prendem esse homem ?

ANTONIO. — Ah! é que está a habilidade do dito ; porque tão depressa corta a cabeça, como a concerta outra vez.

JOANNA. — Como é isto ?

ANTONIO. — Como ? Veja. Ha um theatro aonde vae este homem, que é muito bonito, porque tem umas mesas bordadas de prata, luzes amarellas, vermelhas, e de todas as côres. Chega elle, como ia dizendo, a este theatro : chama um homem, este vae para onde elle está, e trepando em cima de uma mesa, fica assim. (*Ajoelha-se.*) Depois, o mata-gente levantando a espada, corta-lhe a cabeça, e o homem calhe assim. (*Deita-se de bruços.*) Faça agora de conta que eu não tenho cabeça, e que ella anda na mão do sujeitinho para mostral-a a quem a quer ver ; pois é o que acontece.

JOANNA E QUITERIA. — Oh !

DOMINGOS JOÃO. — Uhê !!!...

ANTONIO, *ainda deitado*. — Escutem o melhor. Depois d'elle ter mostrado a cabeça, bota-a outra vez nos hombros do homem, e sacudindo assim. (*Sacode a cabeça com ambas as mãos.*) torna a grudal-a, e o homem levanta-se meio espantado. (*Faz o que diz.*)

DOMINGOS JOÃO. — Isto é um milagre ! Porque não mandam este homem para o Rio Grande, para dar vida aos soldados que lá morrerem, para não se recrutar tanto ?

ANTONIO. — Não sei, porque são coisas em que não me metto. Se quizessem mandar esta qualidade de gente para o Rio Grande, havia muito que mandar. Por exemplo, ha tambem lá um outro que tem força como um boi, e que levanta um varão de ferro que pesa quarenta arrobas, assim como eu levanto esta espingarda. (*Pega na espingarda e levanta-a acima de cabeça.*) Não acha que este tambem estava bom ?

DOMINGOS JOÃO. — Muito bom, e melhor ainda para pegar no cabo de um machado.

Emquanto assim fallam, entra um moleque de 5 para 6 annos, vestido com uma camisola de baeta azul, que lhe chega até aos pés ; o qual vem-se approximando de vagarinho, e, ficando

mais atrás dos outros, principia a escutar com muita attenção o que se diz.

JOANNA. — Ha coisas na cidade que espantam.

QUITERIA. — E ha muitas modas novas?

ANTONIO. — Modas! não faltarão emquanto houver lojas de francezas e tolos.

DOMINGOS JOÃO. — Tem razão, tem razão, isto é uma ladroeira.

JOANNA. — Muitas festas por lá, não é assim?

ANTONIO. — Muitas.

DOMINGOS JOÃO, *olhando para traz, vê o moleque e grita.* — Salta p'ra dentro, brejeiro!... (*O moleque sae correndo.*) Estes moleques acostunam-se com os brancos, e depois ficam desavergonhados. Ora, diga-me, Sr. Antonio, como vão os meias caras?

ANTONIO. — Iiiii! iiii!... que bulha, que bulha!

DOMINGOS JOÃO. — Então porque?

ANTONIO. — Um!...

DOMINGOS JOÃO. — E como vae o Rio-Grande?

ANTONIO. — Muito bem, porque já está bloqueado por mar e por terra.

DOMINGOS JOÃO. — Bloqueado! não lhe entendo.

ANTONIO. — A fallar-lhe a verdade, tambem eu não entendo; porém, como dizem que bem, tambem o digo. Elles lá se entendem.

JOANNA. — Muito nos conta o senhor.

ANTONIO. — Isto ainda não é nada á vista do que tenho a contar. Com mais vagar, com mais vagar conversaremos.

DOMINGOS JOÃO. — Já o esperava com impaciencia para tratarmos d'aquelle negocio, entende o senhor?

ANTONIO. — Sim, senhor; falla de senhá Doninha, penso.

DOMINGOS JOÃO. — Justo. Como acha?

ANTONIO. — Cada vez mais bonita. (*Para Quiteria.*) Eu lhe trouxe uma tetéia. (*Chega-se para ella, tira da patrona um anel de ouro, e lh'o dá.*) E um anel de ouro que eu lhe trago.

QUITERIA, *tomando-o meio envergonhada.* — Muito agradecida.

ANTONIO. — Sò tenho uma pena... (*Hesita.*)

JOANNA. — Então qual é, Sr. Antonio? diga.

ANTONIO. — E que este anel não seja de velludo, para não machucar os dedos de senhá Doninha.

DOMINGOS JOÃO. — Bravo!... Aproveitou o seu tempo na cidade!

ANTONIO. — Pois então que pensava? Onde me vê, fui muitas vezes ao baile dos estrangeiros.

JOANNA E QUITERIA. — Que! ao baile!

ANTONIO. — Sim, mas ficava sempre da parte de fóra escutando a musica. Oh!... esqueceu-me dizer que ha agora um novo instrumento.

DOMINGOS JOÃO. — Qual é elle?

ANTONIO. — Chama-se... corneta á pistola.

QUITERIA. — Que nome!

JOANNA. — Então a corneta a pistola dá tiro?

ANTONIO. — Qual tiro! Faz assim. (*Bota a mão á bocca, e arremeda do melhor possivel o cornet á piston.*)

TODOS. — Bravo! bravo!

DOMINGOS JOÃO. — Vamos ao que serve. Como tinhamos tratado ha muito tempo, minha filha ha de ser sua mulher.

QUITERIA, *pondo as mãos na cabeça*. — Ai! ai!

JOANNA, *espantada*. — Que tens, que tens minha filha?

QUITERIA. — Ai! eu morro!...

DOMINGOS JOÃO, *chegando-se para ella*. — Que é isto?

ANTONIO. — Senhá Doninha, o que tem?!

## SCENA XI

### IGNACINHO E OS MESMOS.

IGNACINHO, *entrando*. — Quitéria!

QUITERIA. — Minha mãe! eu morro!... (*Cae sentada na cadeira.*)

DOMINGOS JOÃO. — Ignacinho, corre, vae á casa da Angelica, e dize-lhe que venha cá depressa. (*Sae Ignacinho correndo.*)

Domingos João e Antonio andam de um lado para outro sem saber o que fazem, e Joanna estará perto de Quitéria.

JOANNA. — Quitéria!... Quitéria!... que tens, minha

filha?... responde!... Oh meu Deus! está desmaiada...  
Minha filha morre!... (*Chora.*)

DOMINGOS JOÃO. — O diabo da Angelica não chega!

ANTONIO. — Senhá Doninha!... Senhá Doninha!...  
(*Para Joanna.*) Senhá Dona, dê-lhe a cheirar este cartucho de pólvora, talvez faça bem. (*Tira da patrona um cartucho de pólvora, e o dá a Joanna.*)

JOANNA, *jogando no chão o cartucho.* — O senhor está doido!... pois minha filha ha de cheirar pólvora!...

ANTONIO. — Está bom, não se azangue! a senhora entende?

JOANNA. — Minha filha morre!... minha filha morre! Hi! hi! hi! (*Chora fortemente.*)

DOMINGOS JOÃO. — Ora esta! ora esta!

ANTONIO. — Não ha de ser nada, não ha de ser nada.

DOMINGOS JOÃO, *chega á porta e grita.* — O' Ignacinho!... O' Ignacinho!...

IGNACINHO, *ao longe.* — Lá vou!...

DOMINGOS JOÃO, *voltando para junto dos outros.* — Já ahí vem a Angelica.

JOANNA. — Diga que venha depressa.

## SCENA XII

OS MESMOS, IGNACINHO E ANGELICA.

Domingos João vae andando para a porta; ao mesmo tempo entra Ignacinho com Angelica, a qual virá vestida da seguinte maneira: saia de lila preta, jaqueta de homem, de riscadinho, baeta preta e chinelos.

TODOS. — Entre, entre, Sra. Angelica.

ANGELICA. — Então que é isto?

JOANNA. — Deu um ataque em Quiteria, e está sem falla.

ANGELICA. — Vamos a ver. (*Chega-se para Quiteria e examina-a.*) Isto não é nada, são flatos.

JOANNA. — Flatos!... Pois flatos fazem perder a falla?

DOMINGOS JOÃO. — Então que tem?

ANGELICA. — Está com quebranto.

JOANNA. — Lá isto sim.

ANGELICA. — Mande buscar um ramo de arruda. (*Sae Ignacinho.*) Não se assustem que não ha de ser nada. Algum máo olhado que botaram na menina. Verão como a curo n'um instante.

## SCENA XII

OS MESMOS E IGNACINHO.

Ignacinho traz um ramo de arruda, e o dá a Angelica. Esta benze Quiteria, e enquanto a benze estão os outros muito attentos. Angelica nota que o seu remedio não faz effeito.

ANGELICA. — Com effeito o olhado foi máo.

JOANNA. — Minha filha!... (*Chora.*)

IGNACINHO. — Se meu pae quer, eu vou chamar o Sr. doutor filho do capitão-mór, que chegou hontem da cidade.

DOMINGOS JOÃO. — Sim, vae depressa, elle não pôde estar longe. (*Sae Ignacinho.*)

ANGELICA. — Quem sabe se a menina não tem o diabo no corpo?

JOANNA. — Jesus, Maria, José! que diz, senhora? (*Benzem-se todos.*)

DOMINGOS JOÃO. — Pois minha filha está endemoninhada?

ANGELICA. — Quer me parecer que sim.

ANTONIO. — Que desgraça!

ANGELICA. — Ou talvez mesmo que esteja com a espinhela cahida.

DOMINGOS JOÃO. — Quanta coisa... quebranto, diabo no corpo, espinhela cahida!

## SCENA XIV

JUCA, IGNACINHO E OS MESMOS.

Entra Juca correndo, seguido de Ignacinho.

JUCA. — Que ha de novo?

JOANNA. — Sr. doutor... minha filha está para morrer.

JUCA. *chega-se a Quiteria e toma-lhe o pulso.* — Não é nada; mande vir um copo com agua. (*Sae Joanna.*)

JUCA. — Quando digo que não é nada, falto um pouco á verdade, porque sua filha tem uma inflammação de carbonato de potassa.

DOMINGOS JOÃO, *muito espantado.* — Inflammação de que?

JUCA. — De carbonato de potassa.

ANTONIO. — É isso é perigoso, Sr. doutor?

JUCA. — Muito; não só para ella, como para a pessoa que com ella se casar.

ANTONIO, *á parte.* — Mão!

## SCENA XV

### JOANNA E OS MESMOS.

JOANNA. — Aqui está a agua.

Juca toma o copo d'agua, faz que tira uma coisa da algibeira e a deita dentro do copo.

JUCA. — Este remedio vae cural-a immediatamente. (*Dá a Quiteria, que logo que bebe o primeiro gole abre os olhos.*)

DOMINGOS JOÃO. — Viva o Sr. licenciado!

QUITERIA, *levantando-se.* — Minha mãe!

JOANNA. — Minha filha, que tens?

JUCA. — Esta menina é preciso ter muito cuidado na sua saude e eu acho que se ella casar com um homem que não entenda de medicina, está muito arriscada a sua vida.

DOMINGOS JOÃO. — Mas isto é o diabo; ja promettí ao senhor. (*Apontando para Antonio.*)

ANTONIO. — Mas eu...

JUCA. — Arrisca assim a vida de sua filha.

DOMINGOS JOÃO. — Já dei minha palavra. (*Juca coça a cabeça.*)

QUITERIA. — Ai! ai! eu morro! (*Cae na cadeira.*)

TODOS. — Acuda, acuda, Sr. doutor!

JUCA, *chegando-se*. — Agora é outra doença.

DOMINGOS JOÃO. — Então o que é agora ?

JUCA. — E' um eclipse.

DOMINGOS JOÃO. — Ai ! (*Juca esfrega as mãos e passa-as pela testa de Quiteria*).

QUITERIA, *abrindo os olhos*. — Já estou melhor.

JUCA. — Vê, Sra. D. Joanna?... se sua filha não tiver sempre quem trate d'ella, morrerá certamente. Não é assim, Sra. Angelica ? (*Quando diz estas ultimas palavras, dá ás escondidas a Angelica uma bolsa com dinheiro*.)

ANGELICA. — Sr. doutor, tem razão, a menina morre.

DOMINGOS JOÃO. — Então que havemos fazer ?

JUCA. — Se eu não estivesse estudando...

JOANNA. — O Sr. licenciado bem podia.

JUCA. — Se meu pae...

DOMINGOS JOÃO. — Tenho uma boa fazenda, e o marido de minha filha fica bem aquinhoado.

JUCA. — Se o Sr. Domingos quizesse...

DOMINGOS JOÃO. — Explique-se.

JUCA. — Conhecendo as boas qualidades de sua filha, e estimando muito a sua familia, me offereço...

JOANNA, *com presteza*. — E' o consentimento de seu pae ?

JUCA. — Esse, o terei.

DOMINGOS JOÃO. — Mas a palavra que dei ao Sr. Antonio ?

ANTONIO. — Não se afflija, pois não desejo mais casar-me com uma mulher que tem eclipses.

JUCA. — Visto isto, cede ?

ANTONIO. — De boa vontade.

JOANNA. — Sr. Domingos João, diga ao senhor que sim.

ANGELICA. — Olhe que sua filha morre.

IGNACINHO. — Meu pae, case-a com os diabos, o Sr. licenciado é boa pessoa.

DOMINGOS JOÃO. — Já que todos o querem, vá feito. (*Para Juca*.) Minha filha será sua mulher. (*Quiteria levanta-se*.)

JUCA. — Como consente, quizera que se effectuasse isto o mais breve possível.

DOMINGOS JOÃO. — Iremos agora mesmo fallar ao vigario, e de caminho podemos vér a festa.

JOANNA. — Diz bem.

DOMINGOS JOÃO. — Vão se vestir. (*Saem as duas.*)

JUCA. — Quando acabar meus estudos, voltarei para ajudar meu pae.

DOMINGOS JOÃO. — Dê-me um abraço... (*Para Ignacinho.*) Já agora não irás amanhã para a cidade. Quem havia dizer que o Sr. Juca seria meu genro!

ANGELICA. — Deus assim o quiz.

DOMINGOS JOÃO. — E o quebranto, não?... Dizia esta mulher, Sr. Juca, que minha filha tinha quebranto, diabo no corpo, espinhela cahida, quando ella não teve sinão um carbonato de eclipse.

JUCA, *rindo-se sem se poder conter.* — É verdade!

DOMINGOS JOÃO, *desconfiado.* — De que se ri?

JUCA. — Da asneira da senhora.

## SCENA XVI

OS MESMOS, JOANNA E QUITERIA.

Entra Joanna com chale encarnado, e chapéo de homem; Quitéria do mesmo modo, e trarão o chapéo de palha, e bengala de Domingos João.

JOANNA. — Estamos promptos. Toma o chapéo.

DOMINGOS JOÃO. — Vamos.

TODOS. — Vamos. (*Saem todos.*)

---

## MUTAÇÃO

---

Vista de arraial; no fundo, á esquerda, o frontespicio de uma igreja, tendo uma torre e sinos; á porta uma musica de barbeiros sentada n'um banco. Defronte da igreja, porém um pouco mais para a rampa, o imperio, junto ao qual, a porta de uma taverna, onde estarão pendurados diferentes objectos, como roupa feita, bacalháo, cordas, etc. Diante da porta da igreja, no chão, folhas de mangueira.

### SCENA I

ALGUNS LAVRADORES *espalhados pela scena.*

1º LAVRADOR. — Que bella festa !

2º LAVRADOR. — E' verdade, o juiz é um barra !

1º LAVRADOR. — Vamos tomar um godorio antes de entrar.

2º LAVRADOR. — Vamos. (*Vão para a porta da taverna.*)

1º LAVRADOR. — Sr. Pimenta, mande cá fóra um copo da branca.

PIMENTA, *dentro.* — Já vae.

2º LAVRADOR. — Assentemo-nos. (*Assentam-se em um banco á porta da taverna.*)

3º LAVRADOR, *junto á igreja.* — Hi !... que funcção ! quanta gente !

4º LAVRADOR. — Na cidade hão de ficar com inveja !

3º LAVRADOR. — E' mesmo. (*Sae pela porta da taverna um menino com um copo grande com aguardente e dá aos dois.*)

2º LAVRADOR, *bebendo.* — Bella pinga !

1º LAVRADOR. — Dá-me. (*Bebe.*) Esta é do engenho de Caribapeha. Vem boa prova. (*Para o menino.*) Toma o copo. (*O menino toma o copo e sae.*)

2º LAVRADOR, *levantando-se.* — Agora podemos ir.

1º LAVRADOR, *levantando-se.* — Vamos.

2º LAVRADOR. — Aquelle que ali vem não é o capitão-mór?

1º LAVRADOR. — É, sim.

## SCENA II

OS MESMOS, E O CAPITÃO-MÓR COM A FILHA.

O Capitão-mór trazendo a filha pelo braço, virá vestido da seguinte maneira : farda de ordenença, chapéo armado, calça branca por dentro das botas, e bengala. A filha trará um vestido muito curto, e chapéo de palha.

CAPITÃO-MÓR, *para dentro.* — Toma lá sentido n'esses cavallos que não fujam.

2º LAVRADOR. — Um creado de S. S.

CAPITÃO-MÓR. — Tambem por cá, Sr. Anselmo?

2º LAVRADOR. — E' verdade, V. S... Vim vêr a festa.

FILHA DO CAPITÃO-MÓR. — Sabe-me dizer se já principiou ha muito tempo?

1º LAVRADOR. — Está quasi acabada.

CAPITÃO-MÓR. — Se o diabo do negro deixou fugir os cavallos do cercado !... (*Emquanto assim fallam, entram pelo fundo Pereira, e Silva, de calças e jaquetas brancas e bonnets ; tudo muito à moda.*)

PEREIRA. — O' Silva, que judas ali está!

SILVA. — Oh ! que figurão ! ah ! ah !...

FILHA DO CAPITÃO-MÓR. — Vamos, meu pae. (*Encamiham-se para a egreja, e encontram-se com Pereira e Silva.*)

SILVA. -- Um criado do digno capitão-mór José Combuca.

CAPITÃO-MÓR, *comprimentado-os.* — Meus senhores. (*Entra na egreja, seguido de dous lavradores.*)

PEREIRA. — Que me dizes d'este original ?

SILVA. — E' excellente e desfructavel; mas a filha não é má, tem boa lata.

PEREIRA. — Deixa-te d'isso... uma tapuya d'aquellas...

SILVA, *olhando ao redor*. — Vê como isto está bello ! Que festa, que caricaturas ! ah ! ah ! Os tapiocanos sahiram fóra do serio !

PEREIRA. — Que diabo é aquillo que lá vem ?

SILVA. — Que é ?

PEREIRA. — Olha.

SILVA, *saltando de contente*. — Bravo ! bravo ! temos comedia... Como vem enfeitado !

### SCENA III

Entram pelo fundo, além do imperio, todos os que estiveram em casa de Domingos João, em um carro puxado por um boi, coberto com uma esteira, e todo enfeitado com ramos verdes. Um negro, em ceroulas e camisa d'algodão, conduz o carro. O carro entra pela direita, junto ao panno do fundo, avança pelo lado esquerdo, atravessa pela frente do tablado, e volta pelo lado direito, parando perto do imperio, de maneira que se veja que as pessoas que estão dentro se arranjam e questionam umas com as outras.

SILVA. — Olha que cosmorama !

PEREIRA. — Vê aquella serigaita !

SILVA. — É a tartaruga !

PEREIRA. — É o guarda nacional !

AMBOS. — Excelente !

SILVA. — Bravo o coche !

PEREIRA. — Isto é impagavel.

SILVA. — E na cidade vão ao theatro ver comedias ; isto é que é comedia ! (*Riem-se ás gargalhadas. N. B. Estas palavras são ditas enquanto entra o carro ; estará Antonio assentado, calçando as botas.*)

SILVA. — Aquelle calça as botas ; teve medo de as estragar no carro. (*Risadas.*)

ANTONIO. — Os senhores de que se riem ?

PEREIRA. — Olha que cara !

SILVA. — O' chimango ! (*Risadas.*)

ANTONIO. — Mal creados, não sei onde estou...

SILVA. — Está calçando as botas.

DOMINGOS JOÃO, *dentro do carro.* — Sr. Antonio, saia, e deixe os mais sahirem; com quem está o senhor questionando?

ANTONIO. — Com aquelles dois badamecos, que pensam que isto aqui é o largo do Rocio.

DOMINGOS JOÃO. — Não faça caso.

ANTONIO, *sallando.* — Bregeiros ! (*Saem todos do carro.*)

SILVA. — Olha que ninhada ! (*Entra Juca a cavallo.*)

PEREIRA. — Ali vem o D. Quixote.

SILVA. — Cavalleiro da triste figura e... mas que diabo, aquelle é o Juca !

PEREIRA. — E' elle mesmo !

Juca apeia-se e dá o cavallo ao moleque da camisola, que tambem vem dentro do carro, e este o leva, acompanhando o carro que logo entra.

JOANNA. — Aqui está o Sr. Juca.

JUCA. — Já chegaram ha muito ?

DOMINGOS JOÃO. — N'este instante.

SILVA. — O' Juca ?

JUCA. — Quem me chama ? Oh ! o Silva e o Pereira por cá... (*Vae para elle, e a familia fica no mesmo lugar, arranjando um chapéo, outro a calça, etc.*)

SILVA. — Que diabo fazes tu aqui ?

JUCA. — Vim com esta gente.

SILVA. — Onde achaste estes bichos ?

JOANNA. — Sr. Juca, venha.

JUCA. — Lá vou.

SILVA. — Manda toda esta sucia para o cosmorama.

JUCA. — Já tu principias.

JOANNA. — O senhor vem, ou não ?

JUCA. — Adeus, meus amigos, até logo. (*Vae para junto da familia, que se encaminha para a igreja.*)

PEREIRA. — Onde se foi metter o Juca !

SILVA. — Ihi ! ó chimango ! Quiquiriqui !

PEREIRA. — Larga a barretina !

ANTONIO, *olhando para traz muito zangado.* — Bregeiros!

OS DOUS. — Hú! hú! não ha de casar! (*Risadas. A familia entra na igreja.*)

SILVA. — Isto está de se alugar camarote!

## SCENA IV

Entra pela direita um homem de braço dado com uma mulher. O homem virá vestido da seguinte maneira : chapéo de copa muito alta, gravata encarnada, collarinho até acima das orelhas, collete e casaca muito antiga, calça branca muito curta, quasi trepada nos botins, e uma presilha bem comprida. A mulher trará um vestido velho de setim bordado a prata, e duas grandes plumas na cabeça : o vestido estará muito mal arranjado. Entram e dirigem-se para a igreja.

PEREIRA. — Oh, que casal de marrecos!

SILVA. — Olá, senhor meu, vende-me uma vara de presilhas?

PEREIRA. — Bravo á elegancia!

SILVA. — Foi M<sup>ma</sup> Josephine que fez o vestido? Responda, não se agaste! Adeus! amorsinho. (*Emquanto fallam, caminham os dois, voltando-se algumas vezes para traz, zangados, e entram na igreja.*) São dois caseaveis que fugiram do mato.

PEREIRA. — E' pena que não haja aqui um lazaro. (*Repicam os sinos; os barbeiros tocam.*) Acabou-se a festa.

SILVA. — Os negrinhos como brilham!

Entra para a scena pela porta da igreja o seguinte cortejo :

- 1.º A Folia do Espirito Santo, constando de oito rapazes vestidos de jardineiros, trazendo duas violas, um tambore e um pandeiro.
  - 2.º O imperador do Espirito Santo, que será um homem bem alto e muito gordo, com calções e casaca de velludo, chapéo armado e espadim. Virá no meio de quatro homens que o encerram dentro de um quadrado de quatro varas encarnadas.
  - 3.º Todos os que estavam na igreja, isto é, uma população da roça.
- O imperador sobe para o imperio, seguido dos quatro homens : assenta-se e estes ficam dos lados. Os foliões ficam ao lado do imperio e o povo pela praça. Os barbeiros tocam durante todo este tempo.

PEREIRA. — Bravo o cortejo !

SILVA. — Que marmanjola feito imperador do Espirito Santo ! Que garbo !

PEREIRA. — Os surucucús se ajuntaram hoje !

SILVA. — Espera que temos leilão !

PEREIRA. — Faltava mais esta !

SILVA. — Temos materia para desfructe. Olá, venha o leilão, o leilão !

PEREIRA. — O leilão !

TODOS. — O leilão !

UM DOS QUATRO HOMENS. — Já vae, já vae !

PEREIRA. — Pára a musica ! pára a musica !

SILVA. — Viva o digno leiloeiro !

TODOS. — Viva !

UMA MULHER. — Que divertimento tão bello !

2º LAVRADOR. — É verdade !

DOMINGOS JOÃO. — O' homem, na Côrte não se faz uma festa tão bonita.

QUITERIA. — Minha mãe...

O HOMEM. — Silencio !

TODOS. — Scio ! scio !... (*A musica dos barbeiros pára, e o homem do leilão desce do imperio com um pão de ló n'uma salva de prata.*)

O HOMEM. — Aquí está um pão-de-ló, meus senhores, muito fresquinho. Os ovos que o fizeram foram postos hontem. Quanto offerecem pelo pão de ló? quanto offerecem? Foi feito por yáyá! Quanto offerecem?

1º LAVRADOR. — Tres mil reis.

O HOMEM. — Tenho 3\$000 pelo pão-de-ló, 3\$000, 3\$000 !... Não ha quem mais dê? 3\$000, 3\$000 pelo pão-de-ló, 3\$000.

ANTONIO. — Tres mil reis e uma pataca.

O HOMEM. — Tres trezentos e vinte...

ANTONIO. — Não, senhor, é 3\$000 e uma pataca.

O HOMEM. — E' a mesma coisa! 3\$320! 3\$320! Tão barato! vejam como está saltando de fresco! 3\$320! Como está fófo! 3\$320.

DOMINGOS JOÃO. — E cincoenta reis.

O HOMEM. — Tres mil trezentos e cincoenta... Si não ha quem mais dê, se arremata. 3\$350. Dou-lhe uma, dou-lhe duas... Está queimando de fresco! 3\$350.

JUCA. — Seis mil réis!

ALGUMAS VOZES. — Bravo! bravo!

O HOMEM. — Seis mil réis! 6\$000! Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres e esta que é mais pequena. O pão-de-ló é do senhor.

SILVA. — O Juca como está brioso!... Toca a musica!

Os barbeiros tocam. O homem desce com o pão-de-ló na salva, Juca o recebe e deita n'ella o dinhetro; o homem torna a subir, e Juca dá o pão-de-ló a Quiteria.

JUCA. — Isto é teu.

QUITERIA, *tomando*. — Obrigada.

SILVA. — Bravo a fineza!

TODOS. — Venha outra coisa! venha outra coisa!  
(*Pára a musica*).

O HOMEM. — Lá vae (*Bota na salva uma gallinha toda enfeitada de laços de fita.*) Quanto offerecem pela gallinha? Está gorda como um peru! Faz bom caldo... Quanto offerecem? Vejam! vejam!

DOMINGOS JOÃO. — Duas patacas.

O HOMEM. — Tenho 640, 640. O' Senhores, uma gallinha d'estas 640!... Tenho 640. Boa poedeira, cinco ovos por dia; 640.

2º LAVRADOR. — Novecentos e sessenta...

O HOMEM. — 960. Tem ovo para amanhã... 960... Não ha...

ANTONIO. — Quatro patacas.

2º LAVRADOR. — Cinco patacas.

ANTONIO. — Seis!

2º LAVRADOR. — Oito!

ANTONIO. — Dez!

SILVA. — Os carijós atracaram-se.

2º LAVRADOR. — Doze!

ANTONIO. — Quatorze!

O HOMEM. — Quatro mil quatrocentos e oitenta...  
Quatro mil quatrocentos e oitenta!

2º LAVRADOR. — Dezeseis patacas!

ANTONIO. — Meia dobra!

O HOMEM. — Doze mil e oitocentos... Doze mil e oitocentos... Não ha quem mais dê? Senão se arremata! Dou-lhe uma... é boa mãe de filho... dou-lhe duas, uma maior, outra mais pequena.

2º LAVRADOR. — Dezeseis man réis !

ANTONIO. — Vinte man réis !

O HOMEM. — Vinte mil réis, 20\$000. Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres, e esta que é mais pequena.

TODOS. — Hú ! hú ! fóra o tolo que cedeu ! hú ! Toca musica ! (*Os barbeiros tocam.*)

ANTONIO, *victorioso*. — Queria brincar com a pessoa.

SILVA. — O gallo como está victorioso ! (*O homem entrega a gallinha a Antonio que a dá a Joanna.*)

ANTONIO. — Está esta gallinha para dar ovos para senhá Dona comer molles e duros.

SILVA. — Sentido que não volte o ovo !

TODOS. — Mais ! mais ! Pára a musica ! (*Pára a musica.*)

O HOMEM. — Aqui está um cartucho que quem deu encommendou que não abrisse sinão depois de arramado. Quanto offerecem pelo cartucho de segredo ?

1º LAVRADOR. — O que é que tem dentro ?

O HOMEM. — Não sci.

1º LAVRADOR. — Então não quero.

O HOMEM. — Ha mais quem queira. Quanto offerecem ?

SILVA. — Um chan-chan !

3º LAVRADOR. — Fóra o tolo !

SILVA. — O boi fallou !

O HOMEM. — Quanto pelo cartucho ? Este segredo é o segredo da abelha... Arrematem e verão ! Não fazem idéa... Quanto, quanto pelo segredo ? Vejam que cartucho tão roliço, faz gosto, tão roliço !

A FILHA DO CAPITÃO-MÓR. — Arremate, meu pae, eu quero.

CAPITÃO-MÓR. — Trezentos e vinte.

O HOMEM. — Trezentos e vinte pelo segredo... que segredo tão barato ! 320... 320... dou-lhe uma que é boa... 320.

SILVA. — Uma pataca.

O HOMEM. — Isso já eu tenho.

SILVA. — Cento e sessenta.

CAPITÃO-MÓR. — Trezentos e vinte é meu.

O HOMEM. — Não ha quem mais dê ? 320, 320, dou-lhe uma...

SILVA. — E eu dou-lhe outra.

O HOMEM. — Dou-lhe tres.

SILVA. — Vá dar ao diabo.

O HOMEM. — É esta que é mais pequena.

PEREIRA. — Venha o segredo!

O homem desce com o cartucho para entregal-o ao capitão-mór. Todos se grupam ao redor d'elle.

CAPITÃO-MÓR. — Toma, menina.

A FILHA, *tomando*. — Tenho medo.

ALGUMAS VOZES. — Abra! abra!

SILVA. — Não abra, que é uma jararaca!

A FILHA. — Ai! que medo!

ALGUMAS VOZES. — Abra, que não é nada.

PEREIRA. — Então de que serve abrir?

A filha do capitão-mór abre com muito receio, e sae de dentro uma pomba branca, fazendo-se o possível para que vae para os camarotes.

TODOS, *viendo sahir a pomba*. — Péga! péga! Lá vae! A espingarda! agarra! péga! Lá se foi!...

A FILHA DE CAPITÃO. — Ora voou!

SILVA. — Não se afflija que temos coisa melhor...

Olá! bota a casaca e o chapéo armado d'aquelle estafermo no leilão. (*Apontando para o imperador.*)

1º LAVRADOR. — Cala a bocca, patife!

SILVA. — Miau!... Corococó!

ANTONIO. — Bregeiros!

SILVA E PEREIRA. — Carijó! marreco! (*Botam os dedos na bocca e assobiam.*)

DOMINGOS JOÃO. — Ensinemos estes capadocios!

ALGUMAS VOZES. — Sim! sim!

Tumulto. Logo que os receiros querem ir sobre os rapazes os foliões tocam viola e tambor.

ALGUMAS VOZES. — A folia!

TODOS, *esquecendo os rapazes*. — A folia, a folia!

Os foliões saem para a frente, e, fazendo todos um circulo, mettem um delles no meio.

UM FOLIÃO, *cantando*.

A pombinha está voando  
P'ra fazê nossa folia,

Vae voando, vae dizendo :  
Viva, viva esta alegria !

Dansam, e todos applaudem com palmas, bravos e vivas.  
**FOLIA, cantando.**

Esta gente que aqui está  
Vem p'ra vê nosso leilão !  
Viva, viva a patuscada !  
Viva a nossa devoção !

Danças. Os sinos repicam, os barbeiros tocam o lundú, e todos  
dançam, e gritam. Cae o panno.

---



# O JUDAS

## EM SABBADO D'ALLELUIA

COMEDIA EM UM ACTO

---

### PERSONAGENS

JOSÉ PIMENTA, cabo de esquadra da guarda nacional.	FAUSTINO, empregado publico
CHIQUINHA } suas filhas.	AMBROSIO, capitão da guarda nacional.
MARICOTA } suas filhas.	ANTONIO DOMINGOS, velho, negociante.
LULU' (10 annos).	

Meninos e moleques.

*A scena passa-se no Rio de Janeiro, no anno de 1844.*

---

### ACTO UNICO

Sala em casa de José Pimenta; porta ao fundo, á direita e á esquerda uma janella; além da porta da direita uma commoda de jacarandá (sobre a qual estará uma manga de vidro e dous castiças de casquinha), cadeiras e mesa. Ao levantar do panno a scena estará distribuida da seguinte maneira: Chiquinha sentada junto á mesa cozendo; Maricota á janella; e no fundo da sala, á direita da porta, um grupo de quatro meninos e dous moleques acabam de aprontar um judas, o qual estará apoiado á parede. Serão os seus trages — casaca de côrte, de velludo, collete idem, botas de montar, chapéo armado com penacho escarlate; tudo muito usado; longos bigodes, etc. Os meninos e moleques saltam de contentes ao redor do judas e fazem grande algazarra,

### SCENA I

CHIQUINHA, MARICOTA E MENINOS.

CHIQUINHA. — Meninos, não façam tanta bulha...  
LULU', *sahindo do grupo*. — Mana, veja o judas como

está bonito ! Logo, quando apparecer a Alleluia, havemos de puxal-o para a rua.

CHIQUINHA. — Está bom. Vão para dentro e logo venham.

LULÚ, *para os meninos e moleques.* — Vamos p'ra dentro, logo viremos, quando apparecer a Alleluia. (*Vão todos para dentro em confusão.*)

CHIQUINHA, *para Maricota.* — Maricota, ainda te não cançou essa janella ?

MARICOTA, *voltando a cabeça.* — Não é da tua conta.

CHIQUINHA. — Bem sei, mas, olha, o meu vestido está quasi prompto, e o teu não sei quando estará.

MARICOTA. — Hei de apromptal-o quanto quizer e muito bem me parecer; basta de sêca — cose, e deixa-me.

CHIQUINHA. — Fazes bem. (*Aqui Maricota faz uma mesura para a rua como a pessoa que a cumprimenta, e continua depois a fazer acenos com o lenço.*) Lá está ella no seu fadario ! Que viva esta miuha irmã só para namorar ! E' forte mania ! A todos faz festa, a todos namora ; e o peor é que a todos engana... até o dia em que tambem seja enganada.

MARICOTA, *retirando-se da janella.* — Que estás tu a dizer, Chiquinha ?

CHIQUINHA. — Eu ? Nada.

MARICOTA. — Sim ! Agarra-te bem á costura ; vive sempre como vives, que has de morrer solteira.

CHIQUINHA. — Paciencia.

MARICOTA. — Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada á cadeira que acharemos noivo.

CHIQUINHA. — Tu já o achaste pregada á janella ?

MARICOTA. — Até esperar não é tarde. Sabes tu quantos passaram hoje por esta rua só para me verem ?

CHIQUINHA. — Não.

MARICOTA. — O primeiro que vi, quando cheguei á janella, parado no canto, foi aquelle tenente dos Permanentes, que tu bem sabes.

CHIQUINHA. — Casa-te com elle.

MARICOTA. — E porque não, se elle quizer ? Os officiaes dos Permanentes têm bom soldo. Pódes te rir.

CHIQUINHA. — E depois do tenente, quem mais passou ?

MARICOTA. — O cavallo rabão.

CHIQUINHA. — Ah!

MARICOTA. — Já te não mostrei aquelle moço, que anda sempre muito á moda, montado em um cavallo rabão, e que todas as vezes que passa cumprimenta com ar risonho e esporêa o cavallo?

CHIQUINHA. — Sei quem é, isto é, conheço-o de vista. Quem é elle?

MARICOTA. — Sci tanto como tu.

CHIQUINHA. — E o namoras sem o conheceres?

MARICOTA. — Oh! que tola! Pois é preciso conhecer a pessoa a quem se namora?

CHIQUINHA. — Penso que sim.

MARICOTA. — Estás muito atrazada. Queres ver a carta que elle me mandou esta manhã pelo moleque? (*Tira do seio uma cartinha.*) Ouve (*Lendo.*) « Minha adorada e crepitante estrella! » (*Deixando de ler.*) Heim! Então?...

CHIQUINHA. — Continúa.

MARICOTA, *continuando a ler.* — « Os astros que brillam nas chammejantes esferas dos teus seductores olhos offuscaram em tão subido ponto o meu discernimento, que me enlouqueceram. Sim, meu bem, um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu sou! Se receberes os meus sinceros soffrimentos, serei ditoso, e se não me corresponderes, serei infeliz, irei viver com as fêras deshumanas da Hyrcania, do Japão, e dos sertões de Minas, fêras mais compassivas do que tu. Sim, meu bem, esta será a minha sorte, e lá morrerei. Adeus. Deste que jura ser teu, apesar da negra e fria morte. — O mesmo » (*Acabando de ler.*) Então, tens que dizer a isto?... que estylo!... que paixão!...

CHIQUINHA, *rindo-se.* — É pena que o menino vá viver por essas brenhas com as fêras da Hyrcania, com os tatús e tamanduás. E tu acreditas em todo este palanfrio?

MARICOTA. — E porque não? Têm-se visto muitas paixões violentas. Ouve agora esta outra (*Tira outra carta de seio.*)

CHIQUINHA. — Do mesmo?

MARICOTA. — Não, é daquelle mocinho que está estudando latim no seminario de S. José.

CHIQUINHA. — Namoras tambem a um estudante de latim? O que esperas desse menino?

MARICOTA. — O que espero? Não tens ouvido dizer que as primeiras paixões são eternas? Pois bem, este menino pôde ir para S. Paulo, voltar de lá formado e arranjar eu alguma coisa no caso de estar ainda solteira.

CHIQUINHA. — Que calculo!... é pena teres de esperar tanto tempo.

MARICOTA. — Os annos passam depressa quando se namora. Ouve (*Lendo.*) « Vi teu mimoso semblante e fiquei enleado e cego, cego a ponto de não poder estudar a minha lição » (*Deitando de ler.*) Isto é de criança. (*Continúa a ler.*) « Bem diz o poeta latino: *Mundus a Domino constitutus est* » (*Le' estas palarras com difficultade, e diz*): Isto eu não entendo; ha de ser algum elogio (*Continúa a ler*) *constitus est*. Se Deus o creou foi para fazer o paraíso dos amantes, que como eu tem a fortuna de gozar tanta belleza. A mocidade, meu bem, é um thesouro porque — *Senectus est morbus*. Reccebe, minha adorada, os meus protestos. Adeus, encanto. Ego voco. — « *Tiburcio José Maria* » (*Acabando de ler.*) — O que eu não gosto é escrever-me elle em latim. Hei de mandar-lhe dizer que me falle em portuguez. Lá dentro ainda tenho um maço de cartas que te poderei mostrar. Estas duas reccebi hoje.

CHIQUINHA. — Se todas são como essas, a collecção é rica. Quem mais passou? Vamos, dize...

MARICOTA. — Passou aquelle amanuense da Alfandega, que está á espera de ser segundo escripturario para casar-se commigo. Passou o inglez que anda montado no cavallo do curro. Passou o Ambrosio, capitão da guarda nacional. Passou aquelle moço de bigodes e cabellos grandes, que veio da Europa, onde esteve empregado na diplomacia. Passou aquelle sujeito que tem loja de fazendas. Passou...

CHIQUINHA, *interrompendo.* — Meu Deus, quantos... e a todos esses namoras?

MARICOTA. — Pois então ! E o melhor é que cada um de per si pensa ser o unico da minha affeição.

CHIQUINHA. — Tens habilidade ! Mas dize-me, Maricota, que esperas tu com todas essas loucuras e namoros ? Que planos são os teus ? (*Levanta-se.*) Não vês que te podes desacreditar ?

MARICOTA. — Desacreditar-me por namorar ! E não namoram todas as moças ? A differença está em que umas são mais espertas do que outras. As estouvadas, como tu dizes que eu sou, namoram francamente, em quanto as sonsas vão pela calada. Tu mesma, com esse ar de santinha—anda, faze-te vermelha, talvez namores, e muito ; e se eu não posso assegurar, é porque tu não és sincera como eu sou. Desengana-te, não ha moça que não namore. A dissimulação de muitas é que faz duvidar de suas estrepolias. Apontas-me, por ventura, uma só, que não tenha hora escolhida para chegar á janella, ou que não atormente ao pae, ou á mãe, para ir a este, ou áquelle baile, a esta ou áquelle festa ? E pensas tu que é isto feito indifferentemente ou por acaso ? Enganas-te, minha cara, tudo é namoro, e muito namoro. Os paes, as mães e as simplorias como tu, é que nada vêem, e de nada desconfiam. Quantas conheço eu, que no meio de parentes e amigas, cercadas de olhos vigilantes, namoram tão subtilmente, que não se presentem ! Para quem sabe namorar tudo é instrumento—uma criança que se tem ao collo e se beija, um papagaio com o qual se falla á janella, um mico que brinca sobre o hombro, um lenço que se volteia na mão, uma flôr que se desfolha, tudo, enfim ! E até quantas vezes o namorado desprezado serve de instrumento para se namorar a outrem ! Pobres tolos, que levam a culpa e vivem logrados, em proveito alheio ! Se te quizesse eu explicar e patentear os ardis e espertezas de certas meninas que passam por sérias, e que são refinadissimas velhacas, não acabaria hoje. Vive na certeza, minha irmã, que as moças dividem-se em duas classes :—sonsas e sinceras ; mas que todas namoram.

CHIQUINHA. — Não questionarei contigo. Demos que assim seja, quero mesmo que o seja. Que outro futuro esperam as filhas familias, senão o casamento ? E' a

nossa senatoria, como costumam dizer. Os homens não levam a mal que façamos da nossa parte todas as diligencias para alcançar este fim, mas o meio, que devemos empregar, é tudo. Póde elle ser prudente e honesto ou tresloucado como o teu.

MARICOTA. — Não dizia eu que havia sonsas e sinceras? Tu és das sonsas.

CHIQUINHA. — Póde elle nos desacreditar, como não duvidas que o teu te desacreditará.

MARICOTA. — E porque?

CHIQUINHA. — Namoras a muitos.

MARICOTA. — Oh! essa é grande! Nisto justamente é que eu acho vantagem. Ora dize-me, quem compra muitos bilhetes de loteria não tem mais probabilidade de tirar a sorte grande do que aquelle que só compra um? Não póde do mesmo modo nessa loteria do casamento quem tem muitos amantes ter mais probabilidade de tirar um para marido?...

CHIQUINHA. — Não! não! A namoradeira é em breve tempo conhecida, e ninguem a deseja por mulher. Julgas que os homens se illudem com ella e que não sabem que valor devem dar aos seus protestos? Que mulher póde haver tão fina, que namore a muitos, e faça crer a cada um em particular que é o unico amado? Aqui na nossa terra, grande parte dos moços são presunçosos, linguarudos e indiscretos; quando têm o mais insignificante namorico, não ha amigos e conhecidos que não sejam confidentes. Que cautellas podem resistir a essas indiscreções? E conhecida uma moça por namoradeira, quem se animará a pedil-a por esposa? Quem se quererá arriscar a casar-se com uma mulher, que continue depois de casada as scenas de sua vida de solteira? Os homens têm mais juizo do que pensas: com as namoradeiras divertem-se elles, mas não se casam.

MARICOTA. — Eu t'o mostrarei.

CHIQUINHA. — Veremos! Dá graças a Deus se por fim encontrares um velho para marido.

MARICOTA. — Um velho! Antes quero morrer ou ser freira... Não me falles nisso, que me arrepiam os cabellos! Mas para que me afflijo? E'-me mais facil... Ah!

vem meu pae. (*Corre e senta-se á costura junto á mesa.*)

## SCENA II

JOSÉ PIMENTA E MARICOTA.

Entra José Pimenta com a farda de cabo de esquadra da guarda nacional, calças de panno azul e barretão; tudo muito usado.

PIMENTA, *entrando*. — Chiquinha, vae ver minha roupa, já, que estás vadia. (*Chiquinha sae.*) Está bem bom! Está bem bom! (*Esfrega as mãos de contente.*)

MARICOTA, *cosendo*. — Meu pae, sae?

PIMENTA. — Tenho que dar algumas voltas, a ver se cobro o dinheiro das guardas de hontem. Abençoada a hora em que deixei o officio de sapateiro para ser cabo de esquadra da guarda nacional! Que ganhava eu pelo officio? Uma tuta-méa. Desde pela manhã até alta noite sentado á tripeça, mettendo sovella d'aqui, sovella d'acolá, cerol p'ra uma banda, cerol p'ra outra, puxando couro com os dentes, batendo de martello, estirando o tirapé, e no fim das contas chegava apenas o jornal para se comer, e mal. Torno a dizer, feliz a hora em que deixei o officio para ser cabo de esquadra da guarda nacional! Das guardas, das rondas e das ordens de prisão faço o meu patrimonio. Cá as arranjo de modo que rendem, e não rendem pouco! Assim é que é viver, e no mais sando, e viva a guarda nacional e o dinheirinho das guardas que vou cobrar, e que muito sinto ter de repartir com ganhadores. Se vier alguém procurar-me, dize que espere, que eu já volto. (*Sae.*)

## SCENA III

MARICOTA, só.

Tem razão! São milagres! Quando meu pae trabalhava pelo officio e tinha um jornal certo, não podia vi-

ver; agora que não tem officio nem jornal, vive sem necessidades. Bem diz o capitão Ambrosio que os officios sem nome são os mais lucrativos. Basta de coser. (*Levanta-se.*) Não hei de namorar o agulheiro, nem casar-me com a almofada. (*Vae para a janella. Faustino apparece á porta ao fundo, donde espreita para a sala.*)

## SCENA IV

### FAUSTINO E MARICOTA.

FAUSTINO. — Posso entrar ?

MARICOTA, *voltando-se*. — Quem é? Ah! pôde entrar.

FAUSTINO, *entrando*. — Estava ali defronte na loja do barbeiro esperando que teu pae sahisse para poder ver-te, fallar-te, amar-te, adorar-te, e...

MARICOTA. — Devéras?

FAUSTINO. — Ainda duvidas? Para quem vivo eu, senão para ti? Quem está sempre presente na minha imaginação? Por quem faço eu todos os sacrificios?

MARICOTA. — Falle mais baixo que a mana pôde ouvir.

FAUSTINO. — A mana! Oh! quem me dera ser a mana para estar sempre contigo, na mesma sala, na mesma mesa, no mesmo...

MARICOTA, *rindo-se*. — Já você começa.

FAUSTINO. — É como hei de acabar sem começar? (*Pegando-lhe na mão.*) Decididamente, meu amor, não posso viver sem ti... e sem o meu ordenado.

MARICOTA. — Não lhe creio: muitas vezes está sem me apparecer dous dias, signal que pôde viver sem mim; e julgo que pôde tambem viver sem o seu ordenado, porque...

FAUSTINO. — Impossivel!

MARICOTA. — Porque o tenho visto passar muitas vezes por aqui de manhã ás onse horas, e ao meio dia; o que prova que gazea soffrivelmente, que leva ponto, e lhe descontam o ordenado.

FAUSTINO. — Gazear a repartição o modelo dos empregados? Enganaram-te. Quando lá não vou, é ou por doente, ou por ter mandado parte de doente...

MARICOTA. — E hoje que é dia de trabalho mandou parte?

FAUSTINO. — Hoje! Ah! não me falles nisso, que me desespero e allucino! Por tua causa sou a victima mais infeliz da guarda nacional!

MARICOTA. — Por minha causa!

FAUSTINO. — Sim, sim, por tua causa! O capitão da minha companhia, o mais feroz capitão que tem apparecido no mundo, depois que se inventou a guarda nacional, persegue-me, acabrunha-me, e assassina-me! Como sabe que eu te amo, e que tu me correspondeste, não ha pirraças e affrontas que me não faça! Todos os mezes são dous e tres avisos para montar guarda; outros tantos para rondas, manejos, paradas; e desgraçado se lá não vou, ou não pago! Já o meu ordenado não chega! Roubam-me, roubam-me com as armas na mão! Eu te detesto, capitão infernal, és um tyrano, um Gengis-kan, um Tamerlan! Agora mesmo está um guarda á porta da repartição á minha espera para prender-me! Mas eu não vou lá, não quero! Tenho dito! Um cidadão é livre... em quanto não o prendem.

MARICOTA. — Sr. Faustino, não grite, tranquillise-se.

FAUSTINO. — Tranquillisar-me! Quando vejo um homem que abusa da autoridade que lhe confiaram para afastar-me de ti! Sim, sim! é para afastar-me de ti que elle manda-me sempre prender. Patife! Porém o que mais me mortifica e até me faz chorar, é ver teu pae, o mais honrado cabo de esquadra, prestar o seu apoio a essas tyrantias constitucionaes.

MARICOTA. — Está bom, deixe-se disso, já é maçada. Não tem que se queixar de meu pae: elle é cabo e faz a sua obrigação.

FAUSTINO. — A sua obrigação? E julgas que um homem faz a sua obrigação quando anda atraz de um cidadão brasileiro com uma ordem de prisão mettida na patrona!... na patrona!! A liberdade, a honra, a vida de um homem, feito á imagem de Deus, mettida na patrona!! Sacrilegio!

MARICOTA, *rindo-se*. — Com effeito, é uma acção digna...

FAUSTINO, *interrompendo-a*. — Sómente de um capitão da guarda nacional !! Felizes dos turcos, dos chinas, e dos negros de Guiné, porque não são guardas nacionaes ! Oh !

Porque lá nos desertos africanos  
Faustino não nasceu desconhecido ?

MARICOTA. — Gentes !...

FAUSTINO. — Mas apesar de todas essas perseguições, eu lhe hei de mostrar para que presto ! Tão depressa se reforme a minha repartição, casar-me-hei contigo, ainda que eu veja adiante de mim todos os chefes de legião, coroneis, majores, capitães, cornetas, sim, cornetas, e etc. !

MARICOTA. — Meu Deus, endoudeceu !

FAUSTINO. — Então podem chover sobre mim os avisos, como ehovia o maná no deserto ! Não te deixarei um só instante ! Quando fôr ás paradas, irás commigo para me veres manobrar !

MARICOTA. — Oh !

FAUSTINO. — Quando montar guarda, acompanhar-me-has...

MARICOTA. — Que ! Eu tambem hei de montar guarda ?

FAUSTINO. — É que tem isso ? Mas não, não, correria seu risco !...

MARICOTA. — Que extravaganeias !...

FAUSTINO. — Quando rondar, rondarei a nossa porta, e quando houver ruzgas, fechar-me-hei em casa commigo, e dê no que der, que... estou deitado. Mas ah ! infeliz !...

MARICOTA. — Acabou-se-lhe o furor ?

FAUSTINO. — De que me servem todos esses tormentos se me não amas ?

MARICOTA. — Não o amo !

FAUSTINO. — Desgraçadamente, não ! Eu tenho cá para mim que a tanto se não atreveria o capitão, se não lhe dês-es esperanças...

MARICOTA. — Ingrato !...

FAUSTINO. — Maricota, minha vida, ouve a confissão

dos tormentos que por ti soffro. (*Declamando.*) Uma idéa esmagadora, idéa abortada do negro abysmo, como o riso da desesperação, segue-me por toda a parte! Na rua, na cama, na repartição, nos bailes, e mesmo no theatro não me deixa um só instante! Agarrada ás minhas orelhas, como o naufrago á taboa de salvação, ouço-a sempre dizer : — Maricota não te ama!! Sacudo a cabeça, arranco os cabellos (*Faz o que diz*) e só consigo desarranjar os cabellos e amarrotar a gravata (*Isto dizendo tira do bolso um pente, com o qual-se penteia em quanto falla.*) Isto é o tormento da minha vida, companheiro da minha morte! Cosido na mortalha, pregado no caixão, enterrado na catacumba, fechado na caixinha dos ossos no dia de finados, ouvirei ainda essa voz, mas então será furibunda, pavorosa e cadaverica, repetir : — Maricota não te ama!! (*Engrossa a voz para dizer estas palavras.*) E serei o defunto mais desgraçado!... Não te commovem estas pinturas? não se te arripiam as carnes?

MARICOTA. — Escute...

FAUSTINO. — Oh! que não tenha eu eloquencia e poder para te arripiar as carnes!...

MARICOTA. — Já lhe disse que escute. Ora diga-me : não lhe tenho eu dado todas as provas que lhe poderia dar para convencil-o do meu amor? Não tenho respondido a todas as suas cartas? Não estou á janella sempre que passa de manlã para a repartição, e ás duas horas quando volta, apezar do sol? Quando tenho alguma flôr ao peito, que m'a pede, não lh'a dou? Que mais quer? São poucas essas provas de verdadeiro amor? Assim é que me paga tantas finezas? Eu é que me deveria queixar...

FAUSTINO. — Tu?!

MARICOTA. — Eu, sim! Responda-me : por onde andou que não passou por aqui hontem, e me fez esperar toda a tarde á janella? Que fez do cravo que lhe dei o mez passado? Porque não foi ao theatro quando eu lá estive com D. Marianna? Desculpe-se, se póde. Assim é que corresponde a tanto amor? Já não ha paixões verdadeiras! Estou desenganada! (*Finge que chora.*)

FAUSTINO. — Maricota!

MARICOTA. — Fui bem desgraçada em dar o meu coração a um ingrato !...

FAUSTINO, *enternecido*. — Maricota !

MARICOTA. — Se eu pudesse arrancar do peito esta paixão...

FAUSTINO. — Maricota! eis-me a teus pés (*Ajoelha-se, e enquanto falla, Maricota ri-se, sem que elle veja*) Necessito de toda a tua bondade para ser perdoado !

MARICOTA. — Deixe-me !

FAUSTINO. — Queres que morra a teus pés ? (*Batem palmas na escada.*)

MARICOTA, *assustada*. — Quem será ? (*Faustino conserva-se de joelhos.*)

CAPITÃO, *na escada dentro*. — Dá licença ?

MARICOTA, *assustada*. — É o capitão Ambrosio ! (*Pura Faustino.*) Vá-se embora ! vá-se embora ! (*Vae para dentro correndo.*)

FAUSTINO, *levanta-se e vae atraz della*. — Então que é isso?... Deixou-me!... Foi-se!... e esta!... Que farei?... (*Anda ao redor da sala como procurando onde esconder-se.*) Não sei onde esconder-me!... (*Vae espiar á porta, e d'ahi corre para a janella.*) Voltou, e está conversando á porta com um sujeito; mas de certo não deixa de entrar... Em boas estou mettido, e d'aqui não... (*Corre para o judas, despe-lhe a casaca e o collete, tira-lhe as botas, e o chapéo e arranca-lhe os bigodes.*) O que me pilhar tem talento, porque mais tenho eu ! (*Veste o collete e casaca sobre a sua propria roupa; calça as botas, põe o chapéo armado, e arranja os bigodes. Feito isto, esconde o corpo do judas em uma das gavetas da commoda, onde tambem esconde o proprio chapéo, e toma o lugar do judas.*) Agora pôde vir... (*Batem.*) Eil-o!... (*Batem.*) Ah! vem!...

## SCENA V

CAPITÃO E FAUSTINO, no lugar do judas.

CAPITÃO, *entrando*. — Não ha ninguem em casa? ou estão todos surdos? Já bati palmas duas vezes, e nada

de novo! (*Tira a barretina, colloca-a sobre a mesa e senta-se na cadeira.*) Esperarei. (*Olha ao redor de si e dá com os olhos no judas; suppõe á primeira vista ser um homem, e levanta-se rapidamente.*) Quem é? (*Reconhecendo que é um judas.*) Ora! ora! ora! E não me enganei com o judas, pensando que era um homem? Oh! oh! está um figurão! E o mais é que está tão bem feito que parece vivo! (*Senta-se.*) Onde está esta gente? Preciso fallar com o cabo José Pimenta, e... ver a filha. Não seria máo que elle estivesse em casa; desejo ter certas explicações com a Maricota. (*Aqui apparece á porta da direita Maricota que espreita receiosa; o capitão, logo que a vê, levanta-se.*) Ah!

## SCENA VI

MARICOTA E OS MESMOS.

MARICOTA, *entrando sempre receiosa, e olhando para todos os lados.* — Sr. capitão!

CAPITÃO, *chegando-se para ella.* — Desejei ver-te, e a fortuna ajudou-me. (*Pegando-lhe na mão.*) Mas que tons? estás receiosa! Teu pac?

MARICOTA, *receiosa.* — Sahu.

CAPITÃO. — Que temes então?

MARICOTA, *adianta-se, e como que procura um objecto com os olhos pelos cantos da sala.* — Eu? nada. Estou procurando o gato...

CAPITÃO. — O gato? E por causa do gato me recebe com esta indiferença? (*Largando-lhe a mão.*)

MARICOTA, *á parte.* — Sahu. (*Para o capitão.*) Ainda em cima zanga-se commigo! Por sua causa é que eu estou nestes sustos!

CAPITÃO. — Por minha causa?

MARICOTA. — Sim.

CAPITÃO. — E é tambem por minha causa que procura o gato?

MARICOTA. — E', sim!

CAPITÃO. — Essa agora é melhor! Explique-se...

MARICOTA, *à parte*. — Em que me fui eu metter! que lhe hei de dizer?

CAPITÃO. — Então?

MARICOTA. — Lembra-se...

CAPITÃO. — De que?

MARICOTA. — Da... da... d'aquella carta que me escreveu ante-hontem, em que me aconselhava que fugisse da casa de meu pae para a sua?

CAPITÃO. — E que tem?

MARICOTA. — Guardei-a na gavetinha do meu espelho, e, conio a deixasse aberta, o gato brincando sacou-me a carta, porque elle tem esse costume...

CAPITÃO. — Oh! mas isso não é graça! Procuremos o gato! A carta estava assignada e pôde comprometter-me! E' a ultima vez que tal me acontece! (*Puxa a espada e principia a procurar o gato.*)

MARICOTA, *à parte*, *emquanto o capitão procura*. — Puxa a espada! Estou arrependida de ter dado corda a este tolo.

O capitão procura o gato atraz de Faustino que está immovel; passa por diante, e continúa a procural-o. Logo que volta as costas a Faustino, este mia. O capitão volta-se para traz repentinamente. Maricota surprende-se.)

CAPITÃO. — Miou!

MARICOTA. — Miou?!

CAPITÃO. — Está por aqui mesmo. (*Procura.*)

MARICOTA, *à parte*. — E' singular! Em casa não temos gato!

CAPITÃO. — Aqui não está! — Onde diabo se metteu?

MARICOTA, *à parte*. — Sem duvida é algum da vizinhança. (*Para o capitão.*) Está bom. Deixe; elle apparecerá.

CAPITÃO. — Que o leve o demo! (*Para Maricota.*) Mas procure-o bem até que o ache, para arrancar-lhe a carta. Podem-na achar, e isso não me convem. (*Esquece-se de embainhar a espada.*) Sobre esta mesma carta desejava eu fallar-te.

MARICOTA. — Recebeu a minha resposta?

CAPITÃO. — Recebi, e tenho-a aqui commigo. Mandaste-me dizer que estavas prompta a fugir para minha

casa, mas que esparavas primeiro poder arranjar parte do dinheiro que teu pae está ajuntando para te safares com elle. Isto não me convem. Não está nos meus principios. Um moço póde roubar uma moça : é uma rapaziada; mas dinheiro ! é uma acção infame,

MARIGOTA, *á parte*. — Tolo !

CAPITÃO. — Espero que não penses mais nisso, e que farás sómente o que te eu peço. Sim?

MARIGOTA, *á parte*. — Pateta, que não percebe que era um pretexto para lhe não dizer que não, e tel-o sempre preso.

CAPITÃO. — Não respondes ?

MARIGOTA. — Pois sim. (*A' parte*.) Era preciso que eu fosse tola; se eu fugir elle não se casa.

CAPITÃO. — Agora quero sempre dizer-te uma coisa. Suppoz que esta historia de dinheiro era um pretexto para não fazeres o que te pedia.

MARIGOTA. — Ah ! suppoz ! Tem penetração !

CAPITÃO. — E se te valias desses pretextos é porque amavas a...

MARIGOTA. — A quem ? Diga !

CAPITÃO. — A Faustino.

MARIGOTA. — A Faustino ? (*Ri ás gargalhadas*.) Eu ? amar aquelle toleirão ? Com olhos de enxova morta, o pernas d'arco de pipa ? Está mangando commigo. Tenho melhor gosto. (*Olha com ternura para o capitão*.)

CAPITÃO, *suspirando com prazer*. — Ai ! que olhos matadores !

Durante este dialogo Faustino está inquieto no seu logar.

MARIGOTA. — O Faustino serve-me de divertimento, e, se algumas vezes lhe dou attenção, é para melhor occultar o amor que sinto por outro.

Olha com ternura o capitão. Aqui apparece á porta do fundo José Pimenta. Vendo o capitão com a filha, para e escuta.

CAPITÃO. — Eu creio-te porque os teus olhos confirmam as tuas palavras. (*Gesticula com enthusiasmo brandindo a espada*.) Terás sempre em mim um arrimo, e um defensor ! Em quanto eu fôr capitão da guarda nacional,

e o governo tiver confiança em mim, hei de sustentarte como uma princeza!

Pimenta desata a rir ás gargalhadas. Os dous voltam-se sorprendidos. Pimenta caminha para a frente rindo-se sempre. O capitão fica enfiado, e com a espada levantada. Maricota turbada, não sabe como tomar a hilaridade do pae.

## SCENA VII

PIMENTA E OS MESMOS.

PIMENTA, *rindo-se*. — Que é isto, Sr. capitão? Ataca a rapariga ou ensina-lhe a jogar a espada?

CAPITÃO, *turbado*. — Não é nada, Sr. Pimenta, não é nada... (*Embainha a espada.*) Foi um gato.

PIMENTA. — Um gato! Pois o Sr. Capitão tira a espada para um gato? Só se foi algum gato damnado, que por aqui entrou!

CAPITÃO, *querendo mostrar tranquillidade*. — Nada. Foi o gato da casa que andou aqui pela sala fazendo estrepolias.

PIMENTA. — O gato da casa! É bichinho que nunca tive, nem quero ter!

CAPITÃO. — Pois o senhor não tem um gato?

PIMENTA. — Não, senhor.

CAPITÃO, *alterando-se*. — E nunca os teve?

PIMENTA. — Nunca... nias...

CAPITÃO. — Nem suas fillias, nem seus escravos?

PIMENTA. — Já disse que não... mas...

CAPITÃO, *voltando-se para Maricota*. — Com que nem seu pae, nem sua irmã, e nem seus escravos têm gato?

PIMENTA. — Mas que diabo é isso?

CAPITÃO. — E no emtanto... Está bom! está bom! (*A parte.*) Aqui ha maroteira!

PIMENTA. — Mas que historia é essa?

CAPITÃO. — Não é nada; não faça caso; ao depois lhe direi. (*Para Maricota.*) Muito obrigado! (*Voltando-se*

*para Pimenta.*) Temos que fallar em objecto de serviço.

PIMENTA, *para Maricota.* — Vae para dentro.

MARICOTA, *á parte.* — Que capitão tão pedaço d'asno!  
(*Sae.*)

## SCENA VIII

### CAPITÃO E JOSÉ PIMENTA.

Pimenta vae pôr sobre a mesa a barretina. O capitão fica pensativo.

CAPITÃO, *á parte.* — Aqui anda o Faustino, mas elle me pagará!

PIMENTA. — A's suas ordens, Sr. capitão.

CAPITÃO. — O guarda Faustino foi preso?

PIMENTA. — Não, senhor. Desde quinta-feira que andam dous guardas atraz delle, e ainda não foi possível recontral-o. Mandei-os que fossem escorar á porta da repartição, e tambem lá não appareceu hoje. Creio que teve aviso.

CAPITÃO. — É preciso fazer dilligencia para prender esse guarda, que está ficando muito romisso. Tenho ordens muito apertadas do commandante superior. Diga aos guardas encarregados de o prender que o levem para os provisorios. Ha de lá estar um mez. Isto assim não pôde continuar. Não ha gente para o serviço com esses mãos exemplos. A impunidade desorganiza a guarda nacional, Assim que elle sahir dos provisorios, avisem-no logo para o serviço, e, se faltar, provisorio no caso, até que se desengane. Eu lhe hei de mostrar!  
(*Á parte.*) Mariola!... que ser meu rival!...

PIMENTA. — Sim senhor, Sr. capitão.

CAPITÃO. — Guardas sobre guardas, rondas, manejos, paradas dilligencias, — atralhe-o! Entenda-se a esse respeito com o sargento.

PIMENTA. — Deixe estar, Sr. capitão.

CAPITÃO. — Precisamos de gente prompta.

PIMENTA. — Assim é, Sr. capitão. Os que não pagam

para a musica, devem sempre estar promptos. Alguns são muito remissos.

CAPITÃO. — Ameacc-os com o serviço.

PIMENTA. — Já o tenho feito. Digo-lhes que, se não pagarem promptamente, o Sr. capitão os chamará para o serviço. Faltam ainda oito que não pagaram este mez, e dois ou tres que não pagam desde o principio do anno.

CAPITÃO. — Avise a esses, que recebeu ordem para os chamar de novo para o serviço impreterivelmente. Ha falta de gente. Ou paguem ou trabalhem.

PIMENTA. — Assim é, Sr. capitão, e mesmo é preciso. Já andam dizendo que se a nossa companhia não tem gente, é porque mais de metade paga para a musica.

CAPITÃO, *assustado*. — Dizem isso? Pois já sabem?

PIMENTA. — Que saibam, não creio; mas desconflam.

CAPITÃO. — E' o diabo! é preciso cautella. Vamos á casa do sargento, que lá temos que conversar. Uma demissão me faria desarranjo. Vamos.

PIMENTA. — Sim, senhor, Sr. capitão. (*Saem.*)

## SCENA IX

FAUSTINO, só.

Logo que os dous sairem, Faustino vae espreital-os á porta por onde saíram; e adianta-se um pouco.

FAUSTINO. — Ah! com que o Sr. capitão assusta-se, porque podem saber que mais de metade dos guardas da companhia pagam para a musica!... e quer mandar-me para os provisórios! Com que, escreve cartas, desinquietando a uma filha familia, e quer atrapalhar-me com serviço? Muito bem! Cá tomarei nota. E' que direi da menina? E' de se lhe tirar o barrete! Está doutorada! Anda a dous carrinhos! Obrigado! Acha que eu tenho pernas de enxova morta, e olhos de arco de pipa! Ah! quem soubera! mas ainda é tempo, tu me pagarás; e... ouço pisadas... a postos! (*Toma o seu logar.*)

## SCENA X

## CHIQUINHA E FAUSTINO.

CHIQUINHA, *entra e senta-se á costura.* — Deixe-me ver se posso acabar este vestido para vestil-o amanhã que é domingo de Paschoa (*Cose.*) Eu é que sou a vadia, como meu pae disse. Tudo anda assim. Ai! Ai! (*Suspirando.*) Ha gente bem feliz; alcançam tudo quanto desejam, e dizem tudo quanto pensam; só eu nada alcanço e nada digo. Em quem estará elle pensando? Na mana, sem duvida. Ah! Faustino! Faustino! Se tu soubesses...

FAUSTINO, *á parte.* — Falla em mim! (*Approxima-se de Chiquinha pé ante pé.*)

CHIQUINHA. — A mana que não sente por ti o que eu sinto, tem coragem para te fallar e enganar, emquanto eu, que tanto te amo, não ousou levantar os olhos para ti. Assim vae o mundo! Nunca terei valor para fazelhe a confissão deste amor, que me faz tão desgraçada; nunca, que morreria de vergonha. Elle nem em mim pensa. Casar-me com elle seria a maior das felicidades. (*Faustino, que durante o tempo que Chiquinha falla vem se approximando e ouvindo com prazer quanto ella diz, cae a seus pés.*)

FAUSTINO. — Anjo do céu!... (*Chiquinha dá um grito assustada, levanta-se rapidamente para fugir, e Faustino retém na pelo vestido.*) Espera!

CHIQUINHA, *gritando.* — Ai! quem me acodê?

FAUSTINO. — Não te assustes: é o teu amante, o teu noivo... o ditoso Faustino!

CHIQUINHA, *forcejando para fugir.* — Deixe-me!

FAUSTINO, *tirando o chapéo.* — Não me conheces? É o teu Faustino!

CHIQUINHA, *reconhecendo-o.* — Sr. Faustino!!

FAUSTINO, *sempre de joelhos.* — Elle mesmo, encantadora creatura! elle mesmo, que tudo ouviu!

CHIQUINHA, *escondendo o rosto nas mãos.* — Meu Deus!

FAUSTINO. — Não te envergonhes (*Levanta-se*), e não te admires de ver-me tão ridiculamente vestido para um amante adorado.

CHIQUINHA. — Deixe-me ir para dentro.

FAUSTINO. — Oh! não! Ouvir-me-has primeiro. Por causa de tua irmã, eu estava escondido nestes trajos, mas proveu a Deus que elles me servissem para descobrir a sua perfidia, e ouvir a tua ingenua confissão, tanto mais preciosa, quanto inesperada. Eu te amo, eu te amo!

CHIQUINHA. — A mana pôde ouvir-o.

FAUSTINO. — A mana! que venha ouvir-me! Quero dizer-lhe nas bochechas o que penso! Se eu tivesse adivinhado em ti tanta candura e amor, não teria passado por tantos dissabores e desgostos, e não teria visto com meus proprios olhos a maior das patifarias! Tua mana é... enfim, eu cá sei o que ella é, e basta. Deixe-mol-a, fallemos só no nosso amor! Não olhes para as minhas botas. As tuas palavras accenderam no meu peito uma paixão volcanico-pyramidal e delirante. Ha um momento que nasceu, mas já está grande como o universo! Conquistaste-me! Terás o pago de tanto amor! Não duvides. Amanhã virei pedir-te a teu pae.

CHIQUINHA, *involuntariamente*. — Será possível?

FAUSTINO. — Mais que possível, possibilissimo!

CHIQUINHA. — Oh! está me enganando... E o seu amor por Maricota?

FAUSTINO, *declamando*. — Maricota trouxe o inferno para minha alma, se é que não levou minha alma para o inferno! O meu amor por ella foi-se, voou, extinguiu-se como um foguete de lagrimas!...

CHIQUINHA. — Seria crueldade se zombasse de mim! de mim, que occultava a todos o meu segredo.

FAUSTINO. — Zombar de ti! Seria mais facil zombar do meu ministro! Mas, silencio! — parece que sobem as escadas.

CHIQUINHA, *assustada*. — Será meu pae?

FAUSTINO. — Nada digas do que ouviste; é preciso que nioguem saiba que eu estou aqui incognito. Do segredo depende a nossa dita.

PIMENTA, *dentro*. — Diga-lhe que não pôde ser.

FAUSTINO. — É teu pae.

CHIQUINHA. — É meu pae.

AMBOS. — Adeus! (*Chiquinha sae correndo, e Faustino põe o chapéo na cabeça, e toma o seu logar.*)

## SCENA XI

PIMENTA, DEPOIS ANTONIO DOMINGOS.

PIMENTA. — É boa! querem todos ser dispensados das paradas! Agora é que o sargento anda passeando. Lá ficou o capitão á espera. Ficou espantado com o que eu lhe disse a respeito da musica; tem razão, que se souberem, podem-lhe dar com a demissão pelas ventas. (*Batem palmas dentro.*) Quem é?

ANTONIO, dentro. — Um seu eriado. Dá licença?

PIMENTA. — Entre quem é. (*Entra Antonio Domingos.*)

PIMENTA. — Ah! é o Sr. Antonio Domingos? Seja bem apparecido! Como vae isso?

ANTONIO. — Ao seu dispôr.

PIMENTA. — Dê cá o seu chapéo (*Toma o chapéo e o põe sobre a mesa.*) Então, que ordena?

ANTONIO, com mysterio. — Trata-se do negocio.

PIMENTA. — Ah! espere. (*Vae fechar a porta do fundo, espiando primeiro se alguém os poderá ouvir.*) E' preciso cautela. (*Cerra a porta que dá para o interior.*)

ANTONIO. — Toda é pouca. (*Vendo o judas.*) Aquillo é um judas?

PIMENTA. — É dos pequenos. Então?

ANTONIO. — Chegou nova remessa do Porto. Os socios continuam a trabalhar com ardor. Aqui estão dous contos (*Tira da algibeira dous maços de papeis*), um em cada maço; é das azues. Desta vez vieram mais bem feitas (*Mostra uma nota de 5000 que tira do bolso do collete*), veja; está perfeitissima.

PIMENTA, examinando-a. — Assim é.

ANTONIO. — Mandeí aos socios fabricantes o relatório do exame que fizeram na Caixa da Amortisação,

sobre as da penultima remessa, e elles emendaram a mão. Aposto que ninguem as differenciará das verdadeiras.

PIMENTA. — Quando chegaram?

ANTONIO. — Hontem, no navio que chegou do Porto.

PIMENTA. — E como vieram?

ANTONIO. — Dentro de um barril de paios.

PIMENTA. — O lucro que deixa não é máo; mas arisca-se a pelle...

ANTONIO. — Que receia?

PIMENTA. — Que receio? Se nos dão na malhada, adeus minhas encomendas! Tenho filhos...

ANTONIO. — Deixe-se de sustos. Já tivemos duas remessas, e o senhor só por sua parte passou 2:500\$, e nada lhe aconteceu.

PIMENTA. — Bem perto estivemos de ser descobertos — houve denuncia, e o thesouro substituiu as azues pelas brancas.

ANTONIO. — Dos bilhetes aos falsificadores vae longe; aquelles andam pelas mãos de todos, e estes fecham-se quando fallam, e acautelam-se. Demais, quem nada arisca, nada tem. Deus ha de ser comnosco.

PIMENTA. — Se não fóra o chefe de policia!...

ANTONIO. — Esse é que pôde botar tudo a perder; mas peor é o medo. Vá guardal-os. (*Pimenta vae guardar os maços dos bilhetes em uma das gavetas da commoda, e a fecha á chave.*)

ANTONIO, *emquanto Pimenta guarda os bilhetes.* — Cincoenta contos da primeira remessa, cem da segunda, e cincoenta desta, fazem duzentos contos; quando muito, vinte de despeza, e ahi temos cento e oitenta de lucro. Não conheço negocio melhor. (*Para Pimenta.*) Não os vá trocar sempre á mesma casa; ora aqui, ora ali. Tem cinco por cento dos que passar.

PIMENTA. — Já estou arrependido de ter-me mettido neste negocio.

ANTONIO. — E porque?

PIMENTA. — Além de perigosissimo, tem consequencias que eu não previa quando me metti nelle. O senhor dizia que o povo não soffia com isso.

ANTONIO. — E ainda digo. Ha na circulaçao um hor-

ror de milhares de contos em papel; mais duzentos não querem dizer nada.

PIMENTA. — Assim pensei eu, ou m'o fizeram pensar; mas já me abriram os olhos, e... emfim, passarei ainda esta vez, e será a ultima. Tenho filhos. Metti-me nisto sem saber bem o que fazia. E do senhor me queixo, porque da primeira vez abusou da minha posição; eu estava sem vintem. E' a ultima!

ANTONIO. — Como quizer; o senhor é quem perde. (*Batem na porta*).

PIMENTA. — Batem!

ANTONIO. — Será o chefe de policia?

PIMENTA. — O chefe de policia! Eis ahí está no que o senhor me metteu!...

ANTONIO. — Prudencia. Se fôr a policia, queimam-se os bilhetes.

PIMENTA. — Qual queimam-se, nem meio queimam-se; já não ha tempo senão de sermos enforcados.

ANTONIO. — Não desanime. (*Batem de novo*.)

FAUSTINO, *disfarçando a voz*. — Da parte da policia!

PIMENTA, *cahindo de joelhos*. — Misericordia!

ANTONIO. — Fugamos pelo quintal.

PIMENTA. — A casa não tem quintal. Minhas filhas!...

ANTONIO. — Estamos perdidos! (*Corre para a porta afim de espiar pela fechadura. Pimenta fica de joelhos e treme convulsivamente.*) Só vejo um official da guarda nacional. (*Batem; espia de novo.*) Não ha duvida. (*Para Pimenta.*) Sio!... sio... venha cá.

CAPITÃO, *dentro*. — O' Sr. Pimenta, Sr. Pimenta? (*Pimenta ao ouvir o seu nome levanta a cabeça, e escuta; Antonio caminha para elle.*)

ANTONIO. — Ha só um official que o chama.

PIMENTA. — Os mais estão escondidos!

CAPITÃO, *dentro*. — Ha ou não gente em casa?

PIMENTA, *levanta-se*. — Aquella voz... (*Vae para a porta e espia.*) Não me enganei: é o capitão! (*Espia.*) Ah Sr. capitão!?

CAPITÃO, *dentro*. — Abra!

PIMENTA. — V. S. está só?

CAPITÃO, *dentro*. — Estou, sim; abra.

PIMENTA. — Palavra de honra?

CAPITÃO, *dentro*. — Abra, ou vou-me embora.

PIMENTA, *para Antonio*. — Não ha que temer. (*Abre a porta; entra a capitão; Antonio sac fôra da porta e observa se ha alguém occulto no corredor.*)

## SCENA XII

CAPITÃO, OS MESMOS.

CAPITÃO, *entrando*. — Com o demo! o senhor a estas horas com a porta fechada!

PIMENTA. — Queira perdoar, Sr. capitão.

ANTONIO, *entrando*. — Ninguem!

CAPITÃO. — Faz-me esperar tanto! Hoje é a segunda vez!

PIMENTA. — Por quem é, Sr. capitão.

CAPITÃO. — Tão calados! Parece que estavam fazendo moeda falsa! (*Antonio estremece: Pimenta assusta-se.*)

PIMENTA. — Que diz, Sr. capitão? V. S. tem graças que offendem! Isto não são briuquedos! Assim me escandalisa. Estava com o meu amigo Antonio Domingos fallando nos seus negocios, que eu cá por mim não os tenho.

CAPITÃO. — Oh! o senhor escandalisa-se e assusta-se por uma graça dita sem intenção de offender?

PIMENTA. — Mas ha graças que não têm graça!

CAPITÃO. — O senhor tem alguma coisa? Eu o estou desconhecendo!

ANTONIO, *á parte*. — Este diabo bota tudo a perder! (*Para o capitão.*) E' a bilis que ainda o trabalha. Estava enfurecido commigo por certos negocios. Isto passa-lhe. (*Para Pimenta.*) Tudo se ha de arranjar. (*Para o capitão.*) V. S. está hoje de serviço?

CAPITÃO. — Estou de dia. (*Para Pimenta.*) Já lhe posso fallar?

PIMENTA. — Tenha a bondade de desculpar-me. Este maldito homem ia-me fazendo perder a cabeça. (*Passa a mão pelo pescoço, como quem quer dar mais intellu-*

*gencia ao que diz.)* E V. S. tambem não contribuiu pouco para assustar-me!

ANTONIO, *forcejando para rir.* — Foi uma boa cassoadá.

CAPITÃO. *admirado.* — Cassoadá!... eu?...

PIMENTA. — Por mais honrado que seja um homem, quando se lhe bate á porta, e se diz: — da parte da policia —, elle sempre se assusta.

CAPITÃO. — É quem lhe disse isto?

PIMENTA. — V. S. mesmo.

CAPITÃO. — Ora o senhor, ou está sonhando, ou quer se divertir comigo!

PIMENTA. — Não foi V. S.?

ANTONIO. — Não foi V. S.?

CAPITÃO. — Peior é essa! A sua casa hoje anda mysteriosa. Ha pouco era sua filha com o gato; agora é o senhor com a policia... (*A' parte.*) Aqui anda tramoia!

ANTONIO, *á parte.* — Quem seria?

PIMENTA, *assustado.* — Isto não vai bem. (*Para Antonio.*) Não saia d'aqui antes de eu lhe entregar uns papeis. Espere! (*Faz semblante de querer ir buscar os bilhetes; Antonio o retém.*)

ANTONIO, *para Pimenta.* — Olhe que se perde!

CAPITÃO. — E então!... Ainda não me deixaram dizer ao que vinha. (*Ouve-se repique de sinos, foguetes, algazarra, ruidos diversos como acontece quando apparece a Alleluia.*)

CAPITÃO. — Que é isto?

PIMENTA. — Estamos descobertos!!...

ANTONIO, *gritando.* — E' a Alleluia que appareceu. (*Entram na sala de tropel, Maricota, Chiquinha, os quatro meninos e os dois moleques.*)

MENINOS. — Appareceu a Alleluia! Vamos ao judas!!... (*Faustino, vendo os meninos junto de si, deita a correr pela sala. Espanto geral. Os meninos gritam, e fogem de Faustino, o qual dá duas voltas ao redor da sala, levando adiante de si todos os que estão em scena, os quaes se atropellam, correndo, e gritam aterrorisados. Chiquinha fica em pé junto á porta por onde entrou. Faustino na segunda volta, sae para a rua, e os mais, desembaraçados d'elle, ficam como assombrados. Os*

*meninos e moleques chorando escondem-se debaixo da mesa e cadeiras; o capitão na primeira volta que dá fugindo de Faustino sobe para cima da commoda; Antonio Domingos agarra-se a Pimenta, e rolam juntos pelo chão quando Faustino sae; e Maricota cae desmaiada na cadeira onde cosia.)*

PIMENTA. — *rolando pelo chão agarrado com Antonio. É o demonio!...*

ANTONIO. — *Vade-retro, Satanaz!!... (Estreitam-se nos braços um do outro, e escondem a cara.)*

CHIQUINHA, *chega-se para Maricota.* — Mana? que tens? Não falla! está desmaiada! Mana? Meu Deus! Sr. capitão, faça o favor de dar-me um copo com agua.

CAPITÃO, *de cima da commoda.* — Não posso lá ir.

CHIQUINHA, *á parte.* — Poltrão! (*Para Pimenta.*) Meu pae, acuda-me! (*Chega-se para elle e chamu-o, tocando-lhe no hombro.*)

PIMENTA, *gritando.* — Ai! ai! ai! (*Antonio, ouvindo Pimenta gritar, grita tambem.*)

CHIQUINHA. — É esta! Não está galante? O peor é estar a mana desmaiada! Sou eu, meu pae! Sou Chiquinha! Não se assuste! (*Pimenta e Antonio levantam-se cautelosos.*)

ANTONIO. — Não o vejo!...

CHIQUINHA, *para o capitão.* — Desça; que vergonha! não tenha medo (*O capitão principia a descer.*) Ande, meu pae, acudamos á mana! (*Ouve-se dentro o grito de leva! leva! como costumam os moleques, quando arrastam os judas pelas ruas.*)

PIMENTA. — *Ahi vem elle!!... (Ficam todos immoveis na posição em que os surpreendeu o grito; isto é: Pimenta e Antonio ainda não de todo levantados; o capitão com uma perna no chão, e outra na borda de uma das gavetas da commoda, que está meio aberta; Chiquinha esfregando as mãos de Maricota para reanimá-la; e os meninos nos logares que occupavam. Conservam-se todos silenciosos até que se houve o grito exterior — morra — em distancia.)*

CHIQUINHA, *emquanto os demais estão silenciosos.* — Meu Deus que gente tão medrosa! e ella neste estado! Que hei de fazer? Meu pae? Sr. capitão? não se mo-

vem! Já tem as mãos frias... (*Apparece repentinamente á porta Faustino ainda com os mesmos trajos; salta no meio da sala e vae cair sentado na cadeira que está junto á mesa. Uma turba de garotos e moleques armados de páos entram após elle gritando: — Péga no judas! péga no judas! — Pimenta e Antonio erguem-se rapidamente, e atiram-se para a extremidade esquerda do theatro, junto aos candieiros da rampa; o capitão sobe de novo para cima da commoda; Maricota, vendo Faustino na cadeira, separado della sómente pela mesa, dá um grito, e foge para a extremidade direita do theatro; e os meninos saem aos gritos de debaixo da mesa, e espalham-se pela sala. Os garotos param no fundo junto á porta; e, vendo-se em uma casa particular, cessam de gritar.*)

FAUSTINO, *cahindo sentado.* — Ai! que corrida! Já não posso! Oh! parece-me que por cá ainda dura o medo! O meu não foi menor vendo esta canalha. Safa, canalha! (*Os garotos riem-se, e fazem assuada.*) Ah! o caso é esse? (*Levanta-se.*) Sr. Pimenta? (*Pimenta ouvindo Faustino chamal-o encólhe-se e treme.*) Treme! Ponha-me esta corja no andar da rua... Não ouve?

PIMENTA, *titubeando.* — Eu, senhor!

FAUSTINO. — Ah! não obedece? Vamos que lhe mando — da parte da policia. (*Disfarçando a voz como da vez primeira.*)

ANTONIO. — Da parte da policia!... (*Para Pimenta.*) Vá! vá!

FAUSTINO. — Avie-se! (*Pimenta caminha receioso para o grupo que está ao fundo, e com bons modos o faz sair. Faustino, enquanto Pimenta faz evacuar a sala continúa a fallar. — Para Maricota.*) Não olhe assim para mim com os olhos tão arregalados que lhe podem saltar fóra da cara! De que serão esses olhos? (*Para o capitão.*) O' lá! valente capitão? está de poleiro! Desça! Está com medo do papão! U! ú!... Bote fóra a espada que lhe está atrapalhando as pernas! E' um bello boneco de louça! (*Tira o chapéo e os bigodes, e os atira no chão.*) Agora ainda terão medo! Não me conhecem?

TODOS, *excepto Chiquinha.* — Faustino!!

FAUSTINO. — Ah! já! cobraram a falla! Temos que

conversar. (*Põe uma das cadeiras no meio da sala e senta-se. O capitão, Pimenta e Antonio dirigem-se para elle enfurecidos; o primeiro colloca-se á sua direita, o segundo á esquerda e o terceiro atraz; fallando todos tres ao mesmo tempo. Faustino tapa os ouvidos com as mãos.*)

PIMENTA. — Ocultar-se em casa de um homem do bem, de um pae de familia, é acção criminosa, não se deve praticar! As leis são bem claras! A casa do cidadão é inviolavel! As autoridades hão de ouvir-me! Serei desafiado!

ANTONIO. — Surprender um segredo é infamia! e só a vida paga certas infamias! Entende? O senhor é um mariola! Tudo quanto fiz e disse foi para experimental-o. Eu sabia que estava ali occulto. Se diz uma palavra, mando-lhe dar uma arrojada.

CAPITÃO. — Aos insultos respondem-se com as armas na mão! Tenho uma patente de capitão que me deu o governo; hei de fazer honra a ella! O senhor é um coarde! Digo-lhe isto na cara! Não me mette medo! Ha de ir preso! Ninguem me insulta impunemente! (*Os tres, á proporção que faltam, vão reforçando a voz e acabam bramando.*)

FAUSTINO. — Ai! ai! ai! ai! que fico sem ouvidos!

CAPITÃO. — Petulancia inqualificavel... Petulancia!...

PIMENTA. — Desaforo sem nome... Desaforo!!

ANTONIO. — Patifaria! patifaria! patifaria!! (*Faustino levanta-se rapidamente, batendo com os pés.*)

FAUSTINO, gritando. — Silencio!! (*Os tres emmudecem e recuam*) que o Deus da linha quer fallar! (*Asenta-se.*) Puxe-me aqui estas botas! (*Para Pimenta.*) Não quer? Olhe que o mando da parte da... (*Pimenta chega-se para elle.*)

PIMENTA, colerico. — Dê cá!

FAUSTINO. — Já (*Dá-lhe as botas a puxar.*) De vagar! Assim! (*A' parte.*) Digam lá que a policia não faz milagres! (*A Antonio.*) Ah, senhor meu, tire-me esta casaca. Creio que não será preciso dizer da parte de quem... (*Antonio tira-lhe a casaca com muito mau modo.*) Cuidado! não rasgue o traste, que é de valor! Agora o collete. (*Tira-lh'o.*) Bom.

CAPITÃO. — Até quando abusará da nossa paciência ?

FAUSTINO, *voltando-se para elle*. — Ainda que mal lhe pergunte, o senhor aprendeu latim ?

CAPITÃO, *á parte*. — Hei de fazer cumprir a ordem de prisão. (*Para Pimenta*.) Chame dous guardas.

FAUSTINO. — Que é lá isso? Espere lá! Já não tem medo de mim? Então ha pouco quando se empoleirou era com medo das botas? Ora! não seja criança, e escute. (*Para Maricota*.) Chegue-se para cá. (*Para Pimenta*.) Ao Sr. José Pimenta do Amaral, cabo de esquadra da guarda nacional, tenho a distincta de pedir-lhe a mão de sua filha a Sra. D. Maricota... ali para o Sr. Antonio Domingos.

MARICOTA. — Ah!

PIMENTA. — Senhor!

ANTONIO. — E esta!

FAUSTINO. — Ah! não querem? Torcem o focinho? Então escutem a historia de um barril de paços, em que...

ANTONIO, *turbado*. — Senhor...

FAUSTINO, *continuando*. — Em que vinham escondidos...

ANTONIO, *aproxima-se de Faustino e diz-lhe á parte*. — Não me pérca! Que exige de mim?

FAUSTINO, *á parte*. — Que se case, e quanto antes, com a noiva que lhe dou. Só por este preço guardarei silencio.

ANTONIO, *para Pimenta*. — Sr. Pimenta, o senhor ouviu o pedido que lhe foi feito; agora o faço eu tambem: concede-me a mão de sua filha?

PIMENTA. — Certamente... é uma fortuna... não esperava... e...

FAUSTINO. — Bravo!...

MARICOTA. — Isto não é possível!... Eu não amo o senhor!...

FAUSTINO. — Amará.

MARICOTA. — Não se dispõe assim de uma moça! Isto é zombaria do Sr. Faustino!

FAUSTINO. — Não sou capaz!

MARICOTA. — Não quero! não me caso com um velho!...

FAUSTINO. — Pois então não se casará nunca, porque vou já d'aqui gritando (*Gritando*) que a filha do cabo Pimenta namora como uma damnada; que quiz roubar... (*Para Maricota*) Então quer que continue, ou quer casar-se?

MARICOTA, *á parte*. — Estou conhecida! Posso morrer solteira... um marido é sempre um marido!... (*A Pimenta*) Meu pae, farei a sua vontade...

FAUSTINO. — Bravissimo! Ditoso par! amorosos pom-binhos! (*Levanta-se, toma Maricota pela mão, condul-a para junto de Antonio, e falla com os dous á parte.*) Menina, aqui tem o noivo que eu lhe destino: é velho, baboso, rabugento e usurario; nada lhe falta para sua felicidade. E' este o fim de todas as namora-deiras: ou se casam com um gebas como este, ou morrem solteiras! (*Para o publico*) Queira Deus que aproveite o exemplo! (*Para Antonio*) Os falsarios já não morrem enforcados; lá se foi esse bom tempo! Se eu o denunci-asse, ia o senhor para a cadêa, e de lá fugiria, como acontece a muitos da sua laia. Este castigo seria muito suave: eis-qui o que lhe destino: (*Apresentando-the Maricota*) é moça, honita, artilosa, e namoradeira, nada lhe falta para seu tormento. Esta pena não vem no co-digo, mas não admira, porque lá faltam outras muitas cousas. Abracem-se, em signal de guerra! (*Impelle um para o outro*) Agora nós, Sr. capitão! Venha cá. Hoje mesmo quero uma dispensa de todo o serviço da guarda nacional: arranje isso como puder, quando não, mando tocar a musica... não sei se me entende?

CAPITÃO. — Será servido. (*A' parte*) Que remedio! póde perder-me!

FAUSTINO. — E se de novo bulir commigo, cuidado! quem me avisa... sabe o resto! Ora, meus senhores e senhoras, já que castiguei, quero tambem recompensar. (*Toma Chiquinha pela mão, e colloca-se com ella em frente de Pimenta, dando as mãos como em acto de se casarem.*) Sua benção, querido pae Pimenta, e seu consentimento!

PIMENTA. — Que lhe hei de eu fazer, senão consentir!

FAUSTINO. — Optimo! (*Abraça Pimenta e dá-lhe um beijo. Volta-se para Chiquinha.*) Se não houvesse aqui tanta gente a olhar para nós, fazia-te o mesmo. (*Dirigindo-se ao publico.*) Mas não o perde, que fica guardado para melhor occasião.

---



# OS IRMÃOS DAS ALMAS

COMEDIA EM UM ACTO

---

## PERSONAGENS

MARIANNA, mãe de	FELISBERTO.
EUFRAZIA.	UM IRMÃO DAS ALMAS.
LUIZA, irmã de	UN CABO DE PERMANEN-
JORGE, marido de Eufrazia.	TES.
TIBURCIO, amante de Luiza.	Quatro soldados.
SOUSA, irmão das almas.	

*A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no  
anno de 1844, no dia de Finados.*

---

## ACTO UNICO

Sala com cadeiras e mesa : porta ao fundo e á direita ; á esquerda um armario grande. Durante todo o tempo da representação, ouvem-se ao longe dobres funebres.

### SCENA I

LUIZA, *sentada em uma cadeira junto á mesa.*

LUIZA. — Não é possível viver assim muito tempo ! — Soffrer e callar é a minha vida. — Já não posso ! — (*Levanta-se.*) — Sei que sou pesada a D. Marianna, e que minha cunhada não me vê com bons olhos ; — mas quem tem culpa de tudo isto é o mano Jorge. — Quem o mandou casar-se, e vir para a companhia de sua sogra ? — pobre irmão ! como tem pago essa loucura ! —

eu já podia estar livre de tudo isto se não fosse o maldito segredo que descobri; — antes não soubesse de nada!...

## SCENA II

### EUFRAZIA E LUIZA.

EUFRAZIA, *entrando, vestida de preto, como quem vae visitar egrejas em dia de finados.* — Luiza, tu não queres ir ver os finados?

LUIZA. — Não posso, estou incommodada; — quero ficar em casa.

EUFRAZIA. — Fazes mal: — dizem que este anno ha muitas caixinhas e urnas em S. Francisco e no Carmo; e além disso o dia está bonito, e haverá muita gente.

LUIZA. — Sei o que perco. — Bem quizera ouvir uma missa por alma de minha mãe e de meu pae; mas não posso.

EUFRAZIA. — Missas não hei de eu ouvir hoje: — missas em dia de finados é maçada; — logo tres! — o que eu gosto é de ver as caixinhas dos ossos. — Ha agora muito luxo!

LUIZA. — Mal empregado.

EUFRAZIA. — Porque? — cada um trata dos seus defuntos como pôde.

LUIZA. — Mas nem todos os choram!

EUFRAZIA. — Chorar? — e para que serve chorar?... não lhes dá vida.

LUIZA. — E que lhes dão as ricas urnas?

EUFRAZIA. — Que lhes dão? — nada; mas ao menos falla-se nos parentes que as mandam fazer.

LUIZA. — E isso é uma grande consolação para os defuntos!

EUFRAZIA. — Não sei se é ou não consolação para os defuntos; mas posso-te afirmar que é divertimento para os vivos: — vae-te vestir, e vamos.

LUIZA. — Já te disse que não posso.

EUFRAZIA. — Luiza, tu és muito velhaca!...

LUIZA. — E porque ?

EUFRAZIA. — Queres ficar em casa para veres o teu namorado passar ; — mas não sejas tola, vae á egreja que lá é que se namora bem no aperto.

LUIZA, *com tristeza*. — Já lá se foi esse bom tempo de namoro !

EUFRAZIA. — Grande novidade !... brigaste com o teu apaixonado ?

LUIZA. — Não ! mas depois do que soube, não devo mais vel-o.

EUFRAZIA. — E que soubeste então ?

LUIZA. — Que elle era... até não me atrevo a dizel-o...

EUFRAZIA. — Assustas-me !

LUIZA. — Considera a coisa mais horrorosa, que póde ser um homem.

EUFRAZIA. — Ladrão ?

LUIZA. — Peior.

EUFRAZIA. — Assassino ?

LUIZA. — Ainda peor.

EUFRAZIA. — Ainda peor que assassino?... rebelde ?

LUIZA. — Muito peor !

EUFRAZIA. — Muito peor que rebelde?... não sei que seja...

LUIZA. — Não sabes ? (*Com mysterio.*) — Pedreiro livre !...

EUFRAZIA. — Pedreiro livre ?!... Santo breve da marca !... homem que falla com o diabo á meia noite ! (*Benze-se.*)

LUIZA. — Se fosse só fallar com o diabo !... Tua mãe diz que todos que para elles se chegam ficam excomungados, e que antes quizera ver a peste em casa do que um pedreiro livre ! (*Benze-se, o mesmo faz Eufrazia.*) — Não ! não ! antes quero viver toda a minha vida de favores, e acabrunhada, do que casar-me com um pedreiro livre ! (*Benze-se.*)

EUFRAZIA. — Tens razão ! eu tenho-lhes um medo de morte ; e minha mãe, quando os vê, fica tão fóra de si que faz desatinos ! Ora quem havia dizer que o Sr. Tiburcio era tambem da panellinha !

LUIZA. — Eu seria tão feliz com elle se não fosse isso !...

EUFRAZIA. — Também !... perdes um marido... pouco perdes... para que serve um marido ?

LUIZA. — Para que serve um marido ?... boa pergunta !... para muitas coisas.

EUFRAZIA. — Sim ! para muitas coisas más.

LUIZA. — Dizes isso porque já estas casada.

EUFRAZIA. — Essa é que é a desgraça !... não tenho medo ao burro, senão depois do couce !... um marido... sabes tu o que é um marido ?... é um animal exigente, impertinente e insupportavel... a mulher que quizer viver bem com o seu, faça o que eu faço : — bata o pé, grite mais do que elle, caia em desmaio, ralhe, e quebre os trastes... Humilhar-se ? — coitada da que se humilha ! então são elles leões ; — o meu homem será sendeiro toda a sua vida... e se has de ter o trabalho do ensinar a esses animaes, é melhor que te não cases.

LUIZA. — Isso é bom de dizer.

EUFRAZIA. — E de fazer. — Vou acabar de me vestir. (Sae.)

### SCENA III

LUIZA, DEPOIS JORGE.

LUIZA, só. — Pobre Jorge, com quem te foste casar ! — como esta mulher te faz infeliz ! — Pedreiro livre !... quem o dissera !...

Entra Jorge vestido com opa verde de irmão das almas ; traz na mão uma bacia de prata com dinheiro, ovos e bananas. Logo que entra, põe a bacia sobre a mesa.

JORGE, entrando. — Adeos, mana Luiza.

LUIZA. — Já de volta ?

JORGE. — A colheita hoje é boa : — é preciso esvasiar a salva. (Faz o que diz.) — Guarda metade d'este dinheiro, antes que minha mulher o veja : e faz-me d'estes ovos uma fritada, e dá estas bananas ao macaco.

LUIZA. — Tenho tanta repugnancia de servir-me d'este dinheiro.

JORGE. — Porque ?

LUIZA. — Dinheiro de esmolas que pedes para as almas !

JORGE. — E então que tem isso ? — é verdade que peço para as almas ; mas nós também não temos alma ? Negar que a temos, é ir contra a religião : — e além d'isso, já lá deixei dous cruzados para se dizerem missas para as outras almas ; — é bom que todas se salvem.

LUIZA. — Duvido que assim a tua se salve...

JORGE. — Deixa-te de asneiras ! — pois pensas que por alguns miseráveis dous vintens, que já foram quatro, (*Pêga em uma moeda de dous vintens*) — Olha, aqui está o carimbo ! — um pae de familia vá para o inferno ? Ora !... suppõe que amanhã afineam outro carimbo d'este lado ; — não desapparecem os dous vintens ? e eu também não fico logrado ? — nada ! — antes que me logrem, logro eu. E de mais, tirar esmolas para as almas, e para os santos, é um dos melhores e mais commodos officios que eu conheço : — os santos sempre são credores que não fallam ! — tenho seis opas para os seis dias da semana, aqui as tenho. — (*Vae ao armario e tira seis opas.*) — No domingo descanço — preferi telas minhas — é mais seguro ; não dou satisfação a thesoureiro nenhum ; ás segundas feiras visto esta verde que tenho no corpo ; ás terças, esta roxa ; ás quartas, esta branca ; ás quintas, esta encarnada ; ás sextas, esta roxa e branca ; aos sabbados esta azul.

LUIZA. — E não entregas dinheiro nenhum para os santos ?

JORGE. — Nada ! o santo d'estas opas sou eu !... não tenho descanço, mas também o lucro não é mão.

LUIZA. — O lucro !... aquelle pobre velho que morava defronte do paredão da Gloria, também pedia esmolas para os santos, e morreu á mingoa !

JORGE. — Minha rica, o fazer as coisas não é nada, o sabel-as fazer é que é tudo ! — o carola experiente deve conhecer as ruas porque anda, as casas em que entra, e as portas a que bate. — Ruas ha em que se não pilha um real ; — essas são as da gente rica, civilisada e de bom tom, que, ou nos conhece, ou pouco se lhe dá que os santos se allumiem com velas de cêra, ou de sebo, ou mesmo que estejam ás escuras — emfim, pessoas

que pensam que quando se tem dinheiro não se precisa de religião! Por essas ruas não passo eu. — Fallem-me dos beccos, onde vive a gente pobre; das casas de rotulas; — das quitandeiras; — ahí sim é que a pipineira é grossa. — (*Vae guardar as opas.*) Tenho aprendido á minha custa!

LUIZA, *sorrindo-se*. — A' custa dos tolos, deves dizer...

JORGE. — E quem os manda ser tolos?... Mas ahí n'este mundo nem tudo são rosas! — eu vivia tão bem e tão feliz, e por desconto dos meus peccados dei a mais reverente das cabeçadas...

LUIZA. — Qual cabeçada?

JORGE. — O casar-me! — Ah! minha filha, o casamento é uma cabeçada que deixa o homem atordado por toda a vida, se o não mata!... Se eu soubesse!...

LUIZA. — Agora é tarde o arrependimento; queixa-te de ti.

JORGE. — Que queres? — um dia mette-se o diabo nas tripas de um homem e ei-lo casado, — Ainda alguns são felizes: mas eu fui mesmo desgraçadissimo! esbarrei-me de focinhos!... encontrei com uma mulher linguaruda, preguiçosa, desavergonhada e atrevida!... e para maior infelicidade vim viver com minha sogra, que é um demonio; — leva todo o dia e atigar a filha contra mim, — vivo n'um tormento!...

LUIZA. — Bem vejo!...

JORGE. — Quando a roda principa a desandar, é assim!... — Dous mezes depois de eu estar casado, morreu nossa mãe, e tu te viste obrigada a vir para a minha companhia — para aturar estas duas viboras. — Ah! supportar uma mulher, é um castigo; mas aturar tambem uma sogra, é... nem eu sei o que seja!... é uma injustiça que Deus nos faz! e quando ellas têm um conselheiro e compadre da laia do nosso vizinho Souza... isso... (*Dá estalos com os dedos.*)

LUIZA. — Dizes bem, Jorge, esse nosso vizinho é uma das causas do estado desgraçado em que vives com tua mulher, pelos conselhos que lhe dá...

JORGE. — Velho infernal! mexeriqueiro baboso! não te poder eu correr com um páo pela porta fora! — mas ainda isto não é o maior infortunio!... olha, Luiza, ha

coisas que um marido, por mais prudente que seja, não pôde trazer! — tens visto aqui nesta casa o Felisberto?...

LUIZA. — Tenho, sim.

JORGE. — Pois esse patife, que ninguem sabe do que vive, que não tem officio nem beneficio, que está todo o santo dia no largo do Rocio mettido na sucia dos meirinhos, — com o pretexto de ser primo de minha mulher, entra por esta casa a dentro com toda a sem cerimonia, sem dizer — tir-te, nem guar-te — anda de um quarto para outro com toda a frescura, — conversa em segredo com minha mulher, e cala-se quando eu chego.

LUIZA. — E porque é que soffre, mano? — não é você o homem d'esta casa?... até quando ha de ter medo de sua mulher?

JORGE. — Medo?... pois eu tenho medo d'ella? (*Com riso forçado.*) — E' o que me faltava! — o que eu tenho é prudencia: — não quero desbaratar...

LUIZA, *á parte.* — Coitado!...

JORGE. — Elle já veio hoje?

LUIZA. — Ainda não.

JORGE. — Admira.

## SCENA IV

### FELISBERTO E OS MESMOS.

FELISBERTO, *entrando.* — Vivorio!...

JORGE, *á parte.* — Já tardava!...

FELISBERTO, *para Luiza, sem dar attenção a Jorge.*  
— Adeus, minha bella Luizinha; a prima Eufrazia está lá dentro?...

LUIZA, *seccamente.* — Está... (*Felisberto encaminha-se pela direita sem dar attenção alguma a Jorge.*)

JORGE, *seguindo-o.* — Então assim se pergunta por minha mulher, e vae-se entrando?... (*Felisberto sae.*)  
— E então?! quereim-na mais clara?... que figura faço

eu aqui? que papel represento?... (*Passa agitadamente de um para outro lado.*)

LUÍZA, *seguindo-o*. — Meu irmão, porque não faz um esforço para sahir d'este vexame em que vive?... Cobre energia!.. mostre que é homem!... isto é uma vergonha!... não se acredita!... que fraqueza!...

JORGE, *parando*. — E' fraqueza?

LUÍZA. — E', sim!

JORGE. — Pois quero mostrar-te para que sirvo!... quero mostrar-te que sou homem, e que n'esta casa governo eu!...

LUÍZA. — Felizmente!...

JORGE. — Vou ensinal-as — botar este biltre pela porta fóra! basta de humilhação! — vae tudo com os diabos!... (*Caminha intrepidamente, e a passos largos, para a porta da direita; mas ahi chegando, pára.*)

LUÍZA. — Então pára?...

JORGE, *voltando*. — Melhor é ter prudencia... tenho medo de fazer uma morte!...

LUÍZA. — Meus Deus, que fraqueza!

JORGE. — E retiro-me, que não respondo por mim!... e mesmo porque vou á botica buscar o sinapismo que minha sogra pediu. (*Sae.*)

## SCENA V

LUÍZA SÓ, DEPOIS MARIANNA.

LUÍZA. — Isto contado não é crível!... ter um homem medo de sua mulher e de sua sogra a esse ponto! Ah! se eu fosse homem, e tivesse uma mulher como esta...

MARIANNA, *entrando*. — Vae coser a renda da minha mantilha! (*Luíza sae. Marianna estará de vestido de riscado, e saia de lila preta.*)

MARIANNA. — Pague o que come!... é um trambolho que tenho em casa; — a boa joia do meu genro julga que eu tambem devo carregar com a irmã! Está enganado! — hei de atrapalhal-a até que a desgoste, para sahir d'aqui... Arre!...

## SCENA VI

MARIANNA E SOUSA.

SOUSA, *entrando vestido de opa.* — Bons dias, comadre.

MARIANNA. — Oh! compadre Sousa, por cá?

SOUSA. — Ando no meu fadario, comadre; é preciso ganhar a vida. (*Põe a salva sobre a mesa.*)

MARIANNA. — Isso é assim, compadre.

SOUSA. — E como já estou velho, esco!ho o officio que mais me serve... tiro esmolas.

MARIANNA. — E as faz render, heim?...

SOUSA. — Nada! comadre! — ganho só duas patacas por dia, que me paga o thesourciro da Irmandade para quem tira esmola.

MARIANNA. — Só duas patacas! tão pouco, compadre?

SOUSA. — Eu podia fazer como grande parte dos meus companheiros, que tiram as esmolas para si; — mas isso não faço eu — quizera antes morrer de fome! — dinheiro sagrado! Talvez a comadre zombe do que eu lhe digo...

MARIANNA. — Eu não, compadre!

SOUSA. — Porque consta-me que seu genro...

MARIANNA. — Meu genro é um tratante...

SOUSA. — Ha em todas as profissões velhacos que as desacreditam.

MARIANNA. — Não se importe com isso, compadre...

SOUSA. — Oh! eu vivo tranquillo com a minha consciencia.

MARIANNA. — Faz muito bem.

SOUSA. — Como vae a comadrinha?

Aqui apparece á porta do fundo Jorge, que trará uma tigella na mão; vendo Marianna e Souza, pára e escuta.

MARIANNA. — Vae bem, compadre; só o diabo do marido é que lhe dá desgostos: — é uma besta que metti em casa...

SOUSA. — Comadre, as bestas tambem se ensinam...

JORGE, *à parte*. — Patifel...

MARIANNA. — Deixe-o commigo, compadre.

SOUSA. — A comadre é mãe, e deve vigiar na felicidade de sua filha. — Os maridos são o que as mulheres querem que elles sejam — sou velho e tenho experiecia do mundo, — a comadrinha que não fraqueie, senão elle bota-lhe o pé no pescoço...

JORGE, *à parte*. — Tratante!...

MARIANNA. — Isso lhe digo eu sempre, e ella o faz! — olhe, compadre, quanto a isso, puxou cá á pessoa: — meu defunto não via boia commigo!...

## SCENA VII

OS MESMOS E FELISBERTO.

FELISBERTO. — Adeus, tia, vou-me embora...

MARIANNA. — Vem cá, rapaz!

FELISBERTO. — Que quer?

MARIANNA. — O' compadre, você não achará um arranjo para este rapaz?

SOUSA. — Fraco empenho sou eu, comadre.

FELISBERTO. — Não preciso de arranjo!

MARIANNA. — E' melhor trocar as pernas por essas ruas como um valdivino?... em risco de ser preso para soldado?... andar sempre pingando, e sem vintem para comprar uma casaca nova?... vê como os cotovélos d'esta estão rôtos? — e esta calça que está safada!...

FELISBERTO. — Assim mesmo é que eu gosto!... é liberdade! cada um faz o que quer, e anda como lhe parece!... não nasci para me sujeitar a ninguem!

MARIANNA. — Ai! que modo de pensar é esse?... Então, compadre, não descobre nada?

SOUSA. — Eu?... só se elle quer tambem pedir esmolas. Posso arranjar-lhe uma opa.

MARIANNA. — Lembra muito bem! ó sobrinhosinho, queres pedir esmolas?

FELISBERTO, *insultado*. — Pois, tia Marianna, achá

que nasci para pedir esmolas?... isto é insultar-me!... e o Sr. Souza...

SOUSA. — Eu digo, no caso de querer...

MARIANNA. — Estou vendo que nasceste para principe!... já te não lembras que teu pae era malsim?

FELISBERTO. — Isto foi meu pae, eu não tenho nada com isso!...

SOUSA. — Pedir para os santos é uma profissão honesta...

MARIANNA. — Que não deshonra a ninguém — veste-se uma opa, entra-se pelas casas...

FELISBERTO, *à parte*. — Entra-se pelas casas...

MARIANNA. — Bate-se á escada, — e se se demoram em vir saber quem é, assenta-se o homem um momento, descança...

FELISBERTO, *embebido n'uma idéa sem ouvir a tia*. — Entra-se pelas casas...

MARIANNA. — Vem o moleque ou a rapariga trazer o vintemsinho...

FELISBERTO. — Pois bem, tia; quero lhe fazer o gosto, pedirei esmolas, até ver se o officio me agrada.

MARIANNA. — Sempre te conheci muito juizo, sobriñosinho! O compadre arranja-lhe a opa?

SOUSA. — Fica a meu cuidado...

MARIANNA. — Muito bem! e dê-me licença que vou acabar de me vestir. (*Sae.*)

## SCENA VIII

SOUSA E FELISBERTO.

FELISBERTO, *à parte*. — Não me lembrava que a opa, ás vezes, dá entrada até o interior das casas...

SOUSA. — Vamos?

FELISBERTO. — Quando quizer... (*Encamtnham-se para a porta do fundo; Jorge entra, e passa por entre elles.*)

SOUSA, *para Jorge quando passa*. — Um seu creado,

Sr. Jorge... (*Jorge não corresponde ao cumprimento e dirige-se para a porta da direita.*)

FELISBERTO, *voltando-se.* — Mal creado! (*Jorge que está junto à porta para sahir, volta-se.*)

JORGE. — Heim?...

FELISBERTO, *chegando-se para elle.* — Digo-lhe que é um mal creado!

JORGE, *com energia.* — Isso é commigo?

FELISBERTO. — E' sim!...

JORGE, *vindo para a frente da scena.* — Ha muito tempo que procuro esta occasião para nos entendermos...

FELISBERTO. — Muito estimo! (*Arregaça as mangas da casaca.*)

SOUSA. — Accommodem-se!...

JORGE. — O Sr. tem tomado muitas liberdades em minha casa...

FELISBERTO. — Primeiramente a casa não é sua, e segundo, hei de tomar as liberdades que bem me parecerem.

SOUSA. — Sr Felisberto!...

JORGE. — O Sr. entra por aqui e não faz caso de mim!

FELISBERTO. — E que figura é o Sr. para eu fazer caso?

SOUSA. — Sr. Jorge!... (*Mettendo-se no meio.*)

JORGE. — Chegue-se para lá; deixe-me que estou zangado!... o Sr. falla com minha mulher em segredo na minha presença!...

FELISBERTO. — Faço muito bem, porque é minha prima...

JORGE, *gritando e batendo com os pés.* — Mas é minha mulher... e sabe que mais? é por consideração a ella que agora mesmo não lhe esmurro es-sas ventas! (*Sae com passos largos.*)

FELISBERTO. — Anda cá!... (*Quer seguil-o, Sousa o retem.*)

SOUSA. — Onde vae?...

FELISBERTO, *rindo-se.* — Ah! ah! ah!... não sei onde foi a prima achar este codea para marido... tenho-lhe dito muitas vezes que é a vergonha da familia...

SOUSA. — E' um homem sem principios...

FELISBERTO. — Eu regalo-me de não fazer caso ne-

nhum d'elle... (*Ouvem-se gritos dentro.*) Ouça! ouça! — não ouve esses gritos? é a tia e a prima que andam com elle ás voltas — ah! ah!...

SOSA. — Deixal-o, e vamos que se vae fazendo tarde!... (*Saem ambos rindo-se.*)

## SCENA IX

*Entra Jorge desesperado.*

JORGE. — Os diabos que as carreguem, corujas do diabo!... Assim não vae longe... desanda tudo em muita pancadaria — Ora cebolorio! — que culpa tenho eu que o boticario se demorasse em fazer o sinapismo? — E' bem feito, Sr. Jorge, é bem feito; quem o mandou ser tolo?... agora aguente! (*Gritos dentro.*) Grita, grita, canalha! até que arrebentem pelas ilhargas! — Triste sorte!... Que sogra! que mulher! Ah! diabos! maldita seja a hora em que eu te dei a mão; antes te tivesse dado o pé, e um couce, que te arrebentasse a ti, a tua mãe, e a toda tua geração passada e por passar! — E' preciso tomar uma resolução!... a mana Luiza tem razão!... isto é fraqueza!... Vou ensinar aquellas viboras! (*Diz as ultimas palavras caminhando com resolução para a porta; ahí apparece Eufrazia e elle recua.*)

## SCENA X

JORGE E EUFRAZIA.

EUFRAZIA. — Quem é vibora?... (*Eufrazia caminha para elle, que vae recuando.*)

JORGE. — Não fallo comtigo... (*Recua.*)

EUFRAZIA, seguindo-o. — Quem é vibora?...

JORGE, recuando sempre, encosta-se no bastidor da esquerda. — Já disse que não fallo comtigo...

EUFRAZIA, *junto delle*. — Então quem é?... sou eu?... falla?

JORGE, *querendo mostrar-se forte*. — Eufrazia!

EUFRAZIA. — Qual Eufrazia! sou um raio que te parta!...

JORGE. — Retira-te! olha que te perco o respeito...

EUFRAZIA, *com desprezo*. — Pedaco d'asno!

JORGE. — Pedaco d'asno?!... olha que te... (*Faz menção de dar uma bofetada.*)

EUFRAZIA, *volta para traz gritando*. — Minha mãe? minha mãe?

JORGE, *seguindo-a*. — Cala-te, demonio...

EUFRAZIA, *junto á porta*. — Venha cá!

## SCENA XI

### MARIANNA E AS MESMAS.

MARIANNA, *entrando com um panno de sinapismo na mão*. — Que é? que é?...

JORGE, *recuando*. — Agora sim!

EUFRAZIA. — Só Jorge está me maltratando!...

MARIANNA. — Grandecissimo sacripante!...

JORGE. — Sacripante!...

EUFRAZIA. — Deu-me uma bofetada!

MARIANNA. — Uma bofetada na minha filha!

JORGE, *atravessa por diante de Marianna e chega-se rancoroso para Eufrazia*. — Dei-te uma bofetada, heim?...

MARIANNA, *puxando-o pelo braço*. — Que atrevimento é esse, grandecissimo patife?

JORGE, *desesperado*. — Hoje aqui ha morte!...

EUFRAZIA. — Morte! queres me matar?

MARIANNA. — Ameaças, grandecissimo, traste?

JORGE, *para Marianna*. — Grandecissimas lamprêas!...

EUFRAZIA. — Que affronta! ai! ai! que morro!... (*Vae cahir sentada em uma cadeira e finge-se desmaiada.*)

JORGE. — Morre! arrebenta! que te leve a breca!...  
(*Quer sahir, Marianna o retém pela opa.*)

MARIANNA. — Tu matas minha filha, patifão, mas eu hei de arrancar-te os olhos da cara!...

JORGE. — Largue a opa! !...

MARIANNA. — Encher essa cara de bofetões!

JORGE. — Largue a opa!

MARIANNA. — Pensas que minha filha não tem mãe?

JORGE. — Largue a opa! !...

MARIANNA. — Pensas que eu hei de aturar a tí, e a lambisgoia da tua irmã?

JORGE, *com raiva*. — Senhora!

MARIANNA. — Queres-me matar também, mariola?

JORGE, *cerrando os dentes de raiva, e mettendo a cara diante da de Marianna*. — Senhora! diabo!

MARIANNA. — Ah! !... (*Dá-lhe com o panno de sinapismo na cara: Jorge dá um grito de dôr; leva as mãos á cara, e sae gritando.*)

JORGE. — Estou cego! agua! agua! (*Sae pelo fundo. Marianna desfecha a rir ás gargalhadas e o mesmo faz Eufrazia, que se levanta da cadeira. Conservam-se a rir por alguns instantes sem poder fallar. Luiza apparece á porta.*)

EUFRAZIA. — Que boa lembrança!... ah! ah!

LUIZA, *á parte*. — O que será?

MARIANNA. — Que bella receita para maridos desavergonhados! ah! ah! !...

EUFRAZIA. — Já não posso rir... ah! ah!

MARIANNA. Que cara fez elle... (*Vendo Luiza.*) Que queres?

LUIZA, *timida*. — Eu...

MARIANNA. — Bisbilhoteira! vae buscar minha mantilha e o leque de tua cunhada. (*Luiza sae.*)

EUFRAZIA. — Já sei o remedio d'aqui por diante.

MARIANNA. — Sinapismo n'elle!...

EUFRAZIA. — Mas não vá elle ficar cego!

MARIANNA. — Melhor para ti... (*Entra Luiza com uma mantilha na mão, e um leque, que entrega a Eufrazia.*)

MARIANNA. — Dá cá! — Não podias trazer!-o sem machucar?... Desasada!... (*Põe a mantilha sobre a cabeça.*) Vamos, que vae ficando tarde; iremos pri-

meiro a S. Francisco que está aqui pertinho. (*Para Luiza.*) E tu, fica tomando conta na casa já que não tens prestimo para nada... paga o que comes; não sou burro de ninguém. Vamos, menina.

## SCENA XII

LUÍZA, DEPOIS TIBURCIO.

LUÍZA, só. — Não tenho prestimo!... Sempre insultos!... sou a criada de todos n'esta casa!... Vou pedir ao mano que me metta no convento da Ajuda.

TIBURCO, dentro. — Esmola para missas das almas!

LUÍZA. — Quem é? (*Tiburcio apparece á porta vestido de irmão das almas.*)

TIBURCIO. — Esmola para missas das almas!...

LUÍZA, sem o reconhecer. — Deus o favoreça.

TIBURCIO. — Amen! (*Adianta-se.*)

LUÍZA. — O senhor que quer?

TIBURCIO. — Deus me favorece!...

LUÍZA. — O senhor Tiburcio!...

TIBURCIO. — Elle mesmo, que morria longe de ti!

LUÍZA. — Vá-se embora!

TIBURCIO. — Cruel, que te fiz eu?...

LUÍZA. — Não fez nada, mas vá-se embora!...

TIBURCIO. — Ha oito dias que te não vejo!... tenho tanto que te dizer, oito dias e oito noites levei a passar pela tua porta, e tu não me apparecias... até que temi a resolução de vestir esta opa para poder entrar aqui sem causar desconfiança... Seremos felizes! a nossa sorte mudou. (*Põe a bacia sobre a mesa.*)

LUÍZA. — Mudou!...

TIBURCIO. — Bem sabes que ha muito tempo ando atraz de um lugar de guarda da Alfandega, e que não tenho podido alcançar: mas agora já não preciso.

LUÍZA. — Não precisa?...

TIBURCIO. — Comprei uma cautela de vigesimo, na casa da Fama do largo de Santa Rita, e sahii-me um conto de réis.

LUIZA. — Ah!

TIBURCIO. — Vou abrir um armarinho; agora posso pedir-te a teu irrinão.

LUIZA. — Não! não! não pôde ser!

TIBURCIO. — Não queres ser minha mulher?... Terás mudado?... Ingrata!...

LUIZA. — Não posso! não posso!... Meu Deus!

TIBURCIO. — Ah! já sei, amas outro! pois bem, casa-te com elle!... quem o diria?...

LUIZA, *chorando*. — Escuta-me...

TIBURCIO. — Não tenho que escutar!... Vou me embora, vou-me metter em uma das barcas de vapor da Praia-Grande, até que ella arrebente... (*Falsa sahida.*)

LUIZA. — Quanto sou infeliz!...

TIBURCIO, *voltando*. — Ainda me amas?

LUIZA. — Ainda.

TIBURCIO. — Então porque não queres casar commigo?

LUIZA. — Oh! acredita-me, é que eu não devo...

TIBURCIO. — Não deves? pois adeus, vou para o Rio Grande! (*Falsa sahida.*)

LUIZA. — Isto é um tormento que eu soffro!...

TIBURCIO, *voltando*. — Então queres que eu vá para o Rio Grande?

LUIZA. — Bem sabes quanto eu te amava, Tiburcio; tenho disto te dado provas bastantes, e se...

TIBURCIO. — Pois dá-me a unica que te peço, casa-te commigo!... ah!... não respondes?... adeus! vou para Montevidéo! (*Sae pelo fundo*)

LUIZA, *só*. — Nasci para ser desgraçada!... eu seria tão feliz com elle... mas é pedreiro livre... foi bom que elle se fosse embora... eu não poderia resistir...

TIBURCIO, *apparecendo á porta*. — Então queres que eu vá para Montevidéo?

LUIZA. — Meu Deus!...

TIBURCIO, *caminhando para a frente*. — Antes que eu parta desta terra ingrata, antes que eu vá affrontar esses mares, um só favor te peço, em nome de nosso antigo amor: dize-me, porque não queres casar commigo? disseram-te que eu era aleijado? que tinha algum defeito occulto?... se foi isso, é mentira!...

LUIZA. — Nada disso me disseram...

TIBURCIO. — Então porque é?

LUIZA. — É porque... (*Hesita*).

TIBURCIO. — Acaba... dize...

LUIZA. — Porque és... pedreiro livre!!... (*Benze-se.*)

TIBURCIO. — Ah! ah! ah! (*Rindo-se ás gargalhadas.*)

LUIZA. — E ri-se?!...

TIBURCIO. — Pois não me hei de rir?... Meu amor, isto são caraminholas que te metteram na cabeça!

LUIZA. — Eu bem sei o que é!... fallas com o diabo á meia noite; matas as crianças para lhes beberes o sangue; entregaste tua alma ao diabo; frequentas as...

TIBURCIO, *interrompendo-a*. — Ta! ta! ta! o que ahí vae de asneira!... não sejas pateta!... não acredites nessas babozeiras.

LUIZA. — Babozeiras, sim!...

TIBURCIO. — Um pedreiro livre, minha Luiza, é um homem como outro qualquer; nunca comeu crianças, nem fallou com o diabo á meia noite.

LUIZA. — Visto isso, não é verdade o que te digo?

TIBURCIO. — Qual!... são carapetões que te metteram nos miolos para talvez te indisparem commigo... A maçonaria é uma instituição...

LUIZA. — Dás-me a tua palavra de honra que nunca fallaste com o diabo?...

TIBURCIO. — Juro-te que é sujeitinho com quem nunca me encontrei!

LUIZA. — Hoje ouviste missa?

TIBURCIO. — Nem menos de tres...

LUIZA. — Ah! que peso me tiraste do coração!

TIBURCIO. — Consentes que eu falle a teu mano?

LUIZA, *vergonhosa*. — Não sei...

TIBURCIO, *beijando-lhe a mão*. — Malditos tagarellas que me iam fazendo perder este torrão d'assucar! Minha Luiza, nós seremos muito felizes, e eu te...

MARIANNA, *dentro*. — De vagar! de vagar! que não posso!...

LUIZA, *assustada*. — É D. Marianna.

TIBURCIO. — Vou-me embora.

LUIZA. — Não! não! que te podem encontrar no corredor, minha cunhada conhece-te... esconde-te até que ellas entrem, e depois sae...

TIBURGIO. — Mas onde?

LUIZA. — N'este armario!..., (*Tiburcio escondo-se no armario, deixando a bacia sobre a mesa.*)

### SCENA XIII

Entra MARIANNA apoiada nos braços de EUFRAZIA e de SOUSA.

MARIANNA. — Ai! quasi morri!... Tira-me esta mantilha! (*Luiza tira-lhe a mantilha.*) Ai!... (*Senta-se.*) Muito obrigada, compadre.

SOUSA. — Não ha de que, comadrinha.

EUFRAZIA. — Acha-se melhor, minha mãe?

MARIANNA. — Um pouco... Se o compadre não estivesse lá á porta da igreja, para tirar-me do aperto, eu morria certamente!...

SOUSA. — Aquillo é um desaforo!...

MARIANNA. — E' assim, é!... ajuntam-se esses bregeiros nos corredores das catacumbas para apertarem as velhas, e darem beliscões nas moças...

SOUSA. — E nos rasgarem as opas, e darem cassôletas...

EUFRAZIA. — É uma indecencia!...

MARIANNA. — Espremeram-me de tal modo, que ia botando a alma pela bocca fóra!

EUFRAZIA. — E a mim deram um beliscão, que quasi arrancaram carne!

MARIANNA. — E' insupportavel!

SOUSA. — Principalmente, comadre, em S. Francisco de Paula!...

MARIANNA. — Estão horas inteiras n'um vae e vem, só para fazerem patifarias...

EUFRAZIA. — A policia não vê isso!...

MARIANNA. — Ai! estou que não posso... compadrel! Dê-me licença, que vou me deitar um pouco!

SOUSA. — Essa é boa, comadre!

MARIANNA, *levanta-se.* — Já arranjou a opa para meu sobrinho?

SOUSA. — A esta hora já está tirando esmolas...

MARIANNA. — Muito obrigada, compadre. Não se vá embora, jante hoje conosco.

SOUSA. — A comadre manda, não pedo...

MARIANNA. — Até já, descanse... (*Saem Marianna, Eufrazia e Luiza.*)

## SCENA XIV

SOUSA, DEPOIS FELISBERTO.

SOUSA, só. — Estou estafado! (*Senta-se*). A pobre da comadre, se não sou eu, morre; já estava vermelha como um camarão! (*Ouvem-se dentro gritos de «pêga ladrão»!*) Que será? (*Levanta-se; os gritos continuam.*) E' pêga ladrão! (*Vae para a porta do fundo; n'esse instante entra Felisberto, que rirá de opa e bacia, precipitadamente; esbarra-se com Sousa, e salta-lhe o dinheiro da bacia no chão.*)

FELISBERTO. — Salve-me! salve-me, collega! (*Trazendo o para frente da scena.*)

SOUSA. — Que é isto, homem? Explique-se!

FELISBERTO, tirando um relógio da algibetra. — Tome este relógio! Guarde-o. (*Sousa toma o relógio machinalmente.*)

SOUSA. — Que relógio é esse?

FELISBERTO. — O povo ali vem atrás de mim gritando pêga ladrão!... mas creio que o logrei...

SOUSA. — E o senhor roubou este relógio?

FELISBERTO. — Não senhor!... entrei n'uma casa para pedir esmola, e quando sahi achei-me com este relógio na mão, sem saber como... (*Vozeria dentro.*) Ah! vêm elles!... (*Corre, e esconde-se no armario.*)

SOUSA, com o relógio na mão. — E me mettei em boas, deixando-me com o relógio na mão!... Se assim me pilham, estou perdido!... *Põe o relógio sobre a mesa.* Antes que aqui me encontrem, safo-me!... (*Vae sair; ao chegar á porta pára, para ouvir a voz de Jorge.*)

JORGE, *dentro*. — Isto é um insulto! não sou ladrão! em minha casa não entrou ladrão nenhum!...

SUSA, *voltando*. — Ah! vem!... e este relógio que me accusa?... pelo menos prendem-me como cumplice! (*Corre, e esconde-se no armario.*)

## SCENA XV

Entra JORGE.

JORGE. — Não se dá maior pouca vergonha! julgarem que eu era ladrão!... Creio que algum tratante se aproveita da opa para entrar com liberdade nas casas, e surripiar alguma coisa, e os mais que andam de opa que paguem!... E roubar um relógio! Pois, olhem, precisava bem de um... (*Vê o relógio sobre a mesa.*) Um relógio!... que diabo!... (*Pegando no relógio.*) De quem será?... será o roubado!?... quatro bacias com esmolos!?... e então?... e então tenho tres homens dentro de casa?... Oh!! com os diabos!! e todos tres irmãos das almas!... e ladrões ainda em cima!!... Vou saber como é isto... mas não!... se eu perguntar não me dizem nada... (*Aqui apparece á porta da direita Eufrazia sem que elle a veja.*) É melhor que eu veja com os meus proprios olhos!... Vou esconder-me no armario, e de lá espreitarei! (*Vae para o armario; Eufrazia segue-o pé ante pé; logo que elle entra no armario, ella dá um pulo, e fecha-o á chave.*)

EUFRAZIA. — Está preso!... Minha mãe! minha mãe, venha ver o canario!... (*Sae.*)

## SCENA XVI

Ouve-se dentro do armario uma questão de palavras, gritos, e pancadas nas portas; isto dura por alguns instantes. Entram Marianna e Eufrazia.

EUFRAZIA. — Está alli, minha mãe, prendi-o!...

MARIANNA. — Fizeste muito bem!... (*Chega-se para o armario.*)

EUFRAZIA. — Como grita! que bulha faz!...

MARIANNA. — Aqui ha mais de uma pessoa!...

EUFRAZIA. — Não senhora!... *(Os gritos dentro redobram, e ouve-se muitas vezes a palavra — ladrão — pronunciada por Jorge.)*

MARIANNA. — São ladrões! *(Ambas gritam, correndo pela sala de um lado para outro.)* Ladrões! ladrões! ladrões!! *(Luiza apparece á porta.)*

LUIZA, *entrando.* — Que é isto?

EUFRAZIA. — Ladrões em casa!...

AS TRES, *correndo pela sala.* — Ladrões! ladrões!! quem nos accode! ladrões?...

## SCENA XVII

**Entra uma patrulha de quatro permanentes, e um cabo. Virão de fardeta branca, cinturão e pistolas.**

CABO, *entrando.* — Que gritos são esses.

MARIANNA. — Temos ladrões em casa!...

CABO. — Onde estão?

EUFRAZIA. — Alli no armario!...

LUIZA, *á parte.* — No armario! que fiz eu?... está perdido!... *(O cabo dirige-se para o armario com os soldados. Marianna, Eufrazia e Luiza encostam-se para a esquerda junto á porta.)*

CABO, *junto ao armario.* — Quem está ali?...

JORGE, *dentro.* — Abra, com todos os diabos!...

CABO. — Sentido, camaradas!... *(O cabo abre a porta do armario, por ella sae Jorge, e torna a fechar a porta com presteza. O cabo agarra-lhe na gola da casaca.)*

CABO. — Está preso!...

JORGE, *depois de ter fechado o armario.* — Que diabo é isto?...

CABO. — Nada de resistencia!

JORGE. — O ladrão não sou eu!...

EUFRAZIA, *do logar onde está.* — Senhor permanente, este é meu marido...

JORGE. — Sim, senhor! eu tenho a honra de ser o marido da senhora.

EUFRAZIA. — Fui eu que o fechei no armario, e por isso é que se deu com os ladrões que ainda estão lá dentro.

JORGE. — Sim, senhor, a senhora fez-me o favor de me fechar aqui dentro, e por isso é que se deu com os ladrões... que aqui estão ainda...

CABO. — Pois abra. (*O cabo diz estas palavras a Jorge porque elle conserva-se, emquanto falla, com as costas apoiadas no armario. Jorge abre a porta: sae Sousa, o cabo segura em Sousa; Jorge torna a fechar o armario, e encosta-se. Sousa, e o cabo que o segura, caminham um pouco para a frente.*)

JORGE. — Este é que é o ladrão!...

SOUSA. — Não sou ladrão!

MARIANNA. — O compadre?!...

SOUSA. — Comadre!... (*Marianna chega-se para elle.*)

JORGE. — Segure-o bem, senão foge!...

SOUSA. — Falle por mim, comadre! diga ao senhor que eu não sou ladrão...

JORGE. — E' elle mesmo, e outro que aqui está dentro!...

CABO. — Vamos!...

SOUSA. — Espere!...

MARIANNA. — Como é que você, compadre, estava alli dentro?...

SOUSA. — Por causa de um maldito relógio, que...

JORGE. — Vê! está confessando que roubou o relógio... alli está sobre a mesa!...

CABO. — Siga-me!...

SOUSA. — Espere!...

MARIANNA. — Um momento!...

CABO. — Senão, váe á força!... Camaradas?

JORGE. — Duro com elle! (*Chegam-se dous soldados, e agarram em Sousa.*)

CABO. — Levem este homem para o quartel...

SOUSA, *debatendo-se.* — Deixe-me fallar!...

CABO. — Lá fallará!... (*Os soldados levam Sousa á força.*)

SOUSA. — Comadre!... comadre!...

JORGE. — Sim! sim! lá fallará!... patife! ladrão!...

MARIANNA. — Estou confusa!...

JORGE. — Vamos aos outros que cá estão.

EUFRAZIA. — Não explico isto!... (*Jorge abre a porta do armario: sae por ella com impetuosidade Felisberto; atira com Jorge no chão, e foge pela porta do fundo; o cabo e os dois soldados correm em seu alcance.*)

CABO. — Péga! péga! (*Sae, assim como os soldados; Jorge leranta-se.*)

JORGE. — Péga ladrão! péga ladrão! (*Sae atraz correndo.*)

## SCENA XVIII

MARIANNA, EUFRAZIA E LUIZA

MARIANNA. — É meu sobrinho!...

EUFRAZIA. — E' o primo!

LUIZA, *aparte*. — Terá elle sahido?

MARIANNA. — Não sei como foi isto!

EUFRAZIA. — Nem eu!

MARIANNA. — Deixei o compadre aqui sentado.

EUFRAZIA. — O primo estava pedindo esmolas.

MARIANNA. — Isto foi traição do patife do meu genro.

EUFRAZIA. — Não póde ser outra coisa.

MARIANNA. — Mas deixa-o voltar...

EUFRAZIA. — Eu lhe ensinarei... (*Durante este pequeno dialogo, Luiza, que está um pouco mais para o fundo, vê Tiburcio que da porta do armario lhe faz acenos.*)

MARIANNA. — A quem estás tu a fazer accenos?... vem cá!... (*Pegando-lhe pelo braço.*) Viste o que fez o bello do teu irnião?... Como elle não está aqui, tu é que me has de pagar!...

LUIZA. — Eu! e porque?

MARIANNA. — Ainda perguntas porque?... não viste como elle fez prender a meu compadre, e a meu sobrinho?... Isto são coisas arranjadas por elle, e por ti!

LUIZA. — Por mim?!...

EUFRAZIA. — Sim! por ti mesma!

LUIZA. — Oh!

MARIANNA. — Faze-te de novas. Não bastava aturar eu o desavergonhado do irmão; hei-de tambem soffrer as poucas vergonhas d'esta deslambida! (*Luiza chora. Aqui apparece á porta do fundo Jorge; vendo o que se passa, pára em observações.*)

MARIANNA. — Hoje mesmo não me dorme em casa!... não quero!... vae ajuntar a tua roupa, e rua! rua!... (*Tiburcio sae do armario e encaminha-se para ellas.*)

TIBURCIO. — Não ficará desamparada! .. (*Marianna e Eufrazia assustam-se.*)

LUIZA. — Que fazes?...

TIBURCIO. — Vem, Luiza!...

MARIANNA. — Quem é o senhor?...

TIBURCIO, *para Luiza.* — Vamos procurar teu irmão...

LUIZA. — Espera!... (*Eufrazia observa com attenção a Tiburcio.*)

MARIANNA. — Isto está galante! muito bem! com que, a meñina tem os amanteticos escondidos!... está adiantada!...

TIBURCIO. — Senhora!... mais respeito!...

MARIANNA. — Olá!...

LUIZA. — Tiburcio!...

EUFRAZIA. — Tiburcio!... é elle mesmo!... fuja, minha mãe!! (*Recua.*)

MARIANNA. — Que é?...

EUFRAZIA. — Fuja que é pedreiro livre!!... (*Deita a correr para dentro.*)

MARIANNA, *aterrorisada.* — Santa Barbara! S. Jeronymo!... accudam-me!... (*Sae correndo.*)

TIBURCIO, *admirado.* — E esta!...

## SCENA XIX

Jorge que da porta tem observado tudo, logo que Marianna sae corre e abraça-se com Tiburcio.

JORGE. — Meu salvador! meu libertador!

TIBURCIO. — Que é lá isso? temos outra?

JORGE. — Homem incomparavel!

LUIZA. — Mano!

TIBURCIO. — O senhor está doudo?

JORGE. *abraçando os pés de Tiburcio.* — Deixa-me beijar os teus pés, vigesima maravilha do mundo!...

TIBURCIO. — Levante-se, homem!

LUIZA. — Que é isto, Jorge?

JORGE, *de joelhos.* — E adorar-te como o maior descobridor dos tempos modernos!

TIBURCIO. — Não ha duvida, está doudo!

LUIZA. — Doudo!... faltava-me esta desgraça!...

JORGE, *levanta-se.* — Pedro Alves Cabral quando descobriu a India, Camões, quando descobriu o Brazil, não foram mais felizes do que eu sou, por ter descoberto o meio de metter medo a minha sogra, e a minha mulher!!... E a quem devo eu esta felicidade?... a ti, homem sublime!...

TIBURCIO. — E é só por isso?

JORGE. — Acha pouco?... sabe o que é uma sogra, e uma mulher?... O senhor gosta da mana?!...

TIBURCIO. — Fazia tenção de o procurar hoje mesmo, para fallar-lhe a este respeito...

JORGE. — Quer casar-se com ella?

LUIZA. — Jorge!...

TIBURCIO. — Seria a minha maior ventura!...

JORGE. — Pois bem, pratique com minha sogra o que eu praticar com minha mulher...

TIBURCIO. — Como é lá isso?!...

LUIZA. — Que loucura!...

JORGE. — Quer casar? é decidir, e depressa...

TIBURCIO. — Homem, se a coisa não é impossivel...

JORGE. — Qual impossivel! minha sogra é uma velha...

TIBURCIO. — Por isso mesmo!...

JORGE. — Luiza, vae chamal-as; dize-lhes que estou só, e que preciso muito fallar-lhes: e tu não appareças em quanto ellas cá estiverem; anda!... (*Luiza sae.*)

## SCENA XX

JORGE E TIBURCIO.

TIBURCIO. — Que quer fazer ?

JORGE. — Saberá... esconda-se outra vez no armario e quando eu bater com o pé, e gritar « Satanaz » salte para fôra, agarre-se a minha sogra, e faça quanto eu fizer.

TIBURCIO. — Aqui mesmo nesta sala ?

JORGE. — Sim ! sim ! e avie-se, que ellas não tardam...

TIBURCIO. — Vá feito ! como é para ao depois casar-me... (*Esconde-se no armario.*)JORGE, *aparte*. — Toleirão ! casa-te e depois dá-me novas ! (*Senta-se.*) Hoje é dia de felicidades para mim ! achei um marido para a mana, dei com os dous tratantes no chilindró, e para coroar a obra vim a descobrir o meio de me fazer respeitar nesta casa... Ainda bem que eu tinha meus receios de encontrar-me com ellas... hão de estar damnadas !...

## SCENA XXI

Marianna e Eufrazia apparecem á porta, e, receiosas, espreitam para a scena.

JORGE. — Podem entrar !...

MARIANNA, *adiantando-se*. — Podem entrar ?... a casa é tua ?...

EUFRAZIA. — D'hoje em diante has-de tu, e a desavergonhada da tua irmã pôrem os quartos na rua !...

JORGE. — Veremos !...

MARIANNA. — Que desaforo é esse ? ai ! que arrebento...

JORGE, *levanta-se e colloca-se entre as duas*. — Até aqui tenho vivido n'esta casa como um cão...

EUFRAZIA. — Assim o merecias !

MARIANNA. — E ainda mais !

JORGE. — Mas como tudo neste mundo tem fim, o meu tratamento de cão tambem o terá...

MARIANNA. — Agora tambem digo eu : veremos !...

JORGE. — Até agora não tenho sido homem, mas era preciso sel-o !... E que havia eu de fazer para ser homem ?... (*Com exaltação.*) Entrar nessa sociedade portentosa, universal, e sexquipedal, onde se aprendem os verdadeiros direitos do homem !... (*Faz monicoes e signaes extravagantes com as mãos.*)

EUFRAZIA. — Que quer isto dizer ?

MARIANNA. — Ai ! o que está elle a fazer ?

JORGE. — Estes são os signaes da ordem... (*Faz os signaes.*)

MARIANNA. — Está doudo !...

JORGE, *segurando-as pelos punhos.* — A senhora tem feito de mim seu gato sapato, e a senhora seu moleque, mas isto acabou-se ! (*Levanta os braços das duas que dão um grito.*) Acabou-se !... sou pedreiro livre !... Satanaz !...

MARIANNA. — Misericordia !

EUFRAZIA. — Jesus !... (*Tiburcio salta do armario. Jorge deixa o braço de Marianna, e segurando em ambos os de Eufrazia gyra com ella pela sala, gritando : Sou pedreiro livre ! O diabo é meu compadre ! Tiburcio faz com Marianna tudo quanto vê Jorge fazer. As duas gritam aterrorizadas. Jorge larga Eufrazia que corre para dentro. Tiburcio, que n'essa occasião está do lado esquerdo da scena, larga tambem Marianna, que atravessa a scena para acompanhar Eufrazia ; encontra-se no caminho com Jorge, que lhe faz uma carreta e a obriga a fazer um rodeio para sair. Os dois desatam a rir.*)

JORGE. — Bem diz o ditado, que se ri com gosto quem se ri por ultimo. Luiza ! Luiza ! (*Para Tiburcio.*) Um abraço ! que achado !...

## SCENA XXII

Entra LUIZA.

JORGE. — Vem cá. (*Conduzindo-a a Tiburcio.*) Eis aqui a paga do serviço que acaba de fazer-me. Sejam

felizes se o puderem, que eu de hoje em diante, se não fôr feliz, hei de ao menos ser senhor em minha casa. *(Aqui entram, correndo, Marianna e Eufrazia, como querendo fugir de casa. Marianna trará a mantilha na cabeça, e uma trouxa de roupa debaixo do braço; o mesmo trará Eufrazia.)*

JORGE, vendo-as. — Péga n'ellas ! *(Jorge diz estas palavras logo que as vê; corre de encontro a ellas, e fica por conseguinte junto á porta que dá para o interior, quando ellas já estão quasi junto á porta da rua. Aparece na porta um irmão das almas.)*

IRMÃO. — Esmola para missas das almas ! *(As duas quasi que se esbarram na carreira que levam, contra o irmão. Dão um grito, e voltam correndo para sahir por onde entraram; mas ahi, encontrando Jorge, que lhes fecha a sahida, atravessam a scena, esbarrando-se do outro lado com Tiburcio. Largam as trouxas no chão, e caem de joelhos a tremer.)*

EUFRAZIA. — Estamos cercadas !...

MARIANNA. — Meus senhoresinhos, não nos levem para o inferno !

JORGE. — Descancem, que para lá irão sem que ninguém as leve...

AMBAS. — Piedade ! piedade !...

JORGE. — Bravo, sou senhor em minha casa !... E eu que pensava que era mais difficil governar mulheres !... *(Marianna e Eufrazia conservam-se de joelhos, no meio de Jorge, Tiburcio e Luiza, que riem ás gargalhadas até baixar o panno.)*

IRMÃO, enquanto elles riem, e desce o panno. — Esmola para missas das almas !... *(Cae o panno.)*



# OS DOUS

OU O

## INGLEZ MACHINISTA

---

### TRAJOS PARA AS PERSONAGENS

CLEMENCIA. — Vestido de chita roxa, lenço de seda preto, sapatos pretos e penteado de tranças.

MARIQUINHA. — Vestido branco de escossia de mangas justas, sapatos pretos, penteado de bandós e uma rosa natural no cabelo.

JULIA. — Vestido branco de mangas compridas e afogado, avental verde e os cabellos cahidos em caixos pelas costas.

NEGREIRO. — Calças brancas sem presilhas, um pouco curtas, collete preto, casaca azul com botões amarellos lisos, chapéo de castor branco, guarda-sol encarnado, cabellos arrepiados e soiças pelas faces até junto dos olhos.

FELICIO. — Calças de casimira còr de flôr de alecrim, collete branco, sobrecasaca, botins envernizados, chapéo preto, luvas brancas, gravata de seda de còr, alfinete de peito, cabellos compridos e soiças inteiras.

GAINER. — Calças de casimira de còr, casaca, collete, gravata preta, chapéo branco de cópa baixa e abas largas, luvas brancas, cabellos louros e soiças ate o meio das faces.

---

### PERSONAGENS

CLEMENCIA.

MARIQUINHA, sua filha.

JULIA, irmã de Mariquinha.  
(10 annos).

FELICIO, sobrinho de Clemencia.

GAINER, inglez.

NEGREIRO, negociante de negros novos.

ALBERTO, marido de Clemencia.

Moços e moças.

*A scena passa-se no Rio de Janeiro no anno de 1842.*

---

## ACTO UNICO

O theatro representa uma sala; ao fundo porta de entrada; á esquerda duas janellas de sacadas e á direita duas portas que dão para o interior; todas as portas e janellas terão cortinas de casa branca. A' direita, entre as duas portas, um sofá; cadeiras, uma mesa redonda com um candieiro francez acceso, duas jarras com flôres naturaes, alguns bonecos de porcelana; á esquerda, entre as janellas, mesas pequenas com castiças de mangas de vidro e jarras com flôres. Cadeiras pelos vastos das paredes. Todos estes moveis devem ser ricos.

### SCENA I

CLEMENCIA, MARIQUINHA, NEGREIRO, FELICIO.

Ao levantar o panno ver-se-ha Clemencia e Mariquinha sentadas no sofá; n'uma cadeira junto d'ellas Negreiro, e recostado sobre a mesa Felicio, que lê o *Jornal do Commercio* e levanta ás vezes os olhos como observando Negreiro.

CLEMENCIA. — Muito custa viver no Rio de Janeiro! É tudo tão caro!

NEGREIRO. — Mas que quer a senhora em summa? Os direitos são tão sobrecarregados! Veja só os generos de primeira necessidade quanto pagam! O vinho, por exemplo, cincoenta por cento!

CLEMENCIA. — Boto as mãos na cabeça todas as vezes que recebo contas do armazem ou da loja de fazendas.

NEGREIRO. — Porém as mais puxadinhas são as das francezas em summa.

CLEMENCIA. — Nisso não se falla! Na ultima que recebi vinham dous vestidos que já havia pago e um que não tinha mandado fazer, e tal quantidade de linhas, cadarços e colchetes que fazia horror!

NEGREIRO. — E pagou?

CLEMENCIA. — Assim era eu tola. Depois de muitas questões veio-me o caixeiro dizer que tinha sido engano de nome.

NEGREIRO. — Queria ver se pegavam as bichas. (*Felicio lança sobre a mesa com impaciencia o Jornal.*)

FELICIO. — Irra ! Já aborrece !

CLEMENCIA. — Que é ?

FELICIO. — Ouça. (*Pega no Jornal e lê.*) Pilulas vegetaes e universaes americanas. Dizer que ha um remediò que cura tudo, é certamente dizer muita coisa. (*Deixando de ler.*) E com este annuncio nos importunam todos os dias !

CLEMENCIA. — Já é massada.

NEGREIRO. — Pois as chapas medicinaes, o unguento Durand, e a medicina popular americana ! Nisso não se falla, em summa, que é o pão nosso de cada dia, e a descoberta do senhor Gomes...

CLEMENCIA. — Por mim, se não fossem os folhetins, não lia o *Jornal*. O ultimo era bem bonito : o senhor não leu ?

NEGREIRO. — Eu ? Nada. Não gasto o meu tempo com asneiras.

UMA VOZ NA RUA APREGOANDO. — Vac empada, empadinha quente, vac empada !

CLEMENCIA, *emquanto a voz apregôa.* — Ora não é assim ! A's vezes ha coisas bem bonitas. (*Entra pela direita Julia correndo.*)

CLEMENCIA. — Onde vae ? onde vae ?

JULIA. — Vou chamar a negra das empadas.

CLEMENCIA. — E para isso precisa correr ? Vá, mas não caia. (*Julia vae para a janella e chama para a rua dando pscios.*)

NEGREIRO. — A pecurruxa gosta das empadas.

MARIQUINHA. — Julia, não se debruce que cae !

JULIA, *á janella.* — Sim, ahi mesmo. (*Sae da janella e vae para a porta, onde momentos depois chega uma preta com um taboleiro de empadas que vende a Julia.*)

FELICIO, *que tem de novo tomado o Jornal.* — Oh ! Nova presa. (*Para Negreiro.*) A quem pertence o bri-gue *Veloz Espadarte*, aprisionado hontem junto da Raza pelo cruzeiro inglez ?

NEGREIRO. — A um pobre diabo que está quasi maluco... Mas é bem feito para não ser tolo. Quem é em summa que n'este tempo manda entrar um navio com

semelhante carregamento sem tomar as necessarias precauções? Aos meus não ha de acontecer tal.

FELICIO, *levantando-se e à parte.* — Que descaramento!

CLEMENCIA. — Não falle que lhe pôde cair o raio em casa.

NEGREIRO. — Qual! Verdade seja que as reformas do código foram do diabo!

CLEMENCIA. — A proposito. Já lhe mostrei o moleque que recebi hontem da Casa da Correção?

NEGREIRO. — Pois recebeu um?

CLEMENCIA. — Recebi, sim. Empenhei-me com minha comadre, minha comadre empenhou-se com a mulher do desembargador, a mulher do desembargador fallou ao marido, este pediu a um deputado, não sei se da maioria ou da opposição, o deputado ao ministro e fui servida.

NEGREIRO. — Não está má a ladainha.

CLEMENCIA. — Não sei cá disso; o caso é que elle está em casa; quando me morrer outro qualquer escravo digo que foi elle.

FELICIO. — E minha tia precisava mais deste tendo já tantos? Porque não cede a um pobre que mais necessite?

CLEMENCIA. — A um pobre! para mata-lo com trabalho! Eu cá sou de parecer que só se devem dar os meios-caras da Correção ás pessoas ricas que os possam educar. Deixa-te disso, rapaz. Venha vê-lo, Sr. Negreiro. *(Saem Clemencia, Negreiro e Julia que durante a passada scena têm andado pela sala comendo empadas.)*

## SCENA II

FELICIO E MARIQUINHA.

FELICIO. — Ouviste, prima, como falla e pensa este homem com quem tua mãe pretende casar-te?

MARIQUINHA. — Casar-me com elle? Oh, não! Morrirei antes!

FELICIO. — No emtanto é um casamento vantajoso. Elle é rico, atropellando as leis é verdade; mas que importa? A riqueza encobre tudo... Quando fôres sua mulher...

MARIQUINHA. — E é você quem assim falla? quem me faz essa injustiça? Assim são os homens ingratos sempre.

FELICIO. — Mariquinha, perdôa-me! O temor de perder-te fez-me injusto. Bem sabes quanto te adoro; mas tu és rica, e eu sou um simples empregado publico; e assim tua mãe jámais consentirá em nossa união, pois suppõe fazer-te feliz dando-te marido rico.

MARIQUINHA. — Meu Deus!

FELICIO. — Tão bella e sensível, como és, seres a esposa de um homem para quem a riqueza é tudo, que em ti só vê um dote! Ah! Não. Terá elle ainda de lutar commigo. Se suppõe que a fortuna que tem adquirido com o contrabando de africanos ha de tudo vencer, engana-se; a intelligencia e o ardil podem ás vezes mais que a riqueza.

MARIQUINHA. — E que pôde você fazer? Seremos sempre infelizes.

FELICIO. — Talvez que não! Sei que a empresa é difficil. Se elle te amasse, ser-me-hia facil afastal-o de ti; porém ama o teu dote, e d'esta qualidade de gente arrancar um vintem é o mesmo que arrancar a alma do corpo... mas não importa.

MARIQUINHA. — Não vá você fazer alguma coisa com que mamãe se zangue.

FELICIO. — Tranquillisa-te. A lucta ha de ser longa, pois que não é este o unico inimigo: as assiduidades daquelle maldito Gainer tambem me inquietam... veremos...

MARIQUINHA. — Veja o que faz. Eu o-amo, não me envergonho de o dizer; mas se fôr preciso para a nossa união que você pratique alguma acção que... (*Hesita.*)

FELICIO. — Comprehando o que queres dizer... não te assustes.

JULIA, *entrando.* — Mana, mamãe chama.

MARIQUINHA, *para Julia.* — Já vou. (*Para Felicio.*) As tuas plavras me animam.

JULIA. — Ande, mana.

MARIQUINHA. — Que impertinencia! (*Para Felicio.*) Logo conversaremos.

FELICIO. — Não te asslijas, que tudo se arranjará.

JULIA. — Deixe a mana, primo. Oh, homem! Estão sempre agarrados um com o outro!

MARIQUINHA. — Julia!... (*Saem Mariquinha e Julia.*)

### SCENA III

FELICIO.

Quanto a amo!... Dous rivaes!... um negociante de meias-caras, e outro especulador... Bello par, na verdade!... Animo! Comecem-se hoje as hostilidades... Veremos, meus senhores, qual de nós cantará victoria!

### SCENA IV

FELICIO E GAINER

GAINER, *entrando*. — Viva, senhor.

FELICIO. — Oh! Seu criado.

GAINER. — Passa bem? Estima muita, muita obrigada. Sra. Clemencia foi passear?

FELICIO. — Não, senhor, está lá dentro, quer alguma coisa?

GAINER. — Coisa não; vem fazer meus cumprimentos.

FELICIO. — Não póde tardar. (*A parte.*) Principie-se. (*Para Gainer.*) Amigo, como sou dos homens de bem, não posso ouvir dizer... mas chega minha tia. (*A parte.*) Em outra occasião.

GAINER. — O que é que o senhor ouve dizer?

### SCENA V

FELICIO, GAINER, CLEMENCIA, JULIA  
E NEGREIRO.

CLEMENCIA, *entrando*. — Estou contente com elle. Oh! o Sr. Gainer por cá! (*Cumprimentam-se.*)

GAINER. — Vem fazer meus visitas.

CLEMENCIA. — Muito obrigada; ha dias que o não vejo.

GAINER. — Tenho andada muito occupada.

NEGREIRO, *com ironia*. — Sem duvida com algum projecto.

GAINER. — Yess! Estar rediginda uma requerimenta para as deputadas.

CLEMENCIA E NEGREIRO. — Oh!

FELICIO. — Se não fosse indscrição perguntar...

GAINER. — Oh! Não. Eu peça na requerimenta uma privilegio por dez annos para faze assucar.

NEGREIRO. — Oh! homem! Um privilegio e por dez annos! Que ficam então fazendo os senhores de engenho?

GAINER. — Com estas eu não me mette. As fazendeiras faz assucar de canna e eu não.

FELICIO E NEGREIRO. — Ah! Então de que faz?

GAINER. — Eu tenha descoberto nos meus experiencias na laboratoria que os ossas têm grande quantidade de *sucarina*, assim eu manda apanha no curral de Santa Luzia, nas açougues e na praia ossas, e dellas faz assucar superfina...

FELICIO E CLEMENCIA. — Assucar de ossos!

GAINER, *rindo-se*. — Isto deve ser bom.

CLEMENCIA. — Mas como é isto?

FELICIO, *à parte*. — Velhaco!

GAINER. — É uma segredo; não póde dize.

NEGREIRO, *rindo-se*. — D'esta feita desacreditam-se as cannas. Continue, continue.

GAINER. — Quando acaba os ossas na curral, eu manda apanha ossas na Ponta do Cajú, na cemitaria.

CLEMENCIA. — Assucar de defunto! Arrengo!

NEGREIRO. — Deve ser excellente esse assucar.

GAINER. — Very good! Este fica assucar candi.

CLEMENCIA. — Chi! meu Deus!

GAINER. — Quando acaba esses ossas...

FELICIO. — Pois pretende tambem acabar os ossos dos defuntos?

GAINER. — Yess!

NEGREIRO. — Quer ouvir um conselho? Peça antes

privilegios para fazer cemiterios, que ao depois fará o assucar que quizer.

GAINER. — Se governo dá a mim uma privilegio o uma terreno, mim se obriga tambem a faze nma cemiteria economica.

CLEMENCIA. — Cemiterio economico?

GAINER. — Yess, economica.

FELICIO. — Não se admire a tia; não vemos nós todos os dias annuncios de fogões economicos, e escriptorios economicos de enterros? Assim não é muito que haja cemiterio economico. Sr. Gainer, explique a sua idéa á tia.

GAINER. — Escuta, Sra. Clemencia, eu fazedos defuntas, depois que está enterrada uma mez, estereo para bota nas plantas, para ellas cresce muito. Esta estereo é muito boa, eu vende a estereo; depois a cova fica vazia para enterra outro defunta, e faze assim uma grandissima economia. Este pôde ser ainda uma nova genera de industria para Brazil. Quando tem nuitos defuntas eu encaixota elles, e manda para Ingliterra, lá precisa muito de estereo; então Brazil manda seus defuntas, e Ingliterra manda seus batatas.

NEGREIRO. — Oh! homem! O senhor é das arabias!

GAINER. — No, sou de Ingliterra.

CLEMENCIA. — Assucar e estereo de defuntos!

FELICIO. — O certo é que os inglezes estão muito adiantados.

GAINER. — Oh! muita adiantadas, e muita industriosas; é o primeira nação do mundo!

FELICIO. — O Sr. Gainer dizia que acabando os ossos da Ponta do Cajú...

GAINER. — Acabando os ossas, eu faze...

NEGREIRO, *interrompendo*. — Espere, espere, que me vou embora antes que faça de mim uma fôrma de assucar, ou uma carroça de estereo... Ah! ah! (*Sae irado. Gainer fica muito serio.*)

FELICIO. — Não faça caso.

GAINER. — Este homem é cavalla! No entende a progresso. Mas escuta, senhor, quando acaba os ossas, e eu não acha mais, eu faze evaporar o Rio Doce, e a assucar fica na funda do rio depositada.

CLEMENCIA, *muito admirada*. — Ah!

FELICIO, *reprimindo o riso*. — Lá isso tem seu lugar; porque emfim como o rio é doce, é muito natural que tenha assucar.

GAINER. — Muita assucar, senhor! Oh! Brazil é muito rica! Os brazileiras é que não sabe aproveitar. Se Brazil fosse dos inglezas, então si.

FELICIO. — Pois não! Essa é boa. Conhecemos a sua boa intenção... mas vamos ao assucar do rio.

GAINER. — Quando a rio está toda evaporada emtitar assucar, eu faze pelo leste uma caminho de ferro para bota carro de vapor para as indios passar. Este seria de muita utilidade.

FELICIO. — E os indios... (*Ri-se ás gargalhadas.*)

GAINER. — Eu desconfia!...

FELICIO. — Não faça tal por tão pouco! Riu-me da exquiritice da sua lembrança. Que empreza gigantesca! O senhor é um homem de genio... estupendissimo... Que gloria para o Brazil o possui-o...

GAINER. — Obrigada!

CLEMENCIA. — Com sua licença. Vou dar ordens para se arranjar a mesa para os moços que vierem cantar os Reis.

GAINER. — Sem cumprimenta. (*Saem Clemencia e Julia.*)

## SCENA VI

### FELICIO E GAINER.

FELICIO. — Parece incrível como pôde um homem ter tão boas idéas! Ouvi tambem dizer que o senhor preparava uma nova machina...

GAINER. — Oh! Dá muita interesse. Quando este machina tiver acabado não se precisa mais de cook, de sapateiro e de outras officios.

FELICIO. — Isto é espantoso! E suppre ella todos esses officios?

GAINER. — Yess! Eu bota a machina aqui na meio da sala, manda vir uma boi, bota a boi na buraca da machina, passa uma hora, e por outra buraca sae tudo já feita.

FELICIO. — Como assim?

GAINER. — Olha! A carne de hoje sae feita beef, rost-beef e fricandó e outras muitas coisas, da couro sae sapatos...

FELICIO. — Envernizados?

GAINER. — Sim, tambem pôde ser. Das chiffres sae bocetas, pente, calço de faca; dos ossas sae marcas, dados.

FELICIO. — Boa occasião de fazer assucar.

GAINER. — Sim, sim, tambem sae assucar, balas da Parto, confeitos.

FELICIO. — Que prodigio! Estou maravilhado! Quando pretende fazer trabalhar a sua machina?

GAINER. — Conforme; falta ainda alguma dinheiro. Queria fazer uma emprestimo. Se o senhor quer fazer capital rende cincoenta por cento, dá a mim para acabar a machina que trabalha depois por nossa conta.

FELICIO, *á parte*. — Assim era eu tolo. (*Para Gainer.*) Não sabe o quanto sinto não ter presentemente dinheiro disponível. Que bella occasião perco de triplicar, quintuplicar, que digo, centuplicar o meu capital em pouco tempo!

GAINER, *á parte*. — D'estes tolas com dinheiro eu quer muitas.

FELICIO. — Mas veja como os homens são máos! Chamaram ao senhor, que é o homem mais philanthropico, desinteressado e amicissimo do Brazil, especulador de dinheiros alheios, e outros nomes injuriosos!

GAINER. — A mim chama especuladora? A mim?! By god! Quem é a atrevida que me dá este nome?

FELICIO. — É preciso na verdade muita maldade. Dizerem que o senhor está rico com espertezas!

GAINER. — Eu rica! Que calumnia! Eu rica! Eu está pobre com meus projectas para bem de Brazil.

FELICIO, *á parte*. — O bem do Brazil! (*Para Gainer.*) Pois não é isto o que dizem. Affirmam muitos que o senhor tem no Banco de Inglaterra grosso cabedal, e além disso chamam-no de velhaco.

GAINER, *enfurecido*. — Velhaca! Velhaca!... Eu quer mette uma bala nas miolas deste patifa... Quem é este que chama a mim velhaca? Falla, senhor, falla!

FELICIO. — Quem? Eu lh'o digo: ainda não ha muito que o Sr. Negreiro o disse e affirmou.

GAINER. — Negreiro disse?! Oh! Que patifa de meia-cara... Vae ensina elle... elle me paga! Goddam! Goddam!

FELICIO. — Se lhe dissesse o mais, que delle tenho ouvido...

GAINER. — Não precisa dize mais, basta chama a mim velhaca para eu mata elle. Oh! Que patifa de meia-cara... Eu vae dize a commandante de cruzeiro inglez para agarra nos navias delle... Goddam! Eu vae mata elle... ah! ah! (*Sae enfurecido.*)

## SCENA VII

FELICIO.

Lá vae elle como um raio! Se encontra o Negreiro, temos salsada! Que furor mostrou por lhe dizer eu que o chamavam de velhaco... dei-lhe no fraco! Vejamos em que pára tudo isto. Sentido, meus senhores.

## SCENA VIII

FELICIO, CLEMENCIA E MARIQUINHA.

CLEMENCIA. — O Sr. Gainer?

FELICIO. — Foi-se embora.

CLEMENCIA. — Desconfiaria comnosco?

FELICIO. — Não. Pediu-me que o desculpasse por não demorar-se mais tempo.

CLEMENCIA. — Está bem. A mesa da ceia para os seus amigos, que vierem cantar os Reis, já está prompta. D'onde vêm elles, das Laranjeiras ou de Botafogo?

FELICIO. — Das Laranjeiras.

MARIQUINHA. — Ah! Os Reis de lá são bem bonitos.

## SCENA IX

## NEGREIRO E OS MESMOS.

Entra Negreiro, acompanhando por um preto de ganho que trará um cesto á cabeça, coberto com um cobertor de barta encarnada.

NEGREIRO, *entrando*. — Um seu criado.

CLEMENCIA. — Oh! Pois voltou? Que traz com este preto?

NEGREIRO. — Um presente para a Sra. D. Mariquinha.

CLEMENCIA. — Vejamos o que é.

NEGREIRO. — Apreia, pae! (*Ajuda o preto a descançar o cesto no chão. Clemencia e Mariquinha chegam-se para junto do cesto.*)

CLEMENCIA. — Descubra. (*Negreiro descobre o cesto e delle levanta-se um moleque de sete para oito annos, de tanga azul e carapuça encarnada, o qual fica em pé dentro do cesto.*)

CLEMENCIA. — Oh gentes!

MARIQUINHA. — Oh!

FELICIO. — Um meia-cara!

NEGREIRO. — Então? (*Para o moleque.*) Quenda! quenda! (*Puca-o para fóra.*)

CLEMENCIA. — Como é bonitinho!

NEGREIRO. — Boa peça! (*Para o moleque.*) Guzo sai! (*O moleque sacode os braços.*)

CLEMENCIA. — Como é engraçadinho!

NEGREIRO, *para Mariquinha*. — Ha de ser seu pagem.

MARIQUINHA. — Não preciso de pagens.

CLEMENCIA. — Então, menina! (*Para Negreiro.*) É muito criança.

NEGREIRO. — Muito.

CLEMENCIA, *para o moleque*. — Mostra os dentes. (*O moleque conserva-se com a bocca fechada.*)

NEGREIRO. — Ainda não sabe lingua de branco. (*Para o moleque.*) Zimboé cará tumú son. (*O moleque mostra os dentes.*)

CLEMENCIA. — Principia a mudar; terá sete para oito annos.

NEGREIRO. — É dos desembarcados hontem em Botafogo.

CLEMENCIA. — Ah! Dá licença que o leve para dentro?

NEGREIRO. — Pois não! (*Para o moleque.*) Quenda!

CLEMENCIA, *tomando o moleque pela mão.* — Quenda! quenda! (*Saem Clemencia, Mariquinha e o moleque.*)

## SCENA X

### NEGREIRO E FELICIO.

NEGREIRO, *para o preto do ganho.* — Toma lá. (*Dá-lhe um vintem; o preto toma o dinheiro e fica algum tempo parado olhando para elle.*) Então acha pouco? Salta já d'aquí, tratante! (*Empurra o preto.*) Um vintem pouco! (*Vae empurrando o preto até fóra da porta.*)

FELICIO, *á parte.* — Empurra-o, que eu tambem te empurrarei sobre alguem! (*Para Negreiro.*) Sr. Negreiro?

NEGREIRO. — Meu caro senhor?

FELICIO. — Tenho uma coisa que lhe dizer, com a condição porém que se não ha de alterar.

NEGREIRO. — Vejamos.

FELICIO. — A amizade e consideração com que o senhor nesta casa é tratado...

NEGREIRO. — Adiante, adiante em summa.

FELICIO, *á parte.* — Espera, grosseirão, que te ensina rei! (*Para Negreiro.*) O Sr. Gainer, que ha pouco d'aquí sahio, disse-me que ia ao juiz de paz denuncial-o pelos meias-caras que o senhor tem em casa, e ao commandante do cruzeiro o navio que espera da Costa.

NEGREIRO. — Que! Denunciar-me aquelle patife, velhaco mór?! denunciar-me?! Não que eu me importe com a denuncia, mas é desaforo, patifaria!

FELICIO. — Não sei por que lhe tem elle tanta raiva!

NEGREIRO. — Não sabe? Eu lh'o digo: é porque eu faço constar por toda a parte que elle é um especulador velhaco e velhacão! Tomára eu que me digam porque diabo se mettem os inglezes connosco! Que se importam elles que nós façamos ou não o commercio da es-

cravatura? A pena que eu tenho, Sr. Felício, é que os negros não sejam inglezes! Ah! se eu pilho o patife do Gainer, esse inglez de um dardo...

## SCENA XI

GAINER E OS MESMOS.

GAINER, *entrando apressado*. — Darda tu, patifa!

NEGREIRO, *com raiva*. — Oh!

GAINER, *tirando a casaca*. — Agora tu me paga!

FELÍCIO, *à parte, rindo-se*. — Temos touros!

NEGREIRO, *indo sobre Gainer*. — Espera, goddam dos quinhentos!

GAINER, *indo sobre Negreiro*. — Meia-cara! (*Gainer e Negreiro brigam aos soccos; Gainer gritando continuamente: meia-cara! patifa! goddam! e Negreiro: velhaco! tratante!... Felício ri-se a perder. Os dous caem no chão e rolam brigando.*)

FELÍCIO, *à parte*. — Bravo os campeões!... Bello sócco!... Assim, inglezinho! Bravo o Negreiro!... Não enfraqueças... Lá vence o inglez que tem mais força... Coitado do fraco!...

## SCENA XII

CLEMENCIA, MARIQUINHA E OS MESMOS.

FELÍCIO, *vendo-as entrar*. — Senhores, accomodem-se! (*Procura apartal-os.*)

CLEMENCIA. — Então o que é isto, senhores? Contendas em minha casa!

FELÍCIO. — Sr. Negreiro? Sr. Gainer? (*Os dous levantam-se, e fica um à direita e outro à esquerda de Clemencia, fallando ao mesmo tempo.*)

NEGREIRO. — Este yess do diabo...

GAINER. — Negreira atrevida...

NEGREIRO. — ... Teve a pouco vergonha...

GAINER. — ... Chama a mim...

NEGREIRO. — ... De denunciar-me...  
 GAINER. — ... Velhaca...  
 FELICIO. — Senhores!  
 CLEMENCIA. — Pelo amor de Deus socegum!  
 NEOREIRO, *ameaçando*. — Ainda não estou em mim...  
 GAINER, *ao mesmo tempo*. — Inglez não soffre...  
 NEOREIRO. — ... Quasi que o mato...  
 OAINER, *desesperado gritando*. — ... Goddam... Goddam!...  
 NEGREIRO, *no mesmo*. — ... Mariola!... Patife!...  
 (*Querem atracar-se.*)  
 CLEMENCIA, *no meio destes*. — Sr. mister? Sr. Negreiro?  
 NEOREIRO. — Se não fosse a senhora, havia de te ensinar, yess do diabo!  
 CLEMENCIA. — Basta!... basta! (*Gainer vae vestir a casaca.*)  
 CLEMENCIA, *para Negreiro enquanto Gainer veste a casaca*. — Ora o senhor parece criança! A brigarem!  
 NEGREIRO. — Queira perdoar, queira perdoar.

(Gainer, depois de vestir a casaca, chega-se para junto de Negreiro, carregando o chapéo na cabeça, diz com emphase.)

GAINER. — Inglez não soffre desaforo de ninguem! (*Gritando.*) De ninguem! Entende, patifa? (*Sae com passos largos.*)

FELICIO E CLEMENCIA. — Sr. Gainer, espere, espere!  
 GAINER, *chegando à porta e voltando-se*. — Meia-cara! (*Sae.*)

CLEMENCIA. — Foi-se!

NEGREIRO, *a Clemencia*. — Faz-me favor? (*Leva-a para um lado.*) A senhora sabe quaes são minhas intenções n'esta casa a respeito de sua filha, mas como supponho que este maldito inglez tem as mesmas intenções em summa...

CLEMENCIA. — As mesmas intenções?

NEGREIRO. — Assim creio, pois pretende tambem casar-se com sua filha.

CLEMENCIA, *sorprehendida*. — Pois é com ella?

NEGREIRO. — Pois não nota a sua assiduidade?

CLEMENCIA, *à parte*. — Eu que pensava que era por mim!

NEGREIRO. — É tempo de decidir: ou eu ou elle, em summa.

CLEMENCIA. — Elle casar com Mariquinha?! É o que faltava vernos!

NEGREIRO. — É quanto pretendo saber... Conceda que vá mudar em summa de roupa, que já volto para assentarmos o negocio em summa. (*Sae.*)

### SCENA XIII

CLEMENCIA, MARIQUINHA E FELICIO.

CLEMENCIA, *à parte*. — Era della que elle gostava!... e eu então?! (*Para Mariquinha.*) Que estão vocês ali bisbilhotando? O mundo está perdido... já as filhas não fazem caso das mães!... não sei onde iremos parar!... Para dentro! para dentro!

MARIQUINHA, *sorprehendida*. — Mas, mãe!...

CLEMENCIA. — Não digo eu! Ainda em cima responde-na! (*Empurra-a.*) Para dentro...

FELICIO. — Minha tia!

CLEMENCIA. — Deixa-me tu também! (*Clemencia vai empurrando Mariquinha que chora; Felicio segue-a; saem pela direita.*)

### SCENA XIV

NEGREIRO.

Entra e ainda vê Felicio que sae.

Psco!... não ouviu... espere... Quero que me dê mais miudas informações a respeito da denuncia que o tal patife deu ao cruzeiro inglez, do navio que espero. Não, que os taes meninos andam com o olho vivo; pelo que bem o sei eu, e todos em summa. Seria bem bom que eu pudesse arranjar este casamento o mais breve possível. Lá com a moça em summa não me importa, o que eu quero é o dote. Faz-me certo ar-

ranjo... e o inglez tambem queria, como tolo!... Já ando meio desconfiado... Alguem vem... Se eu me escondesse? Talvez pudesse ouvir... Dizem que é feio... Que me importa? — primeiro o meu dinheiro em summa. (*Esconde-se por traz da cortina da primeira janella.*)

## SCENA XV

CLEMENCIA, NEGREIRO, ESCONDIDO.

CLEMENCIA, *entrando*. — É preciso que isto se decida... Olá de dentro, José?

UM VOZ DENTRO. — Senhora!

CLEMENCIA. — Vem cá. A quanto estão as mulheres sujeitas! (*Entra um pagem.*)

CLEMENCIA, *dando-lhe uma carta*. — Vae á casa do Sr. Gainer, aquelle inglez, e entrega-lhe esta carta. (*Sae o pagem. Negreiro, durante toda esta scena e a seguinte, observa espiando.*)

NEGREIRO, *à parte*. — Uma carta para o inglez!

CLEMENCIA, *passeiando*. — Ou com elle, ou com nenhum mais!

NEGREIRO. — Ah! o caso é este?

CLEMENCIA, *no mesmo*. — Estou bem certa que elle fará a felicidade de uma mulher.

NEGREIRO, *à parte*. — Muito bom! muito bom!

CLEMENCIA, *no mesmo*. — O máo foi elle brigar com o Negreiro.

NEGREIRO, *à parte*. — E o peior foi não lhe quebrar eu a cara.

CLEMENCIA. — Mas não devo hesitar: se fôr necessario, fecharei minha porta ao Negreiro.

NEGREIRO. — Muito obrigado.

CLEMENCIA. — Elle se ha de zangar.

NEGREIRO. — Pudéra não! Depois de dar um moleque que podia vender por duzentos mil réis!

CLEMENCIA, *no mesmo*. — Mas que importa? É preciso pôr os meus negocios em ordem, e só elle é capaz de os arranjar depois de se casar commigo.

NEGREIRO, *à parte*. — Heim? Como é lá isso? Ah!...

CLEMENCIA. — Ha dous annos que meu marido foi morto no Rio Grande pelos rebeldes, indo lá liquidar umas contas; Deus tenha a sua alma em gloria; tem me feito uma falta que só eu sei. E' preciso casar-me; ainda estou moça. Todas as vezes que me lembro do defunto, vêm-me as lagrimas aos olhos... Mas se elle nao quizer!

NEGREIRO, *à parte*. — Se o defunto não quizer?!

CLEMENCIA. — Mas não, a fortuna que tenho e mesmo alguns attractivos que possuo, seja dito sem vaidade, podem vencer maiores impossiveis. Meu pobre defunto marido!... (*Chora.*) Vou fazer a minha *toilette*. (*Sae.*)

## SCENA XVI

NEGREIRO, QUE SAE DA JANELLA.

NEGREIRO. — E então? Que tal a viuva?... (*Arremedando a voz de Clemencia.*) Meu pobre defunto marido... vou fazer a minha *toilette*. Não é má! Chora por um, e enfeita-se para outro. Estas viúvas! Bem diz o ditado que viuva rica por um olho chora, e por outro repica. Vem gente... será o inglez? (*Esconde-se.*)

## SCENA XVII

NEGREIRO, ESCONDIDO, E ALBERTO.

Entra Alberto vagaroso e pensativo; olha ao redor de si examinando tudo com attenção. Virá vestido pobremente, mas com decencia. Negreiro que da janella espiando o observa, mostra-se aterrado durante todo a seguinte scena.

ALBERTO. — Eis-me depois de dous annos de privações e miseria restituído ao seio de minha familia!

NEGREIRO, *à parte*. — O defunto!...

ALBERTO. — Minha mulher e minha filha ainda se lembrarão de mim? Serão ellas felizes, ou como eu experimentarão os rigores do infortunio? Ha apenas duas horas que desembarquei, chegando dessa malfadada provincia, onde dous annos estive prisioneiro. Lá

os rebeldes me detiveram, porque julgavam que eu era um espião; as minhas cartas para a minha familia foram interceptadas, e minha mulher talvez me julgue morto... Dous annos que mudanças terão trazido consigo? Cruel anciedade... Nada indaguei, quiz tudo ver com meus proprios olhos... E' esta a minha casa... mas estes moveis não conheço... mais ricos e sumptuosos são do que aquelles que deixei... oh!... Terá tambem minha mulher mudado?... Sinto passos... occultemo-nos... Sinto-me ancioso de temor e alegria... meu Deus! (*Encaminha-se para a janella onde está escondido Negreiro.*)

NEGREIRO, *à parte*. — Oh diabo! Ei-lo commigo!... (*Alberto querendo esconder-se na janella dá com Negreiro e recua espantado.*)

ALBERTO. — Um homem!... um homem escondido em minha casa!

NEGREIRO, *sahindo da janella*. — Senhor!

ALBERTO. — Quem és tu? Responde! (*Agarra-o.*)

NEGREIRO. — Eu? Pois não me conhece, Sr. Alberto? Sou Negreiro, seu amigo... não me conhece?

ALBERTO. — Negreiro... sim... mas meu amigo, e escondido em casa de minha mulher!

NEGREIRO. — Sim, senhor, sim, senhor, por ser seu amigo é que estava escondido em casa de sua mulher.

ALBERTO, *agarrando Negreiro pelo pescoço*. — Infame!

NEGREIRO. — Não me afogue! Olhe que eu grito!

ALBERTO. — Dize, porque te escondias?

NEGREIRO. — Já lhe disse que por ser seu verdadeiro amigo... não aperte que não posso, e então tambem dou como um cego em summa.

ALBERTO, *deixando-o*. — Desculpa-te se podes, ou treme...

NEGREIRO. — Agora sim... vá ouvindo. (*A' parte.*) Assim safo-me da arriosa e vingo-me em summa do inglezinho. (*Para Alberto.*) Sua mulher á uma traidora!

ALBERTO. — Traidora!

NEGREIRO. — Traidora, sim, pois não tendo certeza de sua morte tratava já de casar-se.

ALBERTO. — Ella casar-se!! Mentis! (*Agarra-o com força.*)

NEGREIRO. — Olhe que perco o paciencia... Que diabo!

Por ser seu amigo e vigiar sua mulher agarra-me deste modo! Tenha proposito ou eu... Cuida que é mentira? Pois esconda-se um instante commigo e verá (*Alberto esconde o rosto nas mãos e fica pensativo.*)

NEGREIRO, *à parte.* — Não está má a resurreição! Que surpresa para a mulher!... Ah! inglezinho, agora me pagarás!

ALBERTO, *tomando-o pelo braço.* — Venha!... tremia, porém, se é um calumniador! Venha!... (*Escondem-se ambos na janella, e observam durante toda a seguinte scena.*)

NEGREIRO, *da janella.* — A tempo nos escondemos, que alguém se aproxima.

## SCENA XVIII

FELICIO, MARIQUINHA, ALBERTO E NEGREIRO,  
ESCONDIDOS.

FELICIO. — É preciso que te resolves e quanto antes.

ALBERTO, *da janella.* — Minha filha!

MARIQUINHA. — Mas...

FELICIO. — Que irresolução é a tua? A desavença entre os dous fará que a tia apresse o teu casamento, com qual d'elles não sei. O certo é que de um estamos livres; resta-nos o outro. Só com coragem e resolução nos podemos tirar d'este passo. O que disse o Negreiro á tua mãe não sei; porém o que quer que seja a tem perturbado muito, e o meu plano vae-se desarranjando.

MARIQUINHA. — Oh! é verdade! mamãe tem ralhado tanto commigo depois d'esse momento, e me dito mil vezes que eu serei a causa da sua morte.

FELICIO. — Se tivesses coragem de dizer a tua mãe que nunca te casarás com o Gainer nem com o Negreiro...

NEGREIRO, *da janella.* — Obrigado!

MARIQUINHA. — Jámais o ousarei!

FELICIO. — Pois bem, se o não ousas dizer, fuja-mos.

MARIQUINHA. — Oh! Não! não!

CLEMENCIA, *dentro.* — Mariquinha?

MARIQUINHA. — Adeus! Nunca pensei que você me fizesse semelhante proposição.

FELICIO, *segurando-a pela mão*. — Perdoa, perdoa ao meu amor!... Estás mal commigo?... Pois bem, já não fallarei em fugida, em planos, em entregas; appareça só a força e coragem. Aquelle que sobre ti lançar vistas de amor ou de cubiça, commigo se haverá! Que me importa a vida sem ti! e um homem que despreza a vida...

MARIQUINHA, *supplicante*. — Felicio!

CLEMENCIA, *dentro*. — Mariquinha?

MARIQUINHA. — Senhora? Eu rogo-te que não me faças mais desgraçada!

CLEMENCIA, *dentro*. — Mariquinha, não ouves?

MARIQUINHA, Já vou, minha mãe!... Não é verdade que estavas brincando?

FELICIO. — Sim, sim, estava; vae descaçada.

MARIQUINHA. — Eu creio em tua palavra... (*Sae apressada.*)

## SCENA XIX

FELICIO, ALBERTO, NEGREIRO.

FELICIO, *só*. — Crê na minha palavra porque eu disse que serás minha... Com aquelle dos dous que te ficar pertencendo irei ter, e será teu esposo aquelle que a morte poupar. São dez horas, os amigos me esperam. Amanhã se decidirá minha sorte. (*Toma o chapéo que está sobre a mesa e sae.*)

## SCENA XX

ALBERTO E NEGREIRO SEMPRE NA JANELLA.

ALBERTO. — Oh, minha ausencia! minha ausencia!

NEGREIRO. — A mim não me matarás! Sae em summa.

ALBERTO. — A que scenas vim eu assistir em minha casa!

NEGREIRO. — E que direi eu? Que tal o menino?

ALBERTO. — Clemencia, Clemencia, assim conservavas tu a honra da nossa familia!... Mas o senhor pretendia casar-se com minha filha?

NEGREIRO. — Sim, senhor, e creio que não sou um máo partido; porém já desisto em summa e... caluda! caluda!...

## SCENA XXI

CLEMENCIA, MUITO BEM VESTIDA, E OS MESMOS.

ALBERTO, *na janella.* — Minha mulher.

NEGREIRO, *na janella.* — Fique quieto.

CLEMENCIA, *assentando-se.* — Ai!... Já tarda... Este vestido me vac bem... Estou com meus reccios... Tenho a cabeça ardendo de alguns cabellos brancos que arranquei... Não sei o que sinto... tenho assim umas lembranças de meu defunto... é verdade que já estava velho.

NEGREIRO, *na janella.* — Olhe, chama-o de defunto e velho.

CLEMENCIA. — Sobem as escadas. (*Levanta-se.*)

NEGREIRO. — Que petisco para o marido!... E casem-se!

CLEMENCIA. — É elle!...

## SCENA XXII

GAINER E OS MESMOS.

GAINER, *entrando.* — Dá licença... Sua criado... muito obrigada.

NEGREIRO, *na janella.* — Não ha de que.

CLEMENCIA, *confusa.* — O senhor... eu suppunha... porém... eu... Não quer se assentar?... (*Assentam-se.*)

GAINER. — Eu recebe uma carta para vir trata de uma negocia.

CLEMENCIA. — Fiada em sua bondade...

GAINER. — Oh! meu bondade... obrigada.

CLEMENCIA. — O Sr. mister bem sabe que... (*A' parte.*) Não sei o que lhe diga.

GAINER. — O que é que eu sabe?

CLEMENCIA. — Talvez que não ignore que pela sentida morte de meu defunto (*Finge que chora.*) fiquei senhora de uma boa fortuna.

GAINER. — Boa fortuna é bom.

CLEMENCIA. — Logo que estive certa de sua morte fiz inventario, porque me ficavam duas filhas menores; assim me aconselhou um doutor de S. Paulo. Continuei por minha conta com o negocio do defunto; porém o Sr. mister bem sabe que n'uma casa sem homem tudo vae para traz. Os caixeiros mangam, os corretores roubam... emfim, se isto durar mais tempo, dou-me por quebrada.

GAINER. — Este é máo, quebrada é máo.

CLEMENCIA. — Se eu tivesse, porém, uma pessoa habil e diligente, que se puzesse á testa de minha casa, estou bem certa que ella tomaria outro rumo.

GAINER. — It is true.

CLEMENCIA. — Eu podia, como muitas pessoas me têm aconselhado, tomar um administrador; mas temo muito dar esse passo; o mundo havia ter logo que dizer, e a minha reputação antes que tudo.

GAINER. — Reputation, yess.

CLEMENCIA. — É além disso tenho uma filha já mulher. Assim, o unico remedio que me resta é casar.

GAINER. — Oh! yess! Casar miss Mariquinha, depois tem uma genra para toma conta de casa.

CLEMENCIA. — Não é isto o que eu lhe digo!

GAINER. — Então mi não entende portuguez.

CLEMENCIA. — Assim me parece. Digo que é preciso que eu, eu me case.

GAINER. *levantando-se.* — Oh by god! by god!

CLEMENCIA, *levantando-se.* — De que se espanta? Estou eu tão velha que não possa casar?

GAINER. — Mi não diz isto... Eu pensa na home que será sua marido.

CLEMENCIA, *à parte.* — Bom!... (*Para Gainer.*) A unica coisa que me embaraça é a escolha. Eu... (*À parte.*) Não sei como dizer-lhe... (*Para Gainer.*) As boas qualidades...

Gainer, que já entendeu a intenção de Clemencia, esfrega á parte as mãos de contente.

CLEMENCIA. *continuando*. — Ha muito que o conheço, e eu... sim... não se pôde... o estado deve ser considerado, e... ora... Porque hei de eu ter vergonha de o dizer?... Sr. Gainer, eu o tenho escolhido para meu marido; se o ha de ser de minha filha, seja meu...

GAINER. — Mim aceita! mim aceita!...

Alberto sae da janella com Negreiro e agarra Gainer pela garganta.

CLEMENCIA. — O defunto! o defunto! (*Vae cahir desmaiada no sofá, afastando as cadeiras que acha no caminho.*)

GAINER. — Goddam! assassina!

ALBERTO, *lutando*. — Tu é que me assassinas!

GAINER. — Ladrão!

NEGREIRO. — Toma lá, inglezinho! (*Dá-lhe por traz.*)

ALBERTO, *lutando*. — Tu e aquelle infame...

## SCENA XXIII

### MARIQUINHA, JULIA E OS MESMOS.

MARIQUINHA. — Que é isto?... Meu pae!... minha mãe!... (*Corre para junto de Clemencia.*) Minha mãe!... (*Alberto é ajudado por Negreiro, que trança a perna em Gainer e lança-o no chão. Negreiro fica a cavallo em Gainer dando e descompondo. Alberto vae para Clemencia.*)

ALBERTO. — Mulher infiel!... em dous annos de tudo te esqueceste! Ainda não tinhas certeza de minha morte e já te entregavas a outrem?... Adeus, e nunca mais te verei. (*Quer sahir, Mariquinha lança-se a seus pés.*)

MARIQUINHA. — Meu pae!... meu pae!...

ALBERTO. — Deixa-me!... deixa-me!... adeus!... (*Vae sahir arrebatadamente; Clemencia levanta a cabeça e implora Alberto que ao chegar á porta se encontra com Felício. Negreiro e Gainer levantam-se.*)

FELICIO. — Que vejo!... meu tio!... (*Toma-o pelo braço e conduz-o para a frente do theatro.*)

ALBERTO. — Sim, é teu tio, que veio encontrar sua casa perdida, e sua mulher infiel.

GAINER. — Seu mulher! Tudo está perdida!...

ALBERTO. — Fugamos desta casa! (*Vae a sahir apresado.*)

FELICIO, *indo atraz.* — Senhor! meu tio!... (*Quando Alberto chega á porta ouve-se cantar dentro.*)

UMA VOZ DENTRO, *cantando.*

O' de casa nobre gente,  
Escutae e ouvireis,  
Que da parte do Oriente  
São chegados os tres Reis.

ALBERTO, *para a porta.* — Oh!

Continuam a representar em quanto dentro cantam.

FELICIO, *segurando-o.* — Assim, quer abandonar-nos, meu tio?

MARIQUINHA, *indo para Alberto.* — Meu pae!...

FELICIO, *conduzindo-o para a frente.* — Que será de sua mulher e de suas filhas?... abandonadas pelo senhor todos as desprezarão!... Que horrivel futuro para suas innocentes filhas... Esta gente que não tarda a entrar, espalhará por toda a cidade a noticia do seu desamparo!

MARIQUINHA. — Assim nos despreza?...

JULIA, *abrindo os braços como para abraçal-o.* — Papae! papae!...

FELICIO. — Veja-as! Veja-as!

ALBERTO, *commovido.* — Minhas filhas! (*Abraça-as com transporte.*)

GAINER. — Mim perde muito com este!... e vae embora.

NEGREIRO. — Aonde vae? (*Quer segurá-lo; Gainer dá-lhe um socco que o lança no chão, deixando a aba da casaca na mão de Negreiro. Clemencia, vendo, Alberto abraçar as filhas, levanta-se e caminha para elle.*)

CLEMENCIA, *humilde*. — Alberto!

ALBERTO. — Mulher, agradece ás tuas filhas... estás perdoada!... Longe de minha vista este infame! Onde está elle?

NEGREIRO. — Foi-se, mas em summa deixou penhor.

ALBERTO. — Que nunca mais me appareça! (*Para Mariquinha e Felicio.*) Tudo ouvi junto com aquelle senhor (*Aponta para Negreiro.*) e a vossa honra exige que de hoje a oito dias estejaes casados.

FELICIO. — Feliz de mim!

NEGREIRO. — Em summa fiquei mamado e sem o dote...

## SCENA XXIV

Entram dous moços vestidos de jaqueta e calças brancas.

UM DOS MOÇOS. — Em nome de meus companheiros, pedimos á Sra. D. Clemencia permissão para cantarmos os Reis em sua casa.

CLEMENCIA. — Pois não! Com muito gosto.

O MOÇO. — A commissão agradece. (*Saem os dous.*)

FELICIO, *para Alberto*. — Morro de impaciencia por saber como pôde meu tio escapar das mãos dos rebeldes para nos fazer tão felizes.

ALBERTO. — Satisfarei com vagar a tua impaciencia.

## SCENA XXV

Entram os moços e moças que vêm cantar os Reis; alguns d'elles tocando diferentes instrumentos precedem o rancho. Cumprimentam quando entram.

O MOÇO. — Vamos a isto, rapaziada!

UM MOÇO E UMA MOÇA, *cantando*.

*Solo.*

No céu brilhava uma estrella  
Que a tres magos conduzia

Para o berço onde nascêra  
Nosso conforto e alegria.

*Córo.*

O' de casa nobre gente,  
Acordae e ouvireis,  
Que da parte do Oriente  
São chegados os tres Reis.

*Solo.*

Puros votos de amizade,  
Boas festas, e bons Reis,  
Em nome do Rei nascido  
Vos pedimos que acciteis.

*Córo.*

O' de casa nobre gente,  
Acordae e ouvireis,  
Que da parte do Oriente  
São chegados os tres Reis.

TODOS DA CASA. — Muito bem!

CLEMENCIA. — Felicio, convida ás senhoras e senhores para tomarem algum refresco.

FELICIO. — Queiram ter a bondade de entrar, que muito nos obsequiarão.

OS DO RANCHO. — Pois não! pois não! Com muito gosto.

CLEMENCIA. — Queiram entrar. (*Clemencia e os da casa caminham para dentro e o rancho segue-os tocando uma alegre marcha. Caeo panno.*)



# O DILETTANTE

TRAGI-FARÇA EM UM ACTO

---

## PERSONAGENS

ANTONIO AFFONSO, rico proprietario.	PERPETUA.
D. GÉNEROSA, sua mulher.	MARCELLA, paulista.
D. JOSEPHINA, sua filha.	ANDRÉ, tropeiro.
JOÃO MENDES.	UM CRIADO DE LIBRÉ, negro.

Dous tropeiros.

*A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no anno de 1844.*

---

## ACTO UNICO

Sala em casa de Antonio Affonso; ao fundo porta de sahida ; á direita e á esquerda, portas que dão para o interior; rica mobilia de mogno. A' direita, um piano, sobre o qual estarão varias musicas, e á esquerda um sofá, sobre o qual estará uma viola.

### SCENA I

ANTONIO AFFONSO, *junto ao piano, procurando um caderno de musica.*

Hoje havemos de cantar alguns pedaços da sempre applaudida *Norma*. (*Lendo uma musica.*) — «Qual cor tradiste...» Hade ser este duetto; — que musica! — o peor é não termos um tenor... Arremediarei. (*Lendo outra musica.*) — « Nel cor più » Shi ! o que isto é

velho! — (*Joga-a para o lado e procura de novo.*) — Não acho a cavatina. (*Chamando.*) — Josephina? ó Josephina? Vem cá! — Quero que todos em minha casa cantem. — Não ha nada como a bella da musica. — Arte divina!

## SCENA II

## JOSEPHINA E ANTONIO.

JOSEPHINA, *entrando.* — Chamou-me, papae?

ANTONIO. — Vem cá, louquinha — que fizeste da *Casta Diva*?

JOSEPHINA. — Está sobre o piano.

ANTONIO. — Procura-a.

JOSEPHINA. — Quer cantal-a?

ANTONIO. — Divirta-se a menina commigo!

JOSEPHINA. — Se é para eu cantar, não a procurarei — já é maçada.

ANTONIO. — Que dizes, barbara? Maçada a *Casta Diva*! Quem já ouviu tal? Maçada essa tão sublime producção daquelle sublimissimo genio!

JOSEPHINA. — Será sublimissima, estupendissima, e tudo quanto quizer; mas como ha algum tempo que a ouço todos os dias por essas ruas, e casas, cantada, miada, guinchada, assobiada, e estropiada, já não a posso aturar — todos cantam a *Casta Diva* — é uma epidemia!

ANTONIO. — E o mais é que tens razão! — Ouve-se daqui. (*Canta os primeiros compassos da Casta Diva em voz fanhosa.*) — Ouve-se dali. (*Canta com voz mais fina.*) Mais adiante um moleque. (*Assobia-a.*) — Estragam-na! assassinam-na! — Mas tu cantas bem.

JOSEPHINA. — Obrigada. (*Faz uma mezuza.*) Porém não a cantarei mais.

ANTONIO. — Está bom. Mas has de cantar o bello duetto. (*Cantando.*) — « Mira, ó Norma, a tuoi guinocchi... »

JOSEPHINA, *rindo-se.* — E com quem? papae, faz a parte da Norma?

ANTONIO. — Com tua mãe.

JOSEPHINA, *rindo-se*. — Mamãe cantando duettos!... ella que apenas canta a *Maria Caruxa* quando está á costura, e isso mesmo desentoadissima!

ANTONIO. — Eu lhe darei algumas lições.

JOSEPHINA. — Hade ser galante!.

ANTONIO. — É preciso cantarmos hoje alguma coisa, para mostrares as tuas prendas ao nosso hospede.

JOSEPHINA. — Eu não lhe quero mostrar nada! — Um homem tão feio!...

ANTONIO. — Feio, mas rico. — Seria um bom casamento para ti, e elle o deseja...

JOSEPHINA. — Pois eu não, senhor!

ANTONIO. — Queres-te casar com algum destes farejadores de dote, que andam somente com a mira no dinheiro? O que eu com tanto custo ganhei, não é para especuladores de casamento. — Não te queria dizer isso hoje; mas já que nisso se falla, escuta... O Sr. Marcello pediu-te; é homem de bem e rico, é muito considerado lá em S. Paulo, anda na chapa para deputado, e ainda pôde vir a ser senador; tu tens juizo, e bem conheces que uma menina dotada de...

JOSEPHINA. — Ah! papae hoje está para sermões? pois eu vou-me embora. (*Sae correndo, Antonio fica suspenso, e, depois que Josephina sae, faz um movimento com os hombros como quem diz: é uma criança!*)

### SCENA III

ANTONIO, só.

Deixou-me no melhor... É uma louquinha... A senhora da minha mulher é que tem a culpa, criou-a com tanto mimo! — criança! mas tem bom coração; por isso quero que encontre marido que a faça feliz... O amigo Marcello é o marido que eu procuro... Coitado! nunca veio á côrte, anda espantadiço. — Só uma coisa me desgosta nelle, é o não gostar da musica italiana; — tirando-lhe o fado, nada mais presta!... Antes de hontem levei-o ao

theatro e dormiu toda a noite... — Dormir quando se canta a *Norma!*... Isto só faz um paulista dos sertões!... Dormir quando se pôde ouvir esse canto incomparavel do cysne da Italia!... Infeliz mancebo, Bellini inimitavel, portento de harmonia, morreste, e cá nos deixaste chorando a tua perda... morreste... A terra te seja... (*Enternecido.*) melodiosa!!!

## SCENA IV

### MARCELLO E ANTONIO.

Marcello entra pela porta da esquerda, vestido á paulista, isto é, de botas brancas, calça e jaqueta de ganga azul, e poncho de panno azul forrado de baeta encarnada. O actor que fizer esta parte deve dar á sua pronuncia a accentuação que costumam dar os paulistas.

MARCELLO. — Deus lhe dê muitos bons dias, patricio.

ANTONIO. — Oh! como tem passado? Ainda o não vi hoje.

MARCELLO. — Tenho andado passeando pela cidade.

ANTONIO. — Aonde foi?

MARCELLO. — A' rua do Ouvidor. — Lá vi muitas coisinhas bonitas penduradas nas vidraças, e umas figuras de gente, andando assim á roda. (*Anda a roda.*) — Que pareciam mesmo coisa viva...

ANTONIO. — Isso ha-de ser nos cabelleireiros.

MARCELLO. — É isso mesmo, que lá vi muitos cabellos pendurados. — Entrei ao depois n'uma casa em que estava um homem tocando um instrumento assim. (*Faz o movimento de quem toca realejo.*)

ANTONIO. — E' um realejo? isso é a peor peste que cá tem vindo. — Sem duvida foi no canto do becco das Cancellas, n'uma loja onde ha muitos chapéos pendurados á porta.

MARCELLO. — Creio que sim.

ANTONIO. — Esse realejo é o diabo em figura de canudos! — não se pôde passar por detronte da tal casa,

principalmente á noite... são uns guinchos tão desafinados que fazem arripiar! Gabo-lhe o gosto a quem lá mora!...

MARCELLO. — Mas eu achei bem bonito, e entrei para ver, e comprei uns lenços.

ANTONIO. — Não são por tolos que elles tocam!

MARCELLO. — Em fim, nas ruas havia tanta confusão, e tanta bulha, que eu fiquei com a cabeça tonta. — Tomara-me já em S. Paulo!

ANTONIO. — Homem! goze primeiro os prazeres da côrte. — Não queira enterrar-se em vida no sertão. — Vá ao theatro, não ao portuguez, que esse não vale a pena : só lá vae gente sem gosto; mas ao italiano, para ouvir a *Norma*, *Belisario*, *Anna Bolena*, *Furioso*, etc.

MARCELLO. — Não acho graça nenhuma : — umas cantigas que eu não percebo ; ainda uma *opera* portugueza eu entendo, e me rio, quando é engraçada.

ANTONIO. — Peças portuguezas ? quem pôde ainda ouvir uma peça portugueza ? Tomara ver acabadas todas essas companhias dramaticas ! Musica, meu amigo, só musica italiana, e sempre musica italiana, *per omnia secula seculorum* !

MARCELLO. — Pois eu não gosto d'esta musica — sempre é musica que não se pôde dansar — não ha nada como um fado. (*Assenta-se no sofá.*)

ANTONIO. — Que horror !... preferir um fado á musica italiana !...

MARCELLO. — É que o patricio ainda não ouviu um fadinho bem choradinho...

ANTONIO. — Nem quero ouvir !... Não diga isso a ninguém que se desacredita. — A musica italiana, meu amigo, é o melhor presente que Deus fez aos homens ; — é o alimento das almas sensiveis.

MARCELLO. — Pois o meu é feijão com toucinho, e lombo de porco.

ANTONIO. — Que blasfemia !... (*A' parte.*) — O que faz a ignorancia !...

MARCELLO. — Que graça acha o senhor na musica ?

ANTONIO. — Uma graça divina e sentimental ! Quando estou no theatro, e ouço esses sublimes accordes, essas harmonias brilhantes, essas melodias melancolicas, sin-

to-me outro... o prazer enleva me; — quero aproveitar a mais pequena nota, estendo o pescoço, applico o ouvido, e sinto que não me dêsse Deus umas orelhas mais compridas, para aproveitar o mais pequeno átomo de harmonia.

MARCELLO, *muito admirado*. — Não o entendo...

ANTONIO, *continuando entusiasmado*. — Quando a musica toca no fundo da minha alma, dá-me vontade de fazer despropositos; de fazer... nem sei o que... saltar, pular, esfregar-me, espojar-me pelo chão... Ah! meu amigo, que sensações deliciosas!...

MARCELLO. — Cuidado, que a musica o hade fazer doudo...

ANTONIO. — Não diga brincando...

MARCELLO. — Oh, senhor Deus!

ANTONIO. — Quando estou no theatro ouvindo essas celestes inspirações, e ouço conversar a meu lado, ou tossir, dá-me vontade de fazer uma morte...

MARCELLO. — Oh!

ANTONIO. — Quem quer conversar fique em casa, e quem tem tosse vá para o hospítal; — um dia faço uma asneira, não tem duvida...

MARCELLO. — Não diga assim, homem de Deus!

ANTONIO. — Ainda hontem, estava ouvindo aquelle bello duetto. (*Canta.*) — Al mia mano al fin tu sei, — e um barbaro que estava sentado a meu lado espirrou no momento mais pathetico; estive ás duas por tres a dar-lhe uma dentada no nariz! Nariz que espirra quando se canta não deve existir!

MARCELLO, *rindo-se*. — Arrancar o nariz ao homem!...

ANTONIO. — Patricio, você não sabe de que é capaz um dilettante!

MARCELLO. — Dilettante? não conheço esse bicho...

ANTONIO. — Olhe! um dia acordei com a firme tenção de separar-me de minha mulher...

MARCELLO. — Então porque?

ANTONIO. — Sonhei que estava ouvindo a Malibran.

MARCELLO. — Malibran?

ANTONIO. — Sim, a Malibran, essa cantora com quem nos quebram a cabeça; — a sua voz chegava aos meus ouvidos pura e argentina; fiquei de tal modo commo-

vido e arrebatado que accordei — e ouço, oh! sacrilegio!... ouço minha mulher, que, achando-se a dormir a meu lado, roncava como um porco...

MARCELLO. — E por isso queria separar-se de sua companheira?

ANTONIO. — Pois o que quer que se faça a uma mulher que ronca quando a Malibrán canta?

MARCELLO. — Por isso é que eu digo que não ha nada como um fadinho. (*Pega na viola.*) — Ainda que se ronque não faz mal — ronque o patricio, que eu canto. (*Toca na viola e canta em voz muito alta.*)

Adeus, Coritiba triste,  
Alegres Campos Geraes;  
Eu fui aquelle que disse,  
Que a S. Paulo não vou mais.

ANTONIO, *emquanto Marcello canta.* — Calle-se! calle-se, com trezentos milhões de diabos!... Que musica infernal! — Quer assassinar-me!...

MARCELLO, *tendo acabado de cantar.* — Isto é que é bom, patricio!

ANTONIO, *zangado.* — E o... não me faça dizer despropositos!... (*Entra o criado e entrega a Antonio um rolo de musica.*)

ANTONIO, *tomando a musica.* — É a musica que mandei buscar á casa do Klier. — É o terceto da *Norma* — mas quem fará o tenor? ah! — Quem sabe se este sujeito será tenor? — Ah, senhor Marcello, o senhor será tenor?

MARCELLO. — Ein?

ANTONIO. — Pergunto se é tenor?

MARCELLO. — Não sei o que seja...

ANTONIO, *á parte.* — O que faz a ignorancia!... (*Para Marcello.*) Já volto...

MARCELLO, *levantando-se.* — Escute, patricio — aquelle negocio?

ANTONIO. — Já dei a entender á menina. Não a encontrei muito bem disposta, mas tudo se hade arranjar — dou-lhe a minha palavra.

MARCELLO. — Bom! (*Antonio sae.*)

## SCENA V

MARCELLO, só.

Este pobre homem é tolo; faz pena, que é boa pessoa... Vive cantando umas asneiras, umas cantigas sem pés nem cabeça. — Tomára eu fazer este casamento; a menina é alegre, e tem uns olhinhos muito espertinhos. — Ainda seria bem feliz se não fosse me lembrar de minha desgraçada irmã... hei-de vingar-me algum dia. (*Sae.*)

## SCENA VI

GENEROSA E JOSEPHINA.

GENEROSA, *entrando apressada*. — Vem para cá! vem para cá...

JOSEPHINA, *entrando*. — Pobre papae! (*Li-se.*)

GENEROSA. — Não te rias que elle nos pôde ouvir.

JOSEPHINA. — Lá anda elle á nossa procura.

GENEROSA. — Meu Deus, o senhor Antonio Afonso mata-me com a musica. Quer por força que eu cante! É preciso andar fugindo...

JOSEPHINA. — E mamãe porque não canta?

GENEROSA. — Engraça-te...

JOSEPHINA. — Pois mamãe canta bem a *Maria Caçuxa*...

GENEROSA. — Brincas também commigo? Espera! (*Quer segurar Josephina, que se mette atraz do piano, e toca.*)

GENEROSA, *parando*. — Que fazes, desgraçada?

JOSEPHINA. — Se me bater, eu toco piano, e papae saberá onde estamos.

GENEROSA. — Não! não, filhinha! vem para cá, não tenhas medo, sae d'ahi!

JOSEPHINA. — Veja lá!

GENEROSA. — Não tenhas receio. — (*Josephina sae de traz do piano, atravessa a scena ainda com receio de Generosa e fica junto ao sofá.*) — Vivo n'um conti-

nuo tormento depois que se lhe mettu na cabeça a mania do canto.

JOSEPHINA. — E eu vivo n'uma alegria, porque vou sempre ao theatro.

GENEROSA. — Divertes-te com tudo; és uma criança.

JOSEPHINA. — Com tudo mamãe se afflige; é uma...

GENEROSA. — Velha? — acaba!...

JOSEPHINA. — Não fui eu que o disse.

GENEROSA. — Brincas com tua mãe! (*Vae para ella.*)

JOSEPHINA. — Eu... não... senhora. (*Em quanto falla péga na viola, e faz soar as cordas.*)

GENEROSA. — Não faças bulha, que me deitas a perder!...

JOSEPHINA, *cheirando a mão.* — Meu Deus! como cheira a cigarro!... (*Limpa a mão no lenço.*)

GENEROSA. — E' bem feito!

JOSEPHINA. — E papae quer que eu me case com elle!

GENEROSA. — Com elle quem?

JOSEPHINA. — Com o paulista.

GENEROSA. — Ai! não digas tal! — Pois te havijas de casar com um tamanduá d'aquelles, que a tudo diz: sénhór sim! — e que anda sempre mettido n'um ponche tão nojento!...

JOSEPHINA. — E com os cabellos tão arripiados!

GENEROSA. — Ires para S. Paulo? — eu ficava cá n'um susto continuo; — aquillo por lá, ha tempos, que não anda muito bom.

JOSEPHINA. — Não se afflija, que eu tambem não me caso com um papa formigas...

GENEROSA. — Nada!... nada!... has de casar na côrte com algum deputado, ou official de secretaria.

JOSEPHINA. — Minha cara mamãezinha, quero fazer-lhe uma confissão. — Eu amo a um moço muito bonito mas elle não é nem deputado, nem official de secretaria...

GENEROSA. — Pois amas sem o meu consentimento?

JOSEPHINA. — E mamãe quando amou papae, pediu o consentimento de minha avó?

GENEROSA, *evitando a resposta.* — Quem é esse moço?

JOSEPHINA. — E' o senhor João Mendes.

GENEROSA. — Um moço que ha tão pouco tempo principiou a negocear, e que já quebrou!

JOSEPHINA. — Não sei se é quebrado; o que sei é que anda bem direito, e que me hei de casar com elle!

GENEROSA. — Não te has-de casar!

JOSEPHINA. — Hei-de me casar! (*Assenta-se no sofá, e bate com os pés, e com as mãos.*) Hei-de me casar' ou me enforco! — (*Passa o lenço que tem na mão ao pescoço.*)

GENEROSA. — Que fazes? — larga o lenço! (*Chega-se para ella e quer tirar-lhe o lenço.*)

JOSEPHINA, *puzando pelas pontas do lenço.* — Hei-de me casar...

GENEROSA. — Larga o lenço! (*Josephina bota a lingua de fóra.*) — Josephina!

JOSEPHINA. — Hei-de-me casar!

GENEROSA. — Has-de, sim! has de...

JOSEPHINA, *desamarra o lenço.* — Com o senhor João Mendes?

GENEROSA. — Com quem quizeres. (*Josephina levanta-se de um salto, abraça a Generosa, e dá-lhe beijos.*)

JOSEPHINA. — Minha boa mãesinha!

GENEROSA. — E's uma louca!

JOSEPHINA. — Promette-me fallar a papae?

GENEROSA. — Prometto, sim.

JOSEPHINA. — E tambem ao senhor Marcello para despersuadil-o?

GENEROSA. — Tambem; fazes de mim o que queres... (*Apparece á porta Antonio Affonso, que vendo as duas a conversar caminha para ellas pé ante pé, sem ser presenteado.*)

JOSEPHINA. — Serei muito feliz! (*Batendo as mãos de contente.*)

GENEROSA. — Estás muito contente? Pensas que é qualquer coisa despersuadir teu pae?...

## SCENA VII

ANTONIO AFFONSO, GENEROSA E JOSEPHINA.

ANTONIO AFFONSO, *mette-se no meio das duas e segura-as pelos braços.* = Pilhei-as! (*As duas assustam-se.*)

AMBAS. — Ai!

ANTONIO. — Ha uma hora que as procuro! (*Josephina desata a rir.*)

GENEROSA. — De que te ris?

ANTONIO. — Minha mulherzinha, fazes-me um favor?

GENEROSA. — Ora deixe-me, senhor Antonio Affonso!

ANTONIO. — Meu anginho, canta este tercetto da *Norma*. (*Tira da algibeira do chambre o rolo de musica.*)

GENEROSA. — Eil-o com a maldita mania!

JOSEPHINA. — Mamãe já o sabe.

ANTONIO. — Já o sabes, meu amorsinho?

GENEROSA. — É esta? — Tu já me ouviste cantar?

JOSEPHINA. — Fiz mal em dizer, mas agora está dito. — Mamãe queria causar-lhe uma surpresa; canta o duetto, o tercetto e o romance final.

GENEROSA. — E então?

ANTONIO, *abraçando-a*. — Ladrãosinho!

GENEROSA. — Fique quieto! Olhe a menina...

ANTONIO, *abrindo a musica*. — Canta esta passagem...

GENEROSA. — Ora, senhor! como quer que lhe diga que não tenho geito para cantar?

JOSEPHINA. — Cante, mamãe, não tenha vergonha!

GENEROSA. — Sem vergonha será ella.

JOSEPHINA, *para Antonio*. — E' que ella canta com o patricio...

ANTONIO. — Elle tambem canta? — Oh! que fortuna! — (*Chamando.*) — O' patricio? Senhor Marcello? Patricio? — (*Encaminha-se para a porta do quarto d'este.*)

GENEROSA, *a Josephina*. — Tu me pagarás! — (*Corre para dentro na ponta dos pés para não ser presentida por Antonio.*)

JOSEPHINA, *gritando*. — Mamãe, não fuja! (*Antonio, ouvindo a voz de Josephina, volta, e vendo Generosa correr para dentro, corre atraz d'ella.*)

ANTONIO, *correndo*. — Espera! espera. (*Saem ambos da scena.*)

JOSEPHINA, *só, rindo-se*. — Isto está divertido! — Que mania! A musica o fez louco!...

## SCENA VIII

MARCELLO E JOSEPHINA.

MARCELLO, *entrando*. — Quem me chama? (*Vendo Josephina*.) Oh! ás suas ordens...

JOSEPHINA. — Foi meu pae que o chamou. (*A' parte*.) Que figura!

MARCELLO, *à parte*. — Que olhos matadores! — (*Alto*.) — Seu paesinho já lhe fallou no nosso casamento?

JOSEPHINA. — O senhor canta a *Norma*?

MARCELLO. — A morna? — não senhora.

JOSEPHINA. — Então como quer casar?

## SCENA IX

OS MESMOS, ANTONIO E GENEROSA.

Antonio traz Generosa presa por um braço.

GENEROSA. — Não ha meio de escapar a um doudo!

ANTONIO. — Estou estafado! — O' patricio, venha cá, — já sei que canta com minha mulher...

MARCELLO. — Com sua mulher? — que eu saiba, não senhor.

ANTONIO. — Quer-se tambem fazer rogado, como esta tola? Chegue-se!

GENEROSA, *repentinamente*. — Dê cá a musica! (*Toma o papel de musica e o abre com resolução*.)

ANTONIO. — Bravo! — Faça a segunda, patricio!

GENEROSA, *cantando desentoadamente*. — Tra la la tra la la...

ANTONIO. — Que é isto? que é isto? (*Josephina e Marcello riem-se*.)

GENEROSA. — E' a *Norma*! é o duetto! — Cante, senhor Marcello, para fazer o gosto a meu marido! (*Cantando*.) — Tra la la tra la la... (*Marcello cae sentado no sofá rindo-se*.)

ANTONIO. — Não é assim! não é assim! está tudo es-

tropiado! — Venham para o piano que eu quero acompanhar...

JOSEPHINA. — Vamos para o piano!

GENEROSA, *com resolução*. — Pois vamos! (*Antonio senta-se ao piano; Generosa e Josephina ficam de pé aos lados.*)

ANTONIO, *do piano*. — Venha, patricio!

MARCELLO, *do sofá*. — Canto d'aqui.

ANTONIO. — Nada, venha para cá!

MARCELLO. — Senhor não — d'aqui mesmo!

ANTONIO. — Pois bem! mas cante alto.

MARCELLO. — Senhor, sim! cantarei o que sei...

ANTONIO. — Attenção! (*Antonio toca no piano a introdução do duetto da Norma, e logo que deve principiar o canto, diz.*) Agora! (*Generosa canta como no principio; isto é, desentoadamente, e Marcello, que ás escondidas tomou a viola, toca o fado e canta em voz alta*):

MARCELLO

Sou um triste boiadeiro,  
Tempo não tenho de amar;  
De dia vigio o gado,  
De noite para rondar.

ANTONIO, *levantando-se*. — Cale-se! cale-se com os trezentos, só papa-formigas! — Então? (*Sae do piano para encaminhar-se para Marcello, que continua a cantar imperturbavel.*)

GENEROSA. — E eu safo-me! é bem feito! (*Sae correndo.*)

JOSEPHINA. — Isto agora está serio! (*Sae correndo.*)

MARCELLO, *cantando*.

Vou-me embora p'ra o deserto  
Que a côrte já me aborrece,  
Que eu lá no deserto tenho  
Quem por mim penas padece.

(*Antonio arranca a viola dos mãos de Marcello no meio do canto.*)

ANTONIO. — Irra! quer pôr-me dondo!

MARCELLO, *com impassibilidade*. — Cada um canta como sabe...

ANTONIO. — E eu pedi que cantasse o fado, animal?

MARCELLO, *levantando-se*. — Animal?

ANTONIO. — Animal, sim! Arre! que já não o posso aturar! Bruto!

MARCELLO, *chamando*. — André? André? (*A Antonio*.) Se eu não estivesse em sua casa... O senhor não sabe dar hospitalidade; devia-me respeitar, sou seu hospede! (*Entra André, vestido como um tropeiro*.) Arompta os burros, que hoje nos vamos! — (*Sae André*.)

ANTONIO. — Espere, patricio, o caso não vae de desconfiar... Não tive tenção de o offender, tenha paciencia.

MARCELLO. — Animal não tem paciencia...

ANTONIO. — Ora! deixe-se disso... não desconfie; asente-se, aqui está a viola. (*Põe a viola sobre o sofá*.) Toque e cante quanto quizer, quando eu estiver fora de casa.

MARCELLO. — Está bom, ficarei; quero mostrar que sou mais bem creado do que o senhor.

ANTONIO. — Muito estimo! (*A parte*.) O que faz a ignorancia!

## SCENA X

ANTONIO, MARCELLO E JOÃO MENDES.

João Mendes traz uma caixa de oculos de theatro na mão.

JOÃO. — Reverente criado da casa.

ANTONIO. — Oh! amigo Mendes...

JOÃO. — Bons dias, patricio.

MARCELLO. — Deus lhe dé os mesmos. (*A parte*.) Não gosto d'este sujeito.

JOÃO, *a Antonio*. — Eis aqui o oculo que me pediu que comprasse. E' da casa do Wallerstein.

ANTONIO. — Vejamos. (*Toma a caixa e abre para tirar o oculo*.) Um verdadeiro dilettante não deve estar sem um bom oculo, para gozar o franzir da testa, o arregalar dos olhos, e o inchar das veias das predi-

lectas cantoras. (*Põe o oculo para os camarotes.*) E' magnifico!

MARCELLO. — Ah! ah! ah! (*Rindo-se.*)

ANTONIO. — De que se ri?

JOÃO. — Acha graça?

MARCELLO. — O senhor com esta coisa parece-me um caramujo com os olhos tão compridos.

JOÃO. — E o senhor com que se parece, com este ridiculo ponche? que cara? só tanijura!

MARCELLO. — Com o que me pareço? (*Abaixa-se, e tira de dentro do cano da bota uma grande faca; o que vendo João, salta para o lado.*)

JOÃO, *assustado*. — Não brinque!...

ANTONIO. — Que é isto, patricio?

MARCELLO. — Vem cá, carióca, quero te dizer com que me pareço!

ANTONIO, *que está no meio de ambos*. — Tenha prudencia!

MARCELLO. — Quer brincar com o paulista? (*Caminha para elle sustido por Antonio. João recua.*)

ANTONIO, *sustendo a Marcello*. — Então? accommode-se!

MARCELLO. — Largue-me! (*Faz um movimento com a mão que tem a faca; Antonio assusta-se, larga-o, e corre para traz do piano; o mesmo faz João. Marcello caminha para elles.*)

ANTONIO. — Quer nos matar?

JOÃO. — Eu grito!

MARCELLO, *parando*. — Tenho pena de ti. (*Volta e sae.*)

## SCENA XI

JOÃO MENDES E ANTONIO.

ANTONIO. — De boas escapámos!...

JOÃO. — Que tal o paulista? safa! por isso ha tantas mortes por esses sertões! Por qualquer coisa, tome você uma facada! (*Dá com o dedo na barriga de Antonio que se espanta.*) Mande embora esta onça!

ANTONIO. — Isso não se faz assim. O homem de bem quando dá a sua palavra, deve ser escravo d'ella: prometti que lhe daria a Josephina, e não posso romper com elle.

JOÃO, *à parte*. — Mão! (*Alto*.) Pois o senhor atreve-se a sacrificar sua filha, casando-a com um homem tão assomado, que puxa uma faca pela menor palavra, que é capaz de fazer uma morte, e acabar na forca?

ANTONIO. — Tudo fosse puxar faca!... o peor é não gostar elle de musica.

JOÃO. — Pois que! não gostar de musica é peor?

ANTONIO. — Mil vezes!

JOÃO, *à parte*. — Ah! Bom! isso me servirá...

ANTONIO. — Mas eu hei de dar-lhe algumas lições, e tomará gosto.

JOÃO, *à parte*. — É preciso desviar-o d'esse intento. (*Alto*.) Tem o senhor muita razão em dizer que peor é não gostar de musica do que dar facadas. O homem pôde ser ladrão e assassino sem que tenha má indole; essas pessimas inclinações provêm quasi sempre da educação mal dirigida; os bons exemplos e a casa da correccão podem emendal-o, mas aquelle que não gosta de musica?... nasceu com alma mal conformada! — é um perverso!

ANTONIO. — Perverso, diz o senhor? Não tem alma!

JOÃO. — E' incorrigivel!

ANTONIO. — Capaz dos maiores crimes!

JOÃO. — Feroz!

ANTONIO. — Antropophago! Meu caro amigo, eu estou bem persuadido que Robespierre, Pedro Hespanhol, o Braço Vermelho e o Mestre Escola não gostavam de musica.

JOÃO. — Isso está provado...

ANTONIO. — Ah! já está provado...?

JOÃO. — Pois não!

ANTONIO. — Não o disse eu?... é para ver! — Se em todas as prisões e presigangas houvesse mestres de musica vocal e instrumental, eu estou que os crimes desapareceriam da face da terra.

JOÃO. — Que duvida! não se acharia nem um só criminoso para remedio!

ANTONIO. — As funcções do jury seriam mais suaves e humanas. Do seu seio não sahiriam condemnações de galés perpetuas e morte ; seriam suas sentenças assim formuladas : condemno ao réo fulano por crime de roubo, a dous annos de fagote... ou : condemno a sierano por crime de homicidio com circumstancias aggravantes a quatro annos de rabeça e canto vocal ; e assim por diante...

JOÃO. — Oh ! que estupendissima lembrança !...

ANTONIO. — E então o jury dirigir-se-hia por um codigo musical.

JOÃO. — Olhe, senhor Antonio Affonso, pôde estar certo de que, com um codigo musical, o jury faria mais serviços do que faz com o codigo criminal. Ao menos ia tudo de cantarola, e ria-se a gente...

ANTONIO. — E' impossivel que assim os maiores criminosos não se emendassem...

JOÃO. — Impossibilissimo ! (Com exaltação.) O assassino, armado de aguda e açacalada espada, frenetico, delirante, sedento de sangue humano, com a dextra alçada (Levanta o braço direito e a bengala que traz na mão.), e com a sinistra apoderando-se da victima... (Agarra com a mão esquerda na gola do chambre de Antonio, que se assusta.)

ANTONIO. — Que é isso ?

JOÃO, continuando. — ... que tremula, e opprimida implora compaixão ! e que nada no mundo antigo e moderno seria capaz de libertar sua victima, e suster o seu criminoso braço ; se ouvisse suave melodia... (Canta com ternura) deixaria cahir a espada. (Deixa cahir a bengala) e, prostrado de joelhos (Ajoelha-se), lhe pedia perdão !...

ANTONIO. — Estou commovido ! Levante-se, meu amigo. (Enxuga os olhos com a aba do chambre.)

JOÃO, levantando-se. — A commoção faz o homem communicativo ! Tenho um segredo que já não posso guardar ! (Com mysterio.) Eu sei cantar !...

ANTONIO, com extremo prazer. — Sabe cantar ? Deveras ? Não me engana ?...

JOÃO. — Ha um anno que tenho mestre ; é verdade que falha muito ; mas canto soffrivelmente.

ANTONIO. — Ah!

JOÃO. — Queria causar-lhe uma surpresa...

ANTONIO. — Causou-me, meu querido amiguinho, causou-me! Ora, diga-me, que voz tem?

JOÃO, *à parte*. — Os diabos me levem se eu sei que voz tenho! (*Para Antonio.*) Quer saber que voz tenho?

ANTONIO. — Sim, quero saber se é tenor, barytono, ou baixo.

JOÃO. — De qual dessas vozes gosta mais?

ANTONIO. — De tenor.

JOÃO. — E' a minha!

ANTONIO. — Que satisfação! (*Dá-lhe um abraço.*) Então a sua voz sobe muito?

JOÃO. — Pois não! sobe até acima!

ANTONIO. — E tem bom falsete?

JOÃO, *à parte*. — Em boas me mettí eu! (*Para Antonio*) Pergunta se tenho falsete?

ANTONIO. — Justamente; se é bem sostenuto, flexivel, e harmonioso.

JOÃO. — Pois que pensa? o falsete? não ha nada como a falsete? tenho-lhe uma affeição particular! todos os dias não faço outra coisa... e o meu amigo, tambem tem bom falsete?

ANTONIO. — Nada! o diabo do defluxo asthmatico não me deixa. (*Aqui apparece na primeira porta á direita Josephina, a qual, vendo os dous em scena, recua, e fica em observação.*)

JOÃO. — Lastimo-o! O falsete é o maior prazer que o homem póde ter n'esta vida. (*A' parte.*) Lamba-me o demo se eu sei o que é!

ANTONIO. — Agora é que eu sinto ter dado minha palavra ao paulista.

JOÃO, *à parte*. — Bom! (*Para Antonio.*) Qual palavra?

ANTONIO. — E' cá uma coisa. (*A' parte.*) Que genro! (*Para João.*) Venha cantar um pouco; quero ouvi-lo.

JOÃO, *à parte*. — Essa agora é melhor! (*Para Antonio.*) Agora não posso, estou rouco...

ANTONIO. — Isso é desculpa de cantora... venha um bocadinho só... (*Puxando-o pelo braço.*)

JOÃO, *à parte*. — Estou em talas! (*Para Antonio.*) Desculpe-me!

ANTONIO. — Venha! — Que felleidade para mim se tivesse um genro que soubesse cantar, não me seria preciso rogar tanto.

JOÃO. — Ah! pois bem! cantarei um pouco...

ANTONIO. — Bravo! (*Vae para o piano e senta-se. João fica a seu lado de pé.*) Que quer cantar?

JOÃO. — O que quizer, para mim tudo é o mesmo!

ANTONIO. — A aria do *Belizario* — *Trema Bysancio!*

JOÃO. — Pois sim! (*Antonio toca a introdução da aria; na occasião em que se deve cantar, João concerta a voz.*)

ANTONIO. — Então?

JOÃO. — Estou concertando a voz; principie outra vez... (*Antonio principia de novo a introdução.*)

ANTONIO. — Agora! (*João abre a bocca para cantar, e finge-se repentinamente engasgado.*)

ANTONIO. — Que tem? (*João sae para o meio da sala, fingindo-se sempre engasgado.*)

JOÃO. — E' uma mosca que me entrou nas guelas! Ai!

ANTONIO, *seguinto-o.* — Escarre!... assim!... ainda não sahiu?

JOÃO, *no mesmo.* — Cada vez entra mais! (*Antonio dá-lhe um murro nas costas.*)

JOÃO. — Ai!...

ANTONIO. — Ainda não?...

JOÃO, *à parte.* — Estou quasi dizendo que sim...

ANTONIO. — Olá de dentro, tragam agua!...

JOÃO. — Parece-me que a engoli... desceu...

ANTONIO. — Então poderemos cantar... Que diz?...

JOÃO, *fingindo-se outra vez engasgado.* — Cá está!... cá está!...

ANTONIO. — Vou buscar agua. (*Sae correndo pela segunda porta à direita.*)

## SCENA XII

JOÃO só, DEPOIS JOSEPHINA.

JOÃO. — Que diabo de mania tem este velho!... mas é preciso ir com elle, se eu quizer a filha. Não sei como

se acabará isto... (*Josephina, que da porta observa, depois que Antonio sae encaminha-se para João sem que este a presinta, correndo na ponta dos pés; logo que chega junto d'elle toca-lhe no braço. João julga que é Antonio que está de volta com a agua, e finge-se engasgado de novo.*)

JOSEPHINA. — Sou eu!

JOÃO. — Ah! em que engasgadela me metteste!...

JOSEPHINA. — Papae quer que eu me case com o paulista...

JOÃO. — Já sei.

JOSEPHINA. — Continue a dizer que sabe cantar, cante mesmo alguma coisa; a mamam é por nós. Cante, cante que nos casaremos. Adeus que elle pôde chegar. (*Sae correndo.*)

JOÃO, só. — Que eu cante? é bom de dizer!... (*Entra o criado com uma carta na mão.*)

CRIADO. — Uma carta para meu senhor. (*Entrega a carta e sae. João abre a carta, lê, e fica muito agitado.*)

JOÃO. — Previna-se!... (*Toma o chapéo que está sobre o sofá; encaminha-se para a porta do fundo; antes de sahir vae a metter a carta na algibeira da casaca, e na agitação em que está deixa-a cahir sem ver; sae.*)

## SCENA XIII

### MARCELLO.

Logo que João desaparece da porta do fundo, entra Marcello pela esquerda, e vê a carta no chão.

MARCELLO. — Um papel!... (*Apanha-o, e procura ler o sobrescripto.*) Ao illustrissimo senhor João Mendes...

## SCENA XIV

ANTONIO E MARCELLO.

Em quanto Marcello lê o sobrescripto da carta, entra Antonio com um moringue na mão, e vem com tanto cuidado para não derramar a agua, que não repara na pessoa que está em scena, e toma Marcello por João.

ANTONIO. — Aqui está — beba.

MARCELLO, *tomando o moringue*. — Obrigado! (*Bebe agua; Antonio fica a olhar para elle muito espantado.*) — O patricio adivinhou que eu estava com sede. — Aqui está o moringue. (*Dá-lhe o moringue.*)

ANTONIO. — E onde está o senhor João Mendes?

MARCELLO. — Que eu visse, não senhor.

ANTONIO. — É esta!...

MARCELLO. — Patricio, que tem dito a menina?

ANTONIO, *zangado*. — Que não quer casar-se com um homem que não sabe musica! (*A' parte.*) Irra! já não o posso aturar! sem duvida foi elle que espantou o tenor... (*Sae.*)

## SCENA XV

MARCELLO só, DEPOIS GENEROSA.

MARCELLO, *só*. — Ah! não quer? pois eu tambem não quero! pensam que hão-de mangar com o paulista!... vou-me embora hoje mesmo!... (*Falsa sahida.*)

GENEROSA, *entrando*. — Faz-me o favor?...

MARCELLO, *voltando*. — Aqui estou, senhora dona Generosa, que quer de mim?

GENEROSA. — O senhor é homem de bem?

MARCELLO. — E quem o duvida?!

GENEROSA. — Ninguem! — mas sendo assim, espero

que não teimará com meu marido para que lhe dê nossa filha.

MARCELLO. — Esteja descançada que não ateimo mais...

GENEROSA. — Deveras?

MARCELLO. — Palavra de paulista! Paulista não volta atrás!...

GENEROSA. — Quanto me alegre! — Senhor Marcello, não é por fazer pouco no senhor, que eu não desejo que se case com minha filha; é porque ella ama ao senhor João Mendes.

MARCELLO. — Pois tem bom gosto...

GENEROSA. — E eu protejo os seus amores... e demais, a minha filha casada com o senhor havia de ser infeliz.

MARCELLO. — Porque?

GENEROSA. — O senhor é paulista, e mais dias, meus dias, ha-de vir a ter papo; e a menina tem muito medo aos papos.

MARCELLO. — Pois senhora, case sua filha com o diabo...

GENEROSA. — Muito obrigada! — com sua licença... *(Faz uma mesura, e ao sahir faz outra á porta, a que Marcello responde.)*

MARCELLO, só. — Que gentes!... Agora tenho vontade de ler a carta do sujeitinho — quer casar... e roubar-me a moça... *(Abre a carta e lê.)* — « João!... Escrevo-te « esta ás pressas. Tua amasia sabe que frequentas a « casa do senhor Antonio Affonso, e que pretendes casar com a filha. Está desesperada; sahio de casa com « os teus dous filhos, e jura vingar-se. Cuidado! — Teu amigo, Julio. » — Que me dizem a esta? o tratante tem uma moça e dous filhos, e quer enganar a outra! vou dizer tudo... mas não! — Como faltaram á sua palavra, eu me hei-de vingar calando a bocca!... — quando um patife como este tambem seduziu, e roubou minha irmã, uma só alma de Deus não me avisou, para eu vingar-me! — Que me importa com os mais? *(Vae para sahir.)*

## SCENA XVI

JOSEPHINA E MARCELLO.

JOSEPHINA. — Senhor Marcello?

MARCELLO, *voltando*. — Hoje não me deixam sahir...

JOSEPHINA. — Faz-me o obsequio. — Mamãe contou-me o que ha pouco se passou aqui com o senhor.

MARCELLO. — Muito estimo. (*Quer sahir.*)JOSEPHINA, *retendo-o*. — Ouça-me! Eu não dormiria tranquilla, não seria feliz, se soubesse que ha no mundo uma só pessoa mal commigo... Venho pedir-lhe perdão!...

MARCELLO. — Perdão a mim?

JOSEPHINA. — Antes do senhor chegar de S. Paulo, eu já conhecia o senhor João Mendes, e o amava; assim, não leve a mal que eu o prefira — perdoe-me!

MARCELLO. — Menina, eu queria sahir de sua casa sem dizer uma palavra; mas a sua candura medesarma — conhece bem o senhor Mendes?

JOSEPHINA. — Ha dous mezes que frequenta a nossa casa, e tem-me parecido muito bom moço.

MARCELLO. — E não sabe mais nada?

JOSEPHINA. — O senhor assusta-me!

MARCELLO. — Escute. — Ha dous annos, um homem, negociante, creio que cá do Rio de Janeiro, esteve lá em S. Paulo — oito dias demorou-se em nossa casa; — eu estava então no Serro. — Minha mãe, e minha irmã o receberam com agasalho, e esse homem pagou a hospitalidade seduzindo e roubando minha irmã!...

JOSEPHINA. — Oh!...

MARCELLO. — Moça e descuidada, acreditou em palavras traiçoeiras, e esqueceu-se de mim, e de nossa mãe... que passa a vida chorando...

JOSEPHINA. — Desculpe-me, se fui despertar-lhe essa lembrança que o afflige...

MARCELLO. — Todos os esforços que fiz para descobrir o malvado foram debalde!... — Eu ás vezes rio-me, mas choro no coração! — minha pobre irmã!...

JOSEPHINA. — Coitada!...

MARCELLO. — Leia esta carta, e não se deixe enganar por outro malvado como ella foi. (*Dá-lhe a carta.*) — E seja feliz!... (*Sae pela esquerda.*)

## SCENA XVII

JOSEPHINA só, DEPOIS PERPETUA.

JOSEPHINA. — Que quer isto dizer? — (*Lê a carta em voz bruxa.*) — Meu Deus, será possível!? assim enganada! — Ingrato! — Esse paulista que ha pouco me parecia ridiculo, e de quem eu me ria, é outro homem que tu não és! tu! a quem eu havia dado meu coração! — elle, generoso, entrega-me esta carta de que se poderia valer, e parte; e tu, perfido, querias illudirme; — pois bem, sei o que devo fazer... (*No meio deste monologo apparece á porta do fundo Perpetua com dous filhos pela mão; vendo Josephina, pára como receiosa; Josephina ao voltar para sahir, dá com ella.*)

JOSEPHINA. — Quem é?

PERPETUA, *entrando.* — Perdoe-me, minha senhora, se a venho importunar...

JOSEPHINA, *com bondade.* — Não me importuna.... Se quizesse ter a bondade de dizer-me quem é?...

PERPETUA. — Sou uma desgraçada!

JOSEPHINA, *á parte.* — Quem será?...

PERPETUA. — Como eu, é a senhora, moça, e inexperiente; e como eu póde tambem ser enganada!...

JOSEPHINA. — Ah!...

PERPETUA. — Não me queixo; fui culpada!... abandonei minha mãe para seguir um perfido...

JOSEPHINA, *á parte.* — E' ella!...

PERPETUA. — Mas meus filhos, meus innocentes filhos que culpa têm dos meus desvarios?... (*Obriga-os a ajoelhar-se.*) — Elles pedem-lhe, pela minha voz, que não lhe roube seu pae... (*Aqui apparece á porta, da direita Antonio, que, vendo o que se passa em scena pára sorprendido.*) — que talvez ainda se arrependa...

## SCENA XVIII

OS MESMOS E ANTONIO.

ANTONIO, *caminhando pára a frente.* — Bravo ! bravíssimo !...

PERPETUA. — Ah !...

ANTONIO. — Continuem ; vamos a isto, que eu acompanho...

JOSEPHINA. — Está louco, meu pae ? acompanhar o que ?

ANTONIO. — Não é o duetto da *Norma* que querem cantar ?

JOSEPHINA. — Qual duetto !...

ANTONIO. — Pois, filha, pensei que ias cantar o duetto ; — vi estes dous *cari pergoletti* de joelhos, julguei que tu fazias de *Norma* e ali a senhora de *Adalgisa* !...

JOSEPHINA. — E não se enganou de todo ; sómente trocou os nomes : — aqui a *Adalgisa* sou eu, e a *Norma* a senhora, porque é trahida, e abandonada pelo falso...

ANTONIO. — *Pollion* ?!

JOSEPHINA. — Qual *Pollion* !... pelo *João Mendes* !...

ANTONIO. — *Ein* ?... que estás tu a dizer ?...

## SCENA XIX

OS MESMOS E MARCELLO.

Entra *Marcello* pela esquerda, com chapéo branco, como os que trazem os paulistas, e uma espingarda ao hombro ; segue-o *André* com outra espingarda, e após este, dous tropeiros com canastras ás costas.

MARCELLO, *entrando* — Adeus, gentes !

ANTONIO. — Aonde vae. ?

MARCELLO, *caminha para a frente.* — Vou-me embora.

ANTONIO. — Embora! (*Marcello a este tempo está quasi junto de Perpetua. André e os tropeiros ficam ao fundo.*)

PERPETUA, reconhecendo Marcello. — Marcello! meu irmão!...

MARCELLO, reconhecendo-a. — Joanna!...

JOSEPHINA. — Sua irmã!

ANTONIO. — Seu irmão!

PERPETUA, lançando-se aos pés de Marcello. — Perdão, meu irmão, perdão!...

ANTONIO, a Josephina. — Que quer isto dizer?... (*Josephina conduz Antonio um pouco para o lado junto ao piano; parece contar-lhe o que sabe, e mostra-lhe a carta; Antonio dá signaes de sorprendido; esta scena muda dos dous dura em quanto Perpetua e Marcello fallam.*)

MARCELLO. — É's tu?! (*Perpetua, prostrada aos pés de Marcello, falla angustiada, em quanto este a contempla immovel, tendo a coronha da espingarda apoiada no chão.*)

PERPETUA. — Fui enganada! caro tenho pago a minha loucura... — Marcello! — Marcello!... meu irmão! dize-me alguma coisa!... não me respondes?... ah! este teu silencio mata-me, meu irmão!!

MARCELLO, com tranquillidade. — Levanta-te! (*Abre os braços; Perpetua precipita-se nelles.*) — Não tens culpa; mas graças a Deus sei por que aqui vieste — conheço-o, e heide vingar-me! (*Desprende-se dos braços de Perpetua, tira da algibeira um polvarinho, principia a carregar a espingarda, e diz a André.*) — Carrega! — (*André carrega tambem a espingarda.*)

PERPETUA. — Que fazes?

MARCELLO, carregando. — O que estás vendo... ha dous annos que o procuro; em fim já o encontrei... não é o senhor João Mendes?...

PERPETUA. — Ah!... não o mates... deixa esta arma...

ANTONIO, chegando-se para Marcello. — Que é isto? Carrega a espingarda?

MARCELLO, sempre carregando. — E' para matar um tratante.

PERPETUA. — Marcello!

ANTONIO. — Matar ! pois assim se mata ?

MARCELLO. — E por que não?...

ANTONIO. — Ah ! pensa que está em S. Paulo ? Largue a espingarda... (*Marcello, que neste tempo tem acabado de carregar a espingarda, inclina a para escorvar, ficando a bocca dirigida para Antonio.*)

ANTONIO, *ladeando*. — Tire para lá a bocca... Saia d'ahi, menina ! Está doudo !...

PERPETUA, *angustiada*. — Meu Deus ! meu Deus !...

MARCELLO, *pondo a espingarda no hombro*. — Agora nem o diabo o salva ! ou ha-de se casar comtigo, ou hade morrer, ainda que eu vá á forca...

ANTONIO. — Que tal ?

MARCELLO, *para André*. — Quando eu fizer fogo, faze tambem.

ANDRÉ. — Senhor sim !...

ANTONIO. — Temos descarga ! (*Aqui entra Generosa.*)

GENEROSA, *entrando*. — Que temos por cá ?

MARCELLO, *para Antonio*. — Se não fosse o paulista, sua filha casava-se com um bregeiro.

ANTONIO. — Casava-se ? pois eu não sabia de nada !

MARCELLO. — E como havia o senhor de saber, se vive só cantando ? — Adeus ! (*Vae para sahir.*)

PERPETUA. — Meu irmão !

JOSEPHINA. — Senhor Marcello !

MARCELLO. — Deixem-me !... vou vingar-me ! (*Caminha para a porta do fundo.*)

PERPETUA. — Desgraçado ! (*Cae de joelhos junto aos filhos.*)

JOSEPHINA. — Vae mata-lo !

ANTONIO, *seguindo Marcello*. — Venha cá !... (*Marcello, ao sahir, esbarra-se com João, que entra apresado.*)

JOÃO. — Irra ! besta !

MARCELLO, *agarra-lhe na gola da casaca, e obriga-o a caminhar para a frente*. — Não me escapas !

JOÃO. — Que desaforo é este ?...

MARCELLO, *empurrando-o para junto de Perpetua*. — Conheces ?!...

JOÃO. — Ah !... é tarde !... estou perdido !...

MARCELLO, *mettendo-se no meio de ambos.* — Sabes quem é esta infeliz?...

JOÃO. — Não é da tua conta!

MARCELLO. — E' mais do que pensas, miseravel! ella é minha irmã!...

JOÃO. — Sua irmã!!

MARCELLO. — Hoje mesmo has-de te casar com ella!

JOÃO. — Não quero!...

MARCELLO. — Ah!... (*Marcello recua dous passos, e mette a espingarda á cara apontando para João; o mesmo faz André. João assusta-se, e agarra-se com Antonio, fazendo do seu corpo escudo. Marcello, procura meios de atirar sem offender a Antonio, que se esforça para se desprender de João.*)

ANTONIO. — Patricio, tenha mão! — tenha mão!... não atire!... Patricio!...

MARCELLO, *com a espingarda á cara.* — Largue, se não eu atiro!...

(Josephina, escondendo-se atraz do piano, abaixa-se. Generosa encosta-se ao piano a tremer de medo. Antonio e João veem-se embaraçados com as duas espingardas para elles apontadas. Perpetua conserva-se de joelhos, abraçada com os filhos. Antonio, que se vê sempre ameaçado pelas espingardas de Marcello e André, agarra-se a Generosa, e colloca-a diante de si.)

GENEROSA, *debatendo-se.* — Ai! ai! ai!...

(Os tres, seguros uns aos outros, gritam aterrorisados — *ad libitum*; o mesmo faz Marcello. Esta posição deve durar alguns instantes, para que a continuação não seja confusa. — Perpetua, que esta abraçada com os filhos, levanta a cabeça, e, vendo a situação acima apontada, levanta-se e vae abraçar os pés de Marcello.)

PERPETUA. — Marcello! meu irmão, que fazes?...

MARCELLO. — Deixa-me! (*Empurra-a.*)

PERPETUA. — Pois mata-me tambem! — (*Corre para Generosa, que assim que a vê a seu alcance, agarra-se com ella, e colloca-a diante de si; ficando deste modo os quatro escondidos uns atraz dos outros. João, vendo-se ameaçado pela espingarda de André, que está de*

lado, abre o chapéo de sol que traz na mão e com elle se resguarda).

MARCELLO. — Recua !...

PERPETUA, *abrindo os braços, como para amparar os outros.* — Não ! — mata-me!...

MARCELLO, *descançando a espingarda, a João.* — Casa-se com minha irmã ?

ANTONIO E GENEROSA. — Case-se ! case-se, se não morremos todos !... (*Conservam-se sempre agarrados.*)

MARCELLO, *para João.* — Não responde ? — (*Leva a espingarda á cara. Os tres gritam de susto.*)

ANTONIO. — Espere ! espere !... dê-me attenção !... (*Marcello descança a espingarda.*)

ANTONIO, *voltando a cabeça para fallar com João.* — Senhor João, case-se com mil diabos, que eu lhe darei o dote...

GENEROSA. — Case-se, case-se!...

JOÃO. — Pois bem, casarei!...

GENEROSA E ANTONIO. — Muito bem!...

MARCELLO. — Hoje mesmo ?...

JOÃO. — O' homem ! isso não vae assim ! é preciso tempo para cuidar dos papeis.

MARCELLO. — Eim ?!... (*Querendo metter a espingarda á cara.*)

ANTONIO. — Eu encarrego-me de tudo... tudo se arranjará hoje...

MARCELLO. — Senhor sim ; estamos justos... (*A Perpetua.*) — Dá-me um abraço. — (*Abraça-a. Os quatro separam-se.*)

GENEROSA. — De boa escapámos !...

ANTONIO, *para João.* — Grandissimo patife ! admirc-me que goste de musica !... e que saiba cantar !...

MARCELLO, *para Perpetua.* — Vae abraçar teus filhos — pobre meninos ! — (*Perpetua vae abraçar os filhos, que se conservam sempre á esquerda.*)

PERPETUA, *abraçando-os.* — Meus filhos !...

MARCELLO, *a Antonio.* — Ainda quer dar-me a sua filha ?...

ANTONIO. — Se o pedido vae á espingarda !...

JOSEPHINA, *sahindo de traz opiano.* — Não, meu pae, não vae á espingarda ; será de livre vontade. (*Atravessa*

*pela frente de Antonio, de Generosa e de João, e dá a mão a Marcello.*) — Aqui está a minha mão; sei apreciar um coração generoso! (*Para João.*) — Estás vendo, tratante?

JOÃO. — Ora!...

ANTONIO. — Meus amigos, já que tudo se arranjou a contento, e que estamos aqui reunidos, não poderíamos cantar o final da *Norma*?...

MARCELLO. — Asneira!

GENEROSA. — Tolicice!

JOSEPHINA. — Que mania!

JOÃO. — Vá para o diabo!

ANTONIO. — Está bom! está bom!...

## SCENA XX

OS MESMOS E UM CRIADO.

O criado, que entra em quanto se passa essa ultima scena, dá uma carta a Antonio.

CRIADO. — Uma carta que trouxeram para meu senhor... (*Dá a carta.*)

ANTONIO, *abrindo a carta.* — Com sua licença. (*Lendo em voz alta.*) — Meu amigo, dou-lhe a mais triste e infausta noticia que se póde dar a um verdadeiro dilettante! (*Deixando de ler.*) — Que será? eu tremo! (*Lendo.*) — Que se póde dar a um verdadeiro dilettante. O nosso theatro fecha-se, porque a companhia italiana não se quer contractar, e dizem que volta para a Europa!... (*Antonio fica por alguns instantes tremulo, levanta os braços para o ar, dá um pungente e prolongado gemido, e cae morto.*)

TODOS. — Ah!!...

(João abaixa-se para socorrer a Antonio, e para isso ajoelha-se e examina-o.)

JOÃO. — Está morto!...

TODOS. — Morto!! Que desgraça!...

JOÃO. — Oh! martyr da musica!

# O NOVIÇO

COMEDIA EM TRES ACTOS

---

## PERSONAGENS

AMBROSIO.	}	PADRE-MESTRE DOS NO-
FLORENCIA, sua mulher.		VIÇOS.
EMILIA, sua filha.		JORGE.
JUCA, (9 annos), seu filho.		JOSÉ, criado.
ROSA, provinciana, primeira		1 MEIRINHO, que falla.
mulher de Ambrosio.		2 DITOS, que não fallam.

CARLOS, noviço da Ordem de  
S. Bento.

Soldados de Permanentes, etc.

---

## ACTO PRIMEIRO

Sala ricamente adornada; mesa, consolos, mangas de vidro, jarras com flôres, cortinas, etc., etc. Ao fundo, porta de sahida, uma janella, etc.

## SCENA I

AMBROSIO só, *de calça preta e chambre.*

AMBROSIO. — No mundo a fortuna é para quem sabe adquiril-a. Pintam-na cega... que simplicidade!... cego é aquelle que não tem intelligencia para tel-a e alcançal-a. Todo o homem pôde ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinacia, são poderosos auxiliares. Qual o homem, que resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer? Em mim se vê o exemplo. Ha oito annos era eu pobre, e miseravel, e hoje sou rico, e

mais ainda serei... o como não importa; no bom resultado está o merito... mas um dia pôde tudo mudar. Oh! que temo eu?... Se em algum tempo tiver de responder pelos meus actos, o ouro justificar-me-ha, e serei limpo de culpa... As leis criminaes fizeram-se para os pobres.

## SCENA II

AMBROSIO E FLORENCIA, *que entra vestida de preto, como quem vae à festa.*

FLORENCIA, *entrando.* — Ainda despido, senhor Ambrosio?

AMBROSIO. — É cedo. (*Vendo o relógio.*) São nove horas, e o officio de ramos principia ás dez e meia.

FLORENCIA. — E' preciso ir mais cedo para tomarmos logar.

AMBROSIO. — Para tudo ha tempo. Ora dize-me, minha bella Florencia...

FLORENCIA. — O que, meu Ambrosinho?

AMBROSIO. — Que pensa tua filha do nosso projecto?

FLORENCIA. — O que pensa não sei eu, nem disso se me dá; quero eu, e basta, e é seu dever obedecer.

AMBROSIO. — Assim é; estimo que tenhas character energico.

FLORENCIA. — Energia tenho eu.

AMBROSIO. — E attractivos, feiticeira.

FLORENCIA. — Ai, amorsinho! (*A' parte.*) Que marido!...

AMBROSIO. — Escuta-me, Florencia, e dá-me attenção; crê que ponho todo o meu pensamento em fazer-te feliz...

FLORENCIA. — Toda eu sou attenção.

AMBROSIO. — Dous filhos te ficaram do teu primeiro matrimonio; teu marido foi um digno homem, e de muito juizo; deixou-te herdeira de avultado cabedal... grande merito é esse.

FLORENCIA. — Pobre homem!

AMBROSIO. — Quando eu te vi pela primeira vez, não

sabia que eras viuva rica. (*A' parte.*) Se o sabia! (*Alto.*) Amei-te por *sympathia*.

FLORENCIA. — Sei disso, vidinha.

AMBROSIO. — E não foi o interesse que me obrigou a casar-me contigo.

FLORENCIA. — Foi o amor que nos uniu.

AMBROSIO. — Foi, foi; mas agora que me acho casado contigo, é meu dever zelar essa fortuna que sempre despresei.

FLORENCIA, *á parte.* — Que marido!

AMBROSIO, *á parte.* — Que tola! (*Alto.*) Até o presente tens gozado dessa fortuna em plena liberdade e a teu bel prazer, mas daqui em diante talvez assim não seja.

FLORENCIA. — E porque?

AMBROSIO. — Tua filha está moça, e em estado de casar-se... casar-se-ha, e terás um genro que exigirá a legitima de sua mulher, e desse dia principiarão as amofnações para ti, e intermináveis demandas; bem sabes que ainda não fizeste inventario.

FLORENCIA. — Não tenho tido tempo, e custa-me tanto aturar procuradores!

AMBROSIO. — Teu filho também vae a crescer todos os dias, e será preciso por fim dar-lhe a sua legitima... novas demandas.

FLORENCIA. — Não, não quero demandas!

AMBROSIO. — E' o que eu também digo; mas como prevenil-as?

FLORENCIA. — Faze o que entenderes, meu amorsinho.

AMBROSIO. — Eu já te disse ha mais de tres mezes o que era preciso fazermos para atalhar esse mal: amas a tua filha, o que é muito natural; mas amas ainda mais a ti mesma...

FLORENCIA. — O que também é muito natural.

AMBROSIO. — Que duvida!... Eu julgo que podes conciliar esses dous pontos, fazendo Emilia professar em um convento... Sim, que seja freira; não terás nesse caso de dar legitima alguma, apenas um insignificante dote, e farás acção meritoria.

FLORENCIA. — Coitadinha! Sempre tenho pena della; o convento é tão triste!...

AMBROSIO. — E' essa compaixão mal entendida...

Que é este mundo?... um pelago de enganos e traições... um escolho em que naufragam a felicidade e as doces illusões da vida... E que é o convento?... porto de salvação e ventura, asylo da virtude, unico abrigo da innocencia e verdadeira felicidade... E deve nma mãe carinhosa hesitar na escolha entre o mundo e o convento?

FLORENCIA. — Não, por certo...

AMBROSIO. — A mocidade é inexperiente... não sabe o que lhe convem. Tua filha lamentar-se-hia, chorará desesperada; não importa... obriga-a, e dá tempo ao tempo... Depois que estiver no convento e se acalmar esse primeiro fogo, abençoará o teu nome, e junto ao altar, no extasi de sua tranquillidade e verdadeira felicidade, rogará a Deus por ti. (*A parte.*) E a legitima ficará em casa.

FLORENCIA. — Tens razão, meu Ambrosinho, ella será freira.

AMBROSIO. — A respeito de teu filho dirci o mesmo... tem elle nove annos, e será prudente criarmol-o desde já para frade.

FLORENCIA. — Já hontem lhe comprei o habito com que andará vestido daqui em diante.

AMBROSIO. — Assim não estranhará quando chegar á idade de entrar no convento... será um frade feliz. (*A parte.*) E a legitima tambem ficará em casa.

FLORENCIA. — Que sacrificios não farei eu para ventura de meus filhos!

### SCENA III

AMBROSIO, FLORENCIA, JUCA.

Entra Juca vestido de frade, com chapéo desabado, tocando um assobio.

FLORENCIA. — Anda cá, fillinho... como estás galante com este habito!

AMBROSIO. — Juquinha, gostas desta roupa?...

JUCA. — Não, não me deixa correr; é preciso levantar assim. (*Arregaça o habito.*)

AMBROSIO. — Logo te acostumarás.

FLORENCIA. — Filhinho, has de ser um fradinho muito bonito!

JUCA, *chorando*. — Não quero ser frade!...

FLORENCIA. — Então que é isso?

JUCA. — Hi, hi, hi! não quero ser frade!

FLORENCIA. — Menino!...

AMBROSIO. — Pois não te darei o carrinho que te prometti, todo bordado de prata, com cavallos de ouro!

JUCA, *rindo-se*. — Onde está o carrinho?

AMBROSIO. — Já o encommendei... é coisa muito bonita; os arreios todos enfeitados de fitas e velludo.

JUCA. — Os cavallos são de ouro?

AMBROSIO. — Pois não, de ouro com os olhos de brilhantes.

JUCA. — E andam sosinhos?...

AMBROSIO. — Se andam! de marcha e passo.

JUCA. — Andam, mamãe?...

FLORENCIA. — Correm, filhinho!

JUCA, *saltando de contente*. — Como é bonito... e o carrinho tem rodas?... capim para os cavallos?... uma moça bem enfeitada?

AMBROSIO. — Não lhe falta nada.

JUCA. — E quando vem?

AMBROSIO. — Assim que estiver prompto.

JUCA, *saltando e cantando*. — Eu quero ser frade, eu quero ser frade!

AMBROSIO, *para Florencia*. — Assim o iremos acostumando...

FLORENCIA. — Coitadinho! é preciso comprar-lhe o carrinho.

AMBROSIO, *rindo-se*. — Com cavallos de ouro?

FLORENCIA. — Não!...

AMBROSIO. — Basta que se compre uma caixinha com soldados de chumbo.

JUCA, *saltando pela sala*. — Eu quero ser frade!...

FLORENCIA. — Está bom, Juquinha, serás frade; mas não grites tanto... vai lá para dentro...

JUCA, *sae cantando*. — Eu quero ser frade, etc.

FLORENCIA. — Estas crianças...

AMBROSIO. — Este levaremos com facilidade... de pe-

quenino se torce o pepino... cuidado me dá o teu sobrinho Carlos.

FLORENCIA. — Já vae para seis mezes que elle entrou como noviço no convento.

AMBROSIO. — E queira Deos que decorra o anno inteiro para professar, que só assim ficaremos tranquilllos.

FLORENCIA. — E se fugir do convento?

AMBROSIO. — Lá isso não temo eu... está bem recommendado. E' preciso empregarmos toda a nossa autoridade para obrigar-o a professar... o motivo bem o sabes.

FLORENCIA. — Mas olha que Carlos é da pelle, é en-diabrado.

AMBROSIO. — Outros tenho eu domado... Não sendo horas de sahirmos; vou-me vestir. (*Sae pela esquerda.*)

#### SCENA IV

FLORENCIA, só.

Se não fosse este homem com quem me casei segunda vez, não teria agora quem zelasse com tanto desinteresse a minha fortuna. E' uma bella pessoa... rodeiame de cuidados e carinhos. Ora digam lá que uma mulher não deve casar-se segunda vez... Se eu soubesse que havia de ser sempre tão feliz, casar-me-hia cincoenta.

#### SCENA V

FLORENCIA E EMILIA, *que entra vestida de preto, como querendo atravessar a sala.*

FLORENCIA. — Emilia? vem cá!...

EMILIA. — Senhora...

FLORENCIA. — Chega aqui... O' menina... não deixarás este ar triste e lacrimoso com que andas?...

EMILIA. — Minha mãe, eu não estou triste. (*Lampa os olhos com o lenço.*)

FLORENCIA. — Ah! tem!... não digo?... a chorar!... de que choras?...

EMILIA. — De nada, não senhora...

FLORENCIA. — Ora isto é insupportavel! mata-se e amofina-se uma mãe extremosa para fazer a felicidade de sua filha, e como agradece esta?... arrependendo-se e chorando!... Ora sejam lá mãe... e tenham filhos desobedientes...

EMILIA. — Não sou desobediente... far-lhe-hei a vontade, mas não posso deixar de chorar e sentir. (*Apparece á porta, por onde sahio, Ambrosio em mangas de camisa, para observar.*)

FLORENCIA. — E por que tanto chora a menina?... porque?...

EMILIA. — Minha mãe.

FLORENCIA. — Que tem de máo a vida de freira?

EMILIA. — Será muito boa, mas é que não tenho inclinação nenhuma para ella.

FLORENCIA. — Inclinação! inclinação! que quer dizer inclinação?... Terás sem duvida por algum francelho, frequentador de bailes e passeios, jogador do écarté, e dansador de polkas? Essas inclinações é que perdem a muitas meninas... Esta cabecinha ainda está muito leve; eu é que sei o que te convem : serás freira...

EMILIA. — Serei freira, minha mãe, serei!... assim como estou certa que hei de ser desgraçada...

FLORENCIA. — Historias!... sabes tu o que é mundo? o mundo é... é... (*A' parte.*) Já não me recordo o que me disse Ambrosio que era o mundo. (*Alto.*) O mundo é... um... é... (*A' parte.*) E esta? (*Vendo Ambrosio junto da porta.*) Ah! Ambrosio, dize aqui a esta estonteada o que é o mundo.

AMBROSIO, *adiantando-se.* — O mundo é um pelago de enganos e traições; um escolho em que naufragam a felicidade e as doces illusões da vida... e o convento é porto de salvação e ventura, unico abrigo da innocencia, e verdadeira felicidade... Onde está minha casa?

FLORENCIA. — Lá em cima no sotam. (*Ambrosio sae pela direita.*)

FLORENCIA, *para Emilia.* — Ouviste o que é o mundo, e o convento? Não *sejas pateta*... vem acabar de vestir-te, que são mais que horas. (*Sae pela direita.*)

## SCENA VI

EMILIA, só.

É minha mãe, devo-lhe obediência... mas este homem... meu padrasto, como o detesto!... Estou certa de que foi elle que persuadiu minha mãe que me mettesse no convento... Ser freira? Oh! não!... não!... e Carlos que tanto amo?... pobre Carlos, tambem te perseguem... e porque nos perseguem assim? não sei!... Como tudo mudou nesta casa, depois que minha mãe se casou com este homem!... outão não pensou ella na felicidade de seus filhos... ai... ai...

## SCENA VII

EMILIA E CARLOS, *com habito de noviço; entra assustado e fecha a porta.*

EMILIA, *assustando-se.* — Ah! quem é?... Carlos!...

CARLOS. — Cala-te...

EMILIA. — Meu Deus! que tens? porque estás tao assustado?... que foi?

CARLOS. — Onde estão minha tia e o teu padrasto?

EMILIA. — Lá em cima; mas que tens?...

CARLOS. — Fugi do convento... e ahi vêm elles atraz de mim!

EMILIA. — Fugiste?... e por que motivo?...

CARLOS. — Porque motivo?... pois faltam motivos para se fugir de um convento!... O ultimo foi o jejum em que vivo ha sete dias... Vê como tenho esta barriga... vae a sumir-se!... Desde sexta feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena!

EMILIA. — Coitado!

CARLOS. — Hoje, já não podendo, questionei com o D. Abbade... palavras puxam palavras, dize tu, direi eu... e por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada, que o atirei por esses ares!

EMILIA. — Que fizeste, louco?

CARLOS. — E que culpa tenho eu, se estou com a cabeça esquentada?... para que querem violentar as minhas inclinações?... não nasci para frade, não tenho geito nenhum para estar horas inteiras no côro a rezar com os braços encruzados... não me vae o gosto para ali... não posso jejuar... tenho pelo menos tres vezes ao dia uma fome de todos os diabos; militar é o que eu quizera ser; para ali chama-me a inclinação; bordoadas, espadeiradas, rusgas, é que me regalam... esse é o meu genio... gosto do theatro... e de lá ninguem vae ao theatro, á excepção de frei Mauricio, que frequenta a platéa de casaca e cabelleira para esconder a corôa.

EMILIA. — Pobre Carlos! como terás passado estes seis mezes de noviciado!

CARLOS. — Scis mezes de martyrio... Não que a vida de frade seja má... boa é ella para quem a sabe gozar e para ella nasceu; mas eu, priminha, eu que tenho para a tal vidinha negação completa, não posso.

EMILIA. — É os nossos parentes quando nos obrigam a seguir uma carreira para a qual não temos inclinação alguma, dizem que o tempo nos acostumará.

CARLOS. — O tempo acostumar!... eis ahí porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates!! Este tem geito para sapateiro; pois vá estudar medicina... excelente medico!... Aquelle tem inclinação para comico; pois não senhor, será politico... Ora ainda isso vá. Est'outro só tem geito para caiador, ou borrador; nada, é officio que não presta... seja diplomata que borra tudo quanto faz. Aquelle outro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isso não se faz; seja thesoureiro de repartição, fiscal, e lá se vão os cofres da nação á garra... Ess'outro tem uma grande carga de preguiça e indolencia, e só serviria para leigo de convento; no emtanto, vemos o bom do mandrião empregado publico, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação.

EMILIA. — Tens muita razão, assim é...

CARLOS. — Este nasceu para poeta ou escriptor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de gran-

des coisas, mas não pôde seguir a sua inclinação, porque poetas e escriptores morrem de miseria no Brazil!... e assim o obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense n'uma repartição publica e a copiar cinco horas por dia os mais somniferos papeis... Que acontece?... em breve matam-lhe a intelligencia, o fazem do homem pensante, machina estúpida... E assim se gasta uma vida!... É preciso, é já tempo que alguém olhe para isso... e alguém que possa...

EMILIA. — Quem pôde, nem sempre sabe o que se passa entre nós para poder remediar... é preciso fallar...

CARLOS. — O respeito e a modestia prendem muitas linguas; mas lá vem um dia que a voz da razão se faz ouvir, e tanto mais forte, quanto mais comprimida...

EMILIA. — Mas, Carlos, hoje te estou desconhecendo.

CARLOS. — A contradicção eu que vivo tem-me exasperado! E como queres tu que eu não falle, quando vejo, aqui um pessimo cirurgião que poderia ser bom alveitar? ali um ignorante general que poderia ser excellent enfermeiro? acolá um periodiqueiro que só serviria para arreciço, tão desbocado e insolente é... etc., etc.? Tudo está fóra dos seus eixos!...

EMILIA. — Mas que queres tu que se faça?

CARLOS. — Que não se constranja ninguem; que se estudem os homens, e que haja uma bem entendida e esclarecida protecção; e que sobretudo se despreze o patronato, que assenta o jumento nas bancas das academias, e amarra o homem de talento á mangedoura. Eu, que quizera viver com uma espada á cinta e á frente do meu batalhão, conduzil-o ao inimigo atravez da metralha, bradando: «Marcha... (*Manobrando pela sala enthusiasmado.*) Camaradas!... Coragem, calar bayonetas! marche, marche! firmeza, avança!... o inimigo fraqueia... (*Seguindo Emilia, que recua espantada.*) Avança!

EMILIA. — Primo! primo! que é isso? fique quieto...

CARLOS, *enthusiasmado*. — Avança, bravos companheiros, viva a patria! viva!... e voltar victorioso, coberto de sangue e poeira... Em vez desta vida de agitação e gloria... hei de ser frade... revestir-me de

paciencia e humildade, encommendar defuntos... (*Cantando.*) Requiescat in pace... a porta inferi!... amen!... Que seguirá disto?... o ser eu pessimo frade, descredito do convento, e vergonha do habito que visto... Falta-me a paciencia!

EMILIA. — Paciencia, Carlos, preciso eu tambem ter, e muita... Minha mãe declarou-me positivamente que hei de ser freira.

CARLOS. — Tu freira?! tambem te perseguem?

EMILIA. — E meu padrasto ameaça-me.

CARLOS. — Emilia, aos cinco annos estava eu orphão, e tua mãe, minha tia, foi nomeada por meu pae sua testamenteira e minha tutora... Comtigo cresci nesta casa, e a amizade de criança seguiu-se inclinação mais forte... eu te amei, Emilia, e tu tambem me amaste...

EMILIA. — Carlos!

CARLOS. — Vivíamos felizes, esperando que um dia nos uniríamos; nesses planos estavam quando appareceu este homem, não sei donde, e que soube a tal ponto illudir tua mãe, que a fez esquecer-se de seus filhos que tanto amava, dos seus interesses, e contrahir segundas nupcias.

EMILIA. — Desde então a nossa vida tem sido tormentosa.

CARLOS. — Obrigaram-me a ser noviço, e, não contentes com isso, querem-te fazer freira... Emilia, ha muito tempo que eu observo este teu padrasto, e sabes qual tem sido o resultado das minhas observações?...

EMILIA. — Não.

CARLOS. — Que elle é um rematadissimo velhaco.

EMILIA. — Oh! estás bem certo disso?

CARLOS. — Certissimo! Esta resolução, que tomaram, de fazer-te freira, confirma a minha opinião.

EMILIA. — Explica-te.

CARLOS. — Teu padrasto persuadiu a minha tia que me obrigasse a ser frade, para assim roubar-me impune-mente a herança que meu pae me deixou... um frade não põe demandas.

EMILIA. — E' possivel?!

CARLOS. — Ainda mais; querem que tu sejas freira para não te darem dote se te casares...

EMILIA. — Carlos, quem te disse isso?... minha mãe não é capaz...

CARLOS. — Tua mãe vive illudida... Oh! que não possa eu desmascarar esse tratante!

EMILIA. — Falla baixo!...

## SCENA VIII

EMILIA, CARLOS E JUCA.

JUCA, *entrando*. — Mana, mamãe pergunta por você.

CARLOS. — De habito?... tambem elle?... ah!...

JUCA, *correndo para Carlos*. — Primo Carlos...

CARLOS, *tomando-o no colo*. — Juquinha!... Então, prima, tenho ou não razão?... ha ou não plano?...

JUCA. — Primo, você tambem é frade?... já lhe deram tambem um carrinho de prata com cavallos de ouro?

CARLOS. — Que dizes?

JUCA. — Mamãe disse que havia de me dar um muito dourado quando eu fosse frade. (*Cantando*.) Eu quero ser frade!

CARLOS, *para Emilia*. — Ainda duvidas? vê como enganam esta innocente criança!

JUCA. — Não enganam, não, primo; os cavallos andam sosinhos...

CARLOS, *para Emilia*. — Então?...

EMILIA. — Meu Deus!...

CARLOS. — Deixa o caso por minha conta... hei de fazer uma estrallada de todos os diabos... verãõ!...

EMILIA. — Prudencia!...

CARLOS. — Deixa-os commigo... Adeus, Juquinha, vae para dentro com tua irmã. (*Bota-o no chão*.)

JUCA. — Vamos, mana. (*Sae cantando*.) Eu quero ser frade!... (*Emilia segue-o*.)

## SCENA IX

CARLOS, só.

Hei de descobrir algum meio; oh! se hei de! Hei de ensinar a este patife que se casou com minha tia para

comer não só a sua fortuna, como a de seus filhos... Que bello padrasto!... Mas por ora tratemos de mim... sem duvida no convento anda tudo em polvorosa... foi boa cabeçada... O D. Abbade deu um salto de trampolim. (*Batem á porta.*) Batem? máo!... serão elles?... (*Batem.*) Espreitemos pelo buraco da fechadura. (*Vae espreitar.*) É' uma mulher. (*Abre a porta.*)

## SCENA X

ROSA E CARLOS.

ROSA. — Dá licença?...

CARLOS. — Entre...

ROSA, *entrando*. — Uma serva de V. Rvm.<sup>a</sup>

CARLOS. — Com quem tenho o prazer de fallar?

ROSA. — Eu, Rvm.<sup>o</sup> senhor, sou uma pobre mulher... Ai, estou muito cançada!

CARLOS. — Pois sente-se, senhora. (*á parte.*) Quem será?

ROSA, *sentando-se*. — Eu chamo-me Rosa; ha uma hora que cheguei do Ceará no vapor *Paquete do Norte*.

CARLOS. — Deixou aquillo por lá tranquillo?

ROSA. — Muito tranquillo, Rvm.<sup>o</sup>; houve apenas no mez passado vinte e cinco mortes.

CARLOS. — S. Braz! vinte e cinco mortes e chama a isso tranquillidade?

ROSA. — Se V. Rvm.<sup>a</sup> soubesse o que por lá vae, não se admiraria; mas, meu senhor, isto são coisas que nos não pertencem; deixe lá morrer quem morre, que ninguem se importa com isso. V. Rvm.<sup>a</sup> é cá de casa?...

CARLOS. — Sim, senhora.

ROSA. — Então é parente do meu homem?

CARLOS. — Do seu homem?

ROSA. — Sim, senhor.

CARLOS. — É quem é o seu homem?

ROSA. — O senhor Ambrosio Nunes.

CARLOS. — O senhor Ambrosio Nunes?!...

ROSA. — Somos casados ha oito annos...

CARLOS. — A senhora é casada com o senhor Ambrosio Nunes, e isto ha oito annos?!...

ROSA. — Sim, senhor.

CARLOS. — Sabe o que está dizendo?!...

ROSA. — Essa é boa!

CARLOS. — Está em sou perfeito juizo?

ROSA. — O Rvm.º offende-me!...

CARLOS. — Com a fortuna, conte-me isso, conte-me! Como se casou?... quando?... como?... em que logar?...

ROSA. — O logar foi na igreja.

CARLOS. — Está visto.

ROSA. — Quando, já disse : ha oito annos.

CARLOS. — Mas onde?

ROSA, *levanta-se*. — Eu digo a V. Rvm.ª Sou filha do Ceará. Tinha eu meus quinze annos, quando lá appareceu, vindo do Maranhão, o senhor Ambrosio, e foi morar na nossa vizinhança... V. Rvm.ª bem sabe o que são vizinhanças... eu via-o todos os dias, elle tambem me via; eu gostei, elle gostou, e nos casámos.

CARLOS. — Isso foi anda mão, fia dedo... e tem documentos que provem o que diz?...

ROSA. — Sim, senhor, trago conmigo a certidão do vigario que nos casou, assignada pelas testemunhas... e pedi logo duas por causa das duvidas... podia perder uma...

CARLOS. — Continue...

ROSA. — Vivi dous annos com meu marido muito bem; passado esse tempo, morreu minha mãe... O senhor Ambrosio tomou conta dos nossos bens, vendeu-os e partiu para Montevidéo afim de empregar o dinheiro em um negocio, no qual, segundo dizia, haviamos de ganhar muito... Vae isto para seis annos; mas desde então, Rvm.º senhor, não soube mais noticias delle.

CARLOS. — Oh!...

ROSA. — Escrevi-lhe sempre, mas nada de receber resposta; muito chorei... porque pensei que elle havia morrido...

CARLOS. — A historia vae me interessando... continue...

ROSA. — Eu já estava desenganada, quando um

sujeito, que foi aqui do Rio, disse-me que meu marido ainda vivia, e que habitava na côrte.

CARLOS. — E nada mais lhe disse?...

ROSA. — V. Rvm.<sup>a</sup> vac espantar-se do que eu disser.

CARLOS. — Não me espanto; diga...

ROSA. — O sugeito accrescentou que meu marido tinha-se casado com outra mulher...

CARLOS. — Ah! disse-lhe isso?...

ROSA. — E muito chorei eu, Rvm.<sup>o</sup>; mas depois pensei que era impossível. Pois um homem pôde lá casar-se tendo a mulher viva?... não é verdade, Rvm.<sup>o</sup>?

CARLOS. — A bigamia é um grande crime... o codigo é muito claro.

ROSA. — Mas na duvida tirei as certidões do meu casamento, parti para o Rio, e assim que desembarquei, indaguei onde elle morava; ensinaram-me, e venho eu mesma perguntar-lhe que historia é essa de casamento.

CARLOS. — Pobre mulher, Deus se compadeça de ti!

ROSA. — Então é verdade?...

CARLOS. — Filha, a resignação é uma grande virtude... Quer fiar-se em mim, seguir os meus conselhos?...

ROSA. — Sim, senhor... mas que tenho eu a temer?... meu marido está com effeito casado?...

CARLOS. — Dê-me cá uma das certidões.

ROSA. — Mas...

CARLOS. — Fia-se ou não em mim?...

ROSA. — Aqui está. (*Dá-lhe uma das certidões.*)

AMBROSIO, *dentro*. — Desçam, desçam, que passam as horas.

CARLOS. — Ahi vem elle...

ROSA. — Meu Deus!...

CARLOS. — Tomo-a debaixo da minha protecção... Venha cá... entre neste quarto...

ROSA. — Mas, Rvm.<sup>a</sup>...

CARLOS. — Entre, entre, senão abandono-a... (*Rosa entra no quarto à esquerda, e Carlos fecha a porta.*)

## SCENA XI

CARLOS, *sol.*

Que ventura!... ou antes, que patifaria!... Que tal! casado com duas mulheres!... Oh! mas o código é muito claro... agora verás como se rouba, e se obriga a ser frade...

## SCENA XII

O MESMO, e AMBROSIO, de casaca, seguido de FLORENCIA e EMILIA, ambas de véo de renda preta sobre a cabeça.

AMBROSIO, *entrando*. — Andem, andem!... irra! estas mulheres, a vestirem-se, fazem perder a paciência!

FLORENCIA, *entrando*. — Estamos promptas.

AMBROSIO,  *vendo Carlos*. — Oh!... que fazes aqui?...

CARLOS,  *principia a passear pela sala de um para outro lado*. — Não vê?... estou passeando... divertir-me...

AMBROSIO. — Como é lá isso?...

CARLOS,  *do mesmo modo*. — Não é de sua conta.

FLORENCIA. — Carlos, que modos são esses?...

CARLOS. — Que modos são?... são os meus...

EMILIA,  *á parte*. — Elle perde-se!

FLORENCIA. — Estás doudo?

CARLOS. — Doudo estava alguém quando... não me faça fallar...

FLORENCIA. — Ein?...

AMBROSIO. — Deixe-o commigo. (*A Carlos*.) Porque sahiste do convento?

CARLOS. — Porque quiz... Então não tenho vontade?

AMBROSIO. — Isso veremos!... já para o convento!...

CARLOS,  *rindo-se com força*. — Ah!... ah!... ah!...

AMBROSIO. — Ri-se?!...

FLORENCIA,  *ao mesmo tempo*. — Carlos!

EMILIA. — Primo!

CARLOS. — Ah!... ah!... ah!...

AMBROSIO, *enfurecido*. — Ainda uma vez, obedece-me, ou...

CARLOS. — Que cara!... ah!... ah!... (*Ambrosio corre para cima de Carlos.*)

FLORENCIA, *mettendo-se no meio*. — Ambrosinho!...

AMBROSIO. — Deixe-me ensinar a este mal creado...

CARLOS. — Largue-o, tia, não tenha medo...

EMILIA. — Carlos!...

FLORENCIA. — Sobrinho, que é isso?...

CARLOS. — Está bom, não se amofinem tanto... voltarei para o convento...

AMBROSIO. — Ah! já!...

CARLOS. — Já, sim senhor, quero mostrar a minha obediencia.

AMBROSIO. — E que não fosse!

CARLOS. — Incorreria no seu desagrado?... forte desgraça!...

FLORENCIA. — Principias?...

CARLOS. — Não, senhora, quero dar uma prova de submissão ao senhor meu tio... é meu tio, é... casado com minha tia segunda vez... quero dizer, minha tia é que se casou segunda vez.

AMBROSIO, *assustando-se, á parte*. — Que diz elle?...

CARLOS, *que o observa*. — Não ha duvida!

FLORENCIA, *a Emilia*. — Que tem hoje este rapaz?

CARLOS. — Não é assim, senhor meu tio, venha cá... faça-me favor... Senhor meu tio. (*Travando-lhe do braço*)

AMBROSIO. — Tira as mãos...

CARLOS. — Ora faça-me favor, senhor meu tio... quero mostrar-lhe uma coisa; depois fará o que quiser. (*Levando-o para a porta do quarto.*)

FLORENCIA. — Que é isto?

AMBROSIO. — Deixe-me!...

CARLOS. — Um instantc... (*Retendo Ambrosio com uma mão, com a outra empurra a porta, e aponta para dentro dizendo.*) Vê?...

AMBROSIO, *afirmando a vista*. — Oh!... (*Volta para junto de Florencia e de Emilia, e toma as convulsivamente pelo braço.*) Vamos! vamos. são horas!

FLORENCIA. — Que é?...

AMBROSIO, *forcejando para sahir, e levar-as consigo.*  
— Vamos!... vamos!...

FLORENCIA. — Sem chapéo?

AMBROSIO. — Vamos! vamos!... (*Sae, levando-as.*)

CARLOS. — Então, senhor meu tio?... já não quer que eu vá para o convento?... (*Depois que elle sae.*) Senhor meu tio?... Senhor meu tio? (*Vae á porta gritando.*)

### SCENA XIII

CARLOS só, depois ROSA.

CARLOS, *rindo-se.* — Ah! ah! ah! agora veremos, e me pagarás... e minha tia tambem ha de pagal-o, para não se casar na sua idade... e ser tão assanhada... e o menino que não se contentava com uma...

ROSA, *entrando.* — Então, Rvm.º?

CARLOS. — Então?

ROSA. — Eu vi meu marido um instante, e fugiu... ouvi vozes de mulheres!...

CARLOS. — Ah! ouviu?... muito estimo... e sabe de quem eram essas vozes?...

ROSA. — Eu tremo de adivinhar...

CARLOS. — Pois adivinhe logo de uma assentada... eram da mulher de seu marido.

ROSA. — É então verdade!... perfido! traidor! Ah! desgraçada!... (*Vae a cahir desmaiada, e Carlos a sustem nos braços.*)

CARLOS. — Desmaiada!... Senhora D. Rosa?... Fila bonita!... esta é mesmo de frade... Senhora! torne a si... deixe-se desses faniquitos, olhe que aqui não ha quem a soccorra... Nada... E esta? O' Juquinha?... Juquinha!... (*Juca entra, trazendo em uma mão um assobio de palha, e tocando em outro.*)

CARLOS. — Deixa esses assobios sobre a mesa, e vae lá dentro buscar alguma coisa para esta moça cheirar.

JUCA. — Mas o que, primo?

CARLOS. — A primeira coisa que encontrares. (*Juca larga o assobio na mesa, e sae correndo.*)

CARLOS. — Isto está muito bonito... um frade com

uma moça desmaiada nos braços! Valha-me Santo Antonio, que diriam se assim me vissem? (*Gritando-lhe ao ouvido.*) Olá!... Nada!...

JUCA, *entrando montado a cavallo n'um arco de pipa, trazendo um galheteiro.* — Vim a cavallo para chegar mais depressa. Está o que achei...

CARLOS. — Um galheteiro, menino?...

JUCA. — Não achei mais nada...

CARLO. — Está bom, dá cá o vinagre. (*Toma o vinagre e chega-o nariz de Rosa*). Não serve... está na mesma. Toma... Vejamos se o azeite faz mas effeito... Isto parece-me salada... azeite e vinagre... Ainda está mal temperada; venha a pimenta da India... Agora creio que não falta nada... Peior é essa... a salada ainda não está boa... ai!... que não tem sal... bravo!... está temperada! venha mais sal... agora sim...

ROSA, *tornando a si.* — Onde estou eu?

CARLOS. — Nos meus braços.

ROSA, *afastando-se.* — Ah! Rvm.º!

CARLOS. — Não se assuste. (*Para Juca.*) Vae para dentro. (*Juca sae.*)

ROSA. — Agora me recorde... perfido... ingrato!

CARLOS. — Não torne a desmaiar, que já não posso...

ROSA. — Assim enganar-mê... Não ha leis... não ha justiça?...

CARLOS. — Ha tudo isso, e de sobra; o que não ha é quem as execute... (*Rumor na rua.*)

ROSA, *assustando-se.* — Ah!...

CARLOS. — Que será isto!... (*Vae à janella.*) Ah! com S. Pedro!... (*1ª parte.*) O Mestre de Noviços seguido de meirinhos que me procuram... não escapo...

ROSA. — Que é, Rvm.º?... de que se assusta?...

CARLOS. — Não é nada (*1ª parte*). Estou arranjado. (*Chega à janella*). Estão indagando na vizinhança... Que farei?

ROSA. — Mas que é?... que é?...

CARLOS, *batendo na testa.* — Oh! só assim! (*A Rosa.*) Sabe o que é isto?...

ROSA. — Diga.

CARLOS. — E' um poder de soldados e meirinhos, que vem prendel-a por ordem de seu marido.

ROSA. — Jesus, salve-me... salve-me...

CARLOS. — Hei de salva-la... mas faça o que eu lho disser...

ROSA. — Estou prompta...

CARLOS. — Os meirinhos entrarão aqui, e ha-o de levar por força alguma coisa... esse é o seu costume; o que é preciso é enganar-os.

ROSA. — É como?...

CARLOS. — Vestindo a senhora o meu habito, e eu o seu vestido.

ROSA. — Mas...

CARLOS. — Ta, ta, ta; ande, deixe-me fazer um obra de caridade; para isso é que somos frades; entre para este quarto, dispa lá o seu vestido, e mande-m'o, assim como a touca e chale... O' Juca? Juca? (*Empurrando Rosa.*) Não se demore. (*Entra Juca.*) Juca, acompanha esta senhora, e faz o que ella te mandar; ande (senhora... com mil diabos!... (*Rosa entra no quarto á esquerda, empurrada por Carlos.*))

## SCENA XIV

CARLOS, só.

Bravo! .. esta é de mestre!... (*Chegando á janella.*) Lá estão elles conversando com o vizinho do armário... Não tardarão a dar com o rato na ratoeira... mas o rato é esperto, e os logrará... Então?... vem o vestido?

ROSA, dentro. — Já vae...

CARLOS. — Depressa!... O que me vale é ser o Mestre de Noviços catacego... e trazer oculos... cahirá na esparrella. (*Gritando.*) Vem, ou não?

JUCA, traz o vestido, a touca e o chale. — Está...

CARLOS. — Bom. (*Despe o habito.*) Ora vá, Sr. habito; bem se diz que o habito não faz o monge. (*Dá o habito e o chapéo a Juca.*) Toma, leva á moça. (*Juca sae.*) Agora é que são ellas... isto são mangas?... Diabo, por onde se enfia esta geringonça... creio que é por

aqui... bravo, acertei... bellissimo... agora a touca...  
*(Põe a touca.)* Vamos ao chale... Estou guapo, creio  
 que farei a minha parte de mulher excellentemente.  
*(Batem na porta.)* São elles. *(Com voz de mulher.)*  
 Quem bate?...

MESTRE, *dentro*. — Um servo de Deus.

CARLOS, *com a mesma voz*. — Póde entrar quem é.

## SCENA XV

CARLOS, o MESTRE DE NOVIÇOS E TRES  
 MEIRINHOS.

MESTRE. — Deus esteja nesta casa.

CARLOS. — Humilde serva de V. Rvm.<sup>a</sup>.

MESTRE. — Minha senhora, terá a bondade de perdoar-me pelo incommodo que lhe damos... mas o nosso dever...

CARLOS. — Incommodos, Rvm.' senhor?...

MESTRE. — V. S. ha de permittir que lhe pergunte se o noviço Carlos, que fugiu do convento...

CARLOS. — Pscio... caluda...

MESTRE. — Ein?

CARLOS. — Está ali...

MESTRE. — Quem?

CARLOS. — O noviço.

MESTRE. — Ah!

CARLOS. — E' preciso sorprendel-o.

MESTRE. — Estes senhores officiaes de justiça nos ajudarão.

CARLOS. — Muito cuidado... este meu sobrinho dá-me um trabalho...

MESTRE. — Ah! a senhora é sua tia?...

CARLOS. — Uma sua criada.

MESTRE. — Tenho muita satisfação...

CARLOS. — Não percamos tempo... fiquem os senhores aqui do lado da porta muito calados... eu chamarei o sobrinho; assim que elle sahir, não lhe deem tempo de fugir: lancem-se de improviso sobre elle, e levem-no á força...

MESTRE. — Muito bem.

CARLOS. — Diga o que disser, grite como gritar, não façam caso... arrastem-no...

MESTRE. — Vamos a isso...

CARLOS. — Fiquem aqui. (*Colloca-os junto á porta da esquerda.*) Attenção. (*Chamando para dentro.*) Psco!... psco!... Saia cá para fóra... devagarinho...

## SCENA XVI

OS MESMOS E ROSA, *vestida de frade, de chapéo na cabeça.*

ROSA, *entrando.* — Já se foram? (*Assim que ella apparece, o Mestre e os meirinhos lançam-se sobre ella, e procuram carregal-a fóra.*)

MESTRE. — Está preso!... ha de ir... E' inutil resistir... assim não se foge...

ROSA, *lutando sempre.* — Ai! ai! acudam-me!... deixem-me! quem me soccorre?

CARLOS. — Levem-no... Levem-no... (*Algazarra de vozes, todos fallam ao mesmo tempo, etc. Carlos, para augmentar o ruido, toma um assobio que está sobre a mesa, e toca; Juca tambem entra nessa occasião, etc.*)

## ACTO SEGUNDO

A mesma sala do primeiro acto.

---

## SCENA I

CARLOS *ainda vestido de mulher, está sentado,*  
e JUCA *á janella.*

CARLOS. — Juca, toma sentido ; assim que avistares teu pádrasto lá no fim da rua, avisa-me.

JUCA. — Sim, primo...

CARLOS. — No que dará tudo isso?... qual será a sorte de minha tia?... que lição!... desanda tudo em muita pancadaria... E a outra que foi para o convento!... Ah! ah! ah! agora é que me lembro dessa... Que confusão entre os frades quando ella se der a conhecer! (*Levantando-se.*) Ah! ah! ah! Parece que estou vendo o D. Abbade horrorisado; o Mestre de Noviços limpando os olhos de boca aberta; frei Mauricio, e folgasão, a rir-se ás gargalhadas; frei Sinfronio, o austero, levantando os olhos para o céu abysmado; e os noviços todos fazendo roda, coçando o cachaço. Ah! que festa perco eu! enquanto eu lá estive ninguem se lembrou de dar-me semelhante divertimento... Estupidos... Mas o fim de tudo isto? o fim?...

JUCA, *da janella.* — Primo, ahí vem elle...

CARLOS. — Já?... (*Chega á janella.*) E' verdade, e com que pressa! (*Para Juca.*) Vae tu para dentro. (*Juca sae.*) E eu ainda deste modo, com este vestido... se eu sei o que hei de fazer... Sobes a escada... Dê no que der... (*Entra no quarto onde esteve Rosa.*)

## SCENA II

AMBROSIO, só.

Ambrosio mostra no semblante alguma agitação.

Lá as deixei no Carmo, entretidas com o offleio. Não darão falta de mim... E' preciso, e quanto antes, que eu falle com esta mulher... é ella, não ha duvida... Mas como soube que eu aqui estava?... quem lhe disse?... quem a trouxe?... foi o diabo para a minha perdição... Em um momento pôde tudo mudar... não se perca tempo... (*Chega à porta do quarto.*) Senhora, queira ter a bondade de sahir cá para fóra...

## SCENA III

AMBROSIO E CARLOS.

Entra Carlos cobrindo o rosto com um lenço. Ambrosio encaminha-se para o meio da sala sem olhar para elle, e assim lhe falla.

AMBROSIO. — Senhora, muito bem conheço as suas intenções, porém previno-a que muito se enganou.

CARLOS, *suspirando*. — Ai, ai!

AMBROSIO. — Ha seis annos que a deixei; tive para isso motivos muito poderosos.

CARLOS, *à parte*. — Que tratante!...

AMBROSIO. — E o meu silencio depois desse tempo, devia tel-a feito conhecer que nada mais existe de comum entre nós...

CARLOS, *fingindo que chora*. — Hi, hi, hi!

AMBROSIO. — O pranto não me commove... ámais poderemos viver juntos... fomos casados, é verdade... mas que importa?

CARLOS, *no mesmo*. — Hi, hi, hi!

AMBROSIO. — Estou resollvido a viver separado da senhora.

CARLOS, *à parte*. — E eu tambem.

AMBROSIO. — E para esse fim, empregarei todos os meios... todos... entende?... (*Carlos cae de joelhos aos pés de Ambrosio, e agarra-se ás pernas delle, chorando.*)

CARLOS. — Não valem supplicas... hoje mesmo deixará esta cidade!... senão serei capaz de um grande crime!... o sangue não me atterra... e ai de quem me resiste! Levante-se, e parta. (*Carlos puxa as pernas de Ambrosio, dá com elle no chão, e levanta-se rindo-se.*)

AMBROSIO. — Ai!!...

CARLOS. — Ah! ah! ah!...

AMBROSIO, *levanta-se muito de vagar, olhando meio admirado para Carlos, que se ri.* — Carlos!... Carlos!...

CARLOS. — Senhor meu tio; ah! ah! ah!

AMBROSIO. — Mas então que é isto?...

CARLOS. — Ah! ah! ah!...

AMBROSIO. — Como te achas aqui assim vestido?...

CARLOS. — Este vestido, senhor meu tio, ah! ah!...

AMBROSIO. — Maroto!...

CARLOS. — Tenha-se lá... Olhe que eu chamo por ella.

AMBROSIO. — Ella quem, bregeiro?...

CARLOS. — Sua primeira mulher...

AMBROSIO. — Minha primeira mulher... é falso!

CARLOS. — E' falso?

AMBROSIO. — E'...

CARLOS. — E será também falsa esta certidão do vi-gario da freguezia de (*Olhando para a certidão.*) Maranguape, no Ceará, em que se prova que o senhor meu tio recebeu-se (*Lendo.*) em santo matrimonio, á face da igreja, com D. Rosa Escolastica, filha de Antonio Lemos, etc., etc. Sendo testemunha, etc.

AMBROSIO. — Dá-me esse papel!

CARLOS. — Devagar!

AMBROSIO. — Dá-me esse papel!...

CARLOS. — Ah! o senhor meu tio encrespa-se... olhe que a tia não está em casa, e eu sou capaz de lhe fazer o mesmo que fiz ao D. Abbade.

AMBROSIO. — Onde está ella?...

CARLOS. — Em logar que apparecerá quando eu ordenar.

AMBROSIO. — Ainda está naquelle quarto, não teve tempo de sair...

CARLOS. — Pois vá ver... (*Ambrosio sai apressado.*)

## SCENA IV

CARLOS, *só!*

Procure bem!... Deixa estar, meu espertalhão, que agora te hei de eu apertar a corda na garganta... estás em meu poder... querias roubar-nos... (*Gritando.*) Procure bem, talvez esteja dentro das gavetinhas do espelho... Então?... não acha?...

## SCENA V

CARLOS E AMBROSIO.

AMBROSIO, *entrando*. — Estou perdido!...

CARLOS. — Não achou!

AMBROSIO. — Que será de mim?...

CARLOS. — Talvez se escondesse n'algum buraquinho de rato.

AMBROSIO, *cahindo sentado*. — Estou perdido!... perdido!... Em um momento tudo se transtornou!... perdido para sempre!...

CARLOS. — Ainda não, por que eu posso salvá-lo.

AMBROSIO. — Tu?

CARLOS. — Eu, sim...

AMBROSIO. — Carlinho!...

CARLOS. — Já?...

AMBROSIO. — Carlinho!...

CARLOS. — Ora vejam como está terno...

AMBROSIO. — Por tua vida, salva-me!...

CARLOS. — Salvá-o-hei, mas debaixo de certas condições...

AMBROSIO. — E quaes são ellas?...

CARLOS. — Nem eu, nem o primo Juca queremos ser frades.

AMBROSIO. — Não serão...

CARLOS. — Quero casar-me com minha prima.

AMBROSIO. — Casarás.

CARLOS. — Quero a minha legitima.

AMBROSIO. — Terás a tua legitima.

CARLOS. — Muito bem.

AMBROSIO. — E tu me promettes que nada dirás á tua tia do que sabes ?

CARLOS. — Quanto a isso pôde estar certo... (*A parte.*) Veremos.

AMBROSIO. — Agora dize-me, onde ella está?...

CARLOS. — Não posso, o segredo não é meu...

AMBROSIO. — Mas dá-me a tua palavra de honra que ella sahio desta casa ?

CARLOS. — Já sahio... palavra de mulher honrada.

AMBROSIO. — E que nunca mais voltará?...

CARLOS. — Nunca mais... (*A' parte.*) Isto é, se quizerem ficar com ella lá no convento em meu logar.

AMBROSIO. — Agora dá-me esse papel...

CARLOS. — Espere lá... o negocio não vae assim; primeiro hão de cumprir-se as condições...

AMBROSIO. — Carlinho, dá-me esse papel...

CARLOS. — Não pôde ser...

AMBROSIO. — Dá-m'o, por quem és !...

CARLOS. — Peior é a séca...

AMBROSIO. — Eis-me a teus pés. (*Ajoelha-se; nesse mesmo tempo apparece á porta Florencia e Emilia, as quaes caminham para elle pé antes pé.*)

## SCENA VI

OS MESMOS, FLORENCIA E EMILIA.

CARLOS. — Isso é teima... levante-se...

AMBROSIO. — Não me levantarei... em quanto m'ò não deres... para que o queres tu... farei tudo quanto quizeres... nada me custará para servir-te... Minha mulher fará tudo quanto ordenares... dispõe della.

FLORENCIA. — A senhora pôde dispôr de mim! pois não !...

AMBROSIO. — Ah!... (*Levanta-se espavorido.*)

CARLOS, *à parte*. — Temol-a...

FLORENCIA, *para Ambrosio*. — Que patifaria é essa? em minha casa, e ás minhas barbas, aos pés de uma mulher!... muito bem!...

AMBROSIO. — Florencia!...

FLORENCIA. — Um dardo que te parta! (*Voltando-se para Carlos*.) E quem é a senhora?...

CARLOS, *com a cara baixa*. — Sou uma desgraçada!...

FLORENCIA. — Ah! é uma desgraçada... seduzindo um homem casado!... não sabe que... (*Carlos, que encara com ella, que rapidamente tem suspendido a palavra, e como assombrada, principia a olhar para elle, que se ri*.)

FLORENCIA. — Carlos!... meu sobrinho!...

EMILIA. — O primo!...

CARLOS. — Sim, tiasinha; sim, priminha!...

FLORENCIA. — Que mascarada é esta?...

CARLOS. — E' uma comedia que ensaiavamos para sabbado de Alleluia.

FLORENCIA. — Uma comedia?!...

AMBROSIO. — Sim, era uma comedia... um divertimento... uma surpresa... Eu e o sobrinho arranjavamos isso... bagatella... não é assim, Carlinho? Mas então vocês não ouviram o officio até o fim?... quem prérgou?...

FLORENCIA, *à parte*. — Isto não é natural!... aqui ha coisa...

AMBROSIO. — A nossa comedia era mesmo sobre isso...

FLORENCIA. — Que está o senhor a dizer?...

CARLOS, *à parte*. — Perde a cabeça. (*Para Florencia*.) Tia, basta que saiba que era uma comedia... e antes de principiar o ensaio... o tio deu-me a sua palavra que eu não seria frade; não é verdade, tio?...

AMBROSIO. — E' verdade! O rapaz não tem inclinação, e para que obrigar-o?... seria crueldade...

FLORENCIA. — Ah!...

CARLOS. — E que a prima não seria tambem freira, e que se casaria comigo...

FLORENCIA. — E' verdade, senhor Ambrosio?...

AMBROSIO. — Sim, para que constringer estas duas

almas? Nasceram um para o outro... amam-se... é tão bonito ver um tão lindo par...

FLORENCIA. — Mas, senhor Ambrosio, e o mundo, que o senhor dizia que era um pelago... um sorvedouro... e não sei o que mais...

AMBROSIO. — Oh! então eu não sabia que estes dous pombinhos se amavam; mas agora que o sei, seria horrível barbaridade. Quando se fecham as portas de um convento sobre um homem, ou sobre uma mulher, que leva dentro do peito uma paixão como sentem estes dous innocentes... torna-se o convento abysmo incomensuravel de acerbos males, fonte perenne de horridas desgraças... perdição do corpo e da alma; e o mundo, se n'elle ficassem, jardim ameno... suave encanto da vida... tranquilla paz da innocencia... paraíso terrestre... E assim sendo, mulher, quererias tu que sacrificasse tua filha, e teu sobrinho...

FLORENCIA. — Oh! não, não...

CARLOS, *à parte*. — Que grande patife!...

AMBROSIO. — Tua filha, que faz parte de ti?...

FLORENCIA. — Não fallemos mais nisso... o que fizeste está muito bem feito...

CARLOS. — E em reconhecimento de tanta bondade, faço cessão de metade dos meus bens em favor do senhor meu tio, e aqui lhe dou a escriptura. (*Dá-lhe a certidão de Rosa.*)

AMBROSIO, *saltando para tomar a certidão*. — Caro sobrinho! (*Abraça-o.*) E eu para mostrar o meu desinteresse rasgo esta escriptura. (*Rasga, e à parte.*) Respiro!...

FLORENCIA. — Homem generoso!... (*Abraça-o.*)

AMBROSIO, *abraçando-a e à parte*. — Mulher toleirona!

CARLOS, *abraçando Emilia*. — Isto vae de roda...

EMILIA. — Primo!...

CARLOS. — Primitiva, seremos felizes!...

FLORENCIA. — Abençoada seja a hora em que eu te escolhi para meu esposo!... Meus caros filhos, aprendei commigo a guiar-vos com prudencia na vida... dous annos estive viuva, e não me faltaram pretendentes... Viuva rica!... Ah! são vinte cães a um osso... Mas eu

tive juízo e criterio; soube distinguir o amante interesseiro do amante sincero; o meu coração fallou por este homem honrado e probó.

CARLOS. — Acertadissima escollia!...

FLORENCIA. — Chega-te para cá, Ambrosinho; não te envergonhes... mereces os elogios que te faço...

AMBROSIO, *à parte*. — Estou em brazas!...

CARLOS. — Não se envergonhe, tio!... Os elogios são merecidos... (*à parte*.) Está em talas.

FLORENCIA. — Ouves o que diz o sobrinho?... Tens modestia?... E' mais uma qualidade... Como sou feliz!...

AMBROSIO. — Acabemos com isto... os elogios assim á queima roupa perturbam-me.

FLORENCIA. — Se os mereces...

AMBROSIO. — Embora!...

CARLOS. — Oh! o tio merece!... pois não!... Olhe, tia, aposto eu que o tio Ambrosio em toda a sua vida só tem amado a tia?...

AMBROSIO. — De certo. (*à parte*.) Quer fazer-me alguma!

FLORENCIA. — Ai, vida da minh'alma!

AMBROSIO, *à parte*. — O patife é muito capaz...

CARLOS. — Mas nós, os homens, somos tão falsos... assim dizem as mulheres... que não admira o tio...

AMBROSIO, *interrompendo-o*. — Carlos, tratemos da promessa que te fiz.

CARLOS. — E' verdade; tratemos da promessa. (*à parte*.) Tem medo que se pella...

AMBROSIO. — Irei hoje mesmo ao convento fallar ao D. Abbade, e dir-lhe-hei que temos mudado de resolução a teu respeito... e de hoje a quinze dias, senhora, espero ver esta sala brilhantemente illuminada, e cheia de alegres convidados para celebrarem o casamento do nosso sobrinho Carlos com minha cara enteada (*Aqui entra pelo fundo o Mestre dos Noviços, seguido dos meirinhos e permanentes, encaminhando-se para a frente do theatro.*)

CARLOS. — Emquanto assim praticar, terá em mim um amigo.

EMILIA. — Senhor, ainda que não possa explicar a razão de tão subita mudança, accetto sem reciocinar a

felicidade que me propõe : darei a minha mão a Carlos, não só para obedecer a minha mãe, como porque muito o amo...

CARLOS. — Cara priminha ! quem será capaz agora de arrancar-me de teus braços ?

MESTRE, *batendo-lhe no hombro.* — Está preso. (*Espanto dos que estão em scena.*)

## SCENA VII

OS MESMOS, O MESTRE DE NOVIÇOS E OS MEIRINHOS.

CARLOS. — Que é lá isso?... (*Debatendo-se logo que o agarram.*)

MESTRE. — Levem-no !

CARLOS. — Deixem-me !

FLORENCIA. — Reverendissimo, meu sobrinho...

MESTRE. — Paciencia, senhora, levem-no!...

CARLOS, *debatendo-se.* — Larguem-me, com todos os diabos !

EMILIA. — Primo !...

MESTRE. — Arrastem-no !...

AMBROSIO. — Mas, senhor !

MESTRE. — Um instante... para o convento... para o convento...

CARLOS. — Minha tia, tio Ambrosio ! (*Sae arrastado.*)  
(*Emilia cae sentada n'uma cadeira, o Padre Mestre fica em scena.*)

## SCENA VIII

AMBROSIO, o MESTRE DE NOVIÇOS, FLORENCIA E EMILIA.

FLORENCIA. — Mas, senhor, isto é uma violencia !

MESTRE. — Paciencia.

FLORENCIA. — Paciencia?... paciencia?... Creio que tenho tido bastante... Ver assim arrastar meu sobrinho, como se fosse um criminoso ?

AMBROSIO. — Espera, Florencia, ouçamos o reveren-  
dissimo ; foi sem duvida por ordem do Sr. D. Abbade, que  
V. Rvm<sup>a</sup> veio prender nosso sobrinho.

MESTRE. — Não tomára sobre mim tal trabalho, se  
não fôra por expressa ordem do D. Abbade, a quem  
devemos todos obediencia.

AMBROSIO. — V. Rvm<sup>a</sup>. fez o seu dever... estou disso  
bem certo...

FLORENCIA. — Mas julgamos necessario declarar a  
V. Rvm<sup>a</sup>., que estamos resolvidos a tirar o nosso so-  
brinho do convento.

MESTRE. — Nada tenho eu com essa resolução... V.  
S. entender-se-ha a esse respeito com o D. Ab-  
bade...

FLORENCIA. — O rapaz não tem inclinação nenhuma  
para frade.

AMBROSIO. — E seria uma crueldade violentar-lhe o  
genio.

MESTRE. — O dia em que o senhor Carlos sahir do con-  
vento, será para mim dia de descanso ; ha doze annos  
que sou mestre de noviços, e ainda não tive para don-  
trinar rapaz mais endiabrado... Não se passa um só dia  
em que se não tenha de lamentar alguma travessura  
desse moço... Os noviços seus companheiros, os irmãos  
leigos, e os domesticos do convento, temem-no como se  
teme um touro bravo... Com todos moteja, e a todos  
espanca...

FLORENCIA. — Foi sempre assim desde pequeno.

MESTRE. — E se o conheçiam, senhores, para que o  
obrigaram a entrar no convento? a seguir uma vida em  
que se requer tranquillidade de genio?...

FLORENCIA. — Oh ! não foi por meu gosto ; meu marido  
é que me persuadiu...

AMBROSIO, *com hypocrisia*. — Julguei assim fazer um  
serviço agradável a Deus.

MESTRE. — Deus, senhores, não se compraz com sa-  
crificios alheios... Sirva-o cada um com seu corpo e al-  
ma, porque cada um responderá por suas obras.

AMBROSIO, *com hypocrisia*. — Pequei, reverendissimo,  
pequei... humilde peço perdão...

MESTRE. — Esse moço foi violentamente constran-

gido e o resultado é a confusão em que está a casa de Deus!...

FLORENCIA. — Mil perdões, reverendissimo, pelos incommodos que lhe temos dado...

MESTRE. — Incomodos? para elles nascemos nós... passam despercebidos, e de mais ficam de muros para dentro... Mas hoje houve escandalo, e escandalo publico.

AMBROSIO. — Escandalo publico?...

FLORENCIA. — Como assim?

MESTRE. — O noviço Carlos, depois de uma contenda com o D. Abbade, deu-lhe uma cabeçada e o lançou por terra...

FLORENCIA. — Jesus, Maria, José!!!...

AMBROSIO. — Que sacrilegio!!...

MESTRE. — E fugiu ao merecido castigo... Fui mandado em seu alcance... requisitei força publica, e aqui chegando, encontrei uma senhora...

FLORENCIA. — Aqui uma senhora.

MESTRE. — E que se dizia sua tia...

FLORENCIA. — Ai!...

AMBROSIO. — Era elle mesmo.

MESTRE. — Vá ouvindo como esse moço zombou de seu mestre... Disse-me a tal senhora... pois tal a suppunha eu... Ora facil foi enganar-me... além de ter má vista, tenho muito pouca pratica de senhoras...

AMBROSIO. — Sabemos disso.

MESTRE. — Disse-me a tal senhora que o noviço Carlos estava naquelle quarto.

AMBROSIO. — Naquelle quarto?!...

MESTRE. — Sim, senhor; e ali mandou-nos esperar em silencio... Chamou pelo noviço; e assim que elle sahio lançámo-nos sobre elle, e á força o arrastámos para o convento.

AMBROSIO, *assustado*. — Mas a quem, senhor, a quem?...

MESTRE. — A quem?...

FLORENCIA. — Que trapalhada é essa?...

AMBROSIO. — Depressa!...

MESTRE. — Cheguei ao convento, apresentei-me

diante do D. Abbade, com o noviço prisioneiro, e então... ah!...

AMBROSIO. — Por Deus, mais depressa!

MESTRE. — Ainda còro de vergonha... então conheci que tinha sido vilmente enganado...

AMBROSIO. — Mas quem era o noviço preso?

MESTRE. — Uma mulher vestida de frade!

FLORENCIA. — Uma mulher?!...

AMBROSIO, *à parte*. — E' ella!

MESTRE. — Que vergonha, que escandalo!

AMBROSIO. — Mas onde está essa mulher? para onde foi?... o que disse?... onde está?... responde!...

MESTRE. — Tenha paciencia... Pintar a confusão em que por alguns momentos esteve o convento, é quasi impossivel... O D. Abbade ao conhecer que o noviço preso era mulher, pelos longos cabellos que ao tirar o chapéo lhe caíram sobre os hombros, deu um grito de horror... Toda a comunidade accorreu... e grande foi então a confusão... Um gritava sacrilegio!... profanação!... Outro ria; este interrogava; aquelle respondia ao acaso... Em menos de dous segundos a noticia percorreu todo o convento, mas alterada e augmentada... No refeitório dizia-se que o diabo estava no còro dentro dos canudos do orgão; na cozinha julgava-se que o fogo lavrava nos quatro angulos do edificio... Qual pensava que o D. Abbade tinha cahido da torre a baixo... qual que fôra arrebatado para o céo... Os sinuceros, correndo para as torres, puxavam como energúmenos pelas cordas dos sinos... os porteiros fecharam as portas com horrivel estrondo... os resposos soáram de todos os lados... e a algazarra dos noviços dominava esse ruido infernal, causado por uma unica mulher... Oh, mulheres!!...

FLORENCIA. — Que confusão, meus Deus!

AMBROSIO. — Mas essa mulher? essa mulher? Que é feito della?...

MESTRE. — Uma hora depois, que tanto foi preciso para acalmar a agitação, o D. Abbade perguntou-lhe como ella alli se achava vestida com o habito da Ordem.

AMBROSIO. — E ella que disse?

MESTRE. — Que tinha sido trahida por um frade, que debaixo do pretexto de a salvar trocára o seu vestido pelo habito que trazia...

AMBROSIO. — E nada mais?...

MESTRE. — Nada mais, e fui encarregado de prender de novo a todo o custo o noviço Carlos... e tenho cumprido a minha missão... Que ordenam a este servo de Deus?...

AMBROSIO. — Espere, reverendissimo : essa mulher já sahiu do convento?...

MESTRE. — No convento não se demoram mulheres.

AMBROSIO. — Que caminho tomou? para onde foi?... que disse ao sahir?...

MESTRE. — Nada sei...

AMBROSIO, *à parte*. — O que me espera!

FLORENCIA, *à parte*. — Aqui ha segredo!

MESTRE. — As suas determinações?

FLORENCIA. — Uma serva de V Rvm<sup>o</sup>.

MESTRE, *a Florencia*. — Quanto á sahida de seu sobrinho do convento, com o D. Abbade se entenderá...

FLORENCIA. — Nós o procuraremos. (*O Mestre sae, e Florencia acompanha-o até á porta; Ambrosio está como abysmado.*)

## SCENA IX

### EMILIA, AMBROSIO E FLORENCIA.

EMILIA, *à parte*. — Carlos, Carlos! que será de ti e de mim?...

AMBROSIO, *à parte*. — Se ella agora apparece!... Se Florencia desconfia... Estou mettido em boas!... Como evitar... como?... Oh! decididamente estou perdido... se a pudesse encontrar... talvez supplicas, ameaças... quem sabe!... Já não tenho cabeça... que farei?... de uma hora para outra apparece-me ella! (*Florencia bate-lhe no hombro.*) Eil-a... (*Assustando-se.*)

FLORENCIA. — Agora nós. (*A Emilia.*) Meinha, vae para dentro. (*Vae-se Emilia.*)

## SCENA X

## AMBROSIO E FLORENCIA.

AMBROSIO, *á parte*. — Temos trovoadá grossa!

FLORENCIA. — Quem era a mulher que estava naquelle quarto?

AMBROSIO. — Não sei...

FLORENCIA. — Senhor Ambrosio, quem era a mulher que estava naquelle quarto?...

AMBROSIO. — Florencia, já te disse, não sei; são coisas de Carlos...

FLORENCIA. — Senhor Ambrosio, quem era a mulher que estava naquelle quarto?...

AMBROSIO. — Como queres que eu t'o diga, Florencia?...

FLORENCIA. — Ah! não sabe?... pois bem... então explique-me: porque razão se mostrou tão espantado quando Carlos o levou á porta d'aquelle quarto e lhe mostrou quem estava lá?

AMBROSIO. — Pois eu me espantei?

FLORENCIA. — A ponto de levar-me quasi de rastos para a egreja, sem chapéo, lá deixar-me, e voltar para casa apressado.

AMBROSIO. — Qual?... foi por...

FLORENCIA. — Não estude uma mentira; diga depressa.

AMBROSIO. — Pois bem, direi; eu conheço essa mulher.

FLORENCIA. — Ah! e então quem é ella?...

AMBROSIO. — Queres saber quem é ella?... é muito justo... mas ahí é que está o segredo.

FLORENCIA. — Segredos commigo?

AMBROSIO. — Oh! contigo não póde haver segredo... és a minha mulherzinha... (*Quer abraçal-a.*)

FLORENCIA. — Tenha-se lá!... quem era a mulher?...

AMBROSIO, *á parte*. — Não sei que lhe diga!...

FLORENCIA. — Vamos!...

AMBROSIO. — Essa mulher... sim, essa mulher que ha pouco estava naquelle quarto... foi amada por mim!

FLORENCIA. — Por ti?!...

AMBROSIO. — Mas nota que digo, foi amada; e o que foi, já não é...

FLORENCIA. — Seu nome?...

AMBROSIO. — Seu nome?... que importa o nome?... O nome é uma voz com que se dão a conhecer as coisas... nada vale... o individuo é tudo... tratemos do individuo. (*A parte.*) Não sei como continuar!

FLORENCIA. — Então, e que mais?

AMBROSIO. — Amei essa mulher; sim amei; essa mulher foi por mim amada... mas então ainda não te conhecia. Oh! e quem ousará criminar a um homem por embellezar-se de uma estrella antes de ver a lua?... quem? Ella era a estrella, e tu és a lua, sim, minha Florencinha, tu és a minha lua cheia, e eu sou teu satellite...

FLORENCIA. — Oh! não me convence assim...

AMBROSIO, *à parte.* — O diabo que convença a uma mulher... (*Alto.*) Florencinha, encanto da minha vida, estou diante de ti como diante do confessorio... com uma mão sobre o coração e com a outra... Onde queres que ponha a outra?

FLORENCIA. — Ponha lá onde quizer...

AMBROSIO. — Pois bem, com ambas sobre o coração! Dir-te-hei que só tu és o meu unico amor, as minhas delicias, a minha vida (*à parte*), e a minha burra.

FLORENCIA. — Se eu podesse acreditar...

AMBROSIO. — Não podes, porque não queres... basta um bocado de boa vontade... Se fiquei aterrorisado ao ver essa mulher, foi por prever os desgostos que terias se a visses...

FLORENCIA. — Se teme que eu a veja, é porque ainda a ama.

AMBROSIO. — Amal-a eu?... Ah! desejava que ella estivesse mais longe de mim do que o cometa que appareceu o anno passado.

FLORENCIA. — Oh! meu Deus! se eu podesse crer! . .

AMBROSIO, *à parte.* — Está meio convencida!...

FLORENCIA. — Se eu o pudesse crer!... (*Rosa entra vestida de frade pelo fundo; para e observa.*)

AMBROSIO, *com animação*. — Estes raios brilhantes e avelludados de teus olhos offuscam o seu olhar acanhado e esgateado... estes negros e finos cabellos varrem da minha idéa as suas emmaranhadas melenas, cõr de fogo... Esta mãozinha torneada (*Pega-lhe na mão*), este collo gentil, esta cintura flexivel e delicada... fazem-me esquecer os grosseiros encantos dessa mulher que... (*Neste momento dá com os olhos em Rosa; vae recuando pouco a pouco.*)

FLORENCIA. — Que tens?... de que te espantas?...

ROSA, *adiantando-se*. — Senhora, este homem pertence-me!

FLORENCIA. — E quem é V. Rvm.<sup>a</sup>?...

ROSA, *tirando o chapéo que faz cahir os cabellos*. — Sua primeira mulher!

FLORENCIA. — Sua primeira mulher?!...

ROSA, *dando-lhe a certidão*. — Leia! (*A Ambrosio.*) Conhece-me, senhor?... Ha seis annos que nos não vemos... E quem diria que assim nos encontraríamos?... Nobre foi o seu proceder... oh! para que não enviou um assassino para esgotar o sangue destas veias, e arrancar a alma deste corpo?!... assim devia ter feito, porque então, eu não estaria aqui para vingá-me!... Traidor!...

AMBROSIO, *à parte*. — O melhor é deitar a fugir... (*Corre para o fundo.*)

ROSA. — Não o deixem fugir... (*Apparecem á porta meirinhos, que prendem Ambrosio.*)

MEIRINHO. — Está preso!...

AMBROSIO. — Ai! (*Corre por toda a casa, etc.; em quanto isto se passa, Florencia tem lido a certidão.*)

FLORENCIA. — Desgraçada de mim! estou trahida! quem me soccorre!... (*Vae para sahir, encontra-se com Rosa.*) Ah!... para longe, para longe de mim! (*Recuando.*)

ROSA. — Senhora!... a quem pertencerá elle?...

## ACTO TERCEIRO

Quarto em casa de Florencia; mesa, cadeiras, etc., etc.; armario, uma cama grande com cortinados, uma mesa pequena com um castiçal e vela acesa. E' noite.

---

## SCENA I

FLORENCIA, EMILIA E JUCA.

Florencia deitada, Emilia sentada junto della. Juca vestido de calça, brincando com um carrinho pela sala.

FLORENCIA. — Meu Deus! meu Deus!... que bulha faz este menino!...

EMILIA. — Maninho, estás fazendo muita bulha a mãe!

FLORENCIA. — Minha cabeça!... vae correr lá para dentro.

EMILIA. — Anda, vae para dentro... vae para o quintal... (*Juca sae com o carrinho.*)

FLORENCIA. — Parece que me estala a cabeça... são uma martelladas aqui nas fontes... ai... que não posso... morro desta...

EMILIA. — Minha mãe... não diga isso... o seu incommodo passará...

FLORENCIA. — Passará!... morro!... morro!... (*Chorando.*) Hi.

EMILIA. — Minha mãe...

FLORENCIA, *chorando*. — Ser assim trahida!... enganada... Meu Deus!... quem pôde resistir?... hi. hi...

EMILIA. — Para que tanto se afflige?... que remedio? ter paciencia e resignação.

FLORENCIA. — Um homem em quem havia posto toda a minha confiança... que eu tanto amava... Emilia, eu o amava muito.

EMILIA, *a parte*. — Coitada!...

FLORENCIA. — Enganar-me deste modo! tão indignamente! casado com outra mulher... Ah! não sei como não arrebento!

EMILIA. — Tranquillise-se, minha mãe.

FLORENCIA. — Que eu supunha desinteressado... entregar-lhe todos os meus bens... assim iludir-me... que malvado!... Que malvado...

EMILIA. — São horas de tomar o remedio... (*Toma uma garrafa de remedio, deita-o em umã chicara, e dá a Florencia.*)

FLORENCIA. — Como os homens são falsos!... Uma mulher não era capaz de... commetter acção tão indigna... Que é isso?...

EMILIA. — O cosimento que o doutor receitou...

FLORENCIA. — Dá cá (*Bebe.*) Ora, de que servem esses remedios?... Não fico boa... a ferida é no coração...

EMILIA. — Hade curar-se...

FLORENCIA. — Olha, filha, quando eu vi diante de mim aquella mulher, senti uma revolução que te não sei explicar... um atordoamento... uma zoada, que ha oito dias me tem pregado nesta cama.

EMILIA. — Eu estava no meu quarto quando ouvi gritos na sala... sahi apressada, e no corredor encontrei-me com meu padraço.

FLORENCIA. — Teu padraço!...

EMILIA. — Que passando como uma flexa por diante de mim, dirigiu-se para o quintal, e, saltando o muro, desapareceu... corri para a sala...

FLORENCIA. — E ahí me encontraste banhada em lagrimas; ella já tinha sahido, depois de ameaçar-me... ah! mas eu hei de ficar boa para vingar-me!

EMILIA. — Sim, é preciso ficar boa para vingar-se.

FLORENCIA. — Hei de ficar; não vale a pena morrer por um traste daquelles...

EMILIA. — Que duvida!...

FLORENCIA. — O meu procurador disse-me que o tratante está escondido, mas que já ha mandado de prisão contra elle... Deixa estar; enganar-me! obrigar-me a que te fizesse freira; constringer' a inclinação de Carlos!

EMILIA. — O' minha mãe, tenha pena do primo... o que não terá elle soffrido... coitado!...

FLORENCIA. — Já esta manhã mandei fallar ao D. Abbade por pessoa de consideração... e além disso tenho umá carta que lhe quero remetter, pedindo-lhe que me faça o obsequio de aqui mandar um frade respeitavel para de viva voz tratar commigo este negocio...

EMILIA. — Sim, minha boa mãesinha...

FLORENCIA. — Chama o José...

EMILIA, *chamando*. — José? José?... E a mamãe julga que o primo poderá estar em casa hoje?

FLORENCIA. — És muito impaciente... Chama José.

EMILIA. — José?

## SCENA II

AS MESMAS E JOSÉ.

JOSÉ. — Minha senhora.

FLORENCIA. — José, leva esta carta ao convento, onde está o senhor Carlos, sabes?

JOSÉ. — Sei minha senhora.

FLORENCIA. — Procure pelo senhor D Abbade, e lh'a entrega de minha parte...

JOSÉ. — Sim, minha senhora.

EMILIA. — Depressa!... (*Sae José.*)

FLORENCIA. — Ai, ai!

EMILIA. — Tomára vél-o já...

FLORENCIA. — Emilia, amanhã lembra-me para pagar as soldadas que devemos ao José, e despedil-o do nosso serviço... foi mettido aqui em casa pelo tratante, e só por esse facto já desconfio delle... lê com lé, cré com cré... nada!... póde ser algum espião que tenhamos em casa...

EMILIA. — Elle parece-me bom moço...

FLORENCIA. — Tambem o outro me parecia bom homem... Já não me fio em apparencias.

EMILIA. — Tudo póde ser...

FLORENCIA. — Vae ver aquillo lá por dentro como anda; minhas escravas, pilhando-me de cama, fazem mil diabruras...

EMÍLIA. — E fica só?...

FLORENCIA. — Agora estou melhor... e se precisar de alguma coisa, tocarei a compainha. (*Sae Emília.*)

### SCENA III

FLORENCIA, só.

Depois que mudei a cama para este quarto, que foi do sobrinho Carlos, passo melhor... no meu, todos os objectos faziam-me recordar aquelle perfido... Ora, os homens são capazes de tudo... até de ter duas mulheres... e tres, e quatro... e duas duzias... Que demónios! Ha oito dias que estou n'esta cama... antes tivesse morrido... e ella, essa mulher infame... onde estará?... é outra que tal... oh! mas que culpa tem ella?... Mais tenho eu, já que fui tão tola! tão tola, que me casei sem indagar quem elle era... Queira Deus que este exemplo aproveite a muitas incautas... Patife, agora anda escondido... Ai... estou cansada... (*Deita-se*) mas não escapará da cadêa... seis annos de cadêa... assim me disse o procurador... Ai, minha cabeça!... Se eu pudesse dormir um pouco... ai... ai... as mulheres n'este mundo... estão sugeitas... a... muito... ah!... (*Dorme.*)

### SCENA IV

FLORENCIA E CARLOS.

Carlos entra pelo fundo, apressado; traz o habito roto e sujo.

CARLOS. — Não ha grades que me prendam... nem muros que me retenham... arrombei grades... saltei muros, e eis-me aqui de novo... e lá deixei parte do habito... esfolei os joelhos e as mãos... estou em bello estado... Ora, para que teimam commigo? por fim, lanço fogo ao convento, e morrem todos os frades assados... e depois queixem-se... Estou no meu antigo quarto... ninguém me viu entrar... Ah!... que cama é esta?... é da tia... estará... ah!... é ella... e dorme... mudou de quarto?...

Que se terá passado n'esta casa ha oito dias?... Estive preso, incommunicavel, a pão e agua... ah! frades!... nada sei... Que será feito da primeira mulher do senhor meu tio?... desse grande patife... onde estará a prima? Como dorme!... ronca que é um regalo! (*Batem palmas.*) Batem!... serão elles?... Não tem duvida... eu acabo por matar um frade...

MESTRE, *dentro*. — Deus esteja n'esta casa...

CARLOS. — É o Padre Mestre! Já deram pela minha fugida...

MESTRE, *dentro*. — Dá licença?

CARLOS. — Não sou eu de certo que hei de dar... Escondamo-nos, mas de modo que ouçao que elle diz... Debaixo da cama. (*Esconde-se.*)

MESTRE, *dentro, batendo com força*. — Dá licença?...

FLORENCIA, *acordando*. — Quem é?... quem é?...

MESTRE, *dentro*. — Um servo de Deus...

FLORENCIA. — Emilia?... Emilia?... (*Toca a campainha.*)

## SCENA V

FLORENCIA, CARLOS, ESCONDIDO, E EMILIA.

EMILIA. — Minha mãe?

FLORENCIA. — Lá dentro estão todos surdos?... Vae ver quem está na escada batendo. (*Emilia sae pelo fundo.*) Acordei sobresaltada... estava sonhando que o meu primeiro marido enforcava o segundo... e era muito bem enforcado...

## SCENA VI

FLORENCIA, CARLOS, ESCONDIDO, EMILIA, o PADRE MESTRE.

EMILIA. — Minha mãe, é o senhor Padre Mestre (*À parte*) Ave de agouro!

FLORENCIA. — Ah!...

MESTRE. — Desculpe-me, minha senhora!...

FLORENCIA. — O Padre Mestre é que me ha de desculpar, se assim o recebo. (*Senta-se na cama.*)

MESTRE. — Oh! esteja a seu gosto... já por lá se sabo dos seus incommodos... toda a cidade o sabe; tribulações deste mundo...

FLORENCIA. — Emilia, offerece nma cadeira ao reverendissimo.

MESTRE. — Sem incommodo (*Senta-se.*)

FLORENCIA. — O Padre Mestre veio fallar commigo por mandado do senhor D. Abbade?...

MESTRE. — Não, minha senhora...

FLORENCIA. — Não? pois eu lhe escrevi.

MESTRE. — Aqui venho pelo mesmo motivo que já me trouxe duas vezes.

FLORENCIA. — Como assim?

MESTRE. — Em procura do noviço Carlos... Ah! que rapaz!...

FLORENCIA. — Pois tornou a fugir?

MESTRE. — Se tornou!... é indomavel... foi mettido no carcere a pão e agua.

EMILIA. — Desgraçado!...

MESTRE. — Ah! a menina lastima-o?... Já me não admira que elle faça o que faz.

FLORENCIA. — O Padre Mestre dizia...

MESTRE. — Que estava no carcere a pão e agua, mas o indemoninhado arrombou as grades, saltou na horta, vingou o muro da cerca que deita para a rua, e poz-se a pannos...

FLORENCIA. — Que doudo!... para onde foi?

MESTRE. — Não sabemos, mas julgamos que para aqui se dirigiu.

FLORENCIA. — Posso affiançar a V Rvma. que por cá ainda não appareceu... (*Carlos bota a cabeça de fora e puxa pelo vestido de Emilia.*)

EMILIA, *assustando-se.* — Ai!

FLORENCIA. — Que é, menina?

MESTRE, *levantando-se.* — Que foi?...

EMILIA,  *vendo Carlos.* — Não foi nada, não senhora... um geito que dei no pé...

FLORENCIA. — Tem cuidado... Assente-se, reverendissimo... Mas como lhe dizia : o meu sobrinho cá não appareceu, desde o dia que o Padre Mestre o levou preso ainda o não vi, não sou capaz de faltar á verdade.

MESTRE. — Oh! nem tal supponho... demais V. S., como boa parenta que é... deve contribuir para a sua correção... esse moço tem revolucionado todo o convento... e é preciso um castigo exemplar...

FLORENCIA. — Tem muita razão!... mas eu já mandei fallar ao senhor D. Abbade, para que meu sobrinho sahisse do convento.

MESTRE. — E o D. Abbade está a isso resolvido... nós nos temos empenhado... o senhor Carlos faz-nos loucos... sahirá do convento... porém antes será castigado...

CARLOS. — Veremos.

FLORENCIA, *a Emilia*. — Que é?

EMILIA. — Nada, não senhora...

MESTRE. — Não por elle, que estou certo que não se emendará... mas para exemplo dos que lá ficam; do contrario todo o convento abalava...

FLORENCIA. — Como estão resolvidos a despedir meu sobrinho do convento, e o castigo que lhe querem impôr é tão sómente exemplar, e elle precisa um pouco... dou a minha palavra a V. Rvma. que assim que elle aqui apparecer, mandarei agarral-o, e levar para o convento.

CARLOS. — Isto tem mais que se lhe diga...

MESTRE, *levantando-se*. — Mil graças, minha senhora.

FLORENCIA. — Isto mesmo terá a bondade de dizer ao senhor D. Abbade, a cujas orações me recommendo.

MESTRE. — Serei fiel cumpridor... dê-me as suas determinações...

FLORENCIA. — Emilia, conduz o Padre Mestre.

MESTRE, *para Emilia*. — Minha menina, muito cuidado com o senhor seu primo... não se fie nelle... julgo-o capaz de tudo. (*Sae.*)

EMILIA, *voltando*. — Va encommendar defuntos.

## SCENA VII

EMILIA, FLORENCIA, E CARLOS.

FLORENCIA. — Então que te parece teu primo Carlos? É a terceira fugida que faz! Isto assim não é bonito...

EMILIA. — E para que o prendem?

- FLORENCIA. — Prendem-no por que elle foge.
- EMILIA. — E elle foge por que o prendem.
- FLORENCIA. — Bello argumento!... é mesmo dessa cabeça. (*Carlos pira pelo vestido de Emilia.*)
- FLORENCIA. — Mas que tens tu?
- EMILIA. — Nada, não senhora...
- FLORENCIA. — Se elle aqui apparecer hoje, hade ter paciencia, irá para o convento, ainda que seja amarrado... É preciso quebrar-lhe o genio... Estás a mecher-te?
- EMILIA. — Não, senhora...
- FLORENCIA. — Queira Deos que elle se emendo... Mas que tens tu, Emilia, tão inquieta?
- EMILIA. — São coegas na solla dos pés...
- FLORENCIA. — Ai! isso são caimbras; bate com o pé, assim está melhor...
- EMILIA. — Vae passando.
- FLORENCIA. — O sobrinho é estouvado, mas nunca te dará os desgostos que me deu o Ambro... nem quero pronunciar o nome. E tu não te aquietas!... bate com o pé!
- EMILIA, *afastando-se da cama.* — Não posso estar quieta no mesmo logar. (*á parte.*) Que louco!...
- FLORENCIA. — Estou arrependida de ter escripto. (*Entra José.*) Quem vem ahí?

## SCENA VIII

## OS MESMOS E JOSÉ.

- EMILIA. — É o José...
- FLORENCIA. — Entregaste a carta?...
- JOSÉ. — Sim, menha senhora... e o senhor D. Abade mandou commigo um reverendissimo, que ficou na sala á espera.
- FLORENCIA. — Fal-o entrar. (*Sae o creado.*) Emilia, vae para dentro; já que um reverendissimo teve o incommodo de cá vir, quero aproveitar a occasião, e confessar-me; posso morrer...
- EMILIA. — Ah!

FLORENCIA. — Anda, vac para dentro, e não te assustes. (*Sae Emilia.*)

## SCENA IX

FLORENCIA E CARLOS, ESCONDIDO.

FLORENCIA. — A ingratidão d'aquelle monstro assassinou-me; bom é ficar tranquilla com a minha consciencia...

## SCENA X

OS MESMOS, AMBROSIO E JOSÉ.

Ambrosio com habito de frade, entra, seguindo José.

JOSÉ. — Aqui está a senhora.

AMBROSIO, *à parte*. — Retira-te e fecha a porta. (*Dá-lhe dinheiro.*)

JOSÉ, *à parte*. — Que lá se avenham... a paga cá está. (*Sae.*)

## SCENA XI

FLORENCIA, AMBROSIO, CARLOS, ESCONDIDO.

FLORENCIA. — V. Rvm<sup>a</sup>. pôde approximar-se; queira assentar-se. (*Senta-se.*)

AMBROSIO,  *fingindo que tosse*. — Um, um um... (*Carlos espreita debaixo da cama.*)

FLORENCIA. — Escrevi, para que viesse uma pessoa fallar-me, e V. Rvm<sup>a</sup>. quiz ter a bondade de vir...

AMBROSIO. — Um, um, um...

CARLOS, *à parte*. — O diabo do frade está ende-fluxado.

FLORENCIA. — E era para tratarmos do meu sobrinho Carlos, mas já não é preciso... aqui estive o Padre Mestre; sobre isso fallámos, está tudo justo, e sem duvida V. Rvm<sup>a</sup>. ja está informado...

AMBROSIO, *o mesmo*. — Um, um, um...

FLORENCIA. — V. Rvm<sup>a</sup>. está constipado? Talvez o frio da noite...

AMBROSIO, *disfarçando a voz*. — Sim, sim!...

FLORENCIA. — Muito bem.

CARLOS, *à parte*. — Não conheci esta voz no convento...

FLORENCIA. — Mas, para que V. Rm<sup>o</sup> não perdesse de todo o seu tempo, se quizesse ter a bondade de ouvir-me em confissão...

AMBROSIO. — Ah!... (*Vae fechar as portas.*)

FLORENCIA. — Que faz, senhor? fecha as portas? ninguém nos ouve...

CARLOS, *à parte*. — O frade tem más teucões!...

AMBROSIO, *disfarçando a voz*. — Por cantella.

FLORENCIA. — Assente-se. (*à parte.*) Não gosto muito d'isto. (*Alto.*) Reverendissimo, antes do principiarmos a confissão, julgo necessario informal-o de que fui casada duas vezes, a primeira com um santo homem, e a segunda com um demonio!...

AMBROSIO. — Um, um, um...

FLORENCIA. — Um homem sem hora e sem fô em Deos; um malvado; casou-se commigo quando ainda tinha mulher viva!... não é verdade, reverendissimo, que esse homem vae direitinho para o inferno?...

AMBROSIO. — Um, um, um...

FLORENCIA. — Oh! mas emquanto não vae para o inferno, ha de pagar nesta vida... ha uma ordem de prisão contra elle... e o malvado não ousa apparecer.

AMBROSIO, *levantando-se, e tirando o capuz*. — É quem te disse que elle não ousa apparecer?...

FLORENCIA, *fugindo da cama*. — Ah!

CARLOS, *à parte*. — O senhor meu tio!...

AMBROSIO. — Podes gritar; as portas estão fechadas. Preciso de dinheiro, e muito dinheiro para fugir desta cidade... e dar-m'o-has... senão...

FLORENCIA. — Deixe-me!... eu chamo par soccorro!...

AMBROSIO. — Que me importa!... sou criminoso, serei punido, pois bem... commetterei outro crime que me pôde salvar, dar-me-has tudo quanto possues, dinheiro, joias, tudo!... e desgraçada de ti se não me obedeces!... a morte!...

FLORENCIA, *corre por toda a casa gritando*. — Soccorro, soccorro! ladrão, ladrão, soccorro! (*Escuro.*)

AMBROSIO, *seguido-a.* — Silencio, silencio, mulher!...

CARLOS. — O caso está serio. (*Vae sahindo debaixo da cama no momento que Florencia atira com a mesa no chão; ouvem-se gritos fóra: — abra, abra.*)

FLORENCIA, *achando-se só, e no escuro, senta-se no chão, encolhe-se, e cobre-se com uma colxa.* — Ah!

AMBROSIO, *procurando.* — Para onde foi?... nada vejo... batem nas portas... que farei?

CARLOS, *á parte.* — A tia calou-se... e elle aqui está.

AMBROSIO, *encontra-se com Carlos, e agarra-lhe no habito.* — Ah! mulher, estás em meu poder; estas portas não tardarão a ceder; salvá-me, ou mato-te.

CARLOS, *dando-lhe uma bofetada.* — Tome lá, senhor meu tio!

AMBROSIO. — Ah!... (*Cae no chão.*)

CARLOS, *á parte.* — Outra vez para a concha. (*Mette-se debaixo da cama.*)

AMBROSIO, *levantando-se.* — Que mão!... Continuum a bater. Onde esconder-me?... que escuro!... deste lado vi um armario... Eil-o. (*Mette-se dentro.*)

## SCENA XII

OS MESMOS, JORGE, VISINHOS, DEPOIS EMILIA.

Entram pelo fundo quatro homens armados, e Jorge trazendo uma vela accessa. Claro.

JORGE, *entrando.* — Visinha, visinha, que é que foi... não vejo ninguem. (*Dá com Florencia no canto.*) Quem está aqui?...

FLORENCIA. — Ai... ai...

JORGE. — Vizinha, somos nós...

EMILIA, *dentro.* — Minha mãe, minha mãe. (*Entra.*)

FLORENCIA. — Ah! é o visinho Jorge... e estes senhores! (*Levanta-se, ajudada por Jorge.*)

EMILIA. — Minha mãe, que foi?

FLORENCIA. — Filha!...

JORGE. — Estava na porta de minha loja, quando ouvi gritar, socorro, socorro! conheci a voz da vizinha, e acudi com estes quatro amigos.

FLORENCIA. — Muito obrigado, vizinho, elle já se foi.

JORGE. — Elle quem?

FLORENCIA. — O ladrão.

TODOS. — O ladrão!...

FLORENCIA. — Sim, um ladrão, vestido de frade, que me queria roubar e assassinar.

EMILIA, *a Florencia*. — Minha mãe!

JORGE. — Mas elle não teve tempo de sahir; procuremos.

FLORENCIA. — Espere, vizinho, deixe-me sahir primeiro; se o encontrarem, deem-lhe uma boa arrojada, e levem-no preso. (*A' parte.*) Ha de me pagar... Vamos, menina.

EMILIA, *para Florencia*. — É Carlos, minha mãe, é o primo!...

FLORENCIA, *para Emilia*. — Qual o primo, é elle, teu padastro!...

EMILIA. — É o primo.

FLORENCIA. — É elle, é elle, vem; procurem-no bem, vizinhos, e páo nelle... anda, anda... (*Sae com Emilia.*)

JORGE. — Amigos, cuidado!... procuremos tudo! O ladrão ainda não sahiu d'aqui... venham atraz de mim. Assim que elle apparecer, uma boa massada de páo, e depois pés e mãos amarrados, e guarda do thesouro com elle! Sigam-me... Aqui não está... vejamos atraz do armario (*Ve*): nada... Onde se esconderia? Talvez debaixo da cama. (*Levantando o roda-pé.*) Oh! cá está elle! (*Dão bordoadas.*)

CARLOS, *gritando*. — Ai, ai! não sou eu! não sou ladrão! ai, ai!

JORGE, *dando*. — Salta para fóra, ladrão... salta. (*Carlos sae para fóra gritando.*) Não sou ladrão, sou de casa.

JORGE. — A elle, amigos!...

**Perseguem-no com bordoadas por toda a scena; por fim, Carlos mette-se atraz do armario, e atira com elle no chão; depois, sae, correndo pela porta do fundo, perseguido pelos quatro vizinhos.**

## SCENA XIII

JORGE só, DEPOIS FLORENCIA E EMILIA,  
DEPOIS JUCA.

JORGE. — Elles que sigam... eu já não posso... O diabo esfolou-me a canella com o armario. (*Batendo na porta.*) O' visinha, visinha?...

FLORENCIA, *entrando*. — Então, visinho?

JORGE. — Estava escondido debaixo da cama.

FLORENCIA. — Não lhe disse?

JORGE. — Demos-lhe uma boa massada de pão, e fugiu por aquella porta; mas os amigos foram-lhe no alcance.

FLORENCIA. — Muito obrigada, vizinho, Deus lhe pague...

JORGE. — Estimo que a visinha não tivesse maior incommodo.

FLORENCIA. — Obrigada! Deus lhe pague, Deus lhe pague.

JORGE. — Boa noite, visinha; mande levantar o armario que cahiu.

FLORENCIA. — Sim, senhor... Boa noite. (*Sae Jorge.*)

FLORENCIA. — Pagou-me.

EMILIA, *chorando*. — Então, minha mãe, não lhe disse que era o primo Carlos?

FLORENCIA. — E continuas a teimar?

EMILIA. — Se eu o vi atrás da cama.

FLORENCIA. — Ai!... peor!... era teu padraço.

EMILIA. — Se eu o vi!

FLORENCIA. — Se eu lhe fallei!.. é boa teima!

JUCA, *entrando*. — Mamãe, aquella mulher de papae quer lhe fallar.

FLORENCIA. — Que quer essa mulher commigo? que quer? (*Resoluta.*) Diga que entre. (*Sae Juca.*)

EMILIA. — A mamãe vae affligir-se, no estado em que está.

FLORENCIA. — Bota aqui duas cadeiras... ella não tem culpa... (*Emilia chega uma cadeira.*)

FLORENCIA, *sentando-se*. — Vejamos o que quer... chega mais esta outra cadeira para aqui... Bem, vae para dentro.

EMILIA. — Mas, se...

FLORENCIA. — Anda, uma menina não deve ouvir a conversa que vamos ter... (*Emilia sae.*)

## SCENA XIV

FLORENCIA, ROSA, DEPOIS AMBROSIO.

ROSA. — Dá licença ?...

FLORENCIA. — Póde entrar... queira ter a bondade de sentar-se (*Senta-se.*)

ROSA. — Minha senhora, a nossa posição é bem extraordinária.

FLORENCIA. — E desagradavel ao ultimo ponto.

ROSA. — Ambas casadas com o mesmo homem.

FLORENCIA. — E ambas com igual direito.

ROSA. — Perdoe-me, minha senhora; os nossos direitos não são eguaes, sendo eu a primeira mulher...

FLORENCIA. — Oh ! não fallo desse direito, não o contesto; direito de perseguí-lo, quero eu dizer.

ROSA. — N'isso estou de accordo...

FLORENCIA. — Fui vilmente atraçoada.

ROSA. — E eu indignamente insultada.

FLORENCIA. — Atormentei meus filhos.

ROSA. — Contribui para a morte de minha mãe.

FLORENCIA. — Estragou grande parte da minha fortuna.

ROSA. — Roubou-me todos os meus bens.

FLORENCIA. — Oh ! mas hei de vingar-me !

ROSA, *levantando-se*. — Havemos de nos vingar, senhora, e para isso aqui me acho.

FLORENCIA, *levantando-se*. — Explique-se.

ROSA. — Ambas fomos trahidas pelo mesmo homem, ambas servimos de degráo á sua ambição... E por ventura somos d'isso culpadas ?

FLORENCIA. — Não.

ROSA. — Quando lhe dei a minha mão, poderia prever que elle seria um trahidor? E a senhora, quando lhe deu a sua, que se unia a um infame?...

FLORENCIA. — Oh! não!

ROSA. — E nós, suas desgraçadas victimas, nos odiaremos mutuamente, em vez de nos ligarmos para de commum accordo perseguir o traidor?

FLORENCIA. — Nem eu, nem a senhora temos culpa do que se tem passado; quizera viver longe da senhora... a sua presença aviva os meus desgostos, porém farei um esforço; acceito o seu offercimento; unimo-nos, e mostraremos ao monstro o que podem duas fracas mulheres, quando se querem vingar...

ROSA. — Eu contava com a senhora.

FLORENCIA. — Agradeço a sua confiança...

ROSA. — Sou provinciana, não possuo talvez a polidez da côrte, mas tenho paixões violentas e resoluções promptas; aqui trago uma ordem de prisão contra o perfido; mas elle esconde-se; os officiaes de justiça andam á sua procura.

FLORENCIA. — Aqui esteve ha pouco.

ROSA. — Quem?

FLORENCIA. — O traidor.

ROSA. — Aqui, em sua casa? e não se assegurou l'elle?...

FLORENCIA. — E como?...

ROSA. — Ah! se eu aqui estivesse...

FLORENCIA. — Fugiu; mas levou uma massada de pão,

ROSA. — E onde estará agora? onde?

AMBROSIO, *arrebenta uma taboa do armario, e põe a cabeça de fóra.* — Aí, que abafó!...

FLORENCIA E ROSA, *assustadas.* — E' elle!!...

AMBROSIO, *com a cabeça de fóra.* — Oh! diabo! cá estão ellas!

FLORENCIA. — E' elle! Como te achas ahí?

ROSA. — Estava nos espreitando...

AMBROSIO. — Qual espreitando! Tenha a bondade de levantar este armario.

FLORENCIA. — Para que?...

AMBROSIO. — Quero sahir... já não posso... abafo, morro !

ROSA. — Ah ! não podes sahir ? Melhor !

AMBROSIO. — Melhor ?

ROSA. — Sim, melhor, porque estás em nosso poder...

FLORENCIA. — Sabes que estavamos ajustando o meio de nos vingarmos de tí, maroto ?...

ROSA. — E tu mesino te entregaste... mas como ?

FLORENCIA. — Agora já adivinho... bem dizia Emilia: foi Carlos quem levou as bordoadas ! Ah ! patife ! mais essa !

ROSA. — Pagará tudo por junto.

AMBROSIO. — Mulheres, vejam lá o que fazem !

FLORENCIA. — Não me mettes medo, grandissimo mariola.

ROSA. — Sabes que papel é este ? é uma ordem de prisão contra tí, que vae ser executada... Foge agora !

AMBROSIO. — Minha Rosinha, tira-me d'aquí.

FLORENCIA. — Que é lá ?

AMBROSIO. — Florecinha, tem compaixão de mim !

ROSA. — Ainda fallas, patife ?

AMBROSIO. — Ai, que grito, ai ! ai !

FLORENCIA. — Podes gritar, espera um bocado. (*Sae.*)

ROSA. — A justiça de Deus te castiga.

AMBROSIO. — Escuta-me, Rosinha, enquanto aquelle diabo está lá dentro ; tu és a minha cara mulher, tira-me d'aquí, que eu te prometto...

ROSA. — Promessas tuas ? queres que eu acredito nellas ? (*Entra Florencia, trazendo um pão de vas-soura.*)

AMBROSIO. — Mas eu juro que desta vez...

ROSA. — Juras ? e tu tens fé em Deus para jurares ?

AMBROSIO. — Rosinha de minha vida, olha que...

FLORENCIA, *levanta o pão e dá-lhe na cabeça.* — Toma, maroto !

AMBROSIO, *escondendo a cabeça.* — Ai !...

ROSA, *rindo-se.* — Ah ! Ah ! Ah !...

FLORENCIA. — Ah ! pensavas que o caso havia de ficar assim ?... Anda, bota a cabeça de fóra...

AMBROSIO, *princípiã a gritar.* — Ai !

ROSA, *procura pela casa um páo*. — Não acho também um páo!

FLORENCIA. — Grita, grita, que eu já chorei muito; mas agora hei de arrebentar-te esta cabeça; bota essa cara sem vergonha de fóra!

ROSA, *tira o travesseiro da cama*. — Isto serve!...

FLORENCIA. — Patife! homem desalmado!

ROSA. — Zombaste, agora pagarás!

AMBROSIO, *botando a cabeça de fóra*. — Ai! que morro! (*Dão-lhe.*)

ROSA. — Toma lá.

AMBROSIO, *escondendo a cabeça*. — Diabos!

ROSA. — Chegou a nossa vez!

FLORENCIA. — Verás como se vingam duas mulheres!

ROSA. — Trahidas!

FLORENCIA. — Enganadas!

ROSA. — Por um tratante...

FLORENCIA. — Digno da força!

ROSA. — Anda, bota a cabeça de fora!

FLORENCIA. — Pensavas que havíamos de chorar sempre?

AMBROSIO, *bota a cabeça de fóra*. — Já não posso!... (*Dão-lhe.*) Ai, que me matam! (*Esconde-se.*)

ROSA. — E' para teu ensino!...

FLORENCIA, *fazendo signaes a Rosa*. — Está bom... basta, deixal-o; vamos chamar os officiaes de justiça.

ROSA. — Nada! primeiro hei de lhe arrebentar a cabeça; bota a cabeça de fóra, não queres?

FLORENCIA, *fazendo signaes*. — Não, minha amiga; por nossas mãos já nos vingámos; agora a justiça.

ROSA. — Pois vamos; um instantinho, meu velho, já voltamos.

FLORENCIA. — Se quizer, pôde sahir e passeiar; podemos sahir, que elle não foge. (*Collocam-se junto do armario silenciosas.*)

AMBROSIO, *botando a cabeça de fóra*. — As furias já se foram; escangalharam-me a cabeça; se eu pudesse fugir...

FLORENCIA E ROSA, *dando-lhe*. — Toma!

FLORENCIA. — Porque não foges?

ROSA. — Pôde muito bem.

AMBROSIO. — Demonios ! (*Esconde-se.*)

FLORENCIA. — Só assim teria vontade de rir, ah ! ah !

ROSA. — Ha seis annos que me não rio de tão boa vontade.

FLORENCIA. — Então, maridinho ?

ROSA. — Vidinha, não queres ver tua mulher ?

AMBROSIO, *dentro*. — Demonios ! furias, centopeias ! diabos !... corujas !... ai, ai ! (*Gritando sempre.*)

## SCENA XV

OS MESMOS E EMILIA.

EMILIA, *entrando*. — Que é ?... riem-se !

FLORENCIA. — Vem cá, menina ! vem ver como se deve ensinar os homens.

## SCENA XVI

OS MESMOS, CARLOS, JORGE, VISINHOS,  
MEIRINHOS, DEPOIS O MESTRE DE NOVIÇOS.

Carlos vem preso pelos meirinhos, acompanhado pelos  
visinhos e Jorge.

JORGE, *entrando adiante*. — Visinha, o ladrão foi apanhado !

CARLOS, *entre os meirinhos*. — Tia !

FLORENCIA. — Carlos !

EMILIA. — O primo ! (*Ambrosio bota a cabeça de fóra e espia.*)

JORGE. — E o ladrão ?...

FLORENCIA. — Visinho, este é meu sobrinho Carlos.

JORGE. — Seu sobrinho !... pois foi quem levou a coisa !

CARLOS. — Ainda cá a sinto.

FLORENCIA. — Coitado ! foi um engano, visinho !

JORGE, *para os meirinhos*. — Podem largal-o

CARLOS. — Obrigado... Priminha. (*Indo para ella.*)

EMILIA. — Pobre primo!...

FLORENCIA, *para Jorge*. — Nós já sabemos como foi o engano; n'este armario... depois lhe explicarei. (*Ambrosio esconde-se.*)

JORGE, *aos meirinhos*. — Sinto o trabalho que tiveram, e como não são mais precisos, podem-se retirar...

ROSA. — Queiram ter a bondade de esperar!... Senhores officiaes de justiça, aqui lhes apresento este mandado de prisão, lavrado contra um homem que se occulta n'aquelle armario.

TODOS. — N'aquelle armario!

UM MEIRINHO, *que tem lido o mandado*. — O mandado está em fórma.

ROSA. — Tenham a bondade de levantar o armario. (*Os officiaes de justiça, e os quatro meirinhos levantam o armario.*)

FLORENCIA. — Abram. (*Ambrosio sae muito pallido depois de abrirem o armario.*)

CARLOS. — O senhor meu tio!

EMILIA. — Meu padastro!

JORGE. — O senhor Ambrosio!

O MEIRINHO. — Está preso!

ROSA. — Levem-no!

FLORENCIA. — Para a cadeia!...

AMBROSIO. — Um momento. Estou preso, vou passar seis annos na cadeia... Exultae, senhoras... Eu me deveria lambrar antes de me casar com duas mulheres, que basta só uma para fazer o homem desgraçado. Que diremos de duas!... reduzem-no ao estado em que me vejo... mas não sahirei daqui sem ao menos vingar-me em alguém! (*Aos meirinhos.*) Senhores, aquelle moço fugiu do convento, depois de assassinar um frade.

CARLOS. — Que é lá isso?... (*O Mestre de Noviços entra pelo fundo.*)

AMBROSIO. — Senhores, denuncio um criminoso!

MEIRINHO. — E' verdade que tenho aqui uma ordem contra um noviço...

MESTRE. — Que já de nada vale.

TODOS. — O padre mestre!...

MESTRE, *a Carlos*. — Carlos, o D. Abbade julgou mais prudente que lá' não voltasses; aqui tens a permissão, por elle assignada, para sahires do convento.

CARLOS, *abraçando-o*. — Meu bom Padre Mestre, este acto reconcilia-me com os frades...

MESTRE. — E vós, senhoras, esperae da justiça dos homens o castigo d'este malvado. (*A Carlos e Emilia.*) E vós, meus filhos, sêde felizes, que eu pedirei para todos... (*Ao publico.*) Indulgencia!...

AMBROSIO. — Oh! mulheres! mulheres!

---

# O CAIXEIRO DA TAVERNA

COMEDIA EM UM ACTO

---

## PERSONAGENS

MANOEL, primeiro caixeiro.	QUINTINO, sargento de fuzi-
ANGELICA, dona de casa.	leiros.
DEOLINDA, costureira.	ANTONIO, caixeiro.
FRANCISCO, official de la-	JOSE, caixeiro, personagem
toeiro.	muda.

*A scena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, no anno de 1845.*

---

## ACTO UNICO

O theatro representa uma sala com portas lateraes e duas ao fundo, pelas quaes se vê o interior de uma taverna com seu balcão, onde estará um caixeiro e mais arranjos necessarios, tudo distribuido de modo tal que fique bem á vista do espectador, assim como as pessoas de diferentes condições que entram na taverna durante a representação. De um e outro lado da sala, haverá algumas pipas, como é costume nas tavernas. No primeiro plano, á esquerda, uma escrivaninha apropriada ao logar, etc.

## SCENA I

Ao levantar do panno. estará MANOEL sentado á escrivaninha, verificando contas.

MANOEL, *continuando a sommar.* — E 4 são 10, e 9 são 19, e 7 26; somma tudo...268\$320 réis... que deve o Sr. Laurindo da Costa á viuva Pereira, por generos comprados na sua taverna durante cinco mezes... Este é bom pagador... dinheiro seguro. (*Pegando em outra*

*conta.*) O major José Felix deve á vinva Pereira, etc., 1208800... Contem com este... dinheiro perdido... é isto! querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio... é só mandar um bilhetinho... Sr. Manoel, mande-me isto... Sr. Manoel, mande-me aquillo; mas quando chega a occasião de pagar as contas, é que são ellas... este não paga, aquello desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador... é um inferno!... Ora, deste pobre major tenho eu pena; mal lhe chega o soldo para pagar casa, e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensado, a venda de minha ama não é monte-pio militar... a nação que pague... (*Chamando.*) Oh! José!... José!...

## SCENA II

O MESMO E JOSÉ.

Entra na sala um menino de doze annos, de calça e em mangas de camisa, calçado de tamancos e muito sujo.

MANOEL. — Toma estas contas... vae cobral-as... os nomes ali estão... (*Dá-lhe um masso de papéis.*) Se algum dos devedores não quizer pagar, dizo-lhe que o mandarei pôr no *Jornal do Commercio*... Anda, vae. (*O menino sae.*) E' o que se vê... tudo anda pingando. (*Levantando-se.*) E' boa! quem come pague, e quem não póde pagar não coma... Oh! Sr. Antonio! Sr. Antonio!...

ANTONIO, *dentro*. — Senhor?

MANOEL. — Chegue cá.

## SCENA III

MANOEL E ANTONIO.

MANOEL, *a Antonio, que entra do mesmo modo que José*. — Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar ao trapiche da Ordem?

ANTONIO. — Já, sim, senhor.

MANOEL. — Pois recolha-a, e logo á noite tempere-a com quatro barris de agua.

ANTONIO. — Sim, senhor.

MANOEL. — Os direitos cada vez estão mais subidos, e, como não podemos encurtar as medidas, augmentamos o liquido... Em que estado estão aquellas pipas de vinho de Lisboa?...

ANTONIO. — Ambas pelo meio.

MANOEL. — Pois acabe de enchel-as com agua fresca, e boto-lhes dentro dous engaços de bananas, e uma porção de páo campeche para dar côr e tom; e, quando o vender, diga aos freguezes que é vinho superior da companhia do Alto-Douro.

ANTONIO. — Sim, senhor.

MANOEL. — E não se esqueça de pendurar á porta este letreiro. (*Tira de sobre a carteira um rotulo com letras grandes que digam* — UNICO DEPOSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO.) O publico deixa-se levar por estas imposturas... Póde ir... (*Antonio sae com o rotulo.*)

## SCENA IV

MANOEL, DEPOIS FRANCISCO.

MANOEL. — Estou fatigado !... muito custa dirigir uma venda bem afreguezada como esta... mas, ah! se eu della fosse dono, outro gallo cantaria... Ha seis annos que cheguei do Porto, e ainda sou caixeiro !.. Não pensei, quando vim para o Brazil, que fizesse fortuna tão devagar... E' verdade que sou primeiro caixeiro da taverna da viuva de meu amo... mas que é isto para mim? para mim, que sou ambicioso?... sim! uma ambição roedora me estraga a alma... dorme e acorda commigo... não me deixa um só instante tranquillo... traz-me em delirio, confunde-me as idéas... ah! quantas vezes tenho eu vendido aguardente de França por aguardente do reino, linguças por paios, e cebolas por alhos !... Ambição! horrivel martyrio! quando te verei eu satisfeita? (*Entra Francisco.*)

FRANCISCO. — Adeus, Manoel.

MANOEL. — Como estás, Chico?

FRANCISCO. — Vamos remando contra a maré.

MANOEL. — Chico, tu és bem feliz!

FRANCISCO. — Eu? estás enganado... no mundo não se pôde ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

MANOEL. — Trabalha, e tel-o-has.

FRANCISCO. — Trabalha!... Sou, como bem sabes, official de funileiro, e já por muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um official de funileiro... Olha, Manoel, minha avó dizia que, no tempo dos vice-reis, e mesmo no tempo d'el-rei, qualquer que tivesse um officio, ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro... agora o caso é outro...

MANOEL. — Deixa-te disso.

FRANCISCO. — Ora, dize-me, que pôde fazer um pobre funileiro do paiz, quando a rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas francezes?... Meu caro, se não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei que seria de nós!

MANOEL. — Se vocês trabalhassem tão bem como elles!...

FRANCISCO. — E' um engano!... é uma mania!... e todos vão com ella... é obra estrangeira, e basta!... Não se vê por esta cidade senão alfaiates francezes, dentistas americanos, machinistas inglezes, medicos allemães, relojoeiros suissos, cabellereiros fraucezes, estrangeiros de todas as seis partes do mundo... e resistam os artistas do paiz se são capazes a essa torrente! porém meu pae é que é o culpado de estar eu hoje como estou!

MANOEL. — Como assim?

FRANCISCO. — Em lugar de ensinar-me o seu officio, como me ensinou, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis... bem podia estar deputado.

MANOEL. — Ah! ah! ah! Deste modo podemos ser tudo...

FRANCISCO. — Manoel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao facto da nossa Constituição... ella diz: a lei é igual para todos... isto quer dizer que todos podem ser tudo.

MANOEL. — Ah! entendes assim?

FRANCISCO. — No talento é que está a differença... o homem de talento pôde ser tudo quanto quizer... e tu

bem sabes que tenho talento... ainda ninguem pode fazer, como eu, uma seringa que esguiche agua tão longe.

MANOEL. — Ora, Chico! (*Sorrindo-se.*)

FRANCISCO. — Olha, Manoel, não sei o que te diga... ás vezes custa mais fazer-se uma seringa de esguicho do que certas leis.

MANOEL. — Estás hoje prégador...

FRANCISCO. — Estou zangado... tu és feliz ..

MANOEL. — Feliz!

FRANCISCO. — Ha oito mezes que teu amo morreu, e a viuva não poderia continuar com a taverna aberta sem o teu auxilio... eras o unico, como primeiro caixeiro, que sabia das transações do defunto..

MANOEL, *á parte e concentrado.* — E ainda sou caixeiro!

FRANCISCO. — Manoel, um negocio aqui me traz; és meu amigo, devo communicar-t'o... até porque és nelle interessado...

MANOEL. — Interessado! e como?...

FRANCISCO. — Estou resolvido a casar-me.

MANOEL. — Queres dar-me interesse no teu casamento?

FRANCISCO. — Não, a mulher escolhida por mim é tua ama.

MANOEL. — Minha ama?!

FRANCISCO. — Ella mesma, e tenho razões para supôr que lhe não sou indifferente.

MANOEL, *pegando-lhe no braço.* — Chico, és meu amigo?

FRANCISCO. — Duvidas? experimenta...

MANOEL. — Desiste desse casamento.

FRANCISCO. — Que eu desista? e porque?

MANOEL. — Porque?.. não te posso dizer...

FRANCISCO. — Percebo... queres casar-te com ella... Pois bem, mostrarei que sou teu amigo... casa-te, tens mais direito do que eu... já estás em casa...

MANOEL, *abraçando-o.* — Obrigado, amigo.

FRANCISCO. — Pois bem, casar-me-hei com a nossa vizinha Deolinda...

MANOEL. — Chico! tu não te casarás com a Deolinda...

FRANCISCO. — Hein!...

MANOEL. — Digo-te que não te casarás com ella.

FRANCISCO. — Essa agora é melhor!... e porque não me casarei?

MANOEL. — A Deolinda já está casada.

FRANCISCO. — Casada?!... e com quem?

MANOEL, *em voz baixa*. — Commigo.

FRANCISCO. — Contigo?!... mas que diabo de trapalhada é essa?... és casado e queres casar?

MANOEL. — Chico, olha attentamente para mim!

FRANCISCO. — Estou olhando.

MANOEL. — Vês em mim um homem profundamente ambicioso...

FRANCISCO. — Tu?

MANOEL. — Sim, eu!... e de uma ambição frenetica, que me levará á sepultura se a não vejo realisada... de uma ambição ambiciosa.

FRANCISCO. — Tu me assustas!... acaso queres ser major da guarda nacional?

MANOEL, *com desprezo*. — Não!

FRANCISCO. — Chefe de legião?

MANOEL. — Não!

FRANCISCO. — Tenente-general?

MANOEL. — Não!

FRANCISCO. — Conde? marquez? ministro?

MANOEL. — Não!

FRANCISCO. — Manoel, Manoel, que queres tu ser?

MANOEL, *com mysterio*. — Socio de minha ama!

FRANCISCO, *rindo-se*. — Ah! ah! é só isso?

MANOEL. — Só, dizes tu?... e que felicidade póde haver no mundo maior para mim? Ah! não sabes que satisfação será a minha quando escrever n'uma conta: Fulano deve a Manoel Pacheco e Viuva Pereira a quantia de tanto, por generos comprados em sua venda... sua, amigo! sua!... ella será tambem minha!

FRANCISCO. — Emfim, cada um tem lá ambição a seu modo.

MANOEL. — E ainda sou caixeiro!... caixeiro!... sabes tu o que é um caixeiro?... é um traste que paga imposto á Camara Municipal, como qualquer carroagem<sup>3</sup> ou burro.

FRANCISCO. — Mas não vejo porque não queres que eu me case com tua ama.

MANOEL. — Não vês?

FRANCISCO. — Logo que estiver casado dar-te-hei sociedade.

MANOEL. — Sabes tu se ella te ama?

FRANCISCO. — Julgo que não lhe sou indifferente.

MANOEL. — Pois digo-te que ella não te ama, porque me ama.

FRANCISCO. — A ti!

MANOEL. — Sim, e de uma maneira desesperada e damnada... Amigo, Deus te guarde do amor de mulher velha; é peor do que carrapato em orelha de burro! Compreendes agora a minha posição?

FRANCISCO. — Ainda não muito bem.

MANOEL. — Por amor — maldito amor!... — casei-me em segredo com a Deolinda... nem o seu proprio irmão, o sargento Quintino, o sabe... Pensa agora que será de mim, se minha ama desconfiar que a desprezei por causa de outra mulher... Raivosa, expulsar-me-ha desta casa, e as minhas esperanças serão mallogradas... E' preciso enganar-a até ao dia em que assignarmos a escriptura de sociedade...

ANGELICA, *dentro*. — Manoel?

MANOEL. — Ella que me chama... Vae-te embora.

FRANCISCO. — Adeus, e estimo que sejas bem succedido.

MANOEL. — Nem palavra...

FRANCISCO. — Fica descansado. (*Sae.*)

## SCENA V

MANOEL, DEPOIS ANGELICA.

MANOEL. — Ella ahí vem... estou frio!... ai que bocado amargo... eil-a.

ANGELICA, *entrando*. — Manoel?

MANOEL. — Senhora minha ama...

ANGELICA. — Ah! já estava inquieta...

MANOEL. — Oh ! isso é bondade de minha ama... trabalhava.

ANGELICA. — Não quero que trabalhes tanto, que posses adoecer... far-me-hias muita falta.

MANOEL. — Ninguém faz falta.

ANGELICA. — As pessoas como tu fazem sempre falta.

MANOEL, *à parte*. — Temol-a !

ANGELICA. — Não se encontram muitos caixeiros como tu...

MANOEL. — Oh !... minha ama dá licença que vá ver aquillo lá pelo balcão como vas ?

ANGELICA. — Espera ! tens sempre tanta pressa quando fallo contigo !

MANOEL. — Acudo ás minhas obrigações.

ANGELICA. — Já te disse que não quero que te mates... não acharei outra pessoa com as tuas qualidades...

MANOEL. — Oh ! minha ama ! não mereço...

ANGELICA. — Mereces tudo... a experiencia do mundo tem-me feito conhecer os homens...

MANOEL, *à parte*. — Que tal a experiencia ?!

ANGELICA. — E' todo o meu cuidado zelar a tua saude.

MANOEL. — Tanta bondade !...

ANGELICA, *suspirando e olhando para elle*. — Ai ! ai !

MANOEL. — Minha ama sente alguma dor ?

ANGELICA. — Não...

MANOEL, *à parte*. — O caso está máo !

ANGELICA. — Manoel, quero pedir-te uma coisa...

MANOEL. — E' uma ordem que recebo...

ANGELICA. — Espero que não frequentes certas ruas desta cidade... e que sobretudo não arranches para essas patuscadas dos domingos, que fazem os caixeiros no Jardim Botânico, nos canos da Carioca e nas Paineiras... Tens visto o resultado...

MANOEL. — Não gostei nunca desses pagodes...

ANGELICA. — Nemi deves do mesmo modo frequentar os bailes mascarados.

MANOEL. — Bailes !... não sei dansar.

ANGELICA. — Manoel, nos bailes mascarados não se dança, joga-se... dever-se-hiam antes chamar jogos mascarados, ou outro nome que eu não quero dizer... ahi é

que a perdição é certa... e o jogo tem leyado muita gente á forca; vê lá se queres tambem...

MANOEL. — Morrer enforcado?... nada!

ANGELICA. — Tu morreres? ah! (*Chegando-se para elle.*) Que seria de mim?... quero dizer, da minha venda?... Manoel, não falles em morrer. (*Pegando-lhe na mão.*) Eu te seguiria...

MANOEL, *á parte.* — Oh! homem, até depois de morto!

ANGELICA, *cahindo em si, á parte.* — Ia me trahindo. (*Alto.*) Digo-te isto, porque, se me faltares, o meu negocio vae por agua abaixo...

## SCENA VI

MANOEL, ANGELICA E QUINTINO, *com farda de sargento de fuzileiros.*

QUINTINO, *entrando.* — Licença?

MANOEL, *á parte.* — Abençoada visita!

ANGELICA. — Quem é?

QUINTINO. — Um criado.

MANOEL, *reconhecendo-o, á parte.* — Oh! diabo... é o irmão de minha mulher, e meu cunhado sem o saber.

ANGELICA. — Deseja alguma coisa?

QUINTINO. — Dous dedos de conversa alli com o senhor.

MANOEL. — Commigo?...

QUINTINO. — Sim, senhor.

MANOEL. — Pois vamos cá para fóra.

ANGELICA. — Espera, Manoel; aonde vaes?

QUINTINO. — Podemos fallar aqui mesmo.

MANOEL, *á parte.* — Eu tremo!

QUINTINO, *pondo a barretina á cabeça de lado.* — Dizem neste quartirão que o senhor namora minha irmã.

MANOEL. — Não ha tal.

ANGELICA. — Como é lá isto?

MANOEL, *á parte.* — Estou arranjado...

QUINTINO. — Foi a primeira noticia que hoje tive, assim que cheguei da Praia Vermelha... O sapateiro da esquina disse-me...

ANGELICA. *enfurecida.* — Como é isto, Manoel?

MANOEL. — O seuhor está enganado... (*Angelica.*) Não sabe o que diz, está bebado.

QUINTINO. — O sapateiro da esquina disse-me que o viu entrar hontem á noite lá.

ANGELICA. — Entrar lá?

MANOEL. — E que prova isso?...

ANGELICA. — Que prova?... e esta?...

MANOEL. — Sua irmã não cose para fóra?

QUINTINO. — Cose, sim, senhor, e com muita honestidade...

MANOEL. — Pois então?... mandei fazer por ella umas camisas, e fui hontem ver se estavam promptas; se quizer, vá perguntar-lhe.

QUINTINO. — Se foi só por isso, o caso é outro...

MANOEL. — E porque mais havia ser?... importo-me cá com sua irmã?... que tenho eu com sua irmã?... faço lá caso della! (*1.ª parte.*) E não me quer deitar a perder?!...

ANGELICA. — Manoel!...

MANOEL. — Deixe-me!

QUINTINO. — Está bom, homem...

ANGELICA. — Manoel!

MANOEL. — Estou zangado... assim se desacredita um homem de bem!

QUINTINO. — Em uma palavra, não a namora?...

MANOEL. — Vá-se com todos os diabos você, sua irmã e sua parentella!

QUINTINO. — Mais respeito...

MANOEL. — Pois não me esquite a cabeça!... Ora não tenho eu mais que fazer... deixar de cuidar nos interesses de minha boa ama, para namorar sua irmã!... era o que me faltava... diga ao sapateiro que vá conversar com os defuntos... Irra!...

QUINTINO. — Basta, como não se importa com ella...

MANOEL. — Nem com você, só barbaças.

QUINTINO, *puxando a espada.* — Barbaças?... (*Manoel corre para traz de Angelica.*)

ANGELICA, *a Quintino*. — Senhor!...

QUINTINO. — Barbaças?... eu te ensinarei...

ANGELICA. — Sr. sargento...

QUINTINO. — Deixe-me sangral-o...

MANOEL, *à parte*. — Quer fazer a irmã viuva...

ANGELICA, *a Quintino*. — Tranquillise-se... embainhe essa espada...

QUINTINO, *a Manoel*. — Já eu te resava por alma... respeito as senhoras... é o que te salva!

MANOEL, *à parte*. — Bello cunhado!

ANGELICA. — O Sr. sargento pôde ficar descansado... o Sr. Manoel, meu primeiro caixeiro, não é capaz de desinquietar sua irmã.

MANOEL. — Que duvida!

ANGELICA. — Tem outras coisas em que cuidar...

MANOEL. — Sim, tenho outras muitas coisas. (*Assim dizendo, péga na mão de Angelica, e beija-a.*)

ANGELICA. — Ah!... (*Pondo a mão sobre o coração.*)

QUINTINO. — Muito estimo, porque tenho cá certas vistas a seu respeito... quero casal-a...

MANOEL, *à parte*. — Casar minha mulher!

QUINTINO, *continuando*. — Com o alferes da minha companhia...

MANOEL. — Casal-a com o alferes?...

QUINTINO. — Sim, e tem que dizer?...

MANOEL. — Casal-a!

ANGELICA. — Que tens tu com isso?...

MANOEL, *constrangendo-se*. — Nada, nada! (*A' parte.*) E então!... (*Alto.*) Pôde casal-a com quem quizer... (*A' parte.*) O diabo é se ella se esquece de que está casada commigo!...

QUINTINO. — Meu menino, esta espada corta muito bem orelhas... e guarde-os Deus... (*Sae.*)

## SCENA VII

### MANOEL E ANGELICA.

MANOEL. — Ora ali está como se bota um homem a perder!... vem o diabo de um Ferrabraz destes provocal-o...

ANGELICA. — E um desaforo!...

MANOEL. — Se não fosse o respeito que tenho a esta casa, tinha-lhe atirado com aquella pipa á cabeça!

ANGELICA. — Soldado de tarimba...

MANOEL. — Case lá a irmã com quem quizer...

ANGELICA. — Mas tu te surpredeste quando elle disse que a ia casar com o alferes?...

MANOEL. — Foi surpresa de compaixão... Quem pôde ver de sangue frio entregar uma pobre meniua daquellas a um extravagante como é o alferes?...

ANGELICA. — E' extravagante?

MANOEL. — Chi!... como não faz idéa!... já foi coronel, e, por causa da sua má cabeça, tem descido de postos... breve estará soldado raso... mas deixal-o...

ANGELICA. — Assim o querem, assim o tenham... Tratemos de nós...

MANOEL, *á parte*. — Ai!

ANGELICA. — Manoel, estou resolvida a dar sociedade n'esta minha venda a certa pessoa...

MANOEL, *á parte*. — Meu Deus!...

ANGELICA. — Uma mulher, por si só, pouco representa... Que dizes do meu projecto?

MANOEL. — Que só me resta sahir desta casa.

ANGELICA. — Sahir de minha casa!...

MANOEL. — Enquanto é della unica senhora, sirvo com prazer, mas quando tiver um socio, um homem estranho, não posso, não devo...

ANGELICA, *sorrindo-se*. — Não sejas tão precipitado... espera um instante... vou lá dentro escrever um papel... não te digo mais nada... verás... Espera, Manoelinho, espera, verás... (*Sae.*)

## SCENA VIII

MANOEL, depois DEOLINDA.

MANOEL, *só*. — Será possível?!... ouviram bem 'os meus ouvidos as suas palavras?... Espera, Manoelinho, espera... e verás!... Oh! dita! oh! fortuna!... serei so-

ciol... oh!... o prazer suffoca-me... d'aqui a uma hora já não serei caixeiro... vou andar de cabeça levantada, orgulhoso, ufano... Socio!... palavra magica! Ninguém, ninguem no mundo perturbará a minha felicidade...

DEOLINDA, *entrando*. — Manoel?

MANOEL. — Oh! que me havia esquecido de minha mulher...

DEOLINDA. — Ouve.

MANOEL. — Vae-te embora.

DEOLINDA. — Hein?...

MANOEL, *empurrando-a*. — Vae-te embora, vae-te embora, diabo!

DEOLINDA. — Assim me recebes!... queres que me vá?

MANOEL. — Sim... sim...

DEOLINDA. — Sabes que mais? isto assim não pôde durar... é preciso que declares o nosso casamento...

MANOEL, *com colera e fallando em voz baixa*. — Desgraçada! cala-te... cala-te...

DEOLINDA. — Se és meu marido...

MANOEL, *tapando-lhe a bocca com a mão*. — Calate, ou metto-te esta mão pela bocca dentro...

DEOLINDA, *chorando alto*. — Hi! hi! hi!

MANOEL, *raivoso e fallando entre os dentes*. — Olha que te mato!...

DEOLINDA. — Hi! hi! hi!

MANOEL, *na maior afflicção*. — Se minha ama chega, escou arranjado!... (*Raivoso*.) Mulher!... (*Indo espiar á porta*.) Hoje me perco!... Ainda estará escrevendo?... (*Com ternura*.) Deolinda!

DEOLINDA. — Hi! hi! hi!

MANOEL. — Deolinda, não chores, tem compaixão de teu marido, que tanto de ama.

DEOLINDA. — Deixe-me!... hi! hi! hi!...

MANOEL, *á parte*. — Se a velha chega... (*Para Deolinda*.) Amanhã ou depois tudo declararei... mas hoje... oh!...

DEOLINDA. — E até lá, meu irmão estará me maltratando, e me atrapalhando para que eu me case com o alferes...

MANOEL. — Mas tu não te casarás!...

DEOLINDA. — Quem sabe!...

MANOEL. — Quem sabe?... Isso são graças?... Vê lá...

DEOLINDA. — Tenho muito medo de meu irmão... e de mais, meu marido está tão mysterioso... não quer declarar-se.

MANOEL. — E julgas que não tenho razões para assim fazer?... Deolinda, minha cara Deolinda, esenta... miuha ama quer dar-me sociedade nesta venda; mas se ella souber que estou casado, tudo desfará...

DEOLINDA. — E porque?

MANOEL. — Ella julga que um homem casado não deve ter sociedade com outra mulher, nem pôde dirigir com todo o cuidado uma casa como esta... A mulher, os filhos, a familia... tomam tempo...

DEOLINDA. — E logo que fôres socio?

MANOEL. — Oh! então declarar-me-hei...

DEOLINDA. — Bem, esperarei... visto que esse é o motivo...

MANOEL. — E que outro poderia ser?... não és tu a minha querida mulher?... Dá-me um abraço, e vac-te embora... dá-me. (*Abre os braços para abraçar Deolinda.*)

## SCENA IX

OS MESMOS E ANGELICA, *com um papel.*

ANGELICA. — Manoel?... (*Manoel ouvindo a voz de Angelica, fica com os braços abertos, na acção de abraçar Deolinda.*)

DEOLINDA. — Ah!

ANGELICA. — Que é isto?... de braços abertos?...

MANOEL, *confuso.* — Estava mostrando o comprimento dos braços, para medida das camisas.

ANGELICA. — Ah! a senhora é a Sra. Deolinda, que cose para fóra e com muita honestidade?

DEOLINDA. — Uma sua criada.

ANGELICA. — E que vem em pessoa tomar medida aos freguezes... em suas proprias casas... e tudo isto com muita honestidade?

MANOEL, *à parte*. — Ellas pegam-se! (*Alto*.) Minha ama...

DEOLINDA. — Minha senhora, a honestidade guarda-se em toda a parte quando se é honesta, e quando não se é...

MANOEL. — Deolinda!

DEOLINDA, *continuando*. — Mesmo sem que seja necessario sahir de casa, praticam-se actos que envergonham.

ANGELICA. — O que?...

MANOEL, *a Deolinda*. — Cala-te!

DEOLINDA. — E dizem-se palavras indignas de uma senhora de bem...

ANGELICA. — A menina falla commigo?

DEOLINDA. — É só proprias de uma vendelhona...

ANGELICA. — Insofente!

MANOEL. — Minha ama!

ANGELICA. — Já desta porta para fóra... já...

DEOLINDA, *com zombaria*. — Offendi a duqueza!

ANGELICA, *querendo ir sobre ella*. — Desavergonhada!

MANOEL, *retendo-a*. — Prudencia!

DEOLINDA. — Será ella...

MANOEL, *afastando-as*. — Prudencia... Sra. minha ama, Sra. Deolinda!

ANGELICA. — Deixa-me ensinar esta malcriada!

DEOLINDA. — Malcriada será ella, velha de uma figa!

ANGELICA. — Velha! (*Angelica e Deolinda forcejam para ir uma contra a outra.*)

MANOEL, *a Deolinda, enganando-se*. — Senhora minha ama! (*a Angelica, do mesmo modo.*) Deolinda, diabo!

## SCENA X

OS MESMOS E FRANCISCO.

FRANCISCO. — Então que temos?

MANOEL. — Prudencia, que ahi vem gente.

FRANCISCO. — Sra. D. Angelica... (*A' parte, vendo Deolinda.*) Deolinda por cá?... mão!...

ANGELICA. — Sr. Francisco, isto é um horror... um desaforo... o Sr. Manoel traz as suas costureiras... costureiras!... para casa, e ellas vêm insultar-me...

MANOEL. — Eu, senhora minha ama?... eu, Manoel Pacheco?... pois bem, hoje mesmo sahirei desta casa...

ANGELICA. — Sahires de minha casa?!...

MANOEL. — Desconfiam de mim... que faço aqui?... não faço nada... vou-me, vou-me com cem milhões de diabos!...

ANGELICA. — Manoel!...

MANOEL. — Adeus, senhora.

ANGELICA, *retendo-o*. — Não, tu não sahirás... não posso... o meu negocio não pôde estar sem ti...

MANOEL. — Deixe-me...

ANGELICA. — Não! Sr. Francisco, ajude-me a segural-o.

FRANCISCO. — Então, Manoel, que é isto?...

DEOLINDA. — Desgraçada de mim : ella o ama! (*Vae a sahir pelo fundo.*)

ANGELICA. — Manoel!... Manoel, não me abandones...

## SCENA XI

OS MESMOS E QUINTINO.

QUINTINO, *encontrando-se á porta com Deolinda*. — Espere lá!

ANGELICA. — Quem é?

MANOEL, *á parte*. — Meu cunhado...

FRANCISCO, *á parte*. — Temos...

QUINTINO, *trazendo Deolinda para a frente*. — Preciso de uma explicação...

DEOLINDA. — Deixa-me.

ANGELICA, *a Quintino*. — Mas o que é isto, senhor?...

MANOEL. — Sim, que é isto?... assim se entra por uma casa?...

QUINTINO, *a Deolinda, sem dar attenção aos mais*. — Não estavas em casa... muito estimo encontrár-te aqui... é preciso que todos me ouçam... Deolinda, disseram-me que tu te casaste occultamente!...

- DEOLINDA. — Eu ?...
- MANOEL, *á parte*. — Mão !
- ANGELICA. — Casada !...
- QUINTINO. — Não procures enganar-me... estou bem informado...
- DEOLINDA. — Pois bem, confessarei... estou casada.
- QUINTINO. — Ah ! confessas...
- MANOEL, *á parte*. — Estou perdido !...
- FRANCISCO, *á parte e ao mesmo tempo*. — No que dará isto ?
- ANGELICA. — E' possível ?!
- QUINTINO. — Agora quero saber quem é teu marido.
- DEOLINDA. — Ah ! ainda não sabes ?... pois então pergunta ahí ao Sr. Manoel...
- MANOEL. — A mim ?!
- ANGELICA, *ao mesmo tempo*. — A elle ?!...
- DEOLINDA. — Sim... diga a meu irmão quem é meu marido.
- MANOEL. — Que eu diga ?!...
- ANGELICA. — Que horrivel desconfiança... e esta escriptura ?... (*Querendo rasgar o papel.*)
- MANOEL, *pegando-lhe na mão*. — Espere !...
- DEOLINDA, *á parte*. — Que ia eu fazendo ?...
- MANOEL, *a Quintino*. — Sr. sargento, eu queria guardar segredo... porque assim m'o pediram ; mas como o negocio está meio divulgado, fallarei... Fui padrinho do casamento...
- ANGELICA. — Tu ?
- MANOEL. — E, assim, sei quem é o marido.
- QUINTINO. — E quem é ?...
- MANOEL. — O Sr. Francisco.
- FRANCISCO. — Hein ?...
- DEOLINDA. — Que diz ?...
- ANGELICA, *ao mesmo tempo*. — O Sr. Francisco ?...
- QUINTINO. — Ah ! o senhor é meu cunhado ?...
- FRANCISCO. — Eu, senhor...
- MANOEL, *abraçando Francisco*. — Amigo, perdôa se fallei... (*A' parte.*) Salva-me, Chico, salva-me... (*Alto.*) O negocio estava meio sabido... (*A' parte.*) Salva-me, Chico... (*Alto.*) De que serviria occultar mais tempo ?... (*A' parte.*) Dize que te casaste...

FRANCISCO. — Mas se tu...

MANOEL. — Estás zangado porque fallei. (*A' parte.*)  
Salva-me, Chico...

FRANCISCO, *à parte.* — Tranquillisa-te... (*Alto.*) Emfim, como já se sabe... que remedio... Estou casado com a senhora... a senhora... é minha mulher... (*A' parte.*) Já que assim quer o marido...

ANGELICA, *à parte.* — Aqui ha mysterio...

QUINTINO. — O que está feito está feito... lograram-me... Cunhado, aperta aqui esta manopla... Quizera antes que a Deolinda se casasse com o alferes... mas, enfim, tambem és bom rapaz... Vou ao *Gradil* encomendar um jantar... ha de haver bebedeira grossa... com licença da companhia... volto. (*Sae.*)

MANOEL, *à parte.* — Escapei de boas!...

ANGELICA. — Com que, o Sr. Francisco é casado!...

FRANCISCO. — O homem sacrifica-se ás vezes...

ANGELICA, *a Manoel.* — E nunca me disseste nada...

MANOEL. — Segredo de um amigo...

DEOLINDA, *à parte.* — Que papel faço eu aqui?...

ANGELICA, *à parte.* — Estou desconfiada... a quise engana a alguém... ah! se for a mim... (*Alto.*) Manoel, vem comigo, o Sr. Francisco quererá ficar só com sua mulher...

MANOEL. — Só com ella?

ANGELICA. — E que tem isso?...

MANOEL, *à parte.* — Pergunta o que tem! (*Alto.*) Nada, nada!...

ANGELICA. — Pois segue-me. (*A' parte*) Ha mysterio!...

MANOEL. — Eu vou... (*A' parte a Francisco.*) Chico!... (*Angelica sae. — Manoel acompanha Angelica fazendo signaes a Francisco.*)

## SCENA XII

### FRANCISCO E DEOLINDA.

FRANCISCO. — Pobre Manoel, a quanto o obriga a ambição!

DEOLINDA. — Bello marido tenho eu, que me entrega a outro!

FRANCISCO. — Então, Sra. Deolinda... que me diz a esta?... Deve-me estar agradecida... salvei seu marido...

DEOLINDA. — Que marido!... envergonha-se de ter-me por mulher...

FRANCISCO. — Não é vergonha, é medo...

DEOLINDA. — Medo?... antes me tivesse casado com outro...

FRANCISCO. — Não me quiz a mim por marido!...

DEOLINDA. — Vou-me embora...

FRANCISCO, *retendo-a*. — Espere...

DEOLINDA. — Não posso mais estar aqui...

FRANCISCO. — Devagar, não comprometta seu marido...

DEOLINDA. — Deixe-me...

FRANCISCO. — Sinto passos... ahi vem ella... dê-me um abraço... (*Abraça-a*.)

DEOLINDA, *esforçando-se por sahir de seus braços*. — Senhor!...

### SCENA XIII

Os mesmos ANGELICA, seguida de MANOEL, que traz algumas garrafas; pára á porta vendo FRANCISCO abraçar DEOLINDA.

FRANCISCO. — Não se espante... Abrace-me, que ella nos vê.

DEOLINDA, *vendo Manoel*. — Ah! pois bem, abrace-mo-nos... (*Abraçam-se*.) Assim me vingarei delle...

FRANCISCO. — Bravo!... (*Abraçam-se*.)

MANOEL, *à parte*. — Isto não póde ser...

ANGELICA, *retendo-o*. — E que te importa que o Sr. Francisco abrace sua mulher?

MANOEL. — E' indecente.

ANGELICA. — Deixa-os lá e vem commigo... (*Vae atravessando a scena e sae. Manoel vae acompanhando Angelica*.)

DEOLINDA, *correndo e retendo Manoel no momento deste sahir*. — Vem cá.

MANOEL. — Traidora!...

DEOLINDA. — Ah! está zangado?...

MANOEL. — Abraçando-o!...

DEOLINDA. — Fiz muito bem; é para seu ensino...

FRANCISCO. — Pateta, não vês que era para melhor enganar tua ama!

MANOEL. — Ah! era por isso?... Perdôa-me, Deolinda... Chico, pega nestas garrafas. (*Dando-as a Francisco.*) Se soubesses, Deolinda, o que tenho sofrido hoje!...

FRANCISCO. — Agora abracem-se...

MANOEL. — Perdôa-me se te dei outro marido,.. era para nosso bem... dá cá um abraço.

DEOLINDA. *abraçando-o.* — Sou muito boa em perdoar-te!... (*Francisco, enquanto os dous se abraçam, desarrolha uma garrafa e bebe.*)

MANOEL. — Minha mulherzinlia! aperta!

## SCENA XIV

OS MESMOS E ANGELICA.

ANGELICA, *à parte.* — Que escandalo!... que escandalo!... (*Francisco, Manoel e Deolinda ficam espantados.*) Assim deixa abraçar sua mulher!... e vê isso bebendo!... que immoralidade!... que escandalo!...

FRANCISCO. — Foi por distracção e sêde.

MANOEL. — E' minha afillhada... sou padrinho, e bem vê...

ANGELICA. — Sim... é afillhada!... (*A Francisco.*) O senhor, pelo que vejo, não é ciumento... e a menina!... Está bonito!...

FRANCISCO. — Entre amigos não deve haver ciumes, e quando ha confiança na amizade, bebe-se.

ANGELICA. — E dorme-se... tem razão!... Mas olhe que ha muita gente que assim se perde pela confiança que tem nos amigos! (*à parte.*) Eu saberei como isto é... (*A Manoel.*) Vae acabar de arrumar as garrafas.

MANOEL, *à parte a Francisco.* — Cuidado com a bicha! (*Vae-se.*)

ANGELICA, *a Francisco.* — Tinha que lhe dar uma palavra... mas ao senhor só.

FRANCISCO. — Deolinda, vae-me esperar lá em casa.  
 DEOLINDO. — Eu vou. (*A' parte a Francisco.*) Diga a Manoel que lá o espero... (*Sae.*)

## SCENA XV

ANGELICA E FRANCISCO.

ANGELICA, *à parte.* — Hei de saber como isto é... em-pregarei um meio...

FRANCISCO. — A Sra. D. Angelica está tão pensativa!...

ANGELICA. — E tenho motivos para isso... Sr. Francisco, é preciso que eu seja sincera com o senhor...

FRANCISCO. — Ha muito que isso desejo.

ANGELICA. — O senhor tem me dado a entender que a minha mão lhe era agradável...

FRANCISCO. — Senhora...

ANGELICA. — Não tenho correspondido ás suas finezas... porque, emfim... uma mulher vexa-se... esperava poder confessar um dia esse segredo... mas ah!... enganei-me... enganei-me...

FRANCISCO. — D. Angelica...

ANGELICA. — Foi uma zombaria!... eu que o amava!...

FRANCISCO. — A mim?!...

ANGELICA. — Sim, ingrato!... a ti...

FRANCISCO. — Oh!... (*A' parte.*) O Manoel que se arranje como puder... eu fallo...

ANGELICA. — A mim!... semelhante traição!... a mim!... que já havia feito esta escriptura de casamento... vê... só o nome está em branco... o logar era para o teu...

FRANCISCO. — Dá-m'a?

ANGELICA. — Agora de nada serve. (*Quer rasgar.*)

FRANCISCO. — Não rasgue...

ANGELICA. — Estás casado...

FRANCISCO. — Casado!... (*A' parte.*) Leve o diabo o Manoel!... (*Alto.*) Angelica, quem lhe disse que eu estava casado, mentiu...

ANGELICA. — Mentiu?!

FRANCISCO. — Eu não estou casado.

ANGELICA. — Não estás casado? e quem é o marido da Deolinda?

FRANCISCO. — Não lhe posso dizer... mas juro-lhe que estou tão solteiro como quando nasci... Eis-me a seus pés... (*Ajoelha.*) Dê-me essa promessa...

ANGELICA. — Levanta-te... (*Quintino apparece á porta do fundo e fica sorprendido vendo Francisco aos pés de Angelica.*)

FRANCISCO. — Não me levantarei enquanto não me der a sua palavra que me fará ditoso...

QUINTINO. — O marido de minha irmã aos pés de outra mulher!

ANGELICA. — Lá de fóra podem ver-nos...

FRANCISCO. — E que vejam!... não serei eu seu esposo?!... (*Manoel apparece á porta da direita e vendo Francisco de joelhos, fica estupefacto.*)

ANGELICA. — Talvez!... mas levanta-te.

FRANCISCO. — Não!...

MANOEL. — Muito bem!... muito bem!... amigo falso!

FRANCISCO, *levantando-se.* — Ah!

ANGELICA. — Ah!

MANOEL. — Muito bem!

FRANCISCO. — Desculpa-me... ella me ama... e eu tambem a amo.

QUINTINO, *que nesse tempo tem-se approximado, segura a Francisco pela gola da jaqueta, dizendo.* — Ah! tu a amas?... e minha irmã, tua mulher?

FRANCISCO. — Ai!

QUINTINO. — Assim a enganas, patife?

FRANCISCO. — Sua irmã não é minha mulher.

QUINTINO. — Negas?

ANGELICA, *a Manoel.* — Quem é o marido?

MANOEL. — Não sei. (*Angelica toma a Manoel pelo braço. Quintino faz o mesmo a Francisco. Todos fallam ao mesmo tempo.*)

ANGELICA, *a Manoel.* — Quem é o marido?... para que me enganaste?... Dize já... quero saber... Ah! não dizes?... eu me vingarei!... não dizes, porque tens medo... ingrato... mal agradecido... eu me vingarei... me vingarei...

MANOEL, *a Angelica.* — Não sei... posso lá saber?

quem é o marido de todas as mulheres?... disse o que me disseram... pôde ser que me engane... Sra. minha ama, deixe-me... assim não nos entenderemos...

QUINTINO, *a Francisco, a quem ameaça com a espada.* — Pensas que has de mangar com o sargento Quintino?... Primeiro hei de tirar-te as tripas... pôl-as ao sol... Enganar minha irmã!... Tira as mãos... enfio-te... mariola... tira as mãos...

FRANCISCO, *esforçando-se por sahir das mãos de Quintino.* — Deixe-me, não sou seu cunhado... já lhe disse... ai... ai... não me mate... ai... quem me acode!... Juro que não é minha mulher... ai... ai!... (*Todos acabam gritando.*)

## SCENA XVI

OS MESMOS, ANTONIO E JOSE, *armados de achas de lenha* E DEOLINDA.

ANTONIO. — Qué aconteceu ?...

DEOLINDA. — Que é, Quintino ?...

ANTONIO. — Senhora minha ama!...

DEOLINDA. — Que foi ?...

QUINTINO, *a Deolinda.* — Que foi?!... vim encontrar teu marido aos pés desta senhora!...

DEOLINDA. — Meu marido a seus pés?!

QUINTINO. — Sim, dizendo que a amava!

DEOLINDA, *indo a Manoel.* — Traidor!...

MANOEL. — Hein ?...

DEOLINDA. — Assim é que me guardava fidelidade ?...

ANGELICA. — Ah!...

QUINTINO. — Olha que te enganas...

DEOLINDA. — Não, não me engano... este é o meu marido.

QUINTINO E ANGELICA. — Seu marido?!...

MANOEL, *a parte.* — Ai! ai! ai!...

FRANCISCO, *a parte, e ao mesmo tempo.* — Pobre Manoel!...

ANGELICA, *a Manoel.* — Ah!... tu eras casado, e enganavas-me!...

DEOLINDA. — A mim é que enganava...

QUINTINO. — Então, com todos os diabos, quem é aqui meu cunhado?...

MANOEL, *apontando para Francisco*. — E' elle ! é elle !

FRANCISCO, *apontando para Manoel, ao mesmo tempo*. — E elle ! é elle !

QUINTINO, *a Deolinda*. — Ambos !...

ANGELICA. — Espere, Sr. sargento... que eu porei estas coisas em ordem. (*A' parte a Manoel.*) Ingrato !... tudo está explicado... e eu me vingarei..

MANOEL. — Minha ama !...

ANGELICA, *repellindo-o com um gesto de desprezo*. — Sr. Francisco, aqui está a escriptura do nosso casamento. (*Dá-lhe o papel.*)

FRANCISCO. — Quanto sou ditoso !...

MANOEL. — Mas senhora...

ANGELICA, *interrompendo-o*. — O Sr. Manoel terá a bondade de procurar outro arranjo, porque hoje deixa de ser meu caixeiro... Tenho um marido, e nelle um socio...

MANOEL. — Um socio !... (*A Francisco, na maior desesperação.*) Amigo infiel e perfido... és a causa da minha desgraça e perdição !...

FRANCISCO. — Eu ?... Manoel !...

MANOEL. — Sim !...

FRANCISCO. — Fiz o que pude por ti... fui marido de tua mulher... tu és o culpado, eu não !...

MANOEL, *voltando-se para Deolinda*. — Então, foste tu ?... mulher traidora !...

DEOLINDA. — Eu ?... não guardei segredo ?... Queixate de ti, de mim, não !

MANOEL, *a Quintino*. — Então, foste tu, barbaças do diabo !

QUINTINO, *ameaçando-o*. — Passe de largo !...

MANOEL, *voltando-se para Angelica*. — Ou tu, carocha do inferno !...

ANGELICA. — Maroto !... já por esta porta fóra, e vae ser caixeiro de Belzebut !...

MANOEL, *como louco*. — Caixeiro !... sempre caixeiro !... Oh !... afastem-se de mim !... afastem-se... que estou louco !... desesperado... furibundo !... para

longe !... Serei sempre caixeiro !... caixeiro !... caixeiro !... pagarei sempre imposto... como uma sacca de café... um burro... um cavallo... não sou nada no mundo !... Cortem-me esta cabeça... pendurem-me na porta do açougue... Sou um boi... Paguei direitos na barreira... Sou um boi !... (*Assim dizendo, principia a berrar como boi.*)

TODOS. — Manoel !... (*Manoel berra.*)

DEOLINDA. — Meu Deus ! está louco !...

TODOS. — Louco !... (*Manoel berra.*)

DEOLINDA. — Que desgraça !...

FRANCISCO, *ao mesmo tempo.* — Coitado !...

QUINTINO, *ao mesmo tempo.* — Pobre homem !...

ANGELICA, *ao mesmo tempo.* — Faz-me pena !...

MANOEL, *trazendo Antonio pelo braço para a frente.*  
— Antonio, eis-me de joelhos a teus pés... (*Ajoelha.*) Lembra-te da amizade que nos uniu, e faze-me o ultimo favor... (*Abre a camisa.*) Enterra-me no coração essa acha de lenha... traspassa-me o peito com ella... Não queres?...

ANGELICA. — Manoel !...

MANOEL. — Quem me chama?...

ANGELICA. — E' tua ama !... Manoel, esqueço-me da affronta que me fizeste, e lembrar-me-hei sómente dos serviços que me tens prestado... serás nosso socio... não é assim, Chiquinho?

FRANCISCO. — Sim... serás nosso socio !...

DEOLINDA. — Serás socio !... (*Manoel levanta-se pouco a pouco, como procurando fixar-se no sentido das palavras que lhe dizem.*)

ANGELICA. — Serás nosso socio... ficarás connosco... Eu te perdôo.

MANOEL. — Socio !... ouviram bem meus ouvidos?... Serei socio !... (*Cahindo de joelhos, e levantando as mãos para o céu.*) Oh ! meu Deus !... está satisfeita a minha ambição !... (*Todos fallam ao mesmo tempo.*)

DEOLINDA. — Está salvo !...

QUINTINO. — Pobre socio !...

ANGELICA. — Pobre Manoel !...

FRANCISCO. — Pobre amigo !...

MANOEL. — Serei socio !...



# QUEM CASA QERU CASA

PROVERBIO EM UM ACTO

---

## PERSONAGENS

PAULINA, filha de Anacleto.	filho de Anselmo.
FABIANA, mulher de NICOLAU.	SABINO, filho de Fabiana, marido de Paulina.
OLAYA, filha de Fabiana, mulher de	JOAO, criado.
EDUARDO, genro de Fabiana,	ANSELMO, pae de Paulina e de Eduardo.

---

## ACTO UNICO

Sala com uma porta ao fundo, duas á direita e duas á esquerda; uma mesa com o que é necessario para escrever; cadeiras, etc.

### SCENA I

PAULINA E FABIANA.

Paulina junto á porta da esquerda e Fabiana no meio da sala mostram-se enfurecidas.

PAULINA, *batendo o pé*. — Hei de mandar!...

FABIANA, *no mesmo*. — Não ha de mandar!...

PAULINA, *no mesmo*. — Hei de e hei de mandar!...

FABIANA. — Não ha de e não ha de mandar!...

PAULINA. — Eu lhe mostrarei. (*Sae.*)

FABIANA. — Ai!... que estalo!... isto assim não vae

longe... duas senhoras a mandarem n'uma casa... é um inferno!... Duas senhoras!?... A senhora aqui sou eu... esta casa é de meu marido... e ella deve obedecer-me porque é minha nóra... Quer tambem dar ordens; isso veremos...

PAULINA, *apparecendo á porta.* — Hei de mandar e hei de mandar, tenho dito! (*Sae.*)

FABIANA, *arrepellando-se de ratva.* — Umm!... Ora eis ali está para que se casou meu filho, e trouxe a mulher para minha casa... é isto constatemente... Não sabe o senhor meu filho que quem casa quer casa... Já não posso! não posso!... não posso... (*Batendo com o pé.*) Um dia arrebento, e então veremos... (*Tocam dentro rabeca.*) Ai, que lá está o outro com a maldita rabeca... É o que se vê... casa-se meu filho e traz a mulher para minha casa... é uma desavergoñhada que não se pôde aturar... casa-se minha filha... e vem seu marido da mesma sorte morar commigo... é um preguiçoso... um indolente... que para nada serve... depois que ouviu no theatro tocar rabeca... deu-lhe a mania para ali... e leva todo o santo dia... vum, vum, vim, vim!!... já tenho a alma esfalfada. (*Gritando para a direita.*) O' homem, não deixarás essa maldita sanfona?... Nada! (*Chamando.*) Olaya?... (*Gritando.*) Olaya?...

## SCENA II

OLAYA E FABIANA.

OLAYA, *entrando pela direita.* — Minha mãe?

FABIANA. — Não dirás a teu marido que deixe de atormentar-me os ouvidos com essa infernal rabecada?...

OLAYA. — Deixar elle a rabeca!... mamãe bem sabe que é impossivel...

FABIANA. — Impossivel?!... muito bem!...

OLAYA. — Apenas se levantou hoje da cama, enfiou as calças e pegou na rabeca... nem penteou os cabellos... poz uma folha de musica diante de si, a que elle chama seu *Tremolo* de Beriot, e agora verás... zás, zás,

(*Fazendo movimento com os braços.*) Com os olhos esbugalhados sobre a musica, os cabellos arripiados... o suor a correr em bagas pela testa, e o braço n'um vae e vem que causa vertigens!

FABIANA. — Que casa de Orates é esta minha! que casa de Gonçalo!...

OLAYA. — Ainda não almoçou, e creio que tambem não jantará... Não ouve como elle toca?...

FABIANA. — Olaya, minha filha!... tua mãe não resiste muito tempo a este modo de viver...

OLAYA. — Se estivesse nas minhas mãos remedial-o!

FABIANA. — Que perdes tu!... Teu irmão casou-se, e como não teve posses para botar uma casa, trouxe a mulher para a minha. (*Apontando.*) Ali está ella, para meu tormento... O irmão dessa desavergonhada vinha visital-a frequentemente; tu o viste... namoricate-o, e por fim de contas casaste-te com elle... e cahiu tudo sobre as minhas costas!... Irra! que arreo com a carga... faço como os camellos...

OLAYA. — Minha mãe!

FABIANA. — Ella (*Apontando*), uma atrevida que quer mandar tanto ou mais do que eu... Elle (*Apontando*), um mandrião romano, que só cuida em tocar rabeça, e nada de ganhar a vida; tu uma pateta, incapaz de dares um conselho á boa joia de teu marido...

OLAYA. — Elle gritaria commigo...

FABIANA. — Pois grita tu mais do que elle... que é o meio das mulheres se fazerem ouvir... qual historias... é que tu és uma maricas... Teu irmão casado com aquelle demonio, não tem forças para resistir á sua lingua, o genio... Meu marido que como dono da casa podia pôr cobro n'estas coizas, não cuida senão na carolice... sermões, terços, procissões, festas... e o mais, disse, a sua casa, que ande ao Deus dará... e eu que pague as favas!... nada... nada... isto assim não vae bem... ha de ter um termo... ah!...

## SCENA III

sup !..

AS MESMAS E EDUARDO.

Eduardo entra em mangas de camisa, cabellos grandes muito embaraçados, chinellas, trazendo a rabeca.

EDUARDO. — Olaya, vem voltar a musica.

FABIANA. — Shio, shio, venha cá...

EDUARDO. — Estou muito occupado... Vem voltar a musica...

FABIANA, *chegando-se para elle, e tomando-o pela mão*. — Falle primeiro commigo... tenho muito que lhe dizer...

EDUARDO. — Pois depressa, que me não quero esquecer da passagem que tanto me custou a estudar... que musica !... que *Tremolo!*... grande Beriot!!...

FABIANA. — Deixemo-nos agora de Beriods, e tremidos... e ouça-me...

EDUARDO. — Espere... espere... quero que applauda, e goze um momento do que é bom, e sublime ! Sentem-se. (*Obriga-as a sentar-se e toca rabeca, tirando sons estravagantes, imitando o Tremolo.*)

FABIANA, *levantando-se enquanto elle toca*. — E então?... peor... peor... não deixará essa infernal rabeca... deixe homem... ai... ai!...

OLAYA, *ao mesmo tempo*. — Eduardo... Eduardo... deixa-te agora disso... não vês que mamãe se afflige?... larga o arco... (*Pega na mão do arco, e forceja para o tirar.*)

FABIANA. — Larga a rabeca... larga a rabeca... (*Pegando na rabeca, e forcejando.*)

EDUARDO, *resistindo, e tocando enthusiasmado*. — Deixem-me... deixem-me acabar, mulheres, que a inspiração me arreбата... ah... ah. (*Dá com o braço do arco no estomago de Olaya, e com o rabeca nos queixos de Fabiana, isto tocando com furor.*)

OLAYA. — Ai, meu estomago !

FABIANA, *ao mesmo tempo*. — Ai, meus queixos !...

EDUARDO, *tocando sempre com enthusiasmo.* — Sublime! sublime! bravo! bravo!...

FABIANA, *batendo o pé, raivosa.* — Irra!...

EDUARDO, *deixando de tocar.* — Acabou-se... Agora póde fallar...

FABIANA. — Pois agora ouvirá, que estou cheia até aqui... decididamente já não o posso nem quero aturar..

OLAYA. — Minha mãe!

EDUARDO. — Não?...

FABIANA. — Não, e não senhor! Ha um anno que o senhor se casou com minha filha, e áinda está ás minhas costas... a carga já pésa... em vez de gastar as horas tocando rabeça, procure um emprego, alugue uma casa, e fóra d'aqui com sua mulher... já não posso com as intrigas e desavenças em que vivo, depois que moramos juntos... é um inferno!... Procure casa, procure casa... procure casa!...

EDUARDO. — Agora deixe-me tambem fallar... Recorde-se do que lhe dizia eu quando se tratou do meu casamento com sua filha?...

OLAYA. — Eduardo!...

EDUARDO. — Não se recorda?...

FABIANA. — Não me recordo de nada... Procure casa... procure casa...

EDUARDO. — Sempre é bom que se recorde... Dizia eu que não podia cansar-me por me faltarem os meios de pôr casa, e sustentar familia... e que me respondeu a senhora a essa objecção?...

FABIANA. — Não sei.

EDUARDO. — Pois eu lhe digo. respondeu-me que isso não fosse a duvida, que emquanto á casa podiamos ficar aqui morando juntos, e que onde comiam duas pessoas, bem podiam comer quatro; emfim aplainou todas as difficuldades... mas então, queria a senhora pilhar-me para marido de sua filha... tudo se facilitou, tratava-me nas palmas das mãos... agora que me pilhou feito marido, grita: — procure casa... procure casa... — mas eu agora é que não estou para atural-a... não saio d'aqui... (*Senta-se com resolução n'uma cadeira, e toca rabeça com raiva.*)

FABIANA, *indo a elle.* — Desavergonhado!... mal creado!...

OLAYA, *no meio d'elles.* — Minha mãe!

FABIANA. — Deixa-me arrancar os olhos a este traste...

OLAYA. — Tenha prudencia... Eduardo, vae-te embora.

EDUARDO, *levanta-se enfurecido, bate com o pé, e grita.* — Irra!... (*Fabiana e Olaya recuam espavoridas.*) Bruxa!... (*Indo para Fabiana.*) Vampiro!... sanguessuga da minha paciencia... Ora quem diabo havia de dizer que esta velha se tornaria assim!

FABIANA. — Velha, maroto, velha?

EDUARDO, *para a platéa.* — Antes de pilhar-me para marido da filha, eram tudo mimos e carinhos... (*Arremedando.*) Senhor Eduardinho, o senhor é muito bom moço... ha de ser um excellente marido... feliz d'aquella que o gozar... ditosa mãe que o tiver por genro... Agora escoucêa-me... descompõe-me... Ah! mães... mães... espartalhonas, que lamurias para empurrarem as filhas!... Estas mães são mesmo umas ratoeiras... Ah! se eu te conhecesse!...

FABIANA. — Se eu tambem te conhecesse, havia de dar-te... ummm...

EDUARDO, *jovial.* — Quer dançar a polka?

FABIANA, *desesperada.* — Olhe que me perco...

OLAYA, *supplicante.* — Minha mãe!...

EDUARDO, *vae sahindo, cantando, e dansando a polka.*  
— Tra la la la, ri la ra tá!

FABIANA, *querendo ir a elle, e retida por Olaya.* — Espera, maluco de uma figa...

OLAYA, *com meiguice.* — Minha mãe, tranquillise-se, não faça caso.

FABIANA. — Que te hei de fazer dansar o trémolo e a polka com os olhos fora da cara.

EDUARDO, *chegando á porta.* — Olaya, vem voltar a musica...

FABIANA, *retendo-a.* — Não quero que va lá...

EDUARDO, *gritando.* — Vem voltar a musica...

FABIANA. — Não vae.

EDUARDO, *gritando e acompanhando com a rabeca.*  
— Vem voltar a musica.

FABIANA, *empurrando-a.* — Vae-te com o diabo!  
EDUARDO. — Vem commigo... (*Sae com Olaya.*)

## SCENA IV

FABIANA, DEPOIS JOÃO.

FABIANA. — Oh! é preciso tomar uma resolução...  
Escreva-se. (*Senta-se e escreve ditando.*) Illm. Sr. Anacleto e Gomes. — Seu filho e sua filha são duas pessoas muito mal creadas... Se o senhor hoje mesmo não procura casa para elles se mudarem da minha, leva tudo a breca. Sua creada, — Fabiana da Costa. (*Fallando.*) Quero ver' o que elle responde a isto... (*Fecha a carta, e chama.*) João!... Tambem este espertalhão do senhor Anselmo o que quiz foi empurrar a filha e o filho de casa, e os mais que carreguem... Estou cansada... já não posso... agora aguente elle... (*Chamando.*) João!

JOÃO, *entrando.* — Minha senhora...

FABIANA. — Vae levar esta carta ao Sr. Anselmo, sabes?... é o pae do Sr. Eduardo.

JOÃO. — Sei, minha senhora...

FABIANA. — Pois vae depressa... (*João sae.*) Estou resolvida a desbaratar...

## SCENA V

FABIANA E NICOLAU.

Entra Nicolau de habito de irmão terceiro, seguido de um homem com uma trouxa debaixo do braço.

NICOLAU, *para o homem.* — Entre, entre... (*Seguindo para a porta da direita.*)

FABIANA, *retendo-o.* — Espere, tenho que lhe fallar.

NICOLAU. — Guarda isso para logo... agora tenho muita pressa... o senhor é o armador que vem vestir os nossos pequenos para a procissão de hoje...

FABIANA. — Isso tem tempo.

NICOLAU — Qual tempo! Eu já volto...

FABIANA, *raiosa*. — Has-de ouvir-me.

NICOLAU. — O caso não vac de zingar... ouvir-te-hei, já que gritas... Sr. Bernardo, tenha a bondade de esperar um momento... Vamos lá, que queres?... e em duas palavras se fôr possível...

FABIANA. — Em duas palavras?... ali vão... já não posso aturar meu genro, e minha nora...

NICOLAU. — Ora, mulher, isso é cantiga velha.

FABIANA. — Cantiga velha... pois olhe, se não procura casa para elles n'estes dous dias, ponho-os pela porta fóra!

NICOLAU. — Pois eu tenho lá tempo de procurar casa!

FABIANA. — Oh! tambem o senhor não tem tempo para coisa alguma... todos os seus negocios vão por agua abaixo... ha quinze dias perdemos uma demanda por sendesleixo; a sua casa é uma casa de Orates: filhos para uma banda, mulher para a outra... tudo a brigar, tudo em confusão... e tudo um inferno, e que faz o senhor no meio de toda essa desordem?... só cuida na carolice...

NICOLAU, *altivo*. — Faço muito bem, porque sirvo a Deus.

FABIANA, *com emphase*. — Meu caro, a carolice como tu a praticas, é um excesso de devoção, assim como a hypocrisia o é da religião... e todo excesso é um vicio...

NICOLAU, *sentimental*. — Mulher, não blaphemes.

FABIANA, *no mesmo tom*. — Julgas tu que nos actos exteriores é que está a religião, e que um homem, só por andar de habito, ha-de ser remido dos seus peccados?...

NICOLAU, *receioso*. — Calla-te...

FABIANA, *no mesmo tom*. — E que Deus agradece ao homem que não trata dos interesses de sua familia, e da educação de seus filhos, só para andar de tocha na mão?...

NICOLAU, *exasperado*. — Nem mais uma palavra, nem mais uma palavra!...

FABIANA, *continuando*. — É nossa obrigação, é nosso sagrado dever servir a Deus e contribuir para a pompa de seus mysterios, mas tambem é nosso dever, é nossa

obrigação ser bons paes de familia, bons maridos, doutrinar os filhos no verdadeiro temor de Deus... É isto que tu fazes?... que cuidado tens da paz de tua familia?... nenhum!... que educação dás a teus filhos? Leva-os á procissão feitos anjinhos, e contentas-te com isso! Sabem elles o que é uma procissão, e que papel vão representar? vão como crianças... o que querem é o cartucho de amendoas...

NICOLAU, *olhando para um dos lados*. — Oh! estás com o diabo na lingua... Arreda...

FABIANA, *calma*. — O sentimento religioso está na alma, e esse transpira nas menores acções da vida; eu com este vestido posso ser mais religiosa do que tu com este habito.

NICOLAU, *querendo tapar-lhe a bocca*. — Calla-te, blasphema!... (*Benze-se.*)

FABIANA, *no mesmo tom*. — O habito não faz o monge. (*Fugindo d'elle.*) Elle é muitas vezes capa de espertalhões que querem illudir o publico, de hypocritas que se servem da religião como de um meio, de mandriões que querem fugir a uma occupação, e de velhacos que comem das irmandades...

NICOLAU, *medroso*. — Calla-te que ahi vem um raio sobre nós... ousas dizer que somos velhacos!...

FABIANA. — Não fallo de ti nem de todos: fallo de alguns...

NICOLAU. — Não quero mais ouvir-te!... não quero... Venha, senhor. (*Vae-se com o homem.*)

FABIANA, *seguindo-o*. — Agora tomei-te eu á minha conta, has de ouvir-me até que te emendes...

## SCENA VI

FABIANA E SABINO.

Sabino é extremamente gago, o que o obriga a fazer contorsões quando falla.

SABINO, *entrando*. — Que é isto, minha mãe?...

FABIANA. — Vem tu tambem cá, que temos que fallar.

SABINO. — Que aconteceu?...

FABIANA. — Que aconteceu?... não é novo para ti, desaforo d'ella...

SABINO. — De Paulina?

FABIANA. — Sim, agora o que acontecerá é que eu te quero dizer — a tua bella mulher é uma desavergonhada.

SABINO. — Sim, senhora, é, mas minha mãe ás vezes é que bolle com ella.

FABIANA. — Ora eis ahí está! Ainda a defende contra mim!...

SABINO. — Não defendo, digo o que é...

FABIANA, *arremedando*. — O que é... gago de uma figa?

SABINO, *furioso*. — Ga, ga, ga, ga. (*Fica suffocado sem poder fallar.*)

FABIANA. — Ai, que arreenta!... canta... canta rapaz, falla cantando, que só assim te sahirão as palavras.

SABINO, *cantando no tom do Moquirão*. — Se eu sou gago... se eu sou gago... foi foi Deus que assim me fez eu não tenho culpa d'isso... para assim me descompôr...

FABIANA. — Quem te descompõe?... Estou fallando de tua mulher... que traz esta casa em uma desordem...

SABINO, *no mesmo*. — Todos, todos, n'esta casa... têm culpa, têm culpa n'isso... Minha mãe quer só mandar... e Paulina tem mau genio... Se Paulina, se Paulina, fosse fosse mais poupada, tantas brigas não havia, viveriam mais tranquillias.

FABIANA. — Mas ella é uma desavergonhada, que vem muito de proposito contrariar-me no governo da casa.

SABINO, *no mesmo*. — Que ella, — que ella é desaver — desavergonhada — eu bem sei — sei muito bem — cá sinto e — cá sinto — mas em atten — em atten — em attenção, a mim minha — mãe — minha mãe devia ceder...

FABIANA. — Ceder eu, quando ella não tem a menor attenção commigo?... hoje nem bons dias me deu!

SABINO, *gago sómente*. — Vou fazer com que ella venha... com que ella venha pedir perdão... e dizer-lhe que isto assim, que isto assim não me conven... e se ella persistir... vae tudo razo... com... com pancadaria...

FABIANA. — Ainda bem que tomaste uma resolução...

## SCENA VII

OS MESMOS E NICOLAU.

NICOLAU. — Ó senhora ?

FABIANA. — Que me quer ?

NICOLAU. — Oh ! já chegaste, Sabino?... As flores de cera para os tocheiros ?

SABINO, *gago*. — Ficaram promptas, e já foram para a igreja...

NICOLAU. — Muito bem ; agora vae vestir o habito, que são horas de sahirmos... vae... anda...

SABINO. — Sim, senhor... (*A Fabiana.*) Vou ordenar que lhe venha pedir perdão, e fazer as pazes. (*Vae-se.*)

## SCENA VIII

NICOLAU E FABIANA.

NICOLAU. — Os teus brincos de brilhantes e os teus adereços para nossos filhos levarem ; quero que sejam os anjinhos mais ricos... que gloria para mim !... que inveja terão...

FABIANA. — Homem, estão lá na gaveta, tire tudo quanto quizer, deixe-me a paciencia...

NICOLAU. — Verás que anjinhos acaados e ricos! (*Chamando.*) O' Eduardo? Eduardo?... meu genro !EDUARDO, *dentro*. — Que é lá?...

NICOLAU. — Olha que são horas ! Veste-te depressa, que a precissão não tarda a sahir !

EDUARDO, *dentro*. — Sim, senhor.FABIANA, *dirigindo-se ao publico*. — Ainda a mania d'este é innocente... assim tratasse elle da familia.NICOLAU, *distrahido*. — Verás, mulher, verás que guapos ficam nossos filhinhos... tu não os irás ver passar?...

FABIANA. — Sae de casa quem a tem em paz.  
(*Ouve-se dobrar os sinos.*)

NICOLAU. — E o primeiro signal... Sabino? anda depressa... Eduardo? Eduardo?...

EDUARDO, *dentro*. — Sim, senhor...

SABINO, *dentro*. — Já vou, senhor...

NICOLAU. — Já lá vae o primeiro signal; depressa, que já sahiu... Sabino!... Sabino?... anda, filho... (*Correndo para dentro.*) Ah, senhor Bernardo, vista os pequenos... Ande, ande! Jesus! chegarei tarde... (*Vae-se.*)

## SCENA IX

### FABIANA DEPOIS PAULINA.

FABIANA. — Éo que se vê!... Deus lhedê um zelo mais esclarecido...

PAULINA, *entrando, e na porta*. — Bem me custa...

FABIANA, *vendo-a, e á parte*. — Oh! a desavergonhada de minha nora!...

PAULINA, *á parte*. — Em vez de conciliar-me, tenho vontade de dar-lhe uma descompostura.

FABIANA, *á parte*. — Olhem aquillo, não sei porque não a descomponho já.

PAULINA, *á parte*. — Mas é preciso fazer a vontade a meu marido...

FABIANA, *á parte*. — Se não fosse por amor da paz!... (*Alto.*) Tem alguma coisa a dizer-me?...

PAULINA, *á parte*. — Maldita sussurana!... (*Alto.*) Sim, senhora, a rogos de meu marido é que aqui estou...

FABIANA. — Ah! foram a rogos seus?... qu'elle rogou elle?...

PAULINA. — Que era tempo de se acabarem essas desavenças em que andamos...

FABIANA. — Mais que tempo.

PAULINA. — E eu dei-lhe a minha palavra que faria todo o possivel para de hoje em diante vivermos em paz... e que principava por pedir-lhe perdão, como faço, dos agravos que de mim tem...

FABIANA. — Quizera Deus que assim tivesse sido desde o principio... e acredite, menina, que prézo muito a paz domestica, e que a minha maior satisfação é viver bem com vocês todos...

PAULINA. — De hoje em diante espero que assim será... não levantarei a voz n'esta casa sem o seu consentimento... não darei uma ordem sem a sua permissão... emfim, serci uma filha obediente e submissa.

FABIANA. — Só assim poderemos viver juntos. Dá cá um abraço. (*Abraça-a.*) És uma boa rapariga... tens um bocadinho de genio... mas quem não o tem?...

PAULINA. — Hei-de moderar-o...

FABIANA. — Olha, minha filha, e não tornes a culpa a mim : é impossível haver em uma casa... mais de uma senhora... havendo... é tudo uma confusão!...

PAULINA. — Tem razão, e quando acontece haver duas, toca a mais velha governar.

FABIANA. — Assim é.

PAULINA. — A mais velha tem sempre mais experiencia.

FABIANA. — Que duvida!

PAULINA. — A mais velha sabe o que convém.

FABIANA. — De certo.

PAULINA. — A mais velha conhece melhor as necessidades.

FABIANA, *à parte.* — A mais velha!...

PAULINA, *com intenção.* — A mais velha deve ter juizo.

FABIANA. — A mais velha, a mais... Que modo de fallar é esse?...

PAULINA, *o mesmo.* — Digo que a mais velha...

FABIANA, *desbaralando.* — Desavergonhada!... a mais velha!

PAULINA, *com escarneo.* — Pois então!?...

FABIANA, *desesperada.* — Salta d'aqui... salta...

PAULINA. — Não quero, não recebo ordens de ninguém!

FABIANA. — Ai ai... que estalo... assim insultar-me! este belisco!...

PAULINA. — Esta coruja!...

FABIANA, *no maior desespero.* — Sae, sae de pé de mim... que minhas mãos já comem!

PAULINA. — Não faço caso...

FABIANA. — Atrevida, malcreada!... desarranjada,

peste mirrada... estupor... linguarnda!... insolente!... desavergonhada!...

PAULINA, *ao mesmo tempo*. — Velha, tartaruga, coruja, arca de Noé... antigalha... mimia... centopéa... pergaminho... velhusca, velha... (*Fabiana e Paulina acabam gritando ao mesmo tempo, cheyando-se uma para outra; finalmente agarram-se; n'isto accode Sabino em mangas de camisa, e com o habito na mão.*)

## SCENA X

AS MESMAS, SABINO, OLAYA E EDUARDO.

Sabino entra, acompanhado por Eduardo e Olaya.

SABINO,  *vendo-as pegadas*. — Que diabo é isto?... (*Puxa pela mulher.*)

OLAYA, *ao mesmo tempo*. — Minha mãe!... (*Puxando-a*)

FABIANA, *ao mesmo tempo*. — Deixa-me... desavergonhada!...

PAULINA, *ao mesmo tempo*. — Larga-me... velha, velha! (*Sabino, não podendo tirar a mulher, lança-lhe o habito pela cabeça, e vai puxando a força até a porta do quarto; e depois de a empurrar para dentro fecha a porta a chave. Fabiana quer seguir Paulina.*)

OLAYA, *retendo a mãe*. — Minha mãe! minha mãe!

EDUARDO, *puxando Olaya pelo braço*. — Deixa-as lá brigar... vem dar-me o habito...

OLAYA. — Minha mãe!...

EDUARDO. — Vem dar-me o habito. (*Arranca Olaya com violencia de junto de Fabiana, e sae levando-a comsigo.*)

FABIANA,  *vendo Sabino fechar Paulina e sair*. — É um inferno!... é um inferno!...

SABINO,  *seguindo-a*. — Minha mãe!... (*Fabiana segue para dentro.*)

NICOLAU,  *entrando*. — Que é isto?...

FABIANA,  *sem o attender, seguindo*. — É um inferno... é um inferno!...

NICOLAU,  *seguindo-a*. — Senhora!... (*Vão-se.*)

## SCENA XI

SABINO, DEPOIS PAULINA.

SABINO. — Isto assim não póde ser... não me serve, já não posso com minha mulher...

PAULINA, *entrando*. — Onde está esta velha?...

(*Sabino, vendo a mulher, corre para o quarto, e fecha a porta.*)

PAULINA. — Ah! corres?... (*Segue-o, e esbarra-se na porta que elle fecha.*) Deixa estar que temos tambem tempo de conversar... Pensam que hão de me levar assim? Enganam-se... Por bons modos tudo... mas á força... ah! será bonito quem o conseguir...

OLAYA, *entra chorando*. — Vou contar a minha mãe.  
PAULINA. — Schiu! venha cá, tambem temos contas que ajustar.

(*Olaya vae seguindo para a segunda porta da direita.*)

PAULINA. — Falle quando se lhe falla, não seja malcreada!

OLAYA, *na porta, voltando-se*. — Malcreada será ella... (*Vae-se.*)

PAULINA. — Hein?...

## SCENA XII

PAULINA E EDUARDO, *de habito, trazendo a rabeca.*

EDUARDO. — Paulina!... que é de Olaya?...

PAULINA. — Lá vae para dentro choramingando, contar não sei o que á mãe.

EDUARDO. — Paulina, minha irmã, este modo de viver que levamos já não me agrada.

PAULINA. — Nem a mim.

EDUARDO. — Nossa sogra é uma velha de todos os mil diabos... leva desde pela manhã até á noite a gritar...

O que me admira é que ainda não estourasse pelas guelras... Nosso sogro é um pacovio... um banana... que não cuida senão em acompanhar procissões; não lhe tirem a tocha da mão que está satisfeitíssimo... Tu marido é um ga... ga... ga... ga... que quando falla me faz arrelia, sangue pisado... e o diabo que o ature agora que deu para fallar cantando... Minha mulher tem aquelles olhos que parecem fonte perenne... por dá cá aquella palha, ali vêm as lagrimas aos punhos... e logo atrás : vou contar a minha mãe... E no meio de toda esta matinada não tenho tempo de estudar um só instante que seja tranquillamente a minha rabeca... e tu tambem fazes soffrivelmente o teu pé de cantiga na algararra d'esta casa.

PAULINA. — E tu?... não!... pois olha, esta tua infernal rabeca!...

EDUARDO. — Infernal rabeca!... Paulina, não falles mal da minha rabeca... senão perco-te o amor de ir-mão... Infernal!... Sabes tu lá o que dizes?... O rei dos instrumentos, infernal!...

PAULINA, *vindo*. — A rabeca deve ser a rainha...

EDUARDO. — Rei, e rainha, tudo!... Ah! desde a noite em que pela primeira vez ouvi, no theatro de S. Pedro de Alcantara, os seus harmoniosos, fantasticos, salpicados, e repinicados sons... senti-me outro... conheci que tinha vindo ao mundo para artista rabequista... comprei uma rabeca... esta que aqui vês... disse-me o *belchior* que a vendeu que foi de Paganini... estudei... estudei... estudo... estudo...

PAULINA. — E nós pagamos.

EDUARDO. — Oh! mas tenho feito progressos estupendissimos!... já toco o *Tremolo* de Beriot... estou agora compondo um tremolorio, e tenho ainda em vista de compôr um tremendissimo tremolo.

PAULINA. — O que ali vae!

EDUARDO. — Verás, hei-de ser insigne!... viajarei por toda a Europa, Africa e Asia... tocarei diante de todos os soberanos... e figurões da época, e quando de lá voltar... trarei este peito coberto de grã-cruzes, commendas, habitos, etc, etc. Oh! por lá é que se recompensa o verdadeiro merito... aqui julgam que fazem tudo

pagando com o dinheiro... Dinheiro... quem faz caso de dinheiro?... .

PAULINA. — Todos... E para ganhá-lo é que os artistas cá vêm.

EDUARDO. — Paulina, o artista quando vem ao Brazil, digo, quando se digna vir ao Brazil, é por compaixão que tem do estado de embrutecimento em que vivemos, e não por calculo vil e interesseiro... Se lhe pagam, recebe, e faz muito bem; são principios da arte...

PAULINA. — E depois das algibeiras cheias sa' a-se para as suas terras e, comendo o dinheiro que ganhou no Brazil, falla mal d'elle e de seus filhos...

EDUARDO. — Tambem isso são principios de arte.

PAULINA. — Qual arte?...

EDUARDO. — A do padre Antonio Vieira... Sabes quem foi esse?

PAULINA. — Não.

EDUARDO. — Foi um grande mestre de rabeca... mas ai... que estou a parolar contigo... deixando a trovoadá engrossar... minha mulher está lá dentro com a mãe... e os mexericos fervem... não tarda muito que as veja em cima de mim; só tu podes desviar a tempestade e dar-metempo para acabar de compôr o meu treniolorio!

PAULINA. — E como?

EDUARDO. — Vae lá dentro e vê se persuades minha mulher que não se queixe á mãe.

PAULINA. — Minha cunhada não me ouve... e...

EDUARDO, *empurrando-a*. — Ouvir-te-ha... ouvir-te-ha... anda, minha irmãzinha... faze-me este favor...

PAULINA. — Vou fazer um sacrificio..

EDUARDO, *o mesmo*. — E eu te agradecerei... vae... vac...

## SCENA XIII

EDUARDO, só.

Muito bém!... Agora que o meu parlamentarí vae assignar o tratado de paz... sentemo-nos, e estudemos um pouco... (*enta-se.*) O homem de verdadeiro talento não deve ser imitador; a imitação mata a origina-

lidade, e n'essa é que está a transcendência, e especialidade do individuo... Beriot, Paganini, Bassini, Charlatanini muito inventaram, foram homens especiais, e unicos na sua individualidade... Eu tambem quiz inventar, quiz ser unico, quiz ser apontado a dedo... Uns tocam com o arco... (*Fazendo os movimentos, segundo os vae mencionando.*) Isto veio dos primeiros inventores. Outros tocam com as costas do arco... ou com uma varinha... este imita o canto do passarinho... zurra como o burro... e repinica cordas... aquelle toca abaixo do cavalete, toca em cima no braço... e sacalhe sons tão tristes e lamentosos capazes de fazer chorar um bacalliau... est'outro arrebenta tres cordas, e toca só com uma, e creio mesmo que será capaz de arrebentar as quatro, e tocar em secco... Inimitavel instrumentinho, por quantas modificações e glorias não tens passado... tudo se tem feito de ti, tudo... Tudo?... (*Levantando-se entusiasmado.*) Tudo não; a arte não tem limites para o homem de talento creador... Ou eu havia de inventar um meio novo, novissimo de tocar rabeca, ou havia de morrer... Que dias passei sem comer e beber... que noites sem dormir!... Depois de muito pensar e scismar, lembrei-me de tocar nas costas da rabeca... Tempo perdido : não se ouvia nada... quasi enlouqueci... Puz-me de novo a pensar... pensei... scismeiei... parafusei... pensei, pensei, dias, semanas, e mezes... mas enfim... ah!... idéa luminosa penetrou este cançado cerebro, e então reputei-me inventor original... como o mais pintado!... que digo?!... mais do que qualquer d'elles... Até agora esses aprendizes de rabeca desde Saens até Paganini... coitados... têm inventado sómente modificações do modo primitivo, arco para aqui ou para ali... eu não!... inventei um modo novo, estupendo, e desusado!... elles tocam rabeca com o arco... e eu toco a rabeca no arco... eis a minha descoberta!!! (*Toma o arco na mão esquerda, pondo-a na posição da rabeca; pega n'esta com a direita, e corre-a sobre o arco.*) E' esta a invenção que ha de cobrir-me de gloria e nomeada, levando o meu nome á immortalidade... Ditoso Eduardo... grande homem... insigne artista!

## SCENA XIV

EDUARDO E FABIANA.

FABIANA, *fallando para dentro*. — Verás como o ensino ! (*Vendo Eduardo.*) Oh ! muito estimo encontral-o.

EDUARDO. — Ai, que não me deixam estudar !

FABIANA. — Pois você, só mandrião, rabequista das duzias, tem o atrevimento de insultar e espancar minha... ?

EDUARDO. — Então acha a senhora que uma arcada nos dedos é espancar ?

FABIANA. — É por que lhe deu o senhor com o arco nos dedos ?

EDUARDO. — Por que não voltou a musica a tempo, fazendo-me assim perder dous compassos... dous compassos de Beriot !

FABIANA. — Pois se os perdeu annunciasse pelos jornaes, e promettesse alviçaras, que eu havia dal-as, mas havia de ser a quem te achasse o juizo... cabeça de avelã... Ora, que estafermo este ! Não me dirão para que serve semelhante figura?... Ah ! se eu fosse homem, havia de te tocar com este arco, mas havia de ser no espinhaço, e essa rabeça havia de a fazer em estilhas n'essa cabeça desmiolada... Não arregale os olhos que não me mette medo !

EDUARDO, *emquanto Fabiana falla, vae-se chegando para junto della, e lhe diz na cara com força*. — Velha ! (*Volta, quer entrar no seu quarto.*)

FABIANA. — Mariola !... (*Segura-lhe no habito.*)  
(*Eduardo dá com o arco nos dedos de Fabiana, e sae.*)

FABIANA. — Ai que me quebrou os dedos !...

## SCENA XV

FABIANA, OLAYA E PAULINA.

OLAYA. — Falta de educação será ella ! (*Encamtnhando-se para o quarto.*)

PAULINA. — Calla-me o bico...

OLAYA. — Bico terá ella, malcreada!

FABIANA. — Que é isto?...

(*Olaya entra no seu quarto sem dar attenção.*)

PAULINA. — Deixa estar, minha santinha de pau ôco... que te hei de dar educação, já que tua mãe não t'a deu... (*Entra no seu quarto.*)

FABIANA. — Schiu, como é isto?... (*Vendo Paulina entra no quarto.*) Ah!... (*Chama.*) Sabino?. Sabino? Sabino?...

## SCENA XVI

SABINO, *de habito*, e FABIANA.

SABINO, *entrando*. — Que temos, minha mãe?...

FABIANA. — Tu és homem?

SABINO. — Sim, senhora, e prezo-me d'isso...

FABIANA. — Que farias tu a quem insultasse tua mãe e espancasse tua irmã?

SABINO. — Eu?... dava-lhe quatro cancelões...

FABIANA. — Só quatro?...

SABINO. — Mais se fosse preciso...

FABIANA. — Está bem, em tua mulher basta que só dês quatro.

SABINO. — Em minha mulher?... eu não dou em mulheres!

FABIANA. — Pois então vae dar em teu cunhado, que espancou tua mãe e tua irmã...

SABINO. — Espancou-as?!...

FABIANA. — Vê como tenho os dedos roxos e ella tambem!

SABINO. — Oh! ha muito tempo que tenho vontade de lhe ir ao pello, cá por muitas razões... Chegou o dia!...

FABIANA. — Assim, meu filhinho da minh'alma!... dá-lhe uma boa sova... ensina-o a ser bem creado.

SABINO. — Deixe-o commigo...

FABIANA. — Quebra-lhe a rabeca nos queixos!

SABINO. — Verá...

FABIANA. — Anda, chama-o cá para esta sala; lá dentro

o quarto é pequeno e se quebrariam os trastes que não são d'elle... Riço... que eu vou para dentro atizar tambem teu pae... (*Encaminha-se para o fundo, apressada.*)

SABINO, *princípiã a despir o habito.* — Eu o ensinarei...

FABIANA, *da porta.* — Não te esqueças de lhe quebrar a rabeca nos queixos...

## SCENA XVII

SABINO, *só, continuando a tirar o habito.*

Já é tempo; não posso aturar este meu cunhado!... dá conselhos a minha mulher... ri-se quando eu fallo... maltrata minha mãe... pagará tudo por junto!... (*Arre-gaçando as mangas da camisa.*) Tratante! (*Chega à porta do quarto de Eduardo.*) Sr. meu cunhado?...

EDUARDO, *dentro.* — Que é lá?...

SABINO. — Faça o favor de vir cá fóra...

## SCENA XVIII

EDUARDO E SABINO

EDUARDO, *da porta.* — Que temos?...

SABINO. — Temos que conversar.

EDUARDO, *gaguejando.* — Não sabe quanto estimo.

SABINO, *muito gago, e zangado.* — O senhor arre-meda-me!

EDUARDO, *no mesmo.* — Não sou capaz...

SABINO, *tão raivoso que se suffoca.* — Eu. eu... eu... eu... eu...

EDUARDO, *fallando direito.* — Não se engasgue, dê cá o carôço...

SABINO, *fica tão suffocado que, para exprimir-se, rompe a falla no tom da polka.* — Eu já... eu já não posso... por mais tempo me conter... hoje mesmo... leva tudo o diabo...

EDUARDO, *desata a rir.* — Ah! ah! ah!

SABINO. — Póde rir-se, póde rir-se... sô patife, heide ensinhal-o...

EDUARDO, *cantando como Sabino*. — Ha de ensinar-me... mas ha de ser... mas ha de ser... mas ha de ser a valsa... (*Dansa.*)

SABINO. — Maroto!... (*Lança-se sobre Eduardo, e atracam-se gritando ambos.*) Maroto!... patife!... diabo!... gago!... eu te ensinarei!... etc.

## SCENA XIX

OS MESMOS, OLAYA E PAULINA

PAULINA, *entrando*. — Que bulha é essa?... ah!

OLAYA, *entrando*. — O que é... ah!...

(*Vão apartar os dous que brigam.*)

OLAYA. — Eduardo! Eduardo!... meu irmão! Sabino...

PAULINA. — Sabino, Sabino!... meu irmão! Eduardo!  
(*Eduardo e Sabino continuam a brigar a e descompor-se.*)

PAULINA, *a Olaya*. — Tu é que tens a culpa.

OLAYA, *a Paulina*. — Tu é que tens...

PAULINA, *o mesmo*. — Calle esse bico!...

OLAYA, *o mesmo*. — Não seja tola!

PAULINA, *o mesmo*. — Mirrada!...

OLAYA, *o mesmo*. — Tisica?

(*Atiram-se uma a outra e brigam á direita, enquanto Eduardo e Sabino continuam a brigar á esquerda.*)

## SCENA XX

OS MESMOS E FABIANA.

FABIANA. — Que bulha é esta! Ah?... (*Corre para as moças.*) Então que é isto?... Meninas... meninas... (*Procura apartal-as.*)

## SCENA XXI

OS MESMOS, NICOLAU

Entra Nicolau apressado, trazendo pela mão dous meninos vestidos de anjinhos.

NICOLAU. — Que é isto?... ah! a brigarem... (*Larga os meninos e vae para os dous.*) Sabino! Eduardo!... então?... Então!... rapazes...

FABIANA, indo a Nicolau. — Isto são obras tuas!... (*Puxando pelo habito.*) Volta-te para cá... Tu é que tens culpa...

NICOLAU. — Deixa-me!... Sabino!...

FABIANA. — Volta-te para cá...

NICOLAU, dá com o pé para traz, alcança-a. — Oh!

FABIANA. — Burro!... (*Agarra-lhe nas guellas, o que o obriga a voltar-se, e atacam-se.*)

OS DOUS ANJINHOS. — Mamãe... mamãe!... (*Agarram-se ambos a Fabiana; um delles empurra o outro, que deve cahir; levanta-se, e atraca-se com o que o empurra, e d'este modo brigam todos e fazem grande algazarra.*)

## SCENA XXII

OS MESMOS E ANACLETO

ANACLETO. — Que é isto?... que é isto?... (*Cessam as brigas.*)

FABIANA. — Oh! é o senhor? muito estimo...

PAULINA E EDUARDO. — Meu pae...

ANACLETO. — Todos a brigarem!...

(*Todos se dirigem a Anacleto querendo tomar a dianteira para fallar; cada um o puxa para seu lado, a reclamar attenção; fallam todos ao mesmo tempo; grande confusão.*)

FABIANA, ao mesmo tempo. — Muito estimo que viesse,

devia ver com os seus próprios olhos... o desaforo de seus filhos... fazem d'esta casa um inferno; eu já não posso... leve-os... leve-os... são dous demonios... já não posso...

NICOLAU, *no mesmo*. — Sabe que mais? Carregue seus filhos d'aqui para fóra... não me deixam servir a Deus... isto é uma casa de Orates... carregue-os, carregue-os... senão fazem-me perder a alma... nem mais um instante...

SABINO, *fallando ao mesmo tempo no tom de modinhas*. — Se continuo a viver assim juhto, faço uma morte. Ou o Sr., que é meu sogro, ou meu pae dêm-me dinheiro, ou casa, ou leva tudo o diabo... o diabo!...

PAULINA, *ao mesmo tempo*. — Meu pae, já não posso... tire-me d'este inferno... senão, inorro... isto não é viver... minha sogra, meu marido, minha cunhada, maltratam-me... Meu pae, leve-me, leve-me d'aquí...

EDUARDO. — Meu pae, não fico aqui nem mais um momento... não me deixam estudar a minha rabeca... é uma bulha infernal... uma rixa desde pela manhã até a noite, nem um instante eu tenho para tocar...

OLAYA. — Sr., se isto assim continúa, fujo de casa... abandono marido... tudo... tudo... antes quero viver só do meu trabalho do que assim... não posso... não posso... não quero... nem mais um instante... é um tormento!!...

*(Os dous anjinhos, durante essas fallas, devem chorar muito.)*

ANACLETO. — Com mil diabos! assim não entendo nada...

FABIANA. — Digo-lhe que...

NICOLAU. — Perderei a alma...

SABINO. — Se eu não...

EDUARDO. — Nada estudo...

PAULINA. — Meu pae se...

OLAYA. — N'esta casa... *(Todos gritam ao mesmo tempo.)*

ANACLETO, *batendo o pé*. — Irra, deixem-me fallar!...

FABIANA, — Pois falle...

ANACLETO. — Senhora, recebi a sua carta, e sei qual a causa das contendas e brigas em que todos viveis... Andamos muitos mal, a experiencia o tem mostrado, em casar nossos filhos sem lhes dar casa para morarem... mas ainda estamos em tempo de remediar

o mal... Meu filho, aqui está a chave de uma casa que para ti aluguei... (*Da-lh'a.*)

EDUARDO. — Obrigado... só assim poderei estudar tranqullo, e compôr o tremendíssimo...

ANACLETO. — Filha, dá esta outra chavea teu marido... é a da tua nova casa...

PAULINA, *chamando-a.* — Mil graças, meu pae. (*Dá a chave a Sabino.*)

FARIANA. — Agora sim...

ANACLETO. — Estou certo que em bem pouco tempo verei reinar entre vós todos a maior harmonia, e que visitando-vos mutuamente e...

TONOS, *uns para os outros.* — A minha casa está ás suas ordens quando quizer...

ANACLETO. — Muito bem!... (*Ao publico.*) E vós, Senhores, que presenciastes estas desavenças domesticas, recordae-vos sempre que...

TODOS. — Quem casa quer casa.

FIM



## INDICE

---

O theatro no Rio de Janeiro.	v
Martins Penna .	xlv
O Juiz de paz da Roça	1
A Familia e a festa da Roça.	25
O Judas em sabbado d'alleluia	57
Os Irmãos das almas	89
Os Dous ou o inglez machinista.	119
O dilettante .	147
O Noviço.	177
O Caixeiro da taverna.	235
Quem casa quer casa .	261







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).